

*Nora Roberts*

*escrevendo como*

J.D.  
**ROBB**



*Sedução*

**MORTAL**

**BB**

BERTRAND BRASIL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## Série Mortal

- 1 - *Nudez Mortal*
- 2 - *Glória Mortal*
- 3 - *Eternidade Mortal*
- 4 - *Êxtase Mortal*
- 5 - *Cerimônia Mortal*
- 6 - *Vingança Mortal*
- 7 - *Natal Mortal*
- 7,1 - *Meia-noite Mortal*
- 8 - *Conspiração Mortal*
- 9 - *Lealdade Mortal*
- 10 - *Testemunha Mortal*
- 11 - *Julgamento Mortal*
- 12 - *Traição Mortal*
- 12,1 - *Interlúdio Mortal*
- 13 - *Sedução Mortal*
- 14 - *Reencontro Mortal*
- 15 - *Pureza Mortal*
- 16 - *Retrato Mortal*
- 17 - *Imitação Mortal*
- 17,1 - *Naquele Tempo*
- 18 - *Dilema Mortal*
- 19 - *Visão Mortal*
- 20 - *Sobrevivência Mortal*
- 21 - *Origem Mortal*
- 22 - *Recordação Mortal*

*Nora Roberts*  
escrevendo como  
**J. D. Robb**

*Sedução*

# MORTAL

*Tradução*  
Leonardo Carvalho

**B**  
BERTRAND BRASIL

Copyright© 2001 by Nora Roberts  
Título original: *Seduction in Death*  
Capa: Leonardo Carvalho  
Editoração: DFL

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
2010

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

**CIP-Brasil. Catalogação na fonte**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros - RJ**

R545s Robb, J. D., 1950-  
*Sedução mortal/Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb;*  
*tradução Renato Motta. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.*  
434p.

*Tradução de: Seduction in death*

ISBN 978-85-286-1421-3

1. Romance americano. I. Motta, Renato. II. Título.

CDD — 813

CDU - 821.111 (73)-3

Todos os direitos reservados pela:  
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.  
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão  
20921-380 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (0xx21) 2585-2070 - Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios,  
sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor: [mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002

*A verdade, eu falo de sonhos,  
Nada mais que filhos de um cérebro ocioso,  
Gerados por fantasias vãs  
— William Shakespeare*

*No entanto, cada homem mata aquilo que ama,  
Que todos saibam disso,  
Alguns o fazem com um olhar amargo,  
Outros com uma palavra lisonjeira.  
O covarde o faz com um beijo,  
E o bravo, com a espada!  
— Oscar Wilde*

## Capítulo Um

A morte vinha em sonhos.

Ela era uma criança que não era exatamente uma criança, e enfrentava um fantasma que, não importa quantas vezes seu sangue molhasse suas mãos, nunca morria.

O quarto era frio como um túmulo e ligeiramente enevoado pela luz vermelha que piscava, acende-apaga, acende-apaga, de encontro à vidraça suja. Uma luz que se derramava pelo chão e se espalhava sobre o sangue e sobre o corpo dele. E se espalhava sobre o corpo da menina, enquanto ela se encolhia a um canto com a faca ainda na mão, a lâmina coberta de sangue até o cabo.

A dor estava em toda parte, irradiando-se em ondas que a atordoavam por dentro de forma contínua; ondas que não começavam nem acabavam, que circulavam de forma infundável até atingir todas as células. O osso do bracinho que ele havia quebrado, o rosto que ele esbofeteara usando as costas da mão, com ar quase distraído. O ponto entre suas pernas que ficara ferido, mais uma vez, durante o estupro.

Ela se sentiu sufocada pela dor, coberta de choque e banhada em sangue.

A menina tinha oito anos.

Viu as nuvens formadas pela própria respiração, enquanto ofegava. Eram como pequenos fantasmas brancos que lhe diziam que ela estava viva. Sentiu o gosto de sangue em sua boca, um sabor forte, terrível, e percebeu também o aroma sutil por trás da morte fresca - o fedor do uísque.

Ela estava viva, e ele não. Ela estava viva, e ele não. Repetindo a frase dentro da cabeça, sem parar, como um mantra, ela tentou compreender o sentido do que acontecera.

Ela estava viva. Ele não.

E os olhos dele, abertos, muito arregalados, a encararam. E sorriram.

*Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, garotinha.*

A respiração dela ficou mais rápida e veio em suspiros ávidos que tentavam se reunir para formar um grito. Queriam explodir de dentro de sua garganta. Tudo o que saiu, porém, foi um gemido.

*Você estragou tudo, não foi? Não conseguiu obedecer às minhas ordens, não é?*

A voz dele era calma, simpática, vibrante, com um humor sorridente que ela sabia que era o tom mais perigoso de todos. Enquanto ele ria, seu sangue pareceu transbordar pelos buracos que ela lhe fizera no corpo.

*O que foi, garotinha? O gato comeu sua língua?*

Estou viva, e você não está. Estou viva, e você não está.

*Acha mesmo?* Os dedos dele se movimentaram em um espasmo, um tremor brincalhão que a fez gemer de terror com mais força ao ver as gotas de sangue vermelho e grosso que lhe pingavam das pontas das unhas.

Desculpe. Eu não tinha a intenção. Não me machuque de novo. Você me machucou. Por que você tem sempre que me machucar?

*Porque você é burrinha. Porque não me ouve! Porque — e isso é um segredinho entre nós — eu posso fazer isso. Posso fazer o que bem quiser e todo mundo está cagando e andando para você. Você não é nada, você não é ninguém. Não se esqueça disso, sua vadia.*

Ela começou a chorar. Lágrimas escorreram num filete por entre a máscara de sangue que cobria seu rosto. Vá embora! Vá embora e me deixe em paz!

*Não vou fazer isso. Nunca farei isso.*

Para horror da menina, ele fez um esforço para se levantar e se colocou de joelhos. Ficou ali meio agachado, como um sapo gordo em um pesadelo antigo, ensanguentado e sorridente. E olhando para ela.

*Investi muito em você. Gastei tempo e dinheiro. Quem colocou a porra de um teto sobre a sua cabeça? Quem é que botou comida nessa sua barriga? Quem é que levou você para viajar de um lado para outro por este nosso país imenso? Quase todas as crianças da sua idade não viram nada do mundo lá fora, mas você já viu muita coisa. E por acaso aprendeu alguma coisa? Não, claro que não. Mas vai aprender. Você se lembra do que eu lhe disse? Você vai começar a trabalhar pelo seu sustento.*

Ele se levantou, um homem corpulento com os punhos fechados ao lado do corpo.

*Agora o papai vai ter que punir você. Ele deu um passo na direção dela. Você foi uma garotinha muito má. Deu mais um passo. Uma garotinha má de verdade.*

Foram seus próprios gritos que a acordaram.

Ela estava ensopada de suor, mas tremia de frio. Lutou para conseguir respirar, enquanto se desvencilhava dos lençóis torcidos que haviam se enrolado em torno do seu corpo, enquanto ela lutava contra o pesadelo.

Às vezes ele a amarrava. Lembrando-se disso, ela soltou sons agudos e animais do fundo da garganta, tentando rasgar os lençóis.

Ao se libertar, rolou para fora da cama e se agachou ao lado do colchão, no escuro, como uma mulher que se prepara para fugir ou lutar.

— Ligar luzes! Brilho total! Por Deus! Senhor!

As luzes se acenderam, espantando todas as sombras, por menor que fossem, para fora do aposento lindo e imenso. Mesmo assim ela vasculhou com os olhos todos os cantos, à procura de

fantasmas, enquanto as terríveis garras do pesadelo ainda lhe apertavam o estômago.

Obrigou-se a não chorar. Lágrimas eram inúteis, um sinal de fraqueza. Do mesmo modo que se deixar assustar por sonhos e fantasmas.

Mesmo assim ela continuava tremendo ao rastejar até a ponta da cama gigantesca.

Uma cama vazia, porque Roarke estava na Irlanda. Sua tentativa de dormir sem ele e sem pesadelos fora um fracasso total.

Isso a tornava uma figura patética?, perguntou a si mesma. Uma idiota? Ou simplesmente uma mulher casada?

Quando Galahad, o gato gordo, esfregou sua cabeça contra o braço dela, ganhou colo. Ali estava ela, sentada na beira da cama. A tenente Eve Dallas, uma policial de carreira há mais de onze anos, consolava-se com um gato, mais parecendo uma menina agarrada a um ursinho de pelúcia.

Uma sensação de náusea atingiu-lhe o estômago, mas ela continuou a se balançar para frente e para trás, rezando para não vomitar e trazer mais sofrimento à noite.

— Ligar o relógio! — ordenou ela, e o painel do despertador na mesinha de cabeceira se acendeu. *Uma e quinze*. Que maravilha! Ela não conseguiu dormir nem uma horinha sem acordar aos berros.

Colocando o gato de lado, levantou-se. Com muito cuidado, parecendo uma idosa, desceu da plataforma onde ficava a cama, atravessou o quarto e entrou no banheiro.

Programou a torneira da pia para água gelada, o mais fria que conseguiu aguentar. Lavou o rosto enquanto Galahad se enroscava como uma encharpe em volta das suas pernas.

Enquanto ele ronronava no silêncio da noite, ela ergueu a cabeça, examinou o rosto no espelho e viu que ele estava quase tão sem vida quanto à água que escorria. Seus olhos exibiam olheiras fundas, que pareciam marcas roxas. Estava exausta. Seus cabelos

eram um emaranhado castanho, e as maçãs do rosto pareciam salientes demais, como se tentassem furar a pele. Sua boca era muito grande e o nariz, absolutamente comum.

*Que diabos será que Roarke viu em mim?*, perguntou-se.

Ela poderia ligar para ele. Já passava de seis da manhã na Irlanda e ele acordava cedo. Mesmo que ainda estivesse dormindo, tudo bem. Era só pegar o *tele-link* e o rosto dele apareceria na tela.

Mas ele perceberia na mesma hora o pesadelo estampado nos olhos dela. O que aquilo traria de bom para ambos?

Quando um homem era dono de quase todo o universo conhecido, é claro que precisava fazer viagens de negócios sem ser perseguido pela esposa. Dessa vez, porém, não foram os negócios que o haviam levado tão longe. Roarke fora assistir ao funeral de um amigo querido e não precisava de nenhum estresse adicional.

Eve sabia, embora eles nunca tivessem comentado sobre o assunto, que ele cortara suas viagens de negócios ao mínimo possível. Os pesadelos raramente vinham com tanta violência quando ele estava na cama, ao lado dela.

Eve nunca, até aquela noite, tivera um sonho como aquele, em que o seu pai conversava com ela *depois* de ter sido morto. Ele dissera coisas do tempo em que ainda estava vivo — ela tinha quase certeza disso.

Provavelmente a Dra. Mira, a conceituada psiquiatra que montava os perfis mais precisos do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York, faria uma festa ao tentar descobrir os significados, simbolismos e sabe-Deus-o-quê do mais recente pesadelo de Eve.

Isso também não ajudaria em nada, concluiu Eve, decidindo guardar o segredo para si mesma. Resolveu tomar um banho. Em seguida, pegaria o gato e subiria para o seu escritório doméstico. Ela e Galahad se esticariam na poltrona reclinável que havia lá e apagariam pelo resto da noite.

Quando o dia amanhecesse, o pesadelo iria embora de vez.  
*Você se lembra do que eu lhe disse?*

Ela não lembrava, pensou Eve ao entrar debaixo da ducha e ordenar que os jatos saíssem a trinta e oito graus. Ela não conseguia se lembrar de nada.

Nem queria lembrar.

Ela se sentiu mais firme ao sair do chuveiro e, por mais idiota que fosse a ideia, vestiu uma das camisas de Roarke, pois se sentiria mais confortável. Acabara de pegar o gato no colo quando o *tele-link* da mesinha de cabeceira tocou.

*Roarke*, pensou ela, se animando toda.

Esfregou a face na cabeça do gato ao atender a ligação.

— Dallas falando.

*Emergência! Chamado para a tenente Eve Dallas...*

A morte não aparecia só nos sonhos.

Eve se debruçava sobre ela naquele instante, no agradável ar da madrugada de uma terça-feira de junho. A calçada estava cercada por um cordão de isolamento, sensores e painéis de segurança se espalhavam de uma esquina a outra, contornando vasos com petúnias que ladeavam a entrada do prédio.

Eve gostava muito de petúnias, mas sabia que elas não iriam ajudar muito a melhorar as coisas naquele momento. Nem nas horas que se seguiriam.

A mulher estava de bruços na calçada. Pelo ângulo do corpo, pelos respingos e poças de sangue em volta, não deveria ter sobrado muita coisa do rosto para ela ser reconhecida. Eve olhou para o alto do prédio, uma torre cinza com ar austero, varandas em semicírculo e fitas prateadas por onde subiam os elevadores panorâmicos. Sem identificar o corpo, seria muito difícil descobrir o local de onde ela caíra. Ou pulara. Ou fora empurrada.

De uma coisa Eve tinha certeza: aquela fora uma longa queda. Pegue as digitais dela e pesquise-as — ordenou.

Eve observou enquanto Peabody, sua auxiliar, ficava de cócoras e abria o kit de serviço. Seu quepe estava impecavelmente colocado sobre os cabelos pretos muito lisos. Peabody tinha mãos firmes, avaliou Eve, e um olho muito bom.

— Por que não faz uma estimativa da hora da morte?

— Quem? Eu?!... — perguntou Peabody, surpresa com a sugestão.

— Descubra a identidade da vítima e estabeleça a hora exata da morte. Depois coloque no arquivo as descrições do corpo e da cena do crime.

Apesar do cenário terrível, um ar de empolgação surgiu no rosto de Peabody.

— Sim, senhora. O primeiro policial que chegou aqui encontrou uma testemunha.

— Testemunha? Ela viu o que aconteceu lá de cima ou daqui de baixo?

— Daqui de baixo.

— Vou conversar com ela. — Mas Eve ficou ali mais alguns instantes, observando Peabody enquanto ela registrava as digitais da mulher morta. Apesar de estar com as mãos e os pés cobertos por spray selante, a policial não fez contato direto com o corpo e executou sua tarefa de forma rápida e delicada.

Assentindo com a cabeça em sinal de aprovação, Eve afastou-se um pouco e foi buscar informações com os guardas ao longo do cordão de isolamento.

Eram quase três da manhã, mas havia curiosos e pessoas boquiabertas que precisavam ser mantidos a distância.

Muitos repórteres à caça de notícias já haviam chegado ao local e faziam perguntas, tentando obter alguns minutos em vídeo para colocar no ar antes da primeira edição da manhã.

O dono de uma carrocinha de lanches aproveitou a oportunidade para fazer serão, e oferecia seus produtos à multidão.

Sua grelha fumegava e uma nuvem com forte aroma de salsichas de soja e cebolas reidratadas se espalhava pelo ar.

O movimento de clientes aumentava a cada minuto.

Na linda primavera de 2059, a morte continuava a atrair platéias entre os vivos e também entre aqueles que sabiam como faturar alto e rápido com o espetáculo.

Um táxi passou, mas contentou-se em desacelerar de leve, antes de ir em frente. Em algum ponto ao longe, uma sirene se fez ouvir.

Eve furou o bloqueio de guardas e se virou para um policial.

— Ouvi dizer que temos uma testemunha ocular.

— Positivo, senhora. O policial Young está com ela em uma das viaturas, a fim de mantê-la longe dos urubus.

— Ótimo! — Eve olhou os rostos das pessoas que se aglomeravam junto do cordão de isolamento. Viu horror, empolgação, curiosidade e uma espécie de alívio.

*Eu estou vivo, e você não está.*

Afastando o pensamento da cabeça, caminhou até o policial Young e a testemunha.

Apesar da aparente dignidade e das petúnias, o prédio de apartamentos ficava bem na agitação, perto do centro da cidade e junto de áreas negligenciadas e desvalorizadas. Devido a isso, Eve esperava encontrar uma acompanhante licenciada, quem sabe um viciado em drogas químicas ou um traficante que fizesse ponto por ali.

Certamente não esperava ver a loura mignon com roupa bonita, mas quase casual, e o rosto lindo e familiar.

Dra. Dimatto! — exclamou Eve.

— Tenente Dallas? — Louise Dimatto virou a cabeça de lado, levemente, e os brincos de rubi brilharam como sangue fresco. — Você vai entrar no carro ou é melhor eu sair?

Eve levantou o polegar e abriu a porta do carro.

— Vamos conversar aqui fora.

Elas haviam se conhecido no inverno anterior, na clínica Canal Street, onde Louise remava contra a maré para curar os sem-teto e os sem esperança. Era uma médica que pertencia a uma família rica, gente de sangue azul, mas Eve sabia que Louise não hesitava em sujar as mãos de sangue vermelho para auxiliar alguém.

Ela quase morrera ao ajudar Eve a enfrentar uma trama terrível durante aquele amargo inverno<sup>[1]</sup>.

Eve deu uma olhada de cima a baixo no vestido vermelho berrante de Louise e perguntou:

— Você veio atender um paciente em casa?

— Não, voltava de um encontro. Algumas mulheres tentam manter uma vida social saudável, Dallas.

— E como foi o lance?

— Voltei de táxi para casa, só para você ter uma ideia. - Ela tirou do rosto, com os dedos, alguns fios dos cabelos claros como mel, cortados curtinhas. - Por que será que há tantos homens insuportavelmente chatos?

— Pois é... essa é uma pergunta que também me persegue noite e dia. - Ao ver que Louise riu, Eve exibiu um sorriso em resposta. - É bom rever você, apesar das circunstâncias.

— Eu esperava que você fosse passar na clínica para ver os melhoramentos que a sua doação ajudou a implementar, Dallas.

— Acho que o nome daquilo foi chantagem.

— Doação, chantagem, não vamos brigar por causa disso. O fato é que você ajudou a salvar muitas vidas, Dallas. Isso deve ser quase tão gratificante quanto pegar assassinos.

— Pois perdemos uma vida hoje à noite - disse Eve, virando para trás e olhando para o corpo estendido no chão. - O que sabe sobre ela?

— Na verdade, não sei nada. Acho que ela mora aqui no prédio, mas sua aparência não é das melhores neste momento, e acho

que não saberia dizer com certeza se a vi antes. - Depois de respirar fundo, Louise massageou a nuca. - Desculpe, mas experiências desse tipo estão mais ligadas à sua atividade do que à minha. Foi a primeira vez na vida que um corpo quase caiu em cima da minha cabeça. Confesso, não achei nada bonito. Foi como se... -Ela hesitou e não conseguiu completar a frase.

— Tudo bem. Quer se sentar de novo no carro? Deseja um pouco de café?

— Não, não. Deixe-me tentar contar tudo. - Ela fez um esforço para se manter firme, ergueu os ombros e aprumou o corpo. - Eu dispensei o cara com quem saí, pois estava entediada. Peguei um táxi. Tínhamos ido jantar em um clube exclusivo na parte norte da cidade. Cheguei aqui por volta de uma e meia, eu acho.

— Você mora neste prédio?

— Isso mesmo. Décimo andar, apartamento 1.005. Paguei o taxista, saltei e fiquei junto do meio-fio. Fazia uma noite linda e eu a desperdicei com um babaca. Fiquei pensando nisso aqui fora por alguns minutos, andando de um lado para outro, na calçada, tentando decidir se devia subir direto para casa ou dar uma voltinha para tomar um ar. Resolvi subir, preparar um drinque e sentar um pouco na varanda. Virei o corpo e dei mais um ou dois passos na direção da portaria do edifício. Não sei por que olhei para cima, pois não ouvi nada. Simplesmente ergui a cabeça e a vi caindo, com os cabelos ao vento, como se fossem asas. Foi coisa de dois ou três segundos, mal deu para eu registrar o que via quando ela atingiu a calçada.

— Não deu para você ver de onde ela caiu, então?

— Não. Só sei que ela caiu a uma velocidade espantosa. Nossa, Dallas... - Louise parou o relato por um segundo, tentando tirar a imagem da mente. - Ela bateu no chão com tanta força e fez um barulho tão terrível que vou sonhar com isso por muito tempo. Caiu a mais ou menos dois metros de onde eu estava.

Ela tornou a respirar fundo e se forçou a olhar para o corpo. Agora havia um ar de pena, que substituía aos poucos o sentimento de horror.

As pessoas acham que chegaram ao fim de suas forças, que não há mais esperança, mas estão enganadas. Há sempre esperança, mesmo no fundo do poço. Sempre sobra alguma coisa boa.

— Você acha que ela se jogou?

— Sim, foi o que eu pensei na hora. - Louise olhou de volta para Eve. - Como eu disse, não ouvi nada, ela não fez nenhum ruído. Não houve nada, a não ser, talvez, o barulho dos cabelos ao vento. Acho que foi por isso que eu olhei para cima. - Ela refletiu por um instante. - Creio que ouvi algo, sim, afinal. O som dos cabelos ao vento, como se fossem asas.

— Que fez depois de ela cair?

— Verifiquei seu pulso. Força do hábito, entende? - afirmou Louise, encolhendo os ombros. — Já sabia que ela estava morta, mas verifiquei mesmo assim. Em seguida, peguei o *tele-link* e liguei para a emergência. Você acha que ela foi empurrada? Deve achar, porque trabalha com assassinatos e está aqui.

— Ainda não sei de nada. - Eve olhou mais uma vez para o prédio. Poucas luzes estavam acesas quando ela chegou, mas agora muitas janelas estavam iluminadas, formando um tabuleiro de xadrez vertical em preto e prata. - Sempre ligam para a Divisão de Homicídios em casos como esse. É o procedimento padrão. Vá para casa, cuide-se. Tome um tranquilizante e apague até amanhã de manhã. Não converse com a imprensa, mesmo que eles tentem convencer você.

— Bom conselho. Você me conta quando... quando descobrir o que aconteceu com ela?

— Sim, deixe que eu conto. Quer que um guarda acompanhe você até seu apartamento? — Não, obrigada. — Louise deu uma

última olhada no corpo. Minha noite não foi grande coisa, mas para alguns ela foi muito pior.

— Pode crer.

— Dê lembranças minhas a Roarke — acrescentou Louise, e seguiu em direção à portaria.

Peabody já estava a postos com o *palm-link* na mão.

— Identifiquei à morta, Dallas. Bryna Bankhead, vinte e três anos, mulata, solteira. Morava no apartamento 1.207 desse prédio. Trabalhava na loja Saks da Quinta Avenida, departamento de lingerie. Calculei a hora da morte: uma e quinze da manhã.

— Uma e quinze? — perguntou Eve, lembrando que essa foi a hora em que ela olhara para o painel do relógio de cabeceira.

— Confirmado. Medi e fiz os cálculos duas vezes.

Eve olhou para os medidores de sinais vitais, para o kit de serviço e para a poça de sangue sob o corpo.

— A testemunha garantiu que ela caiu à uma e meia. A que hora foi dado o alarme?

Sentindo-se meio insegura, Peabody verificou no *tele-link* a hora exata em que a ligação para o setor de emergência fora efetuada.

— A chamada aconteceu à uma e trinta e seis. - O desânimo a fez bufar com tanta força que suas franjas retas se ergueram de leve. - Devo ter feito alguma medição errada - lamentou. - Desculpe, eu...

— Não peça desculpas até eu informá-la sobre alguma medição errada. — Eve se agachou, abriu seu kit de serviço, pegou seus próprios medidores e repetiu o procedimento pela terceira vez.

— Você determinou a hora da morte com exatidão. Para registro — continuou ela, falando para um gravador —, a vítima foi identificada como Bryna Bankhead, e a *causa mortis* é indeterminada, no momento. A hora da morte foi exatamente uma e quinze da manhã, conforme medição feita pela policial Delia Peabody e confirmada pela investigadora principal do caso, tenente Eve Dallas. Vamos virá-la de barriga para cima, Peabody.

Peabody engoliu as perguntas que tinha na ponta da língua e engoliu também uma sensação de náusea. Por um instante, não pensou em mais nada. Horas depois, no entanto, lembraria que a sensação que teve foi a de revirar um saco de tacos de beisebol quebrados imersos em um líquido pastoso.

O impacto prejudicou muito as feições da vítima.

Nossa! — Peabody respirou por entre os dentes. — E como!

Os braços e as pernas, bem como o tronco, sofreram sérios danos, o que torna impossível determinar se a vítima foi ferida antes de cair - descreveu Eve, gravando tudo. - A vítima está nua, mas usa brincos. - Eve pegou uma lupa e olhou com atenção para a orelha.

Pedras multicoloridas incrustadas em uma armação de ouro, combinando com o anel no dedo médio da mão direita.

Ela se aproximou um pouco mais, até seus lábios quase encostarem na garganta da vítima - e Peabody engoliu em seco mais um acesso de náusea.

— Senhora...

— Perfume. Ela estava usando perfume. Você costuma ficar zanzando pelo seu apartamento à uma da manhã usando apenas perfume e brincos, Peabody?

— Quando eu fico acordada em casa até uma da manhã, geralmente uso pijama e pantufas de coelho. A não ser que...

— Isso mesmo. - Eve apurou o corpo. - A não ser que tenha companhia.- Eve se virou para os peritos. - Podem ensacá-la. Quero prioridade máxima dos legistas para este corpo. Quero que verifiquem se houve atividade sexual recente e se ela foi ferida antes de cair. Vamos dar uma olhadinha no apartamento dela, Peabody.

— Ela não se jogou, tenente.

— Pois é. As evidências realmente apontam o contrário. — Eve entrou no saguão. Era pequeno, silencioso, e várias câmeras de segurança vigiavam a área.

— Quero os discos do sistema de segurança - disse Eve a Peabody. - Começaremos analisando os registros daqui do saguão e os do décimo segundo andar.

Fez-se um longo silêncio quando elas entraram no elevador e Eve pediu, por comando de voz, o décimo segundo andar. Por fim, Peabody trocou o peso do corpo de uma perna para outra e perguntou, tentando parecer o mais casual possível: —E então?... A senhora vai solicitar o auxílio da Divisão de Detecção Eletrônica?

Eve enfiou as mãos nos bolsos e fez cara de poucos amigos para as portas do elevador, revestidas de aço escovado. A ligação romântica entre Peabody e Ian McNab, um detetive da DDE, tinha ido para o espaço recentemente.

*Aliás, se eles tivessem me ouvido, pensou Eve, com certo amargor, não haveria feridos, porque o caso nem teria começado, para início de conversa.*

— Segure sua onda, Peabody.

— Fiz uma pergunta razoável que não tem nada a ver com nenhuma outra coisa.

O tom de voz de Peabody era duro o bastante para mostrar que ela se sentia insultada, magoada e irritada. Ela era ótima para transmitir essas coisas.

— Se, ao longo da investigação, eu, na condição de investigadora principal do caso, julgar que precisamos consultar a DDE, faremos isso.

— A senhora poderia requisitar outra pessoa que não seja aquele detetive cujo nome eu não preciso pronunciar — murmurou Peabody.

— O capitão Feeney é o chefe da DDE. Não sou eu que determino a pessoa que Feeney vai escolher para cada caso. Que droga, Peabody... Seja dessa vez ou em algum outro momento no futuro, você vai voltar a trabalhar com McNab, por exigência

profissional. Aliás, é por isso que você nunca deveria ter dado mole, para início de conversa.

— Mas eu consigo trabalhar com o detetive McNab numa boa. Isso não me incomoda. -Dizendo isso, saiu do elevador com determinação e começou a caminhar pelo corredor. -Sou uma profissional, o que não se pode dizer de uns e outros que vivem querendo se fazer de espertos e aparecem para trabalhar com roupas esquisitas só para se exhibir.

Ao chegarem à porta do apartamento de Bryna Bankhead, Eve ergueu as sobrancelhas.

— Esta insinuando que eu demonstro pouco profissionalismo, policial?

— Não, senhora! Estava me referindo a... — Seus ombros tensos relaxaram um pouco e traços de humor voltaram aos seus olhos.

— Eu nunca poderia me referir à sua roupa de trabalho como esquisita, Dallas, apesar de eu ter quase certeza de que você está usando uma camisa de homem.

— Se acabou seu "momento-zoação", volte ao trabalho. Vou usar a chave mestra para entrar no apartamento da vítima - continuou Eve, e destrancou as fechaduras. Abrindo a porta, examinou o local. - A corrente de segurança da porta e o trinco interno não foram acionados. A iluminação da sala de estar está fraca — disse ela, gravando tudo. — Que cheiro é esse, Peabody?

— Ah... velas. Perfume também, me parece.

— O que você vê?

— Uma sala de estar lindamente decorada e muito organizada. O telão de relaxamento está ligado e exhibe uma linda campina em um cenário primaveril. Há dois cálices e uma garrafa de vinho tinto aberta na mesa junto do sofá, indicando que a vítima teve companhia em algum momento da noite.

— Muito bem. - Embora tivesse esperança de que Peabody fosse um pouco mais em frente, Eve concordou com a cabeça. - O que você ouviu?

— Música. O sistema de som está ligado. Violinos e piano. Não reconheço a melodia.

A questão não é a melodia, é o clima - explicou Eve. - É romântico. Dê mais uma olhada em volta. Tudo está em seu devido lugar. Arrumado, limpo e, como você reparou, organizado. Só que ela deixou uma garrafa de vinho aberta e dois cálices ao lado. Por quê?

Não teve tempo de guardá-los.

— Nem de desligar as luzes, a música e o telão de relaxamento.

— Eve atravessou o cômodo e deu uma olhada na cozinha. Os balcões estavam limpos e vazios, exceto por uma rolha de vinho tinto.

— Quem abriu a garrafa, Peabody?

— A conclusão mais lógica é a de que foi a pessoa que veio se encontrar com ela. Se quem abriu o vinho fosse a vítima, ela certamente teria jogado a rolha no reciclador.

— Humm. As portas que dão para a varanda da sala de estar estão trancadas por dentro. Se foi suicídio ou queda acidental, não ocorreu a partir deste ponto. Vamos ver o quarto.

— Mas a senhora não acha que tenha sido suicídio ou acidente, certo, tenente?

— Não acho nada, ainda. Tudo que sei é que a vítima era uma mulher solteira que mantinha o apartamento muito arrumado e, ao que tudo indica, passou pelo menos uma parte da noite em casa, acompanhada.

Eve se dirigiu para o quarto. O som dali também estava ligado e notas suaves e oníricas fluíam pelo ar, parecendo flutuar na brisa que circulava pelas portas escancaradas da varanda. A cama estava desarrumada e os lençóis, enrugados e amarfanhados, estavam

cobertos por pétalas cor-de-rosa. Um vestido preto, roupas de baixo também pretas e sapatos de noite estavam jogados ao lado da cama.

Velas que se consumiam suavemente enquanto exalavam uma fragrância suave estavam espalhadas em alguns pontos do quarto.

— Analise a cena — ordenou Eve.

— Parece que a vítima se envolveu ou estava prestes a se envolver em alguma atividade sexual antes de morrer. Não há sinais de luta aqui, nem na sala de estar, o que mostra que o sexo ou os planos para executá-lo eram consensuais.

— O lance aqui não foi sexo, Peabody. Foi sedução. Vamos ter de descobrir quem seduziu quem. Grave a cena e me consiga os discos da segurança.

Com os dedos protegido pelo spray selante, Eve abriu a gaveta da mesinha de cabeceira.

— Uma gaveta de acessórios.

— Como assim?

— Acessórios sexuais, Peabody. Provisões de mulheres solteiras, e há muitas camisinhas. A vítima gostava de homens. Temos também uns dois frascos de óleo aromático para massagens, um vibrador para sessões solo, quando elas fossem necessárias ou desejadas, além de lubrificante vaginal. Produtos em estilo padrão, conservadores e heterossexuais. Não há nenhum acessório ou brinquedinho que indicasse tendências para relações com outras mulheres.

— Então o encontro dela foi com um homem.

— Ou talvez com uma mulher com esperanças de abrir novos horizontes para Bryna Bankhead.

Vamos descobrir isso pelos discos. Quem sabe temos sorte no relatório do legista e encontramos algum vestígio de esperma dentro dela?

Eve entrou no banheiro, ao lado. Estava imaculadamente limpo. Toalhas com bainha de cetim aplicadas à mão estavam absolutamente alinhadas. Havia sabonetes sofisticados em um lindo vidro, e cremes perfumados em potes com tampas de prata.

— Meu palpite é de que o seu parceiro de cama não ficou por aqui tempo suficiente nem mesmo para tomar um banho. Chame os peritos - ordenou Eve. - Vamos ver se o nosso Romeu deixou alguma pista.

Eve abriu a porta espelhada do armário de remédios e analisou os produtos. Medicamentos de uso não controlado, nada muito forte, além de um suprimento de envelopes com pílulas anticoncepcionais para seis meses.

A gaveta ao lado da pia estava cheia de produtos meticulosamente organizados. Maquiagem em geral, batons, rímel e tinturas especiais para cabelo, rosto e corpo.

*Bryna passava muito tempo diante desse espelho, refletiu Eve. E, a julgar pelo vestido preto, pelo vinho e pela luz de velas, Bryna havia passado um tempo considerável diante do espelho naquela noite. Esteve se preparando para um homem. Seguindo até o tele-link do quarto, Eve programou a gravação da última chamada e ficou em pé, ouvindo Bryna Bankhead, muito linda em seu pretinho básico, enquanto contava os grandes planos para a noite com uma mulher de cabelos pretos, que chamou de CeeCee.*

— *Estou um pouco nervosa, mas a empolgação é maior. Finalmente vamos nos encontrar pessoalmente. Como estou?*

— *Você está fantástica, Bry. Só não esqueça que encontros na vida real são muito diferentes de papos pela internet. Pegue leve e fique em um lugar público e cheio de gente, OKI*

— *Claro que sim! Só que eu sinto como seja o conhecesse de verdade, CeeCee. Temos tantas coisas em comum! Vimos nos comunicando por scraps e e-mails há muitas semanas. Além do mais, a ideia de conhecê-lo pessoalmente foi minha - e ele ainda sugeriu tomar alguns drinques em um*

*lugar público, para eu me sentir mais à vontade. Ele é muito atencioso e tão romântico. Caraca, já está tarde e eu detesto me atrasar. Vou nessa.*

*— Não esqueça que eu quero saber de cada detalhe, na volta.*

*— Conto tudo amanhã. Deseje-me sorte, CeeCee. Acho que ele talvez seja O CARA.*

*— É.. — murmurou Eve, ao desligar o tele-link. — Eu também.*

## Capítulo Dois

Em sua sala na Central 90 de Polícia, Eve via mais uma vez os discos de segurança do prédio no dia do assassinato. Muita gente entrava e saía. Moradores e visitantes. Ela reparou em duas gêmeas louras com roupas colantes que circulavam juntas pelo saguão. Acompanhantes licenciadas. *Tenha o prazer em dobro*, pensou, observando o instante em que uma delas recebeu um chamado do próximo cliente pelo *tele-link* pessoal enquanto a outra anotou os dados em uma agenda eletrônica.

Bryna Bankhead entrou correndo às seis e quarenta e cinco da tarde carregando duas sacolas de compras, com o rosto muito afogueado.

*Estava feliz*, pensou Eve. *Empolgada. Louca para subir, pegar as compras novas e experimentá-las. Vai se arrumar, se empetecar toda e depois mudar de ideia várias vezes quanto à roupa. Talvez belisque alguma comidinha antes de sair, para acalmar o estômago.*

Uma típica mulher solteira curtindo antecipadamente um primeiro encontro. Uma mulher que não fazia ideia de que ia se transformar em um dado estatístico antes do fim da noite.

Eve percebeu que Louise Dimatto entrou no edifício pouco antes das sete e meia. Andava a passos rápidos, também, mas esse era o seu estilo. Não havia a empolgação de novas aventuras em seus olhos, nem expectativas, refletiu Eve. Parecia distraída e um pouco cansada.

*Nada de sacolas de compras para a Dra. Dimatto*, notou Eve. *Apenas sua maleta de médica e uma bolsa gigantesca.*

*Uma mulher solteira não tão típica, pensou Eve, que parece saber de antemão que não vai curtir a noite que tem pela frente.*

*E que não sabe que vai acabar a noite com um corpo despedaçado a seus pés.*

Louise foi mais rápida que Bryna. Já estava de volta ao saguão às oito e quarenta, saindo apressada do elevador em seu vestido vermelho de arrasar. Arrumada daquele jeito ela não parecia a mulher batalhadora e dedicada que trabalhava até ficar exausta.

Parecia vigorosa, sexy e feminina.

O cara que entrou no instante em que ela saía obviamente concordava com isso, pois deu uma boa olhada no traseiro de Louise quando ela passou. Ela não reparou ou não deu a mínima para o sujeito. Nem mesmo olhou para trás.

Um garoto de uns dezoito anos saiu do elevador com o rosto erguido, cheio de atitude. Vestia roupa de couro preto dos pés à cabeça e vinha com um skate aéreo debaixo do braço. Colocou-o no chão ao mesmo tempo que abria a porta do prédio, pulou sobre ele e, com uma agilidade que Eve teve de admirar, saiu voando pela noite.

Ela tomava um café no instante em que viu Bryna sair do prédio, pouco antes das nove da noite. Vinha quase correndo, reparou. Pela velocidade em que ia, se arriscava a encarar um tornozelo torcido antes do encontro. Pelo visto ela não queria se atrasar. Seu cabelo ostentava um penteado elaborado, muito brilhante, que mais parecia uma torre de ébano. Seu rosto, em um delicado tom de caramelo, estava muito corado e ela parecia empolgada e nervosa.

Levava uma bolsa em estilo carteira e usava os lindos brincos cintilantes com os quais morrera.

— Verifique todos os táxis no raio de um quarteirão do prédio para esta hora, Peabody. Ela está com pressa. Se não combinou de encontrar o cara perto de casa, certamente vai chamar um táxi. — Eve franziu o cenho enquanto observava os minutos correndo céleres

pela tela, e só colocava a gravação em velocidade normal quando via alguém entrando ou saindo do prédio.

— Ela era uma mulher bonita - comentou Eve. - Parecia razoavelmente esperta, morava em um bom apartamento e tinha um emprego decente. Por que alguém assim resolve pescar um peixe nos mares da internet?

— Para você é fácil falar assim - resmungou Peabody, e isso garantiu um olhar de pálpebras semicerradas que Eve lhe lançou. - É isso mesmo. Puxa, Dallas, você é *casada*. Para o resto de nós, mulheres, há uma selva lá fora, cheia de macacos, micos diversos, cobras e babuínos.

— Você já foi se encontrar com alguém que só conhecia online? Peabody se remexeu, um pouco desconfortável.

— Talvez. Não quero falar disso.

Com um ar divertido nos olhos, Eve continuou a analisar a gravação e comentou: — Pois eu fui solteira por muito mais tempo do que sou casada, e nunca precisei pescar em águas virtuais.

— Grande vantagem! Você é alta, tem esses olhos de pantera e uma covinha sexy no queixo.

— Tá a fim de mim, Peabody?

— Amo você loucamente, só que parei de sair com tiras. Boa estratégia. Olhe, eles estão chegando. Congelar cena! O relógio na tela marcava vinte e três horas e trinta e oito minutos. Nas duas horas que se seguiram, Bryna certamente passara momentos aconchegantes com o seu acompanhante. Naquele instante, porém, eles ainda estavam na fase de braços enlaçados na cintura um do outro. Sorriam.

— Ele é um colírio! — elogiou Peabody, debruçando-se sobre o monitor. — A resposta às preces de qualquer mulher solteira. Alto, moreno e gatíssimo.

Eve grunhiu. Avaliou que o homem devia ter um metro e oitenta e cinco de altura e uns oitenta e cinco quilos. Seus cabelos

pretos ondulados estavam jogados para trás e lhe caíam sobre os ombros. Sua pele era poeticamente pálida e estava enfeitada por cintilantes piercings de esmeralda no canto da boca e também na maçã do rosto, do lado direito. Seus olhos tinham o mesmo tom intenso de verde. Uma linha fina de barba lhe descia do meio do lábio inferior até o queixo.

Usava um terno preto com uma camisa verde-esmeralda aberta no colarinho. Trazia uma sacola de couro com alça longa pendurada no ombro.

— Um casal bonito - acrescentou Peabody. - Ela está com cara de quem andou tomando umas e outras.

— Não foram apenas drinques - corrigiu Eve, ordenando que o computador ampliasse o rosto de Bryna.

Veja o brilho estranho no olhar dela. Foi causado pelo consumo de alguma droga química. Em compensação, ele. - Eve movimentou a imagem com o zoom até enquadrar o rosto do homem na tela - está completamente sóbrio. Ligue para o necrotério. Quero prioridade para o relatório toxicológico dela. Computador?

*Processando...*

— Sim, sim, eu sei. Vamos ver se você sabe desempenhar várias tarefas pesadas ao mesmo tempo. - Como aquela máquina era novinha, Eve tinha esperanças. - Pesquisar o homem na tela em seu banco de dados faciais. Quero o nome dele.

*Abrindo banco de dados faciais. Especificação de local de nascimento, cidade, estado ou país?*

— Eve deu tapinhas carinhosos na máquina. Isso mesmo, assim é que se trabalha. Começar com a cidade de Nova York. Continuar a rodar o disco da segurança sem o zoom.

*Processando...*

O computador zumbiu baixinho e a imagem na tela seguiu em frente. Do lado de fora do elevador, o homem ergueu o braço de Bryna e beijou a palma de sua mão.

— Parar a gravação e mostrar imagens do elevador dois a partir de onze e quarenta. - Eve percebeu que o ritual de acasalamento continuou durante a viagem até o décimo segundo andar. O homem mordiscava os dedos dela e se inclinava para sussurrar coisas em seu ouvido. Foi Bryna quem fez os avanços, puxando-o mais para junto de si, pressionando o seu corpo contra o dele com ar de posse, de forma quase agressiva, enquanto lhe roubava beijos.

Foi a mão dela que se moveu, apalpando-o.

Quando a porta se abriu, eles saíram do elevador com os corpos girando, ainda agarrados um ao outro. Mais uma vez, Eve ordenou um zoom e analisou o casal que caminhava para a porta do apartamento. Bryna cambaleava um pouco ao digitar a senha na fechadura. Perdeu o equilíbrio por um instante e oscilou na direção dele. Depois que ela entrou, ele permaneceu parado sob o portal.

*Um perfeito cavalheiro*, refletiu Eve. Ele exibia um sorriso no rosto e uma pergunta nos olhos: *Você vai me convidar para entrar?*

A mão de Bryna apareceu no corredor, agarrando-o pelo paletó e puxando-o para dentro. A porta se fechou.

— Foi ela quem o atacou. — Peabody franziu o cenho enquanto olhava para o corredor vazio na tela.

— Sim, foi quem comandou tudo Não estou dizendo que ela merecia morrer, só reparei que ele não forçou a barra em nenhum momento. Mesmo quando ela se tornou agressiva no elevador, ele não avançou o sinal. Há um monte de caras... aliás, a maioria deles.que já estaria com a mão enfiada por baixo da roupa dela a essa altura.

— A maioria dos caras não espalha pétalas de rosa sobre os lençóis.— Eve acelerou a gravação e mandou o sistema parar no instante em que a porta do apartamento de Bryna tornou a abrir.

— Anote o minuto em que o homem não identificado saiu do apartamento da vítima. Uma e trinta e seis da manhã. O mesmo instante em que o número da emergência foi acionado. Louise disse

que a primeira coisa que fez foi verificar o pulso da vítima. Vamos cronometrar alguns segundos por conta do choque, mais alguns para ela se aproximar do corpo, depois medir a pulsação e em seguida pegar o *tele-link* pessoal e ligar para a polícia. Foi o mesmo tempo que ele levou para sair da varanda, caminhar de volta por todo o apartamento e sair porta afora. Computador, continuar gravação.

— Ele está tremendo — murmurou Peabody.

— Sim. Tremendo e suando. - *Mas não saiu correndo*, percebeu Eve. Seus olhos observaram tudo em volta, enquanto ele seguia rumo ao elevador, mas o fato é que não correu.

Eve acompanhou sua descida pela câmera interna da cabine. Ele se manteve com as costas coladas na parede, com a bolsa de couro apertada junto do peito. Estava pensando, percebeu Eve. Raciocinou com tanto cuidado que levou o elevador até o subsolo, em vez de saltar no saguão, e saiu do prédio pela porta de entregas, sem usar a porta da frente.

— Não há sinais de luta dentro do apartamento. Entre a hora da morte e o momento em que a vítima bateu na calçada, não houve tempo para ele arrumar o ambiente, se tivesse havido uma briga.

Ela já estava morta antes de cair. Antes de ele jogá-la — acrescentou Eve. — Deve ter ingerido drogas ilegais, mas não havia nada disso no apartamento. — Vamos lá. Quero perturbar os peritos do laboratório até eles descobrirem o que havia na garrafa de vinho e nos cálices. Vá para casa, Peabody. Durma um pouco até o amanhecer.

— Você vai chamar Feeney? Acho que vamos precisar da DDE para vasculhar o computador da vítima, procurar pelas mensagens entre ela e o suspeito, além de rastrear seus contatos.

— Exatamente! — Eve se levantou e, mesmo achando que isso seria um erro, pegou mais uma caneca de café no AutoChef. — Peabody, deixe os problemas pessoais de lado e faça seu trabalho.

— Eu agradeceria se essa mesma ordem fosse dada ao detetive McNab... Senhora.

— Ele anda assediando você? — perguntou Eve, virando-se para a auxiliar.

— Sim. Isto é... não exatamente. — Ela expirou com força. — Não.

— Qual é a resposta, afinal? "Sim" ou "não"?

— É que ele faz questão de que eu fique sabendo sobre todas as mulheres quentes com as quais tem dormido e de como está dando saltos triplos de alegria desde que eu o dispensei. O pior é que ele nem mesmo tem a decência de dizer tudo isso na minha cara, mas quer que eu saiba através de fofocas.

— Pelo jeito ele seguiu em frente com a vida dele. Foi você que terminou o relacionamento, Peabody. Além do mais, você também está saindo com Charles.

— Mas não é assim que a coisa rola no caso de Charles — insistiu Peabody, falando do atraente acompanhante licenciado que se tornara seu amigo, mas nunca fora seu amante. — Eu já lhe expliquei isso, Dallas.

— Mas não explicou a McNab. Aliás, isso é assunto seu — emendou Eve, depressa, ao ver que Peabody abria a boca para falar.

— Não tenho nada a ver com isso. Se McNab quiser trepar com todas as mulheres em um raio de cinco quarteirões e isso não prejudicar o trabalho dele, não é assunto meu. Nem seu! Mande os pedidos de prioridade para o necrotério e vá para casa. Apresente-se aqui às oito da manhã em ponto.

*88,8% da busca foi completada, até agora sem resultados.*

— Ampliar a busca para pessoas de todo o estado, computador. Positivo. Processando...

Eve se recostou, tomando café e torcendo para aparecer logo um nome. Queria justiça rápido para Bryna Bankhead. Apesar da cafeína, Eve conseguiu um sono mais tranquilo no chão de sua sala

do que na cama imensa e vazia da sua casa. Ao acordar, viu que a pesquisa pela identidade do homem da gravação continuava sem resultados positivos e ampliou o campo de busca. Pegou mais uma caneca de café e foi com ela na mão até o vestiário, onde lavou o rosto, deu uma ajeitada nos cabelos com os dedos e arregaçou as mangas da camisa que pertencia a Roarke.

Passava um pouco das oito quando ela entrou na sala do capitão Feeney, na DDE. Ele estava diante do AutoChef, de costas para a porta. Como Eve, ele também estava em mangas de camisa e trazia o coldre preso junto do corpo. Seus cabelos arrepiados ruivo alaranjados certamente haviam sido penteados ao sair de casa, mas sua aparência não era melhor que a de Eve.

Ela entrou na sala e respirou fundo, erguendo a cabeça.

— Que cheiro é esse?

Ele deu meia-volta e seu rosto comprido de cão bassê demonstrou surpresa. E culpa também.

— Cheiro nenhum. Qual é a boa, Dallas? Ela tornou a cheirar o ar.

— Donuts. Você trouxe donuts para o trabalho? — Shhh' Cale a boca. — Ele foi rapidamente até onde ela estava fechou a porta. — Quer que todo mundo baixe aqui? — Sabendo que uma porta fechada não era o suficiente, ele passou o trinco. — O que quer de mim?

— Quero um donut.

— Escute, Dallas, minha mulher anda com mania de só comer coisas saudáveis. Não vejo uma comida decente em casa nos últimos tempos. É tofu no almoço, vegetais reidratados no jantar. Puxa vida, um cara precisa de gordura e açúcar de vez em quando, senão seu organismo sofre.

— Concordo com você, e o resto da população também concorda. Agora, me dê um donut.?

— Droga! — Ele foi até o AutoChef e abriu a porta do aparelho. Lá dentro havia meia dúzia de donuts esquentando, e a sala se encheu com o cheiro típico das roscas açucaradas.

— Caraca, Feeney! *Donuts fresquinhos!*

— Tem uma padaria a um quarteirão daqui que prepara alguns com farinha de verdade, todas as manhãs. Sabe o quanto cobram por cada uma dessas rosquinhas?

Rápida como uma chicotada, Eve estendeu a mão, pegou um donut e o comeu de uma bocada só.

— Eles valem o preço — afirmou ela, com a boca cheia de gordura e creme.

— Fique na sua! Se você começar a fazer ruídos de "nham-nham" eles vão bater na porta. - Feeney pegou um donut e deu a primeira dentada com ar de extrema felicidade. — Ninguém quer viver para sempre, certo? Eu digo para a minha mulher: "Puxa, eu sou um tira, e os tiras enfrentam a morte todos os dias."

— Isso mesmo. Tem algum com geleia? Antes que ela se animasse a ir em frente, ele fechou a porta do AutoChef com rapidez.

— Pois é. Sendo um tira, enfrentando a morte e tudo o mais, quem é que vai ligar para um pouquinho de gordura nas artérias?

— Ainda mais uma gordura maravilhosa como essa. - Eve lambeu o açúcar dos dedos. Ela bem que podia tê-lo chantageado para conseguir outro donut, mas percebeu que ia acabar passando mal. — Peguei um ketchup de calçada ontem à noite.

— Suicida?

— Não. Ela já estava morta quando caiu. Estou à espera dos relatórios dos legistas e do laboratório, mas parece ter sido homicídio sexual. Ela teve um encontro com um cara que conheceu online. Namoro por e-mails, *scraps*, essas coisas. Peguei uma imagem dele entrando e saindo do prédio dela, mas a pesquisa pelo banco de traços faciais ainda não encontrou ninguém. Preciso que você rastreie o computador dela.

— Você já pegou a máquina?

— Já. Está na sala de provas. A vítima é Bryna Bankhead. Arquivo número H-78926B.

— Vou mandar alguém investigar.

— Obrigada. — Eve parou na porta, antes de sair. — Feeney, caso resolva colocar McNab no caso, talvez seja melhor você pedir a ele para... sabe como é... pegar leve com Peabody.

O brilho que a rosca açucarada colocara no rosto de Feeney se transformou em uma expressão de doloroso embaraço.

— Puxa vida, Dallas!

— Eu sei, eu sei. Mas se sou obrigada a aturar Peabody, você tem que aturar McNab.

— Podíamos trancá-los numa sala e deixar que se esfolassem vivos.

— Esse é o plano B. Avise assim que você encontrar algo interessante no computador da vítima.

A procura não estava indo a lugar algum. Sem muita esperança, Eve ampliou a busca para englobar todo o planeta. Redigiu um relatório preliminar, enviou-o para o comandante e guardou uma cópia.

'Depois de ordenar a Peabody que fizesse pressão sobre o pessoal do laboratório e do necrotério, foi para o tribunal, a fim de prestar testemunho em um julgamento.

Duas horas e meia mais tarde, saiu da sala do tribunal xingando todos os advogados. Pegou o comunicador e ligou para Peabody.

— Status do caso.

— Os testes ainda não chegaram a lugar algum, senhora.

— Merda!

— Dia difícil no tribunal, Dallas?

— Os advogados de defesa acham que o Departamento de Polícia de Nova York espalhou o sangue da vítima sobre o cliente

deles, depois besuntou suas roupas e sua pele, tudo por pura perseguição contra um pobre turista psicopata que esfaqueou a própria esposa dezenas de vezes durante uma briga conjugal.

— Ouvi dizer que as brigas na Câmara de Comércio são ainda piores.

— Rá-rá...

— Identificamos com quem Bryna Bankhead falou pelo *tele-link* ontem à noite. O nome é CeeCee Plunkett e ela trabalhava com a vítima na seção de lingerie da Saks.

— Pegue o metrô e me encontre lá.

— Sim, senhora. Posso sugerir o maravilhoso almoço que eles servem no sexto andar? A senhora precisa de proteínas.

— Acabei de comer um donut delicioso. - Com um sorriso cruel, Eve desligou, deixando Peabody com ar de choque e inveja.

Ficar presa no meio do engarrafamento da hora do almoço não ajudou muito a melhorar o humor de Eve. Os carros andavam a passo de lesma e ficavam parados tanto tempo no mesmo lugar que Eve pensou em largar a viatura no meio da rua e atravessar a cidade a pé. Mudou de ideia ao ver as calçadas igualmente lotadas. Até o céu parecia engarrafado. Dirigíveis de propaganda, ônibus aéreos e bondes de turistas competiam no ar, em busca de espaço.

O barulho era absurdamente alto, mas, por algum motivo, o ruído constante ajudou a acalmá-la. Tanto que Eve, passou em um sinal fechado na esquina da Madison com a rua 39, colocou a cabeça para fora do carro e pediu ao dono de uma carrocinha de lanches, com a voz suave:

— Poderia me ver uma lata de Pepsi?

— Pequena, média ou grande, minha adorável dama?

As sobrelhas se ergueram tão alto que quase sumiram por trás das franjas. Um atendente tão gentil só podia estar há pouco tempo na praça, ou então era um andróide.

— Grande, por favor. — Ela enfiou a mão no bolso em busca de dinheiro trocado.

Quando ele baixou o rosto até a altura da janela para entregar o troco, Eve notou que ele não era novo, mas também não era robô. Calculou que tinha mais de noventa anos, mas seu sorriso mostrava um cuidado com os dentes superior ao que se via na maioria dos donos de carrocinhas. — Que dia maravilhoso, não acha, senhorita?

Eve olhou para o engarrafamento. Um verdadeiro nó tinha sido dado no trânsito, e os veículos parados bloqueavam até o espaço aéreo em toda a região.

— O senhor deve estar brincando. Ele sorriu com ar suave e afirmou:

— Cada dia de vida que nos é dado é uma bênção maravilhosa, senhorita.

Eve pensou em Bryna Bankhead.

— Acho que o senhor tem razão.

Ela abriu a lata e bebeu o refrigerante bem devagar com ar contemplativo, enquanto se arrastava lentamente pela avenida Madison. Ao chegar à rua 51, cortou outro veículo, estacionou em fila dupla e ligou o aviso de VIATURA EM SERVIÇO.

Com um friozinho na barriga, entrou na Saks pronta para enfrentar a massa de animados consumidores.

Andróides altamente sofisticados brilhavam dos lados das portas de entrada e quase ofuscavam os olhos das pessoas que chegavam e não tinham como escapar deles. Havia reforços humanos por trás dos balcões de atendimento, dentro das cabines ou circulando entre os produtos, em busca de algum cliente que tentasse passar sem ser notado. O ar, perfumado demais, era quase enjoativo.

Uma andróide com cabelos ruivos em tom quase magenta veio do outro lado do corredor e bloqueou a passagem de Eve.

— Boa-tarde e bem-vinda à Saks. A nossa fragrância especial de hoje é...

— Se você borrifar uma gota disso em mim, uma única gotinha, eu enfio esse vaporizador pela sua goela abaixo — avisou Eve, quando a andróide já se preparava para o bote.

— Mas, madame, basta uma gota de Orgasmo para atrair o amante de seus sonhos.

Eve abriu a jaqueta e bateu com os dedos de leve sobre a arma.

— E basta um jato desse raio para transformar você em um monte de lixo reciclável, Ruiva. Cai fora!

A demonstradora robótica se afastou rapidamente. Eve ouviu o alarme que ela repassou ao sistema de segurança da loja, mas continuou seguindo ao longo da muralha de produtos e clientes. Exibiu o distintivo assim que dois andróides fardados vieram correndo em sua direção.

— Polícia de Nova York — informou ela.— Estou aqui a trabalho. Mantenham essas malucas espalhadoras de perfume longe de mim.

— Claro, tenente. Podemos ajudá-la em alguma coisa?

— Podem, sim. — Ela guardou o distintivo no bolso. — Onde fica a seção de lingerie?

Ao menos ali, pensou Eve ao saltar no andar certo, ninguém vinha correndo em sua direção balançando calcinhas. Mesmo assim vender sexo parecia o grande lance do momento, pois várias androides que serviam de modelo circulavam por todo o departamento usando apenas roupas de baixo, baby-dolls e camisolas. As atendentes humanas vestiam roupas normais. Pelo menos isso!

Eve avistou CeeCee Plunkett de imediato, mas esperou até ela terminar de atender uma cliente.

— Srta. Plunkett?

— Sim. Posso ajudá-la?

— Há algum lugar onde possamos conversar em particular? — perguntou Eve, mostrando o distintivo novamente.

A vendedora tinha faces rosadas, mas elas empalideceram. Seus lindos olhos azuis se arregalaram.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus, é Bry. Algo aconteceu com Bryna. Ela não apareceu para trabalhar e não responde ao *tele-link*. Deve estar ferida.

— Há algum cantinho onde possamos conversar?

— Ahn... sim. — Pressionando os dedos nas têmporas, CeeCee olhou em volta. — Temos a... a cabine para experimentar roupas, mas eu não posso sair do balcão. É melhor...

— Ei! — Eve agarrou a primeira andróide que passou na sua frente, uma modelo só de calcinha e sutiã pretos transparentes. — Assuma aqui. Onde fica a cabine? — perguntou a CeeCee, voltando para junto do balcão e conduzindo-a pelo braço.

— Lá no fundo da seção. Ela está hospitalizada? Qual o hospital? Quero visitá-la.

Dentro de um dos cubículos para troca de roupas, Eve fechou a porta. Havia uma banquetta com assento acolchoado em um dos cantos e Eve guiou CeeCee para lá.

— Sente-se aí.

— Já vi que a notícia é má. — Ela agarrou o braço de Eve. — Muito má?

— Sim, muito má. Sinto muito. — Não havia jeito suave de dar uma notícia daquelas. O único modo era contar de um fôlego só, apunhalando o coração com um único golpe, em vez de cortá-lo fatia por fatia. — Bryna Bankhead morreu no início da madrugada.

CeeCee meneou a cabeça e continuou balançando-a devagar quando a primeira lágrima lhe escorreu pelo rosto. Ela sofreu algum acidente?

— Estamos tentando determinar o que aconteceu.

— Eu falei com ela. Conversamos ontem à noite. Ela tinha um encontro marcado com um rapaz. Por favor, conte-me o que aconteceu?

A mídia já noticiara a morte e as circunstâncias, até onde os repórteres sabiam. Se ainda não tivessem conseguido o nome da vítima, pensou Eve, certamente iriam consegui-lo e divulgá-lo a qualquer momento.

— Ela... caiu da varanda do seu apartamento.

— Caiu? — CeeCee fez menção de levantar, mas acabou largando-se no banco outra vez. — Não pode ser. Isso é impossível! Há uma mureta de proteção do lado de fora.

— Estamos investigando, srta. Plunkett. A senhorita nos ajudaria muito se respondesse a algumas perguntas. Posso gravar o seu depoimento?

— Ela não cairia da varanda. — Havia raiva em sua voz agora e um pouco de insulto misturando-se com o choque. — Ela não era idiota nem descuidada. Não pode simplesmente ter caído.

Eve pegou o gravador e o ligou.

— Vou descobrir o que aconteceu. Meu nome é Dallas. Tenente Eve Dallas—informou a CeeCee, gravando a conversa.

— Sou a investigadora principal da morte de Bryna Bankhead. Neste instante estou tomando o seu depoimento, CeeCee Plunkett, porque você era amiga da vítima. Vocês duas conversaram pelo *tele-link* ontem à noite, pouco antes das nove. Logo depois, ela saiu do apartamento.

— Sim, isso mesmo. Ela me ligou. Estava muito nervosa, mas empolgada também. — Sua voz ficou rouca. — Oh, Bry...

— Por que ela estaria nervosa e empolgada ao mesmo tempo? Tinha um encontro. Ia conhecer Dante.

— Sabe o nome completo dele?

— Não, não sei. — Ela enfiou a mão no bolso e pegou um lenço de papel, mas o apertou com tanta força que acabou rasgando-o, em

vez de enxugar o rosto.— Eles se conheceram pela internet, mas não sabiam seus sobrenomes verdadeiros. Isso é uma exigência do site. Para segurança dos usuários, entende?

— Há quanto tempo ela mantinha contato com ele?

— Ia completar três semanas.

— Como se conheceram?

— Em uma sala de bate-papo sobre poesia. Um monte de gente que se junta para conversar a respeito de poesia romântica ao longo dos séculos e... por Deus! — Ela se inclinou para frente e cobriu o rosto com as mãos. — Ela era minha melhor amiga. Como isso pode ter acontecido?

— Bryna confiava em você?

— Sim, contávamos tudo uma à outra. A senhora sabe... é assim que as mulheres fazem quando são muito amigas.

— *Sei sim... mais ou menos*, pensou Eve.

— Esse foi, até onde você tem conhecimento, o primeiro encontro dela com Dante?

— Sim. Exatamente por isso é que ela estava tão empolgada. Comprou um vestido novo e sapatos também. Além de brincos fantásticos...

— Era comum ela trazer um homem que acabara de conhecer para seu apartamento, a fim de uma transa?

— Certamente que não! — CeeCee exibiu um sorriso aguado.

— Bry era muito antiquada com relação a sexo, relacionamentos amorosos e seus estágios. Um cara tinha sempre que passar pelo que Bry chamava de Teste dos Trinta Dias antes de ir para a cama com ela. Eu costumava dizer que em um mês qualquer coisa acaba apodrecendo, mas ela. — CeeCee parou de falar. — O que a senhora dizia mesmo, tenente?

— Estou só tentando formar um quadro. Ela consumia drogas ilegais?

Embora as lágrimas continuassem a brilhar em seus olhos, eles ficaram duros e indignados.

— Não estou gostando das suas perguntas, tenente.

— Mas elas precisam ser feitas. Olhe para mim. Olhe fixamente para mim - repetiu Eve. - Não quero denegrir a sua amiga, nem magoar você. Tenho de saber quem ela era para lhe fazer justiça.

— Não. Ela não consumia drogas de nenhum tipo - reagiu CeeCee, com rispidez. - Cuidava bem de si mesma, por dentro e por fora. Era o seu jeito. Bry era uma garota esperta e muito divertida, mas decente. *Não ficava* doidona por ação de drogas, para em seguida cair de uma varanda qualquer. E tenho certeza de que também não pulou, portanto nem pense em achar que foi suicídio. Se ela caiu daquela varanda é porque alguém a empurrou. Se ela caiu é porque alguém...

Enquanto refletia nas próprias palavras, a raiva de CeeCee se acentuou.

— Alguém a matou! Alguém matou Bry. Foi aquele... aquele tal de Dante. Ele deve tê-la seguido até em casa, depois do encontro. Conseguiu entrar no apartamento dela e a matou. Ele a matou! — repetiu, enterrando os dedos no pulso de Eve. — Encontre-o, tenente!

— Vou encontrá-lo — prometeu Eve. — CeeCee, ainda não sei de todos os fatos, mas vou descobri-los. — Conte-me tudo o que puder a respeito desse homem que ela conhecia como Dante. Relate tudo o que Bryna lhe contou.

— Não consigo aceitar isso. Desculpe, tenente, eu simplesmente não consigo! — Ela se levantou e caminhou até a jarra com água gelada que havia sobre uma penteadeira. Ao ver que a jarra tremia espalhava água, Eve foi até lá, encheu um copo e o entregou à jovem.

— Obrigada.

— Respire fundo. Sente-se, acalme-se e tome a sua água. Espere alguns instantes.

— Estou bem. Vou melhorar. — Mas ela precisou segurar o copo com as duas mãos para beber. — Ele é dono de um negócio. É rico. Bry dizia que ele não contava vantagens a respeito disso, mas ela percebeu por pequenas coisas que ele disse. Lugares onde esteve... Paris, Moscou, o Olympus Resort, Bimini, além de outros lugares.

— Que tipo de negócio ele tem?

— Bry e ele não conversavam sobre coisas específicas de trabalho. E também não era para ele saber que ela trabalhava aqui na loja. Mas ele acabou descobrindo.

Os olhos de Eve se aguçaram.

— Como sabe que ele descobriu?

— Porque ele enviou rosas cor-de-rosa para ela, na semana passada.

*Rosas cor-de-rosa*, pensou Eve. *Pétalas rosadas*.

— O que mais?

— Ele falava italiano e... ahn... francês e espanhol. Línguas românticas — acrescentou, espalhando as lágrimas e borrando o rímel dos olhos com as costas da mão. — Bry adorava o clima de romance disso. Ela me disse que ele era o homem mais romântico do mundo. E eu perguntei: "Tudo bem, mas e quanto à cara dele?" Ela riu e garantiu que a aparência não importa quando as pessoas se falam com o coração, mas é claro que não reclamaria se ele fosse tão bonito quanto suas palavras.

Mais calma, ela girou o copo entre as mãos.

— Tenente... ele a estuprou?

— Ainda não sei. — Eve pegou a foto que imprimira. — Reconhece este homem?

CeeCee analisou o rosto de Dante.

— Não — respondeu, com ar cansado. — Nunca o vi em toda a minha vida. É ele, não é? Ora, ora... Acho que ele é tão bonito quanto suas palavras, afinal. Filho da puta... canalha, filho da puta! — Ela rasgou a foto em mil pedaços e Eve não fez nada para impedi-la.

— Onde eles foram se encontrar ontem à noite? Em um clube noturno, um lugar chamado Arco-íris. Foi escolha de Bry, pois ela achou que ali era mais romântico.

Quando Eve saiu da cabine, encontrou Peabody olhando, com ar de desejo, para um corpete rendado.

— Esse troço fica desconfortável depois de cinco minutos no corpo — avisou Eve.

— Se ele funcionar, você não precisará usá-lo por mais tempo que isso. A andróide me disse que você estava lá nos fundos conversando com CeeCee Plunkett.

— Isso mesmo. O cara disse que se chamava Dante. Gosta de poesia e rosas cor-de-rosa. Vou lhe contar os detalhes.

— Aonde iremos agora?

— Vamos passar pelo Arco-íris e seguiremos direto para o necrotério.

— Isso é que é um roteiro... esquisito!

E realmente era, ainda mais se alguém comparasse o templo de mármore e superfícies cromadas da boate com o espaço branco e decadente do necrotério. Só que o máximo que Eve conseguiu no clube noturno foram os nomes e endereços dos funcionários que haviam trabalhado na véspera.

Teve mais sorte na casa dos mortos.

— Ah! Minha tira favorita veio me passar uma esculhambação. Morris, o chefe do Instituto Médico Legal, largou seu bisturi a laser e sorriu. Seus cabelos pretos e compridos, que normalmente lhe desciam em longas tranças, estavam presos sob uma touca cirúrgica. Uma camisa cor de ameixa e calças da mesma cor estavam

protegidas de desagradáveis respingos de fluidos corporais por um avental transparente.

— Esse cara que você está fatiando não é o meu cadáver, Morris.

— Ah, não? Que pena! — Ele olhou para o corpo sem vida de um jovem negro. — Esse infeliz rapaz caiu de costas inúmeras vezes sobre uma faca comprida e afiada, pobrezinho! Era de esperar que ele parasse de se jogar para trás depois do primeiro golpe, mas ele continuou a se atirar sobre a faca até morrer.

— Tem gente que demora a aprender as coisas. — Eve apertou os lábios ao analisar a impressionante ereção do cadáver. — Pelo tempo e pelo tamanho do tesão do rapaz, aposto que ele consumiu Exótica misturada com Zeus. Essa combinação faz a ferramenta de qualquer homem permanecer em posição de alerta muito depois de ele ter apagado.

— Eu concordo com essa teoria, particularmente depois que um colega seu, o detetive Baxter, relatou que este recém-finado rapaz estava usando a sua ferramenta com muito entusiasmo na esposa do próprio irmão, no instante em que morreu.

— Ah, foi? Acho que ele resolveu parar de trepar e foi dançar de costas em cima da faca para variar um pouco.

— Essa é a versão do irmão e da mulher dele, que ainda está no mundo dos vivos, tentando se recuperar de um tombo horrível que lhe fraturou o maxilar.

— Tem de tudo neste mundo — comentou Eve. — Se Baxter está com o irmão do morto sob custódia, e você já descobriu a causa da morte, por que não está trabalhando no meu caso?

— Venha comigo. — Morris curvou um dedo para chamar Eve e passou por uma série de portas de vaivém até chegar à outra sala de autópsia. O cadáver de Bryna Bankhead era a única coisa que ocupava o cômodo. Ela fora colocada sobre uma bancada de aço inox com um lençol verde que a cobria até o pescoço.

Esse era um cuidado típico de Morris, pensou Eve. Quando queria, ele demonstrava respeito pelos mortos.

— Acho que ela era uma mulher muito atraente.

Eve olhou para o rosto arruinado. Pensou no espelho do banheiro, na gaveta de cremes e produtos de beleza impecavelmente organizada.

— Sim, ela era bonita. Conte-me como ela morreu, Morris.

— Acho que você já sabe. O cálculo que você fez da hora da foi muito preciso. Ela foi poupada do medo de cair, da agressão da calçada e até mesmo da percepção de que estava morrendo. Ele tocou de leve nos cabelos dela com os dedos protegidos por spray selante.

Ela ingeriu, em um período de duas e meia a três horas antes da morte, mais de 60 ml de hormonibital-6 sintético, uma substância de venda controlada que é muito cara e difícil de conseguir.

— O nome popular dessa droga é Vadia. Uma droga que acaba com as inibições do usuário — murmurou Eve. — Era muito usada em casos de estupro, antigamente.

— Não muito, na verdade — corrigiu Morris. — Os derivados dessa droga é que são comuns, mas têm eficácia muito menor, pois são menos potentes. O que encontrei no organismo dela é a substância pura. Um volume de 60 ml, Dallas, valeria mais de um quarto de milhão de dólares se chegasse às ruas. Isso, é claro, se você o encontrasse por aí para comprar, o que não acontece. Não vejo traços dessa substância em um corpo há mais de quinze anos.

— Pois eu só ouvi falar disso na Academia de Polícia. Sempre achei que fosse lenda urbana.

— A maior parte dos casos é lenda urbana mesmo.

— Foi isso que a matou? Uma overdose?

— Não exatamente. A combinação dessa droga com álcool é perigosa, mas não letal. Nosso herói exagerou na dose. Metade da quantidade que ele serviu a essa moça já seria o suficiente para

garantir a total cooperação sexual dela a noite toda. O que ela ingeriu provavelmente a deixaria apagada durante oito ou dez horas. Ela acordaria com a maior ressaca de toda a sua vida. Dor de cabeça, vômitos, tremores, apagões de memória, perda da noção de tempo. Levaria mais de setenta e duas horas para seu organismo eliminar

Isso deixou Eve enjoada só de ouvir.

— Ela foi poupada disso também, então. Como?

— Ele lhe deu uma dose muito grande e isso a deixou letárgica. Imagino que ele queria um pouco mais de ação por parte dela, pois misturou um coquetel de aneminifina-colax-B no último cálice de vinho que ela tomou. É uma droga conhecida como Coelho Louco.

— Ele quis se garantir por todos os lados, não foi? — perguntou Eve, baixinho.

— Isso bombardeia o sistema nervoso e o sistema respiratório, e os dela já estavam comprometidos. A combinação exigiu demais do seu coração. O fim aconteceu menos de vinte minutos depois da ingestão. Ela já devia estar dopada demais pelas primeiras doses do Vadia, e não sabia mais o que estava acontecendo.

— Ela poderia ter ingerido isso por livre e espontânea vontade, na altura em que estava?

Com gentileza, Morris cobriu o rosto de Bryna com o lençol verde e afirmou:

— Depois de 30 ml do bloqueador de inibição, nada do que essa menina fez foi por livre e espontânea vontade.

— Ele a drogou e estuprou, e depois a combinação das drogas a matou — disse Eve. — Quando isso aconteceu, ele a atirou pela varanda como se fosse uma boneca usada, para tentar encobrir o que havia acontecido.

— Na minha conceituada e valorizada opinião médica, esse é um bom resumo da situação.

— Agora me faça feliz, Morris, e me conte que ele deixou esperma nela. Diga que você conseguiu o DNA do safado.

O rosto de Morris se iluminou como o de uma criança.

— Ah, sim, eu consegui. É só prendê-lo, Dallas, e eu ajudo você a mantê-lo atrás das grades para sempre.

## Capítulo Três

Esse tarado é um doente mental. Devia ter o saco arrancado por uma faca enferrujada! - reagiu Peabody. Eve se recostou no banco do carro.

— Puxa, Peabody, não faça rodeios. Conte-me o que você realmente pensa a respeito.

— Que merda, Dallas, isso me afetou de verdade. Foi doloroso ver aquela garota sobre uma mesa fria, lembrar de como ela era bonita e do quanto ficou empolgada ao ligar para a amiga contando que estava de saída para se encontrar com esse animal.

Pensando que ia conhecer alguém romântico, um cara legal, droga! Um cara que parecia gente fina, mas estava, o tempo todo, planejando...

— Trepar com ela até matá-la? Não sei se era exatamente esse o plano, mas foi o que acabou acontecendo. Pode ser que consigamos enquadrá-lo por assassinato em primeiro grau e colocar as drogas ilegais como arma do crime. O mais provável, porém, é que isso seja considerado um homicídio culposo. Mas não se descabele, Peabody, porque se conseguirmos levá-lo ao tribunal pelo crime, acrescentarmos o estupro e a tentativa de se livrar do corpo e das provas, garanto que ele nunca mais vai ver a luz do dia.

— Isso não é o bastante. - Peabody se remexeu no banco, surpreendendo Eve e também a si mesma ao exibir lágrimas nos olhos.

— Às vezes a justiça não parece ser suficiente.

Eve olhou para fora do carro através do para-brisa, tentando dar um tempo para Peabody se recompor. Um bando de alunos

saindo de uma escola cortou a calçada em seus skates aéreos, assustando os pedestres que passavam.

Havia algo estranhamente inocente e dolorosamente vivo na alegria e nas cores daquelas crianças, a meio quarteirão da casa dos mortos.

— É o suficiente - disse Eve - porque é tudo o que podemos fazer. Nosso trabalho é defender Bryna Bankhead e prender o homem que a matou. A partir daí... - Ela se lembrou da audiência daquela manhã no tribunal e do advogado de defesa que tentou distorcer a lei.

A partir daí, precisamos ter confiança de que o sistema vai lhe fazer justiça e devemos tirar o caso da cabeça.

Se não tirarmos, os traumas se amontoam. Os mortos se amontoam - acrescentou, quando Peabody olhou para ela - até um ponto em que você não consegue ver mais nada porque as vítimas estão na frente.

— E você os tira da cabeça, Dallas? Consegue fazer isso?

Essa era uma pergunta que a própria Eve evitava fazer para si mesma, embora ela surgisse com frequência.

— Há muitos tiras de homicídios que só conseguem aguentar essa vida durante alguns anos. Eles vêm mortos demais e, depois de um tempo, isso começa a prejudicá-los. Não sei fazer mais nada na vida a não ser isso, então não posso deixar que eles me destruam.

— Soltando um longo suspiro, completou: - E claro que, se o mundo fosse perfeito, haveria a opção da faca enferrujada.

— Quando eu comecei a trabalhar com você, achava que a Divisão de Homicídios era a coisa mais importante que eu poderia almejar na vida. Já se passou quase um ano e eu continuo achando a mesma coisa.

— Ótimo. Eve resolveu enfrentar o tráfego e atacou-o usando o carro como aríete. — Preciso dar uma passadinha na clínica Canal

Street, mas, antes disso, quero ver se os rapazes da DDE fizeram algum progresso.

Ela usou o *tele-link* do painel do veículo para falar diretamente com Feeney em sua sala, e percebeu que Peabody ficou rígida quando o lindo rosto de McNab apareceu na tela.

— Olá, tenente. — Ela sentiu o olhar dele se desviar do seu rosto e notou que o sorriso que se formou nos cantos da boca do detetive eletrônico era tão rígido quanto os ombros da sua auxiliar. —Olá para você também, Peabody.

— Preciso falar com o seu capitão — informou Eve.

— Ele acabou de sair.

— Pois diga a ele para entrar em contato comigo assim que voltar.

— Espere! Espere um instantinho só. - O rosto dele ocupou toda a tela quando se aproximou da câmera. - Não se tira o disco antes da música começar. O capitão me designou para a busca eletrônica do seu caso.

Eve enfiou o veículo em uma brecha que apareceu, trocou de pista e conseguiu avançar meio quarteirão em pouco tempo.

— Esse trabalhinho é muita moleza para um bambambã como você, não acha, McNab?

Pois é... o caso necessitou de um bambambã quando os técnicos empacaram em alguns obstáculos. O seu Casanova cibernético colocou alguns bloqueios, verdadeiras montanhas eletrônicas na máquina da vítima. Eu consegui escalar todas as montanhas, é por ser um bambambã e tudo o mais. Descobri um endereço. '

— Quando é que você vai parar de se gabar para me informar que endereço é esse?

— Bem que eu faria isso, tenente, mas será perda de tempo. O endereço fica nos Cárpatos E, que diabos, qual é a localização disso?

— Os montes Cárpatos são uma cadeia de montanhas que se localiza na Europa oriental. Sei disso porque fui pesquisar — disse

McNab, balançando ligeiramente o rabo de cavalo louro. — Antes que a senhora me pergunte que diabos o nosso assassino está fazendo no alto de uma montanha na Europa oriental, aviso que ele não está lá. Trata-se de um provedor fictício. O endereço eletrônico dele é tão falso quanto os peitos da minha prima Sheila.

— Descobrir isso não me parece grande coisa, McNab.

— Pois saiba, Dallas, que o que eu fiz para descobrir tudo é o equivalente a escalar o Everest. Percebi um sinal rebatido a partir do endereço falso e estou perseguindo esse eco. Devo achar a localização exata em mais uma hora de trabalho.

— Então não me ligue até descobrir o ponto exato. Mais uma coisa, McNab: saiba que qualquer cara que conheça detalhes sobre os peitos da prima é um pervertido.

Eve desligou, fazendo desaparecer a gargalhada que ele soltou.

— Ele pode ser irritante - disse a Peabody -, mas é muito bom no que faz. Vai localizar o local da transmissão. Aliás, se isso está dando tanto trabalho para um cara como McNab, significa que o nosso suspeito é um hacker de primeira.

Ele se protegeu para entrar em contato com a vítima, e isso, diante do tribunal, vai colocar mais um prego no caixão dele, como se costuma dizer por aqui.

Eve olhou para Peabody, meio de lado.

— Quer desfazer essa tromba, por favor?

— Não estou de tromba.

Sibilando baixinho, Eve abaixou o espelho diante do banco do carona.

— Olhe para a sua cara. Quer que McNab perceba que você faz biquinhos sempre que precisa lidar com ele? Demonstre um pouco de orgulho, Peabody.

Avaliando o próprio rosto, Peabody notou que a tromba se transformara em um biquinho ao ouvir as palavras de Eve. Na mesma hora, fechou o espelho.

— Eu estava apenas pensando, tenente. Eve pegou um retorno, seguiu rumo à clínica Canal Street e assou junto de um camelódromo, onde muitas barraquinhas ofereciam objetos caros quase de graça e o mercado negro de todo tipo de mercadoria faturava alto. Os turistas eram sempre enganados ali e depois iam dar queixa contra barracas que desapareciam no ar com mais eficiência do que um teatro ambulante.

Por outro lado, Eve achava que, se uma pessoa era idiota o bastante para acreditar que podia comprar um Rolex pelo preço de uma pizza, merecia ser tapeado.

Alguns quarteirões adiante, o carnaval deu lugar a um espaço decadente, dedicado aos sem-teto e aos esquecidos pela sociedade. Moradores de rua erguiam barracos e tendas, formando pequenas comunidades de gente desesperada. Os que tinham licença para mendigar, e muitos dos que não tinham, circulavam pela área tentando reunir fichas de crédito suficientes para comprar uma garrafa de bebida falsa e passar mais uma noite.

Os que não sobreviviam até o dia seguinte eram levados para o necrotério em um camburão por policiais que receberam o apelido pouco amigável de Lixeiros de Calçada.

Por mais que eles fossem recolhidos e cremados às custas do contribuinte, novos moradores de rua chegavam, todos os dias, para substituí-los.

Esse era um ciclo de terror que ninguém, particularmente as autoridades, conseguia interromper.

E era ali, no meio da sujeira e do desespero, que Louise Dimatto dirigia a clínica Canal Street. *Ela também não conseguia romper o ciclo, avaliou Eve, mas fazia a roda gigante movida a dor girar de forma um pouco menos dolorosa para algumas pessoas.*

Em uma área em que até os sapatos de alguém eram foco de interesse para os ladrões, era arriscado estacionar um carro, a não que ele fosse cercado por andróides usando coletes à prova de bala e

portando armas e foguetes a laser. As viaturas daquela região exibiam, ao volante, figuras exatamente assim.

O lado bom é que havia lugares de sobra para estacionar.

Eve parou junto ao meio-fio, atrás de um amontoado de metal que, um dia, fora um sedã. Como tudo o que sobrara do veículo era uma parte do chassi e um para-brisa quebrado, não dava para ter certeza.

Ela saltou e, em meio ao vapor denso que subia de um dos respiradouros do metrô, trancou as portas e ativou todos os alarmes. Em seguida se colocou em pé ao lado do veículo, na calçada, e olhou para todos os lados. Havia vários vagabundos encostados em portais e uma acompanhante licenciada de rua, dolorosamente magra, tentava conseguir clientes.

— Atenção, todos! Sou a tenente Dallas, do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York. - Ela não gritou, mas ergueu a voz o bastante para fazer todos os rostos se voltarem em sua direção. - Este monte de merda ao meu lado é a minha viatura oficial. Se este cagalhão verde não estiver no lugar exato onde o deixei quando eu voltar, e também nas mesmas condições em que se encontra, trarei um esquadrão de ataque para revistar todas as pessoas e locais de moradia em um raio de cinco quarteirões, e eles virão acompanhados de cães farejadores, que vão desentocar para confisco qualquer mercadoria escondida. Garanto a todos que será uma experiência muito desagradável.

— Essa tira é uma vaca!

Rastreando o lugar de onde viera o insulto, Eve ergueu a cabeça na direção da janela do terceiro andar de um prédio do outro lado da rua.

— Policial Peabody, quer confirmar a opinião deste babaca?

— Sim, senhora tenente. O babaca está absolutamente correto.

A senhora é a vaca suprema de todas as tiras.

— E o que acontecerá se alguma pessoa encostar a mão em minha viatura?

— A senhora tornará a vida dessa criatura um verdadeiro inferno. Transformará as vidas dos amigos da criatura, e também dos familiares, em um verdadeiro inferno. Além disso, senhora, seus vizinhos que lhe são completos estranhos também terão suas vidas transformadas em um inferno completo.

— Sim- confirmou Eve, exibindo um sorriso frio e satisfeito.

— Vou fazer isso mesmo! - Ela deu meia-volta e caminhou com determinação rumo à porta da clínica.

— E vai adorar fazer isso - resmungou Peabody.

— Certo, Peabody, já entendi, pode baixar a bola. - Eve escancarou a porta e entrou.

Por um instante, Eve supôs que tivesse entrado no lugar errado. Pelas visitas que fizera àquele local durante o inverno, alguns meses antes, Eve se lembrava bem da sala de espera caindo aos pedaços, das paredes imundas e da mobília frágil, desengonçada e totalmente inadequada.

Agora, no lugar daquilo, o que se via era um espaço amplo, organizado e separado por divisórias de um metro de altura, enfeitado por lindas plantas verdes e brilhantes que se espalhavam a partir de vasos grandes de cerâmica lisa. Poltronas e sofás haviam sido instalados dos dois lados, e embora todos os lugares estivessem ocupados, havia um senso de ordem.

As paredes haviam sido pintadas em um tom de verde quase branco. Estavam decoradas por quadros emoldurados que exibiam imagens obviamente desenhadas por crianças.

Havia o som das tosses secas, o arfar ofegante e os gemidos baixinhos de pessoas doentes e feridas. Mas não havia, como Eve percebera no inverno, a sensação pendente de irritação e desespero.

Enquanto vistoriava a sala com os olhos, uma mulher com um jaleco da mesma cor das paredes apareceu em uma das portas e se

dirigiu a uma das mulheres.

— Sra. Lasio, a doutora vai consultá-la neste momento. Enquanto a paciente entrava para ser atendida, Eve foi até a janela a da recepção.

Do lado de fora deu para ver que ali também o equipamento era novo e havia a mesma sensação de eficiência e que permeava a sala de espera ordem. Um rapaz no balcão de atendimento exibia um rosto jovial, inocente como o de uma flor do campo. Tinha no máximo vinte anos, avaliou Eve, ao vê-lo sorrir para ela.

— Boa-tarde. Podemos ajudá-la em alguma coisa?

— Preciso ver a Dra. Dimatto.

— Sim, senhora. Receio que a Dra. Dimatto esteja com todos os seus horários tomados pelo resto da tarde. Caso seja algum caso de emergência, nós poderemos...

— Não, não, trata-se de assunto pessoal. - Eve exibiu o distintivo e o colocou sobre o balcão. - Assunto oficial, na verdade. Se ela estiver muito ocupada, peça para entrar em contato comigo assim que tiver alguns minutos livres. Sou a tenente Dallas, da Central de Polícia.

— Ah, tenente Dallas? A dra. Dimatto avisou que a senhora talvez passasse aqui. Ela está atendendo uma paciente. A senhora se incomodaria de esperar alguns minutos? Pode ficar na sala particular da doutora enquanto aguarda. Deixe-me acompanhá-la até lá, tenente, e em seguida informarei a doutora da sua chegada.

— Obrigada.

Ele apertou um botão e a porta ao lado do balcão se abriu eletronicamente. Havia várias portas nos dois lados ao longo de um corredor, e Eve supôs que fossem salas para exames. No fim do corredor o espaço se abria e diversos equipamentos de laboratório haviam sido instalados sobre balcões ao longo da parede. Vindo de algum lugar, ouviu-se a gargalhada de uma criança.

— A clínica foi reformada e cresceu muito — elogiou Eve.

— Sim. A Dra. Dimatto conseguiu comprar o prédio que ficava ao lado da clínica original. -Sorrindo sem parar, o atendente levou as visitantes em frente e entrou em outro corredor. — A doutora expandiu a clínica, melhorou os equipamentos e acrescentou serviços de pediatria. Agora nós temos seis médicos trabalhando aqui, dois em horário integral e quatro em sistema de plantões, além de um laboratório totalmente equipado.

Ela abriu a porta de uma sala e completou:

— A Dra. Dimatto é o anjo da Canal Street. Por favor, sirva-se, do auto chef à vontade. Ela virá vê-la assim que puder.

A sala de Louise não mudara em quase nada, reparou Eve. Ainda era pequena, apertada e entulhada. Parecia muito com a sala da própria Eve na Central.

— Puxa, ela fez uma obra e tanto aqui - comentou Peabody.

— Dever ter custado uns dois milhões de dólares.

— Talvez mais. - Como Eve havia feito uma doação para Louise (uma doação que, na verdade, fora uma espécie de propina) no valor de quinhentos mil dólares para serem usados na clínica, imaginou que o anjo da Canal Street devia ter feito alguma campanha intensa de arrecadação de mais fundos para a obra, e em um espaço de tempo relativamente curto.

— Puxa, este lugar está mais bem equipado e administrado do que o centro médico do bairro onde eu moro. - Peabody apertou os lábios. - Dá até vontade de trocar.

— É... pode ser. — Para Eve os ambulatórios eram todos iguais. Vácuos infernais. - Pegue o bloco de anotações, Peabody, para deixar uma mensagem para a doutora. Quero voltar à Central.

— Meu bloco deve estar por aqui — disse Peabody, procurando nos bolsos. Nesse instante, porém, Louise entrou na sala.

— Consegui cinco minutos, mas preciso de café. — Ela foi direto para o AutoChef. — Conte-me tudo enquanto eu reabasteço o tanque.

— Você conhecia Bryna Bankhead?

— Não.

Cadê a foto, Peabody? — Eve pegou a foto da vítima que Peabody apanhou na pasta e a estendeu. — Você a reconhece?

Louise segurou o café com uma das mãos, passou a outra pelos cabelos em desalinho e franziu a testa ao olhar para a foto. Um telescópio e a ponta de um pirulito vermelho saíram do bolso inferior do seu jaleco.

— Sim — reconheceu ela. — Subi no elevador com essa moça algumas vezes, e já a vi no mercado perto de casa. Devo até tê-la cumprimentado, como fazemos com vizinhos que não temos tempo de conhecer melhor. Ela foi assassinada?

— Foi. - Eve exibiu a foto do suspeito. — Você o conhece?

— Não. - Louise pousou o café e pegou a foto para vê-la mais de perto. - Tenho certeza de que nunca o vi antes. Ele a matou? Por quê?

Eve devolveu as fotos a Peabody.

— Doutora, alguma vez você já tratou de algum usuário de drogas indutoras de sexo? Vadia ou Coelho Louco, por exemplo?

— Sim. Em meu plantão no pronto-socorro aparecem alguns usuários de Coelho Louco várias vezes por mês. Geralmente são derivados do Coelho ou um combo de Exótica com Zeus, porque a droga pura é muito cara. Nunca apareceu nenhum usuário de Vadia por aqui, nem sei de nenhum caso. Estudamos essa droga e os seus derivados na especialização em drogas ilegais, mas o Vadia está na lista de substâncias banidas deste país.

— Pois não está mais.

— Foi isso que ele deu a ela? Ele a dopou com uma dose de Vadia? Misturada com Coelho Louco? Por Deus! — Ela esfregou as mãos no rosto. — Provavelmente foram adicionadas a uma bebida alcoólica. Era mais fácil estourar os miolos dela com uma arma a laser.

— Dá para investigar na sua área e perguntar a alguns médicos amigos seus se eles já atenderam algum caso onde houve reaparecimento do Vadia?

— Tudo bem, eu pergunto, claro. Deve ter sido um homem que batizou o Vadia com esse nome, não acha? Você sabe como essa droga foi descoberta, Dallas?

— Não. Como foi?

— Era um tratamento experimental para pessoas com fobias e problemas de ansiedade comportamental. A substância era boa para curar isso, boa demais até.

— O que quer dizer?

— Ela também fazia efeito sobre os hormônios. Descobriram funcionava de forma mais eficaz como auxiliar para tratamento da desordens comportamentais de cunho sexual. Em doses diluídas cuidadosamente monitoradas, aumentava o apetite e as funções sexuais.

A partir daí, começou a ser usada como auxiliar no tratamento de acompanhantes licenciadas. Embora a substância não criasse vício, os cientistas logo descobriram que ela era perigosamente instável. Como era de imaginar, ela se tornou muito popular entre universitários riquinhos e jovens executivos que tiveram a ideia de despejar uma dose no drinque da garota dos seus sonhos, a fim de deixá-la mais solta. — Ela engoliu a raiva que sentia subir pela garganta com a ajuda de mais um gole de café.

— Foi assim que a droga conseguiu esse nome — continuou. - Ao ser misturada com álcool, ela tende a liberar o organismo de tal forma que a mulher que aingere aceitaria tirar a roupa e ser comida em pleno ringue de patinação no gelo do Rockefeller Center.

A vítima não teria muita coordenação motora para participar ativamente do sexo e provavelmente não se lembraria de nada no dia seguinte, mas aceitaria tudo numa boa.

— E quanto ao Coelho Louco?

— Ah, nesse caso a vítima seria capaz de dar para todos os fuzileiros navais da marinha americana, até apagar de repente, com os batimentos cardíacos nas alturas e as ondas cerebrais formando uma linha reta.

— Um médico reconheceria os sintomas? - quis saber Eve. - um químico, um farmacêutico, uma enfermeira ou um paramédico, qualquer pessoa com o mínimo de conhecimento de farmacologia saberia que essa combinação é fatal?

— Sim, qualquer um desses saberia. A não ser que fosse um idiota ou simplesmente não desse a mínima para o lance e quisesse apenas que a festa continuasse.

— Tudo bem. Pergunte por aí, Louise. Se alguém tiver visto alguma coisa, entre em contato comigo.

— Pode deixar.

— Você fez um bom trabalho aqui na clínica, doutora — elogiou Eve.

— Tomara que sim. — Louise terminou o café e atirou o copo na lata de reciclagem com precisão. — Seus três milhões de dólares vieram bem a calhar.

— Três milhões?

— Eu estava toda feliz com os quinhentos mil que você concordou em doar em troca da minha ajuda. Não esperava o bônus.

— Quando foi... — Eve passou a língua por sobre os dentes, pensativa. — Quando foi mesmo que eu lhe dei esse bônus?

Louise abriu a boca para responder, mas tornou a fechá-la e sorriu.

— Por que será que eu estou com a impressão de que você não fazia a mínima ideia desse bônus?

— Vamos lá, refresque a minha memória, Louise. Quando foi que eu doei três milhões de dólares para a sua clínica?

— Nunca. Mas uma pessoa doou em seu nome, no fim de fevereiro.

— E quem é essa pessoa?

— Um cara chamado Treacle. Muito elegante, usando um terno caro. Trabalha na firma de advocacia Montblanc, Cissler & Treacle. Ele me enviou duas parcelas, a primeira no valor de meio milhão, como havíamos combinado, e a outra no valor de dois milhões e meio de dólares, sob a condição de que prestasse serviços comunitários para o *Dochas*, um centro recém-inaugurado de apoio a mulheres e crianças vítimas de abuso.

Ele fica no Lower East Side. *Dochas* — completou ela, sorrindo de leve — significa, segundo eu descobri, *esperança* em idioma galês.

— É mesmo?

— É... Você tem um marido maravilhoso, Dallas. Se algum dia enjoar dele, posso livrá-la desse fardo.

— Pode deixar que eu vou me lembrar disso.

— Você deu a ela toda aquela grana? — perguntou Peabody, com ar esbaforido, correndo atrás de Eve.

— Não, eu não dei dinheiro nenhum a ela porque o dinheiro nem é meu, certo? É dinheiro do Roarke. Sou uma tira, droga. Uma tira não tem estações espaciais transbordando de grana para fazer gestos de grandeza como esse.

— Eu sei, mas mesmo assim... Isso te deixa chateada?

Eve parou na calçada e respirou fundo.

— Eu já nem sei mais o que me deixa chateada, Peabody. — Dizendo isso, Eve chutou a base de um poste de iluminação, por pura raiva. - Ele podia ter me contado sobre isso, não podia? Ele podia me manter informada, quanto mais não fosse para eu não entrar em um tipo de situação como essa e sair com cara de idiota.

Peabody olhou para a clínica atrás delas e seu coração entrou em modo meloso.

— Acho que foi um gesto maravilhoso.

— Não me contradiga, Peabody. Já esqueceu que eu sou a vaca suprema de todas as tiras?

— Não, senhora. E como o seu veículo se encontra exatamente no local em que o deixamos, e também nas mesmas condições, acho que o povo das redondezas também não esqueceu.

— Que pena! — Com ar melancólico, Eve olhou em volta. — Eu bem que gostaria de distribuir algumas porradas.

De volta à sua sala na Central, Eve pegou uma barra de cereais à guisa do almoço franziu o cenho, puxou os dados sobre as substâncias químicas relacionadas com o caso Bankhead, fechou a cara um pouco mais e então resolveu ligar para McNab, a fim de atormentá-lo.

— Quero o endereço

— E que tal se eu lhe der vinte e três endereços?

— Que diabos você quer dizer com isso?

— Escute, vou reservar uma das salas de reunião, porque a sua sala é menor que uma caixa de sapatos. Vou pegar uma das que ficam no seu andar — informou ele, trabalhando no teclado enquanto falava. — Humm... sala 426. Vou usar o seu nome para facilitar as coisas.

— McNab...

— Vai ser mais fácil e rápido explicar tudo pessoalmente. Me dê cinco minutos para chegar lá.

Ele desligou na cara dela, que não teve outra opção senão rugir para Peabody:

— Sala de reuniões 426. Agora! — ordenou ela. Eve saiu ventando de sua sala, passou pelo salão de registro de ocorrências e o seu olhar fulminante desencorajou qualquer dos colegas a falar com ela. Ao entrar na sala de reuniões, Eve já estava soltando fumaça pelos ouvidos e só precisava de um alvo fácil para despejar sua raiva.

Por pura falta de sorte, Feeney foi o primeiro a entrar na sala.

— Que tipo de divisão você chefia? — quis saber ela. — McNab está cagando ordens pra cima de mim, agora? Batendo com o *tele-*

*link* na minha cara? Agendando salas em *meu* nome, por iniciativa própria e... e se recusando a me informar dados quando recebe ordem para fazê-lo?

— Segure sua onda, Dallas. Sou apenas um observador inocente.

— Isso é mau, porque quem está de fora é quem acaba sangrando. Encolhendo os ombros, Feeney remexeu no bolso em busca do famoso saquinho de amêndoas açucaradas.

— Tudo o que sei é que ele me ligou e pediu para eu dar uma passada aqui, pois quer fazer um relatório verbal para nós dois ao mesmo tempo.

— Sou a investigadora principal do caso. A DDE foi chamada para me prestar assistência e consultoria. Ainda não montei uma força-tarefa para esse caso. Aliás, nem mesmo recebi autorização do comandante para fazer isso. Até eu decidir o contrário, McNab é um subalterno e não mais que isso.

Feeney parou de mexer no saquinho, virou a cabeça meio de lado e perguntou:

— Isso vale para mim também, tenente?

— Sua patente não vale porra nenhuma quando eu estou como investigadora principal de um caso. Se você não consegue ensinar os seus subordinados a se comportarem com ordem e seguir os procedimentos padrões, então talvez a sua patente também não signifique porra nenhuma para quem trabalha na sua divisão.

Ele voou na direção de Dallas até seus sapatos se encostarem nas botas dela, e então se inclinou até as pontas dos narizes se tocarem.

— Não venha me ensinar a comandar minha divisão, Dallas. Eu treinei você e posso muito bem te esculachar, se for preciso. Não se esqueça disso e não comece a achar que pode botar banca pra cima de mim.

— Saia da minha frente, Feeney!

— Qual é? Que porra é essa, Dallas? — Se você tem algum problema com o meu estilo de comando, por que não despeja tudo na minha cara, tintim por tintim?

Algo na cabeça dela parecia estar prestes a explodir. Por que ela não percebera isso antes? Uma coisa qualquer em seu coração gritava alto, mas ela não ouvira. Por causa disso, foi ela quem recuou, dando um passo atrás, com cautela.

— Ele a drogou com Vadia e Coelho Louco, Feeney. Ele cobriu a cama dela com pétalas de rosa e trepou com ela até a coitada morrer. Depois ele a jogou pela varanda e a pobre mulher caiu destroçada e nua sobre a calçada.

— Por Deus, Dallas! — Um tom de pena tomou conta da sua voz.

— Acho que isso estava entalado na minha garganta desde que Morris me contou, um pouco mais cedo. Desculpe por eu ter desatado a raiva em você.

— Deixa pra lá. Quando aparece um caso que nos afeta mais que os outros, é bom ir à forra com alguém.

— Tenho a foto dele e o seu DNA. Tenho as transmissões dele para ela. Sei até em qual mesa da boate ele despejou a primeira dose de Vadia no drinque dela. Um drinque que ela mesma pagou com seu cartão de débito. Só não tenho o safado.

— Vai ter. — Ele se virou quando Peabody entrou, um passo à frente de McNab. Ambos vinham com o rosto muito vermelho.

— Detetive McNab, você solicitou autorização da investigadora principal do caso para ocupar esta sala? McNab piscou.

— Eu precisava...

— Responda à pergunta.

— Não exatamente, capitão Feeney. — Ele nem precisou olhar para Peabody para perceber o risinho feliz que ela exibia. — Peço desculpas por passar por cima da sua autoridade, tenente Dallas. A informação que eu preciso... ahn... lhes repassar é muito importante

para a investigação, e esse objetivo será mais fácil de alcançar frente a frente do que através de transmissões interdepartamentais.

O rubor acentuado que ela viu subindo pela garganta de McNab e se espalhando pelo seu rosto foi o bastante para deixar Eve satisfeita.

— Muito bem. Repasse a informação, detetive McNab.

— Sim, senhora. — Era difícil parecer duro e frio usando calças vermelho cereja e uma blusa muito apertada em um tom marcante de amarelo, mas McNab quase conseguiu. — Ao rastrear a conta do suspeito, a partir da localização falsa, consegui determinar o nome usado para registrar aquela conta. Supomos que ela pertença a uma empresa chamada La Belle Dame.

— Supomos? — perguntou Eve.

— Sim, senhora. Não existe firma nem empresa sob esse nome registrada no estado de Nova York. O endereço que informaram ao abrir a conta é, na verdade, a Grand Central Station.

— E por que motivo eu devo demonstrar empolgação por essa informação? - Bem, eu me dei ao trabalho de separar as trilhas que ele deixou para e descobri os verdadeiros locais a partir dos quais as transmissões foram feitas. Até agora desencavei vinte e três locais. Todos em cibercafés e clubes de Manhattan, do Queens e do Brooklyn.

Só encontrei esses, até agora — repetiu ele. — O cara lá de um lado para outro, envia e recebe mensagens de um monte de lugares públicos. O único e-mail enviado e recebido a partir do endereço que estava na tela veio com o nome de Bryna Bankhead.

— Então ele criou uma conta de e-mail para ela — murmurou Eve.

— Uma conta múltipla pode aparecer no sistema sob vários nomes — explicou McNab. — Não consegui desmembrar os blocos e isolar um ponto. Até agora, pelo menos. Quem criou essa conta

múltipla manja muito de informática. Moral da história: ele é competente e muito cuidadoso.

— A melhor amiga de Bryna não o reconheceu pela foto. Até agora, nenhuma das pessoas do prédio conseguiu reconhecê-lo. — Eve caminhou de um lado para outro. — Se nem a própria vítima o conhecia e ninguém o viu no prédio nem nas redondezas, temos de supor que ele a escolheu a partir das salas de bate-papo virtual.

— Ele sabia onde ela trabalhava — lembrou Peabody.

— Mas ela não o conhecia, e a colega que trabalha na mesma seção da loja também não pode ser que ele seja um cliente casual. Se fosse um cliente habitual ou um funcionário da loja que passasse parte do seu tempo ali, elas certamente teriam reparado. Dá para sacar de longe os homens que ficam circulando nas seções de moda íntima feminina. Mesmo assim, vamos mostrar a foto dele para o pessoal de recursos humanos da empresa.

Então ele usa lugares públicos — continuou Eve. — Ele gosta de enturmar com as pessoas ou está se escondendo bem debaixo do nariz de todo mundo. Talvez as duas possibilidades. Vamos circular a foto dele pelos cibercafés."

— Tenente? Sabe quantos pontos de acesso público à internet existem em Nova York? — perguntou McNab, juntando os dedos em um gesto que significava "muitos".

— Não sei nem quero saber, mas você pode fazer um levantamento de quantos são, enquanto visita cada um deles. — Ela olhou para Feeney. — Você está dentro se o comandante Whitney autorizar?

— Eu diria que já estamos todos dentro.

— Faça uma lista — ordenou a McNab. — Vamos nos dividir em dois pares. — Ela suspirou de leve. — McNab e Feeney são especialistas nessa área e vamos precisar de ambos. — Vou perguntar uma coisa importante, e vou perguntar uma única vez. Há alguém

com problemas em trabalhar ao lado de algum dos membros desta equipe?

McNab olhou para cima, como se estivesse fascinado com o tom quase branco e muito sem graça da tinta do teto. Peabody ficou de olhos grudados nos sapatos.

— Vou aceitar isso como um "não". Peabody, você vai com McNab; Feeney fica comigo. Vocês vão para o West Side, eu e Feeney começamos pelo East Side. Vamos procurar no máximo de locais com internet até— Eve olhou para seu relógio de pulso e calculou o tempo —Nove da noite. Voltaremos a nos encontrar no escritório de minha casa amanhã, às oito da manhã, para uma reunião de avaliação. Feeney, vamos agitar tudo com Whitney.

Feeney saiu da sala logo atrás de Eve, cochichando:

— Você bem que podia ter dividido os grupos de forma diferente.

— Podia, sim. — Ela olhou para trás, torcendo para não ter cometido um erro. — Talvez os dois cheguem a um acordo e todos nós possamos voltar ao normal.

Ele avaliou a chance de isso acontecer enquanto entravam na passarela rolante.

— Dallas, eu aposto vinte paus em Peabody.

— Merda —Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Tudo bem, eu vou ser obrigada a apostar naquele "bunda magra" do McNab quero uma vantagem. Três para cinco. Combinado?

Na sala de reuniões, Peabody e McNab continuavam exatamente na mesma posição.

— Eu não tenho problema nenhum em trabalhar com voce — disse McNab.

— E por que teria? Quanto a mim, também dá na mesma trabalhar com você ou não.

— Ótimo.

— Ótimo!

Eles continuaram olhando para o teto e para os sapatos, respectivamente, por mais vinte segundos. McNab foi o primeiro a falar.

— De qualquer modo, é você que anda me evitando, mesmo.

— Eu não! Por que faria isso? Você já era há muito tempo.

— E quem está dizendo o contrário? — Mas o magoava muito ouvi-la dizer isso com tanta frieza e distância, pois ele ainda pensava nela o tempo todo.

— Se acha que eu ando evitando você, por que faz tanta questão de chamar a minha atenção?

— Qual é? Chamar a sua atenção para quê? Sou um cara ocupado, Peabody. Ocupado demais para me ligar em uma policial toda cheia de onda que se diverte com acompanhantes licenciados.

— Deixe Charles fora dessa história! — Ela se ergueu num pulo, com o sangue fervendo e uma pequena mágoa a mais no coração.

— Eu não preciso contratar profissionais. Dou conta de todas as amadoras que aparecem na minha frente. — Esticando as pernas, armou um sorriso de desdém. — Só que nada disso vem ao acaso. Recebemos uma missão e temos de cumpri-la. Se você conseguir lidar com a situação, é claro

— Posso lidar com qualquer coisa que você encare. Até mais.

— Excelente, então. Vou imprimir a lista e podemos cair dentro

## Capítulo Quatro

Você não sabe como é o rosto dele, Dallas.

Eve olhou de cara feia para Dickie Berenski, o chefe do laboratório. Ele tinha um sorriso de bajulação e o jeitão de quem se achava um conquistador irresistível. Tinha o apelido não muito afetuoso de Cabeção, mas a verdade é que o cara era um gênio em seu pequeno mundo de fibras, fluidos e folículos.

— Estou em campo com a foto do suspeito e você me chama aqui para me dizer que eu não sei como é o rosto dele?

— Achei que você devia saber desse detalhe. - Cabeção se afastou da mesa de trabalho dando um impulso para trás na cadeira giratória, que foi rodando suavemente até parar diante de outro monitor. Seus dedos finos, rápidos como pernas de aranha, dançavam sobre o teclado. — Está vendo isso aqui?

Eve olhou para a imagem desbotada no monitor.

— Estou vendo. É um cabelo!

— Ponto para a tenente! Mas que tipo de cabelo?, você poderia perguntar, e eu vou responder. Ele não caiu da cabeça do assassino da vítima. Aliás, não saiu de nenhuma parte do corpo de nenhum dos dois. Veio de uma peruca. daquelas caríssimas, feitas com cabelo humano.

— Era para descobrir a origem dela?

— Estou correndo atrás. — Ele rolou com a cadeira pela sala até a outra mesa. — Sabe o que é isto aqui?

Havia formas coloridas, círculos e fórmulas no monitor. Eve expirou **com** força. Ela odiava brincar de adivinhar, mas sabia entrar **no** jogo quando lidava com Berenski.

— Não, Cabeção. Por que você não me conta logo o que é?

— Maquiagem, Dallas. Base número 905/4. Traços do creme foram encontrados nos lençóis da cama.

O produto não combina com o que a garota morta usava. Tem mais. - Ele trocou a imagem. - Temos vestígios de massa cosmética.

É aquele troço que os maquiadores usam para moldar maçãs do rosto e aumentar queixos, quando a pessoa não quer mudanças permanentes por escultura facial e procedimentos desse tipo.

— E a vítima não usava esse tipo de maquiagem, certo?

— Outro ponto para a tenente! O suspeito usou peruca, massa cosmética e maquiagem por cima. Portanto, você não sabe como é o rosto dele.

— Puxa, que notícia maravilhosa, Cabeção. Tem mais alguma?

— Achei dois pelos pubianos. Verdadeiros, em tom castanho. Acho que vou poder lhe dar mais detalhes sobre o dono, ou a dona, depois de analisá-los melhor.

Consegui impressões digitais nos cálices de vinho, na garrafa, no corpo, nas portas da varanda e na grade além de outras aqui e ali. Se você o pegar, vamos poder enjaulá-lo com facilidade.

— Mande tudo que conseguir. Rastreie as marcas dos produtos. Quero todos os dados até amanhã de manhã.

— Ei - ele gritou, quando ela já estava saindo. - Você podia pelo menos dizer obrigada". Tá —Obrigada. Droga!

Ela deixou as novas informações agindo em sua cabeça, tentando enxergar que tipo de homem morava dentro do assassino que tinha em mãos. Seu receio era já saber. Tratava-se de um homem esperto.

Tão esperto que conseguiu mudar sua aparência de tal modo que as câmeras de segurança e Bryna Bankhead não o identificaram. Mas ele não a levava para jantar fora e a trouxera de volta ao apartamento com o intuito de matá-la. Disso, Eve tinha certeza. A intenção dele era seduzi-la.

Mas as coisas escaparam ao seu controle, refletiu, e ele acabou com uma morta sobre um monte de pétalas de rosa. Sua reação foi de raiva ou pânico e ele a atirou do décimo segundo andar. Essa ideia do pânico é que atraiu a atenção de Eve. Não foi uma expressão de raiva o que ela viu no rosto do homem que saiu do apartamento.

Ele tinha grana ou acesso a muito dinheiro. Depois de mais de um ano em companhia de Roarke, Eve sacava os sinais.

Ela reconheceu o corte exclusivo do terno espetacular que ele usava, e também o brilho inigualável de seus sapatos de boa qualidade.

Mas ele deixara que Bryna pagasse pelos drinques. Dois coelhos com uma só cajadada, pensou Eve. Nenhuma trilha a ser rastreada e a massagem no ego ao ver uma mulher pagando o seu drink.

O suspeito tinha profundos conhecimentos de informática e noções de química. Ou, pelo menos, acesso a esses recursos.

Sofria de algum desvio sexual. Talvez inadequação, quem sabe impotência, sob circunstâncias normais. Era solteiro, decidiu ela, ao se aproximar dos portões de casa. Era pouco provável que tivesse tido relacionamentos saudáveis ou de longo prazo no passado. Não que ele estivesse à procura de uma relação desse tipo. O que ele queria era controle completo. Os acessórios românticos eram unicamente para seu próprio benefício, e não dela.

Uma ilusão, decidiu Eve. A fantasia dele. Para ele poder se imaginar como um grande amante. Que ele alcançara tal nível de controle, faria uma de duas coisas.

Ele se esconderia com medo e culpa pelo que fizera. Ou sairia à caça novamente.

Predadores, como Eve sabia por experiência, quase nunca paravam na primeira vítima.

A casa onde Eve morava apareceu diante dela com sua silhueta elegante e seus ângulos sofisticados atenuados pela luz do

crepúsculo Luzes estavam acesas em muitas janelas, tantas que não dava para contar. Árvores ornamentais e arbustos dos quais ela nem sequer conhecia o nome floresciam com a força da primavera, perfumando o ar de forma tão delicada e completa que dava quase para esquecer que ela estava em plena cidade de Nova York.

Às vezes, Eve pensava naquele espaço estranho e perfeito, oculto por muros de pedras e portões de ferro, como um país independente. Ela simplesmente morava nesse país, quase por casualidade.

Mas tinha aprendido a amar aquele lugar. Um ano antes, acharia isso impossível.

É claro que admirara a residência, mas ficara intimidada e ao mesmo tempo fascinada pelo espaço, com sua beleza óbvia e seus intermináveis salões e relíquias. O amor pela casa a atraía e a fizera permanecer. Do mesmo modo, o amor pelo homem da casa a agarrou com determinação. Para não largar mais.

Saber que ele não estava lá dentro quase a fez dar meia-volta e fugir. Ela poderia passar a noite na Central.

Como essa ideia a deprimiu, pois a fez lembrar que era exatamente isso que ela fazia antes de sua vida se abrir para Roarke.

Eve parou o carro diante da casa.

Subiu os velhos degraus de pedra, escancarou a grandiosa porta a frente, saiu da noite que caía e se viu em meio à luz glamourosa do saguão principal.

Sempre Summerset um corvo magricela vestindo a roupa preta de sempre, estava em pé, à espera. Seu rosto duro combinava com sua voz de pedra.

— Tenente. A senhora saiu de casa no meio da noite passada não me informou quando planejava retornar.

— Puxa, papai, vou ficar de castigo?

Como sabia que isso iria irritar Summerset, e irritar o mordomo sargento de Roarke era um dos prazeres de sua vida, Eve despiu a

jaqueta e a jogou sobre o pilar muito polido que ficava no primeiro degrau da escadaria principal.

Como sabia que iria irritar Eve, e irritar a tira com quem Roarke se casara era um dos grandes prazeres de sua vida, Summerset ergueu a surrada jaqueta usando apenas dois dedos, como se ela fosse um pano de chão imundo.

— Informar o administrador da casa sobre suas idas e vindas é uma cortesia básica que naturalmente uma mulher como a senhora não teria capacidade de compreender.

— Isso mesmo! Já vi que a gente consegue se entender. A verdade é que eu estive me esbaldando em baladas a noite toda. Sabe como é... quando o gato não está em casa, os ratos fazem a festa. - Eve sentiu vontade de perguntar se Summerset sabia quando Roarke iria voltar, mas não conseguiu fazê-lo.

O mordomo era bem capaz de saber o dia exato da volta do patrão, refletiu, enquanto subia as escadas. Ele sempre sabia de tudo. Ela poderia ligar para Roarke e perguntar diretamente a ele, mas isso a faria se sentir meio idiota. Afinal de contas, ela conversara com ele havia menos de vinte e quatro horas. Roarke dissera que esperava resolver as coisas pendentes e voltar para casa dali a dois dias.

Ela entrou no quarto, pensou em tomar uma ducha ou, talvez, comer alguma coisa. Acabou decidindo que não estava a fim nem de uma coisa nem de outra. O melhor seria ir direto para o seu escritório doméstico, a fim de rodar alguns programas de probabilidade' e reler todas as anotações do caso. Desafivelou o coldre e flexionou os ombros. Sentiu que mergulhar no trabalho também não era a resposta para o seu vazio.

Do que ela precisava era um tempo para meditar.

Muito raro Eve subir para os jardins suspensos do terraço. Não gostava de alturas. O problema é que, apesar da imensidão da casa ficar lá dentro não ia lhe proporcionar aconchego. Talvez um pouco de ar fresco lhe clareasse as ideias. Ela abriu o domo e viu a luz do

luar se espalhar sobre as pequenas árvores e os exuberantes arbustos que subiam ou transbordavam de vasos imensos. Uma fonte gorgolejava sobre um lago onde peixes exóticos circulavam rapidamente, como jóias.

Caminhou com toda a calma do mundo rumo à parede que se abria em semicírculo naquela parte do terraço, cheia de relevos de fadas aladas.

Eles haviam promovido festas ali em cima várias vezes, lembrou Eve. Para um homem na posição de Roarke, receber pessoas era questão de trabalho. Uma tarefa que, por motivos que escapavam à sua compreensão, ele parecia apreciar de verdade.

Eve não se lembrava de ter ido alguma vez até aqueles jardins sozinha nem, pensando bem, acompanhada unicamente por Roarke. Pegou-se perguntando a si mesma quem é que cuidava daquela quantidade imensa de flores e plantas, alimentava os peixes, mantinha o piso brilhando e limpava todas as mesas, cadeiras e estátuas.

Era raro ver algum tipo de empregado, humano ou andróide, cuidando da casa, além de Summerset. Por outro lado, ela também já havia aprendido que as pessoas que têm muito poder e riqueza conseguem comandar exércitos silenciosos e quase invisíveis, gente que cuida dos detalhes desagradáveis da vida.

No entanto, apesar de toda a sua riqueza e poder, Roarke fora pessoalmente assistir ao funeral de um amigo. enquanto ela passava os dias cuidando dos funerais de pessoas que não conhecia.

Ela deixou a mente vagar, esvaziou-a e permitiu que ela se enchesse de novo com Bryna Bankhead. Jovem, vivaz, romântica, organizada. Ela se cercava de coisas atraentes dispostas de forma igualmente atraente. Seu closet estava cheio de roupas estilosas, todas penduradas com cuidado ou arrumadas com capricho.

Tanto o vestido quanto os sapatos que ela usara no encontro fatal eram novos, e a compra de tudo havia sido registrada com

detalhes na sua agenda eletrônica. Ela foi à manicure, fizera uma limpeza de pele e colocara lindos brincos comprados à tarde, poucas horas antes do encontro. Uma mulher muito feminina, ponderou Eve. Uma jovem que lia e gostava de poesia. Isso mostrava que o assassino caçava jovens românticas e particularmente femininas.

Bryna tinha dois vinhos na cozinha, um branco e outro tinto. Nenhum dos dois chegava perto da sofisticação ou da faixa de preço da garrafa que ficara aberta sobre a mesa. Será que ele havia levado o vinho, naquela bolsa de couro preto, junto com as drogas ilegais, as pétalas de rosa e as velas?

A vítima tinha preservativos na mesinha de cabeceira, mas o assassino não os usara. Bryna, por sua vez, estava alta demais para exigir tais cautelas, mas isso significava também que o assassino não se preocupara em se proteger, nem se importara em deixar seu DNA como prova.

Isso tudo porque, se Bryna tivesse sobrevivido, ela não teria conseguido identificá-lo nem descrevê-lo. Mais que isso, refletiu Eve, ela não teria nem mesmo certeza do que acontecera. Eles tomaram drinques em um local público e, segundo o garçom que os atendera, ela havia se mostrado muito carinhosa com o rapaz. Mãos dadas, beijos, risos e cochichos, olhares longos e significativos. O garçom, de acordo com seu depoimento, achou que eles eram amantes.

As câmeras de segurança haviam não apenas confirmado esse clima como acrescentaram outros detalhes. Ela não havia simplesmente deixado que ele entrasse no seu apartamento, ela o puxara para dentro.

Aquele foi um movimento muito esperto da parte dele, avaliou Eve. Esperar, deixá-la tomar a iniciativa. Só para registro.

Se ela tivesse sobrevivido, ele sairia limpo da história. Eve se perguntou se ele já não teria feito a mesma coisa antes.

Não, não ela recomeçou a caminhar ao longo da parede com os relevos de fadas.

Se fosse o caso, ele não teria cometido o erro de exagerar na dose com ela.

Pelo visto, era a primeira vez. Mesmo assim, resolveu rodar um programa de probabilidades para confirmar sua teoria, se encontrasse algum caso semelhante, isso representaria outro caminho a explorar, outra rota para chegar ao assassino. E impedi-lo.

Pegando sua agenda eletrônica, ela digitou algumas palavras-chave:

*Salas de bate-papo virtual Poesia*

*Drogas ilegais raras e caras Peruca, acessórios cosméticos Rosas cor-de-rosa Pinot Noir safra' 49 Desvio sexual*

*Habilidades de informática Conhecimento de química*

Depois de ler e reler as próprias palavras, enfiou a agenda de volta no bolso. Talvez fosse melhor tomar um banho, comer alguma coisa e trabalhar depois disso.

Ao se virar, viu Roarke. Não importava que eles estivessem juntos há mais de um ano.

De repente, ocorreu a Eve que ela sentiria o coração pular e o sangue acelerar toda vez que o visse, pelo resto da vida.

Quem sabe, um dia, isso deixaria de embaraçá-la. Ele parecia um homem criado pela fantasia de uma mulher. O corpo longo e esguio vestido de preto pareceria igualmente natural sob uma capa esvoaçante ou uma armadura fosca.

Seu rosto emoldurado por uma massa de cabelos pretos e sedoso, cairia tão bem num poeta quanto num guerreiro, com seus ossos proeminentes bem definidos e os lábios cheios e sensuais Seus olhos, em um tom maravilhoso e selvagem de azul, ainda tinham poder de fazerem os joelhos de Eve bambearem.

Não, ela percebeu. Isso nunca iria deixar de embaraçá-la.

Nunca deixaria de excitá-la, também.

— Você voltou mais cedo.

— Um pouco. Olá, tenente. Ao som da voz dele e do seu leve sotaque irlandês, muito suave e musical, tudo dentro dela se agitou. Então ele sorriu, uma insinuação fraca que surgiu nos cantos dos lábios, e ela deu um passo na direção dele. No instante seguinte, corria.

Ele a pegou no meio do caminho e a ergueu no ar, enquanto sua boca buscava a dela.

Houve uma sensação quente, uma centelha seguida de um calor crescente por dentro dela que se instalou, foi se espalhando e alcançou a medula.

*Esta é a minha casa.*, ele pensou, sentindo o gosto dela apagar tristeza e a fadiga dos últimos dias. *Finalmente eu estou em casa.*

— Você se esqueceu de me informar quando planejava retornar para casa — disse ela, fazendo uma imitação quase perfeita do tom de Summerset. — Agora eu vou ter que cancelar o encontro quentíssimo que havia marcado com aqueles gêmeos que dançam no clube das mulheres.

— Ah, Lars e Sven. Ouvi dizer que eles são muito criativos. Ele pousou a face sobre a dela no instante em que a colocou chão. — O que está fazendo aqui em cima?

— Não sei exatamente. Não conseguia relaxar, precisava de — Ela se afastou um pouco para analisar o rosto dele. — Você está bem, Roarke?

— Estou.

Mas ela virou a cabeça meio de lado e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Você está bem mesmo? — repetiu.

— Foi difícil Muito mais do que eu imaginava. Achei que já havia superado tudo.

— Ele era seu amigo. Acima de tudo, era seu amigo.

— E morreu para que eu vivesse. Eu já havia aceitado isso

— Ele encostou a testa na dela —ou pelo menos pensei que tivesse, esse velório, do qual Brian não abriu mão de organizar, seguido um encontro com tanta gente do meu passado. Depois, ver o local onde Mick foi enterrado... isso foi difícil.

— Eu devia ter ido com você.

— Alguns dos que prantearam Mick ficariam pouco à vontade vendo uma tira entre eles — ele sorriu de leve —, mesmo sendo a minha tira. Aliás, trouxe um recado para você, de Brian. Ao se despedir de mim, atrás do balcão do seu pub, o Porquinho Rico, me pediu para avisá-la de que, quando você cair na real e resolver se livrar de um sujeito da minha laia, ele estará disponível.

— É sempre bom ter alguém esperando na fila.

— Não tão cedo.

— Por que não tentamos inverter os papéis, por hoje? Eu preparo algo para você comer, dissolvo um tranquilizante na sua bebida e depois coloco você na cama.

— Com essas olheiras fundas, está me parecendo que é você quem precisa de comida e cama. Summerset me disse que ontem você passou a noite fora.

— Summerset é um tremendo fofoqueiro. Saí para investigar um caso ontem à noite.

Ele deslizou os dedos compridos através dos cabelos dela, deixando os fios em tons de castanho e louro tombarem soltos, preguiçosos.

— Quer conversar comigo a respeito disso? Eve poderia ter dito que não, mas ele acabaria arrancando tudo.

— Mais tarde — respondeu, aconchegando-se em seus braços e deixando-se ficar ali.

— Senti muitas saudades de você, Eve. Senti falta de abraçar você assim, falta do seu cheiro, do seu gosto.

— Você pode compensar a ausência. — Ela virou a cabeça passou os lábios ao longo do maxilar dele.

— É essa a minha intenção.

— Só intenção não adianta. — Ela mordiscou o queixo dele, de leve. — Prefiro ação. Agora, bem aqui.

Ele a conduziu na direção de uma espreguiçadeira estofada.

— E quanto ao encontro com Lars e Sven?

— Cuido deles em outra ocasião.

— Acho que você vai estar esgotada demais para aventuras sensuais com gêmeos dançarinos. - Ele sorriu, girou o corpo dela com habilidade e a empurrou lentamente sobre a espreguiçadeira.

— Não sei não... estou cheia de energia. - Ela se ajeitou para acomodá-lo sobre si, abrindo um pouco as pernas. - Uau! Vejo que você também.

— Estou revigorado só por me sentir de volta em casa. - Ele abriu o primeiro botão da blusa dela e parou. — Ei! Essa não é uma das minhas camisas?

— E daí? - Ela franziu o rosto antes de conseguir evitar.

— E daí? - Comovido e ao mesmo tempo divertindo-se com isso, ele abriu o resto dos botões. — Receio que vou querê-la de volta.

— Tá bom! Até parece que você já não tem umas quinhentas dessas e... - Ela perdeu a voz quando os dedos dele começaram a lhe acariciar os seios, suavemente. - Tudo bem, já que você faz tanta questão, eu a tiro e devolvo agora mesmo.

— Faço questão, sim. - Ele passou os lábios de leve sobre os dela.

E foi se deixando mergulhar, apreciando-a camada por camada. O gosto daquela boca sensual, o sabor daquela pele e sua textura especial o excitavam, consolavam e seduziam. O corpo dela — Pernas longas, torso magro, seios firmes e pequenos — era uma delícia interminável.

Ele arrancou a camisa que ela usava e a que vestia. Os corpos de ambos se roçaram, quentes. Ela arqueou o corpo e ele se curvou

para saboreá-la.

O ar noturno esfriou um pouco em volta deles, mas o sangue de ambos que fervia, os aqueceu. Ela suspirou de leve quando seus lábios voltaram a se encontrar e ambos se abriram de leve para as línguas que deslizaram uma sobre a outra em um beijo longo e molhado que começou suave e se tornou voraz. Os suspiros dela se tornaram gemidos quando a boca dele começou a descer, de forma implacável, para a parte mais baixa do seu corpo. *Mais. Sempre. Tudo*, pensou ele. E então não conseguiu pensar em mais nada.

A garganta dela, seus ombros, as linhas e curvas. Ele se banquetou ali e depois desceu a boca com sofreguidão para os seios, como se fosse possível sentir o gosto do coração dela.

Estremecendo, ela se lançou na direção dele, oferecendo mais enquanto suas mãos o alisavam, incitando-o a se apossar de tudo.

Ele sempre a fazia querer mais do que ela imaginava possível. Era sempre assim. E quando a boca e as mãos habilidosas dele a acariciaram entre as pernas, ela agarrou com força as bordas da espreguiçadeira e se deixou cavalgar por um furacão de prazer.

As estrelas que viu no céu pareceram girar enquanto outras explodiram dentro dela. Sentindo-se sem forças, era como se ela se dissolvesse, mas seu corpo se moveu de encontro ao dele em movimentos lentos e sinuosos.

A urgência de tê-lo virou ternura. Uma carícia, um sussurro, o deslizar suave de um corpo contra outro.

Ela o agarrou pelos cabelos. Seus lábios encontraram a curva da garganta dele e mordiscaram a pulsação que acelerava ali, o sangue que corria mais depressa por causa dela. Quando ele a penetrou, lentamente, ela abriu os olhos e o viu olhando-a fixamente, em ninguém. Pensou ela, sentindo a respiração ofegante nos lábios entreabertos Ninguém nunca olhara para ela assim. De um jeito que a fazia se sentir o centro de tudo.

Ela se ergueu ligeiramente mais para acomodá-lo melhor, afastou se um pouco e tornou a se erguer, em uma dança paciente e absoluta. O ritmo permaneceu suave, sedoso e lento, e seus lábios se encontraram mais uma vez.

Ela o ouviu pronunciar o seu nome, com carinho.

— Eve...

Ela o abraçou com mais força, segurou-o por um instante e dois voltaram para casa ao mesmo tempo.

Roarke conseguiu roupões de seda em algum lugar. Eve sempre perguntava se ele não tinha uma criação de bichos-da-seda no porão de casa, pois o estoque de roupões de seda pura nunca acabava. Aqueles eram pretos e leves na medida certa para manter o corpo confortável em uma noite de primavera, enquanto eles jantavam ao ar livre.

Eve decidiu que seria difícil algo em sua vida superar o que tinha ali. Comer um bife de verdade, mal passado, beber um vinho tinto encorpado à luz de velas em um jardim suspenso, em uma noite de primavera, com a temperatura perfeita. E tudo isso depois de uma estupenda rodada de sexo.

— Até que foi um bom negócio - comentou ela, entre uma garfada e outra.

— O quê?

— Você estar de volta. Não teria graça eu comer um jantar metido a besta sozinha.

— Summerset poderia lhe fazer companhia.

— Assim você vai acabar estragando o meu apetite.

Ele a viu atacando a carne com mais vontade ainda e retrucou.

— Não creio que isso acontecesse, querida. Você não se alimentou o dia todo?

— Comi só um donut, e não comece a pegar no meu pé. O que significa uma garrafa de Pinot Noir, safra de 49?

— Qual a marca? — retorquiu ele, com a mesma naturalidade com que ela perguntara.

— Ai, merda. — Ela fechou os olhos até ver a imagem da garrafa na mente. - Maison de Lac.

— Fica uma excelente escolha. Custa cerca de quinhentos a garrafa Precitaria pesquisar para saber o preço ao certo, por ai

— Esse vinho é um dos que você produz? Sim. Porquê?

— Virou arma no crime de assassinato que estou investigando. Você também é dono do prédio de apartamentos que fica na rua 10?

— Qual deles?

Eve silvou baixinho, remexeu suas lembranças e lhe informou o endereço completo.

— Não, acho que não. — Ele sorriu, descontraído. — Puxa, como foi que eu deixei passar esse prédio sem comprá-lo?

— Muito engraçado. Bem, pelo menos é bom saber que existe um local para assassinatos nesta cidade que não pertence a você.

— Como uma garrafa de vinho de quinhentos dólares de boa safra pode ser usada como arma de um assassinato? Veneno?

— De certo modo, sim. — Ela hesitou por quase cinco minutos, mas acabou relatando o caso.

— Ele a seduziu por e-mails — disse Roarke. — Deixou-a encantada com poemas e acabou dissolvendo duas das mais desprezíveis drogas ilegais de que se tem conhecimento em sua bebida.

— Bebidas — corrigiu Eve. — Ele a drogou aos poucos, ao longo da noite.

Ele armou um palco à base de romance, sedução, e a usou. E enquanto a usava — analisou Roarke, baixinho — devia estar dizendo a si mesmo, suponho, que ela estava adorando tudo. Convenceu-se de que não seria estupro, e sim sedução e romance. Nada violento e sim erótico e gratificante para ambos.

— Por que diz isso? — Eve pousou o garfo.

— Porque você contou que ele estava disfarçado. Ao chegar de volta ao seu apartamento a vítima já estava sob o efeito das drogas, e ele poderia ter feito o que bem quisesse com ela. Se quisesse machucá-la se a violência fizesse parte do plano original, ele teria feito isso nesse instante. Mas acrescentou luz de velas, música e flores. E lhe ofereceu mais uma droga, cujo propósito era deixá-la sexualmente agressiva e carente.

Queria a ilusão de que ela estava não apenas desejando transar, mas também se sentia muito passional a respeito de tudo. A questão é: ele precisava disso apenas para massagear seu ego ou para conseguir desempenhar fisicamente seu papel? Quem sabe um pouco dos dois?

— Muito boa a sua análise. Excelente, mesmo — confirmou ela, com um aceno. — Não andei pensando em tudo com o raciocínio de um homem. O disfarce é parte da sedução, afinal. As roupas caras, o cabelo, a maquiagem, tudo isso serviu para ele ficar mais bonito. Ele queria parecer...

Eve parou de falar de repente e olhou para o excepcional espécime masculino que estava diante de si.

— Merda, ele queria parecer você!

— Como assim?

— Não você, Roarke, especificamente. Ele preferiu cabelos cacheados e olhos verdes, mas dá para sacar a imagem. Ele queria se tornar a fantasia perfeita de uma mulher.

— Puxa, querida, assim você me deixa sem graça.

— Até parece! O que estou dizendo é que o visual também era parte da fantasia dele. Ele queria ser o amante perfeito, lindo e irresistível. É assim que ele é, ou finge ser. Rico, viajado, um homem culto, sofisticado e, ao mesmo tempo, extremamente romântico, no fundo do coração. Existem mulheres que são alvos perfeitos para caras assim.

— Você não é uma delas, tenente - afirmou ele, com um sorriso.

— Claro que não, só me casei com você pelo sexo. - Ela tornou a pegar o garfo. - Além das constantes refeições à base de carne vermelha, é claro. O que me traz à mente outro lance. Louise Dimatto mora no mesmo prédio de Bryna Bankhead.

— Sério?

— Estava parada na calçada no instante exato em que a vítima caiu.

— Puxa é terrível saber disso. - Ele serviu mais vinho, completando os cálices de ambos.

— Dei uma passada na clínica dela para lhe fornecer mais detalhes sobre o desenrolar do caso. O lugar está muito mudado.

— Hummm.

— Isso mesmo. Hummm! Por que você não me contou que fez a doação de três milhões de dólares para a clínica de Louise? Ele levantou o cálice com toda a calma do mundo e bebeu um gole.

— Querida, eu faço muitas doações o tempo todo e não notifico você. Ele sorriu. - Deseja ser informada sobre dados relacionados à caridade, a partir de hoje?

— Não se meta a engraçadinho comigo, gostosão. Só quero saber o porquê de você ter dado cinco vezes mais o que eu combinara com ela. E também quero saber por que você nunca me contou sobre o abrigo para mulheres agredidas que você criou e onde a chamou para trabalhar.

— Fiz isso porque gostei do trabalho que ela realizava na clínica Canal Street.

— Roarke! — Ela colocou a mão sobre a dele, com firmeza. - Você construiu esse abrigo por mim. Achou que eu ficaria chateada ou irritada se você tivesse me contado?

— Eu dei início ao projeto do abrigo muitos meses atrás. Por você, confirmou ele, virando a palma da mão para cima e entrelaçando os dedos com os dela. — E por mim também. Nós não tivemos lugar algum para nos atender, não é verdade, Eve? No meu

lá estava que eu tivesse um lugar ao qual recorrer, não teria ido depois muito revoltado e zangado. Apesar das orelhas sangrando Pois da última surra que levei do meu pai, eu não teria ido. Mas outros teriam. Ele ergueu as suas mãos unidas e analisou com carinho a forma com que se encaixavam. O jeito com que pareciam soldadas.

— Apesar de tudo - continuou ele -, tenho quase certeza de que não teria pensado em abrir um abrigo desses se não fosse por você.

— Mas não me contou.

— O abrigo ainda não foi oficialmente inaugurado - explicou ele. - Está aberto em regime de experiência, aceitando o que eles chamam de hóspedes. Só que ainda há muitos detalhes para serem resolvidos. Muitos dos programas nem mesmo foram implantados Ele deve ficar pronto só em... - Parou de falar abruptamente. - Tudo bem, eu confesso: não contei. Ainda não tinha resolvido se iria contar porque não tinha certeza se isso iria agradá-la ou irritá-la.

— O nome do local me agradou.

— Que bom.

— Mas o que me irrita, embora essa seja uma palavra fraca para descrever o sentimento, é que eu não fui informada de uma coisa que me faria sentir muito orgulho. Assim como você, eu não teria procurado um lugar desses em busca de ajuda - continuou, enquanto ele simplesmente a fitava. - Eu estava completamente apavorada com o que meu pai me contava. Ele me descrevia esses lugares como buracos grandes e escuros, e eu tinha tanto medo do escuro quanto dele. Portanto, nunca teria ido buscar ajuda. Mas outras meninas teriam.

— Isso mesmo. - Ele ergueu a mão dela e a beijou.

— E agora olhe só para você, marginalzinho de Dublin. Virou um pilar da comunidade, um filantropo, a mais importante consciência social da cidade.

— Não *comece*.

— Um cara durão com um coração grande e meloso.

— Não me obrigue a machucar você, Eve.

— Ouça, escute com atenção! - Ela virou a cabeça para escutar melhor. - Está ouvindo esse ruído? É o barulho dos meus joelhos batendo um contra o outro, de medo. - Ela se recostou, satisfeita, ao perceber que a tristeza que percebera rondando o rosto dele quando ele entrou, havia desaparecido por completo.

Talvez estivesse começando a descobrir como funcionava essa história de ser uma boa esposa

— Muito bem... Agora que eu já deixei você me comer e me dar comida satisfazendo todos os apetites imediatos, tenho muito trabalho a encarar.

— Desculpe, mas eu me lembro vagamente de que alguém concordou em se deixar ser colocada na cama.

Isso vai ter que esperar, gostosão. Preciso rodar alguns programas de probabilidades e ver se eu consigo achar a conta múltipla com o codinome que o sujeito usa. Tem nome francês. La Belle Dame.

— Keats.

— Que diabo é isso? Não é o quê e sim quem, sua plebéia. John Keats, poeta clássico do século XIX. O poema se chama "La Belle Dame Sans Merci". A linda dama sem piedade.

— Como é que você sabe todos esses troços?

— Espantoso, não é? - Ele riu enquanto a colocava em pé. - Vou pegar o poema e podemos cair dentro nas pesquisas.

— Mas eu não preciso...

Ele a calou com um beijo rápido e quente.

— Que tal fazermos o seguinte: vamos fingir que nós brigamos Porque você não queria ajuda nem interferência de um civil, e em seguida eu argumentei as saudáveis e óbvias vantagens disso.

Foi um pega pra capar por vinte minutos, até que, por fim, você admitiu que eu consigo achar os dados mais rápido que você,

reconheceu-que duas cabeças são melhores do que uma e tudo o mais, e nós caímos dentro nas pesquisas.

— Isso vai nos fazer ganhar tempo. Eve bufou baixinho.

— Tudo bem, eu aceito, mas se eu pegar você olhando para mim com cara de quem "se acha" dou-lhe umas porradas.

— Querida, isso você nem precisava avisar

## Capítulo Cinco

*Ninguém sabia como era o rosto dele.* Sempre que o medo tentava rastejar por baixo de sua pele, em um formigamento insuportável, ele repetia para si mesmo aquele fato básico e essencial.

Eles não sabiam como era o rosto dele e, portanto, nunca poderiam encontrá-lo.

Ele podia caminhar livremente pelas ruas, tomar um táxi, comer em restaurantes e frequentar boates. Ninguém iria questioná-lo acusá-lo de nada ou sair correndo em busca de um policial. Ele matara uma pessoa, mas estava a salvo. Praticamente, a sua vida não havia mudado em nada. Mesmo assim, ele tinha medo.

A morte fora um acidente, é claro. Nada mais que um infeliz erro de cálculo por um excesso de entusiasmo perfeitamente compreensível.

Na verdade, analisando o quadro como um todo, a mulher teve tanta culpa quanto ele. Até mais, pensando bem.

Ao afirmar isso em voz alta novamente, a pessoa que o acompanhava e que roía as unhas de forma furiosa suspirou e reagiu.

— Kevin, se você vai me contar essa história toda novamente, vá procurar outra pessoa para ouvir, porque isso é muito chato.

Kevin Morano, um rapaz alto e magro, de vinte e dois anos, se encolheu todo e tamborilou com as unhas muito bem cuidadas sobre o braço da poltrona de couro macio com espaldar alto. Seu rosto era muito liso, os olhos tinham um lindo e tranquilo tom de azul e seus cabelos castanhos eram compridos, mas não muito.

Sua aparência era agradável, embora sua beleza comum fosse estragada pela tendência de fechar a cara ao menor sinal de crítica.

Era exatamente o que ele fazia naquele momento, ao observar o amigo, seu mais antigo e fiel companheiro. Pelo menos desse amigo ele imaginou que fosse receber consolo e apoio.

— Acho que tenho motivos para preocupação, sim! - Havia petulância em sua voz, o choramingo de quem esperava um pouco de solidariedade. - Deu tudo errado, Lucias.

— Isso é bobagem. — A palavra foi mais uma sentença do que um simples comentário. Lucias Dunwood estava acostumado a mandar em Kevin. Essa, na sua opinião, era a única forma de ele conseguir qualquer coisa.

Lucias continuou trabalhando nos cálculos e medidas. Estavam no caríssimo laboratório que ele mesmo projetara e equipara para atender a todas as suas necessidades e vontades. Como sempre, exibia muita confiança.

Na infância, ele fora considerado uma criança prodígio, um lindo menino de cachos ruivos com olhos muito brilhantes e talentos espantosos para matemática e ciências. que fora paparicado, mimado, bem educado e muito elogiado. O monstro que havia dentro do menino crescera às escondidas era paciente. Assim como Kevin, Lucias havia crescido em uma família rica e privilegiada. Os dois haviam sido criados quase como irmãos.

De um modo mais realista, por terem sido gerados mais ou menos do mesmo jeito e para cumprir mais ou menos o mesmo objetivo eles se consideravam até mais do que irmãos.

Desde o princípio, quando ainda eram crianças, eles reconheceram um ao outro. Perceberam o que havia oculto por baixo dos seus corpos pequeninos e frágeis.

Frequentaram as mesmas escolas. Haviam competido um com o outro desde sempre, não so academicamente, mas também socialmente, ao longo de suas vidas. Um alimentava o ego do outro e

ambos descobriram que eram os únicos que conseguiriam compreender o quanto estavam acima das regras comuns e ordinárias que regiam a sociedade em que viviam.

A mãe de Kevin, logo depois que o tivera, o entregara para ser criado por outras pessoas, pagas para isso, a fim de que ela tivesse a chance de alcançar seus próprios objetivos. A mãe de Lucias, por sua vez, o mantivera sempre junto de si e encontrou nele sua única ambição.

Ambos haviam sido sufocados por atenção e excessos, haviam tido todos os seus caprichos saciados, foram direcionados para exceder os outros em tudo e aprenderam a esperar apenas o melhor da vida.

Agora, homens feitos, Lucias tinha satisfação em dizer que podiam agir como bem quisessem.

Nenhum deles trabalhava para conseguir o próprio sustento, não precisavam disso. Achavam a possibilidade de contribuir para a sociedade que desprezavam uma idéia ridícula. Na casa que haviam comprado juntos eles criaram seu próprio mundo e suas próprias regras.

A primeira delas era nunca, jamais, conhecer o tédio.

Lucias se voltou para um monitor, analisando os vários componentes e equações que enchiam a tela.

— Sim, pensou. Estava tudo absolutamente correto. Foi perfeito. Satisfeito, caminhou até o bar, uma antiguidade cintilante fabricada nos anos 40 do século XX, e preparou um drinque.

— Uísque e soda - ele sugeriu. - Isso vai lhe fazer bem. Simplesmente acenou com a mão e suspirou pesadamente

— Ora, não seja tedioso, Kevin.

— Puxa, me desculpe, meu caro. É que eu fiquei assim meio abalado por uma bobagem. Matei uma pessoa.

Rindo muito, Lucias levou os copos altos com os drinques para o outro lado da sala.

— Isso não tem importância alguma, Kevin. Aliás, se tivesse, eu ficaria muito decepcionado com você. Afinal de contas, eu fui bem claro quanto à dosagem e a escolha das substâncias. Você não devia ter misturado as duas soluções, Kevin.

— Eu sei! — Irritado, Kevin pegou o copo e franziu o cenho ao olhar para a bebida. - Acabei me empolgando demais com o lance. Nunca tive uma mulher tão enfeitiçada e entregue de forma tão completa aos meus desejos. Nunca imaginei que as coisas pudessem ser daquele jeito.

— Mas esse era exatamente o objetivo do nosso jogo, não é verdade? - Sorrindo, Lucias ergueu o copo em um brinde e bebeu. - As mulheres nunca foram do jeito que nós as queríamos. Por Deus, olhe para nossas mães, por exemplo. A minha parece uma andróide, sem determinação nem vontade própria; a sua é completamente apática.

— Pelo menos a sua demonstra ter algum interesse por você.

— Pois você não sabe a sorte que tem, Kevin. - Lucias apontou para o amigo, segurando o copo. - A megera não desgruda de mim parece uma coleira pegajosa, se eu não me mantiver afastado, não é de espantar que o meu velho passe a maior parte do tempo fora da cidade

Lucias esticou as pernas e continuou: —De qualquer modo, não fuja do assunto. Mulheres. Você sabe que, quando alguma delas se interessava por um de nós, geralmente era uma intelectual insuportavelmente chata ou uma idiota sem cérebro que só queria saber da nossa grana. Merecemos muito mais do que isso, Kevin. Merecemos ter exatamente as mulheres que desejarmos e quantas delas quisermos, todas à nossa disposição e do jeito que determinarmos.

— Merecemos, mesmo, claro que sim. Mas, por Deus Lucias quando eu saquei que ela estava morta...

— Sim, sim! - Lucias se sentou na poltrona em frente e se inclinou na direção dele com ar ansioso. - Conte novamente como tudo rolou.

— Ela era incrivelmente sexy. Linda, exótica, autoconfiante. O tipo de mulher que eu sempre desejei. O melhor é que ela mal conseguia manter as mãos longe de mim. Eu poderia ter comido aquela mulher no táxi ou no elevador. Marquei um monte de pontos antes mesmo de entrarmos no apartamento.

— Mais tarde a gente calcula quantos pontos foram - interrompeu Lucias, acenando com a mão de forma impaciente. - Continue!

— Tive que segurar a onda dela um pouco. Não queria que a noite acabasse depressa demais. Estava a fim de curtir o romance de tudo aquilo, para nós dois. O passo a passo do processo de sedução. Além, é claro - um ar de divertimento surgiu em seu rosto - de continuar marcando o maior número de pontos possíveis, dentro do prazo que havíamos determinado.

— Certamente - Lucias concordou, brindando novamente.

— Tudo corria bem. Ela me deixou fazer tudo o que eu quis. E curtiu muito.

— Sim, sim! E depois?

— Pedi para ela esperar na sala porque eu ia preparar um lindo cenário no quarto. Exatamente conforme eu havia planejado. Ficou perfeito, tudo perfeito. A luz, a música, o perfume que eu coloque no ar.

— E ela se rendeu por completo a você.

— Isso mesmo. - Kevin suspirou, lembrando de todos os detalhes lhes. - Eu a carreguei no colo até o quarto e a despi por completo e enquanto ela estremeia de empolgação por mim. Ela lentamente de excitação. Só que, de repente, ficou meio letárgica.

— É que que você exagerou na dose - explicou Lucias com voz calma balançando o gelo no copo.

— Eu sei, eu sei! É que eu queria mais, droga! - O sorriso se desmanchou em seus lábios e sua voz ficou impregnada de raiva. - Não adiantava nada ela ficar ali deitada como uma andróide. Eu a queria descontrolada e cheia de tesão. Bem que eu merecia isso, depois de tudo o que fiz para consegui-la.

— Claro que merecia. E foi nessa hora então que você lhe deu o Coelho Louco.

— Eu devia ter diluído a substância, eu sei. Mas fui cuidadoso, coloquei só algumas gotinhas na língua dela. Lucias... - Ele umedeceu os lábios com a língua. - A mulher ficou louca, selvagem. Cheia de tesão, gritando. Implorando para eu trepar com ela. Ela me implorou, Lucias! E nós trepamos mesmo, como dois animais. Fomos do romance à sedução e acabamos no instinto primitivo. Nunca havia me sentido daquele jeito. Quando gozei, foi como se eu estivesse nascendo de novo.

Ele estremeceu de emoção ao lembrar e tomou mais um gole. Quando tudo acabou eu fiquei deitado ali, exausto, largadão em cima dela. Então comecei a beijá-la e acariciá-la, a fim de mostrar que ela me dera muito prazer. Foi quando eu olhei para o seu rosto. Ela me encarava fixamente. Ficou ali me encarando, só me encarando. Eu não entendi, a princípio, mas depois finalmente saquei que... saquei que ela estava morta.

— Você nasceu - disse Lucias - e ela morreu. A mais completa de todas as experiências.

Ele bebeu um pouco do drinque e considerou a situação. - Pense só no lance, Kevin. Ela morreu exatamente do mesmo modo que nós fomos concebidos. A partir de uma trepada frenética induzida por drogas químicas.

Aliás, foi uma experiência com resultados magníficos, como podemos avaliar.

— Podemos mesmo — concordou Kevin, com uma risada

— Vamos continuar a partida. Esse jogo foi muito bom, para primeiro turno. Agora é a minha vez de jogar.

— Do que está falando? — Kevin se ergueu de um salto, quando Lucias se levantou da poltrona. — Você não pode estar falando sério. Não pode ir em frente com isso.

— Claro que posso! Por que só você vai ficar com toda a diversão?

— Lucias, pelo amor de Deus...

— Foi uma tremenda burrice sua jogar a mulher pela varanda. Se você a tivesse deixado ali, quietinha, e caído fora, eles teriam levado muito mais tempo para encontrá-la. Você vai perder pontos pela falta de estratégia. É claro que não vou cometer o mesmo erro.

— Como assim? - Kevin agarrou o braço de Lucias com força. - O que pretende fazer?

— Qual é, Kev? Entramos nessa juntos, tanto no planejamento quanto na execução. Desde o princípio isso foi uma competição recreativa, uma espécie de oportunidade para expandirmos nossas experiências sexuais. A idéia de apostar um dólar em cada ponto alcançado foi uma espécie de competição para tornar o jogo mais divertido, lembra?

— Não era para ninguém sair ferido.

— Mas você não se machucou! - argumentou Lucias. - Que se dane o resto, certo? Esse jogo é nosso.

— É... - O argumento tinha uma lógica inquestionável e o acalmou. - Isso é verdade.

— Agora, pense só no lance. - Lucias girou o corpo e abriu os braços. - De certo modo, este é o mais fascinante de todos os ciclos. Nascimento e morte. Não percebe a ironia e a beleza disso. Kev? As drogas que foram utilizadas para nos proporcionar a própria existência são exatamente as mesmas que você usou para acabar com a existência de outra pessoa.

— Foi mesmo... - Kevin começou a se empolgar pela emoção de tudo aquilo. - Só que...

— Os riscos aumentaram, mas isso só serve para deixar tudo mais interessante. Lucias se virou e apertou o braço de Kevin de uma forma mais masculina, congratulando-o.

— Kevin, você é um assassino! Ele empalideceu, mas o brilho que viu nos olhos de Lucias o fez sentir orgulho.

— Mas foi um acidente - defendeu-se.

— Mesmo assim, você é um assassino, e eu não aceito ser menos do que você é.

— O que está querendo dizer? - Um calor de empolgação aqueceu-lhe a barriga. - Você pretende... deliberadamente?

— Olhe bem nos meus olhos. Você sabe que não consegue mentir para mim. Confesse que a morte dela pelas suas mãos e nos seus braços foi a maior emoção de toda a sua vida. Esse não foi o melhor momento de toda a experiência?

— Ahn... - Kevin agarrou o copo de uísque com mais força e engoliu o resto da bebida. - Foi. Puxa vida, se foi!

— E você quer me negar essa mesma experiência? - Ele passou o braço por sobre os ombros de Kevin de forma amigável e o levou até o elevador. - Qual é, Kev? Afinal de contas, elas são apenas mulheres.

O nome dela era Grace. Um nome doce e antigo. Ela trabalhava como atendente na Biblioteca Pública da cidade de Nova York, entregando discos e livros preciosos para clientes que se acomodavam nas salas de leitura a fim de estudar, fazer pesquisas ou simplesmente passar o tempo em companhia de boa literatura. Adorava poesia.

Aos vinte e três anos, era uma loura linda e delicada, com natureza tímida coração generoso. E se sentia apaixonada pelo homem que dizia se chamar Dorian e a cortejava de longe, na

segurança do mundo virtual, ela não comentara com ninguém a respeito dele.

O fato de ninguém saber de nada tornava tudo ainda mais romântico e especial.

Para o seu primeiro encontro com Dorian, ela havia comprado um vestido novo com a saia muito rodada, em cores pastéis, que a faziam pensar em arco-íris.

Ao sair do seu pequeno apartamento para pegar o metrô a caminho do centro, sentiu-se muito ousada e adulta.

Imaginou cenas em que tomava drinques no Starview Lounge em companhia do homem com o qual já estava convencida de que iria se casar.

Grace tinha certeza de que ele seria muito bonito. Tinha de ser.

Ela também sabia que ele era rico e descolado, que viajava muito e gostava de livros e poesia, exatamente como ela.

Eram almas gêmeas.

Ela estava feliz demais para ficar nervosa e tinha tanta certeza de que tudo ia dar certo naquela noite que não tinha uma única dúvida.

Ela estaria morta antes da meia-noite.

O nome dela era Grace e foi a primeira mulher da vida dele. Não apenas o seu primeiro assassinato, mas também a primeira mulher com quem ele havia feito sexo.

Nem mesmo Kevin sabia que ele nunca conseguira consumir o ato sexual. Até aquela noite.

Ele se transformara em um deus na cama estreita daquele apartamento ridiculamente apertado. Um deus que fizera a mulher por baixo dele gritar de prazer e implorar por mais. Ela balbuciou em seu ouvido o quanto o amava e concordou com tudo o que ele quis.

Os olhos dela, muito brilhantes pelo efeito da droga, haviam se fixado no rosto dele com ar de adoração, sem se importar com as

coisas que ele fizera com ela.

Ele ficou tão surpreso com o fato de ela também ser virgem que gozou rápido demais da primeira vez. Mesmo assim ela disse que tudo foi maravilhoso, garantiu que esteve à espera dele por toda sua vida. Ela se guardara só para ele.

A repulsa por ela era grande, mas isso acabou por excitá-lo novamente quando ele pegou o último frasco na sacola, mostrou-o para ela. O líquido dentro rebrilhou à luz das velas. Quando ele mandou que ela abrisse a boca, Grace cumpriu a ordem e pareceu um passarinho com o bico aberto à espera do alpiste.

Lançando-se dentro dela mais uma vez, ele sentiu que o coração galopava loucamente. Sentiu quando ele explodiu. E soube Kevin tinha razão. Era uma sensação parecida com a de nascer.

Que ele estudou atentamente depois de usá-la, quando seu corpo sem vida começou a ficar mais frio sobre os lençóis embolados e as pétalas de rosa. E então descobriu mais uma coisa. Aquilo tinha sido um direito dele. Ela era cada uma das mulheres que haviam ignorado as suas necessidades ao longo dos anos ou se afastado dele quando não conseguira uma ereção. Ela representava todas as mulheres que o haviam rejeitado, que se negaram a ele ou zombaram dele.

Ela, em essência, não era nada.

Ele se vestiu, colocou o terno elegante, limpou as mangas e ajeitou os punhos. Deixando as velas acesas, saiu do apartamento. Mal podia esperar para chegar em casa e contar tudo a Kevin.

Eve se sentia fabulosa. Sexo e uma boa noite de sono. Era difícil alguma coisa no mundo ganhar dessa combinação. E quando a manhã começava com um mergulho rápido na piscina seguido por uma caneca gigantesca de café puro, de verdade, ela sentia uma disposição redobrada para enfrentar um muro de tijolos. A partir daí, era só correr para o abraço.

Com a energia que Eve sentia, o melhor para os bandidos seria o dia de folga.

— Você me parece descansada, tenente. - Roarke se apoiou na porta que dividia os escritórios domésticos de ambos.

— Estou pronta para o agito - concordou ela, olhando para ele por sobre a borda da caneca de café. - Você também deve ter um monte de assuntos pendentes.

— É, até que não foi mau - ela riu com cara de deboche só que eu estava me referindo a trabalho.

— Ah. Já comecei a tratar disso também. - Ele foi até onde ele estava e a prendeu entre o seu corpo e a mesa. Inclinando-se para frente, ele acariciou o gato, que se enroscara sobre o tele-link como se fosse um tapo.

— Você está me atrapalhando, meu chapa, e eu estou em cima da hora.

— Ainda faltam cinco minutos. Ela virou a cabeça e olhou para o relógio de pulso.

— Tem razão. Cinco minutos. - Ela envolveu a cintura dele com os braços. -Acho que vai dar tempo de... - Quando começava a mordiscar o lábio inferior dele, ouviu o barulho de passos no corredor, o ruído inconfundível de sapatos de tira. — Droga! Peabody chegou mais cedo.

— Vamos fingir que não a ouvimos chegar. -Roarke mordeu de leve o lábio de Eve. - Vamos fingir que não a vimos também. - Seguiu a mordida com a língua. - Vamos fingir que nem mesmo sabemos o seu nome.

— Gostei do plano, só que... - Ao se empolgar com o beijo, Eve teve a impressão de que seu coração começou a derreter. - Devagar, garoto - murmurou, no instante exato em que Peabody entrou no aposento.

— Oh. Ahn. Arrã — pigarreou ela. Roarke se virou, pegou Galahad e começou a coçar suas orelhas.

— Olá, Peabody — cumprimentou ele.

— Oi, Roarke. Seja bem-vindo de volta à cidade. Talvez seja melhor eu dar um pulinho na cozinha para pegar um café e outras coisinhas.

Quando Peabody se preparava para sair, Roarke esticou o braço, ergueu o queixo dela com os dedos e analisou seu rosto. Ela estava pálida, com olhos pesados, cheia de olheiras.

— Você me parece cansada, Peabody - comentou ele.

— Acho que não dormi muito bem — disse Peabody, e continuou baixinho: — Preciso muito daquele café. - Então saiu correndo-

— Oh querida. - Roarke virou-se para Eve.

— Não comece - Ela ergueu o dedo e o balançou diante do olhar de Roarke. - Não quero falar sobre esse assunto agora, não quero falar em hora nenhuma, mas muito menos agora. Se alguém tivesse me escutado quando eu disse que essa história de Peabody e McNab se agarrando por aí iria dar nisso, nós nem precisávamos falar desse assunto, não é verdade?

— Corrija-me se eu estiver errado, mas acho que estamos falando exatamente sobre esse assunto.

— Cale a boca. Só sei que ela vai ter de engolir a tristeza e fazer o trabalho dela, e ele vai ter de fazer o mesmo. - Ela deu um chute de raiva na mesa ao caminhar em volta do móvel. — Agora você caia fora.

— Você está preocupada com ela.

— Droga, será que você acha que eu não reparei que ela está magoada? Por acaso pensa que isso não me atinge?

— Sei que você reparou e sei o quanto isso a atinge.

Eve abriu a boca para retrucar, mas ouviu mais passos no corredor.

— Deixa pra lá - murmurou. — Peabody, Feeney chegou! - avisou ela, em voz alta. - Traga um café fraco e doce.

— Como foi que você soube que era eu? — perguntou Feeney, assim que entrou.

— Você arrasta os pés quando anda.

— Aqui que eu faço isso — reagiu ele, com um gesto feio.

— Pois eu garanto que é assim. Você arrasta o pé, Peabody pisa duro com o calcanhar e McNab chega trotando.

— Se eu usasse o sapato que ele usa também trotaria.—Olá, Roarke. Não sabia que você já estava de volta.

— Cheguei ontem, vou trabalhar daqui de casa por mais uma ou duas horas — avisou Roarke. — Depois vou para meu escritório.

— Deixarei o livro aqui querida — acrescentou. — Temos um arquivo eletrônico também, se você precisar.

— De que livro estão falando? — perguntou Feeney

— Poesia parece que o nosso suspeito inspirou o seu codinome em um poema que um cara chamado Keats escreveu há uns duzentos anos — informou Eve.

— Aposto que não tem nem rima. Compare com Springsten-Lennon, McCartney. Esses, sim, sabiam compor com rima. Só fizeram clássicos.

— Pois saiba que o troço tem rima, sim, mas é esquisito, deprimente e, em suma, idiota.

— Diante dessa análise sagaz feita por especialistas, é melhor eu ir trabalhar. - Levando o gato, Roarke seguiu em direção à sua sala. - Acho que ouvi o trote de McNab chegando.

McNab podia estar usando suas botas com amortecedores em tom de vermelho-cereja, mas não parecia nem um pouco mais animado que Peabody. Fazendo o possível para ignorar isso, Eve se sentou na ponta da mesa e relatou a todos as novidades.

— Isso explica a minha falta de sorte ao investigar os cibercafés - comentou McNab.- Ninguém conseguiu reconhecer a foto porque não viram o cara.

— Podemos agitar alguns programas de probabilidades mórficas - refletiu Feeney. - Estruturas faciais, cores de pele, combinações de elementos, mas basicamente estaremos trabalhando sem uma identidade visual genuína.

— Já rodei algumas probabilidades por minha conta. O mais provável é que estejamos à caça de um homem solteiro entre vinte e cinco e quarenta anos, de família rica, com alto grau de instrução e algum tipo de disfunção ou perversão sexual. O mais provável é que ele more na cidade. Feeney, onde ele poderia conseguir essas drogas ilegais caríssimas?

— Traficantes de Coelho Louco só fazem entregas para uma clientela pequena e exclusiva. Não há muitas pessoas assim. Que eu saiba, só existe um traficante dessa substância aqui na cidade, mas podemos verificar com a Divisão de Drogas Ilegais para ver se existem outros. Com a droga conhecida como Vadia ninguém trabalha até onde eu sei. O custo não compensa.

— Mas no passado ela já foi usada em terapia sexual e treinamento de acompanhantes licenciadas, certo?

— Foi sim mais o custo do programa era alto demais e a substância se mostrou totalmente imprevisível

— Ok! menos isso lhes daria mais pistas para seguir. —Vamos desistir dos cibercafés, por agora. McNab, corra atrás das alterações mórficas —Feeney, veja o que consegue com o pessoal das drogas ilegais

— Depois que eu pressionar o Cabeção, no laboratório e identificar as marcas das massas cosméticas, da maquiagem e da peruca, teremos mais caminhos para seguir.

Identifiquei o vinho.

Minha fonte informou que foram vendidas três mil e cinquenta garrafas dessa marca e dessa safra em todo o estado. Peabody e eu vamos agitar isso, e também vamos tentar localizar de onde vieram as rosas cor-de-rosa. Esse cara gastou muita grana em vinho, flores,

cosméticos e drogas ilegais. Deve ter deixado rastros e nós vamos pegá-lo. Peabody, você vem comigo

Assim que elas entraram no carro, Eve respirou fundo e aconselhou:

— Se estiver com problemas de insônia, tome um comprimido.

— Grande conselho, ainda mais vindo de você.

— Então considere isso uma ordem

— Sim, senhora. Isso está me irritando, sabia? - Eve embicou com o carro e saiu a toda a velocidade pela alameda que seguia até a rua. Notou que a tromba de Peabody era tão comprida que talvez virasse o para-brisa.

— Peço desculpas se minhas dificuldades pessoais representam aborrecimento para a senhora, tenente.

— Se é esse todo o sarcasmo que você consegue, desista. — Eve fez a curva, pisou no freio e desligou o motor antes mesmo de sair dos portões de ferro. — Quer tirar alguns dias de folga?

— Não senhora.

— Não me venha com esse papo de *senhora*, ainda mais nesse tom se não eu parto pra porrada agora mesmo.

— Não sei o que há de errado comigo. - A voz de Peabody ficou meio chorosa. - Eu nem mesmo *gosto* de McNab. Ele irritante, babaca e *estúpido*. Tudo bem que a transa é ótima e, às vezes damos boas risadas juntos. Grande coisa! Não é nada sério, não temos compromisso nenhum. Ele não tem o direito de me dar ultimatoss, nem de fazer comentários ofensivos, e muito menos de tirar conclusões idiotas.

— Você já dormiu com Charles?

— O quê? - Peabody enrubesceu. — Não.

— Pois acho que devia dormir. Puxa, nem acredito que estou falando uma coisa dessas, mas é que talvez assim você aliviasse um pouco o estresse e conseguisse raciocinar direito... Ou algo assim.

— Mas nós... Charles e eu somos apenas amigos.

— Sei. Mas se você é amiga de um profissional do sexo que cobra uma grana preta para transar, acho que ele devia lhe dar uma mãozinha para ajudá-la a sair dessa.

— Isso não é a mesma coisa que emprestar vinte dólares até o dia do pagamento. — Ela suspirou. — É... Vou pensar no assunto.

— Pois pense rápido, porque nós vamos vê-lo.

— O quê? - Peabody se sentou reta no banco. — Vamos visitar Charles? Agora?

— Oficialmente - disse Eve, tornando a ligar o carro. - Ele é um especialista em sexo, certo? Vamos ver o que um expert sabe a respeito de drogas sexuais ilegais.

O profissional do sexo havia tirado a manhã de folga. Atendeu à porta vestindo apenas uma calça de pijama de seda azul.

Em se tratando de homens apetitosos, Charles Monroe era uma farra calórica. Eve achou que era fácil entender o porquê de tantas clientes pagarem para dar uma mordidinha nele.

— Tenente! Delia! Dois colírios para os olhos, assim logo cedo?

— Desculpe incomodá-lo, Charles - disse-lhe Eve. — Você tem um minutinho para nos atender?

— Para você, tenente Docinho, eu tenho horas. - Ele deu um passo para trás, pra deixá-las entrar. — Por que não tomamos um bom café da manhã? Tenho crepes no AutoChef.

— Fica para outra vez — disse Eve, antes de Peabody aceitar. Você está sozinho ou tem alguma cliente dormindo lá dentro? Estou completamente só. — A sonolência dele começou a se dispersar. — Essa é uma visita oficial?

— Estamos investigando um caso, e acho que você poderá nos ajudar em alguns detalhes.

— A vítima é alguém que eu conheço?

— Bryna Bankhead. Morava no centro da cidade.

— Essa é a mulher que pulou da varanda. Mas não foi suicídio?

— Não, foi homicídio — garantiu Eve. — A mídia vai receber a notícia agora de manhã.

— Puxa. Por que vocês não se sentam? Vou preparar um café.

— Peabody, vá lá dentro e agite esse café. — Eve escolheu uma poltrona na sala de estar lindamente mobiliada. Ser um profissional do sexo, quando o trabalho era bem-feito, dava um bom dinheiro. — Todas as perguntas que eu fizer e qualquer coisa que eu comente com você sobre o caso são assuntos confidenciais, certo?

— Eu sei. — Ele se sentou diante dela. — Suponho que eu não seja suspeito, dessa vez.

— Não, hoje você será meu consultor civil especializado. — Eve pegou o gravador. — A conversa é oficial.

— Então eu imagino que o sexo tenha mostrado a sua faceta monstruosa.

— Consulta técnica com Charles Monroe, acompanhante licenciado, anunciou Eve. — Entrevista conduzida pela tenente Eve Dallas atuando como investigadora principal do caso H-78926B. Também no local a policial Delia Peabody.

— Sr. Monroe, o senhor estaria disposto a nos auxiliar nesta investigação?

— Ele conseguiu manter o rosto razoavelmente sério.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance, na condição de cidadão preocupado, tenente.

— O que o senhor sabe a respeito da substância ilegal conhecida nas ruas sob o nome de Vadia?

Na mesma hora a expressão dele mudou.

— Alguém usou Vadia naquela pobre mulher?

— Eu fiz uma pergunta, Charles.

— Por Deus! - Ele se levantou e começou a andar pela sala, de um lado para outro. Peabody voltou com uma bandeja de café

— Obrigado, gatinha. — Ele pegou uma xícara e bebeu bem devagar — Essa substância já era ilegal quando comecei meu

treinamento profissional - afirmou ele. - Mesmo assim, eu ouvi muita coisa a respeito dela.

Particpei de alguns seminários muito bons no início de carreira. "Desvios Sexuais: Prós e Contras" e outros títulos assim pomposos eram os nomes de tais eventos. Drogas ilegais de todo tipo estavam sempre no campo dos "contras". Uma contravenção dessas pode resultar até mesmo no cancelamento da licença. É claro que isso não significa que certas substâncias auxiliares não sejam empregadas por acompanhantes licenciados ou por clientes. Mas nunca essa.

— Por quê?

— Antigamente ela era usada para tornar os estagiários mais maleáveis, digamos assim, e isso criou uma péssima reputação para a droga na minha área de atuação. Essa história de escravos sexuais é ótima para a representação de fantasias, mas não funciona na vida real. Nós somos acompanhantes sexuais profissionais, Dallas. Não somos simples prostitutas nem fantoches.

— Você conhece alguém que tenha utilizado esta substância, alguma vez?

— Ouvi falar disso entre os profissionais mais antigos. Sempre rolam histórias por aí, e a maioria delas envolve algum tipo de abuso por substâncias químicas. Tem gente que até fazia experiências com essa droga. Davam uma dose cavalgar para uma acompanhante licenciada e soltavam a coitada no mundo. Como se ela fosse uma simples cobaia de laboratório - disse ele, com evidente indignação.

— Mesmo assim, é uma droga para as elites. Você conhece alguém que a utilize?

— Não, mas posso perguntar por aí.

— Faça isso com cautela - avisou Eve. — E quanto ao Coelho louco?

Ele deu de ombros, de um jeito elegante.

— Só amadores e tarados usam Coelho Louco, em si próprios ou com uma parceira. Nos lugares que eu frequento isso é considerado de mau gosto e ofensivo.

— Perigoso, também?

— Se você for burro ou descuidado, certamente que sim. Não se mistura Coelho Louco com álcool nem outros estimulantes. E nunca se deve exagerar na dose. Se bem que overdoses de Coelho são muito raras, porque esse troço custa mais caro que ouro líquido.

— Mas você conhece alguém que venda ou tenha clientes que usem?

Ele olhou fixamente para Eve, com ar aflito.

— Puxa, Dallas.

— Vou deixar seu nome fora disso, Charles.

Ele balançou a cabeça, foi até a janela e ergueu a tela de privacidade. A luz inundou o ambiente.

— Charles, isso é importante. De verdade. - Peabody deu um passo à frente e tocou no braço dele. — Não estaríamos aqui lhe perguntando tanta coisa se não fosse muito importante.

— Eu não curto drogas ilegais, Delia. Você sabe disso.

— Sim, eu sei.

— E não gosto de julgar os clientes que usam. Não sou padrão moral para ninguém.

Eve se inclinou e desligou o gravador. —Pode falar cá entre nós, Charles, extraoficialmente.

— Eu lhe dou a minha palavra de que nenhuma acusação será feita contra clientes suas pelo uso de drogas ilegais.

— Mas eu não quero entregar o nome de ninguém — afirmou virando-se para trás —, porque isso seria quebra de confiança. Posso conversar com uma colega e talvez consiga o nome do traficante dela. Isso dá para informar a vocês.

— Eu agradeceria. — O comunicador de Eve tocou. — Pode deixar que eu vou atender essa ligação da cozinha.

— Charles. — Peabody acariciou o braço dele quando Eve saiu da sala. — Obrigada. Sei que nós colocamos você em uma situação delicada.

— Posições delicadas são a minha especialidade. - Ele sorriu — Você parece cansada, Delia.

— É... Já me disseram isso.

— Por que não me deixa preparar um jantar especial para você em uma noite qualquer desta semana? Podemos curtir alguns momentos sossegados e agradáveis. Preciso só marcar na minha agenda.

— Seria ótimo!

Quando ele inclinou a cabeça um pouco para baixo e roçou os lábios sobre os dela, bem de leve, Peabody fechou os olhos e esperou o desejo chegar. Ficou com vontade de gritar de frustração ao sentir que o tesão não apareceu nem de longe. Isso era como beijar um irmão, pensou ela. Se bem que nenhum dos seus irmãos tinha um ar tão pecaminoso e tentador quanto Charles.

— O que está preocupando você, gatinha?

— Um monte de coisas - resmungou Peabody. — Problemas idiotas. Estou tentando resolvê-los.

— Se quiser conversar a respeito desses problemas, você sabe que estou por aqui.

— Sim, eu sei.

Eve saiu da cozinha e foi direto para a porta.

— Vamos nessa, Peabody. Consiga-me um nome, Charles, o mais rápido que puder.

— Dallas? — Lançando um curto olhar de desculpas para Charles, Peabody deu uma corridinha para alcançar Eve. — O que aconteceu?

— Temos outro assassinato.

## Capítulo Seis

Ele a deixara sobre a cama com os olhos arregalados e as pernas abertas de forma obscena. Algumas das pétalas de rosa estavam agarradas à sua pele. A cera das velas derreteria, se espalhara e formara poças sobre a base dos candelabros, a mesa, a pequena penteadeira, o piso e o tapete barato em cores vivas.

Aquela era uma quitinete jeitosa que a jovem chamada Grace Lutz tentara transformar em um lugar aconchegante e alegre, com a ajuda de cortinas franjadas e gravuras simples com molduras baratas.

Agora o lugar todo fedia a morte, sexo vulgar e velas aromáticas. Havia um vinho aberto, dessa vez um cabernet. A garrafa estava quase vazia. A música ambiente era fornecida por um aparelho de som portátil sobre uma mesinha, ao lado de um sofá que se abria à noite para servir de cama.

Não havia telão para relaxamento, nem monitores de nenhum tipo. apenas um *tele-link* simples. Mas havia livros em grande quantidade exibidos com cuidado e orgulho sobre uma prateleira, pintadas e pregadas em uma das paredes. Havia também fotos de Grace com um homem e uma mulher que, Eve supôs, deviam ser seus pais.

Havia ainda um pequeno vaso cheio de margaridas se despetalando sobre a penteadeira.

A cozinha não passava de um recuo onde havia um fogão de duas bocas, uma pia minúscula e um frigobar. Dentro do frigobar havia uma caixinha de ovos feitos de material industrializado, litro de leite e um potinho de geléia de morango.

Não havia outras garrafas de vinho além da que a matara.

Grace não costumava gastar dinheiro com coisas comuns, refletiu Eve. Nem em roupas da moda, como indicava o conteúdo do seu closet. No entanto, apesar de trabalhar em uma biblioteca, comprava muitos livros.

E também gastara algum dinheiro no que parecia ser um vestido novo que ficara largado no chão, formando um montinho de pano.

— Dessa vez ele sabia o que estava fazendo — analisou Eve. — Não há sinal de pânico aqui. Tudo o que vemos foi feito de forma deliberada.

— Fisicamente as vítimas eram completamente diferentes uma da outra — observou Peabody. — Essa aqui era uma mulher de aparência comum, com corpo miúdo. As unhas estão bem cortadas e limpas, mas sem esmalte. Não há nada chamativo ou sofisticado nela.

— É verdade. Quanto ao padrão econômico, elas pertencem a mundos diferentes. Socialmente, também. Esta aqui era uma menina caseira. - Eve olhou para o sangue coagulado nos lençóis e para as manchas de sangue seco na parte interna das coxas. — Aposto que o legista vai determinar que esta jovem era virgem. - Ela se inclinou. - Há marcas roxas nas coxas, nos quadris e nos seios. Ele pegou pesado dessa vez. Verifique a segurança, Peabody, e veja o que consegue descobrir para usarmos como base.

— Sim, senhora. *Por que ele machucou você?*, refletiu Eve consigo mesma ao analisar o corpo. *Quais os motivos para ele querer fazer isso?*

Ao lado da cama, ela viu a si mesma encolhida e de cócoras, com o braço quebrado, marcas roxas, em um canto. sangrando

*Porque eu posso, garotinha.*

Afastou a imagem da mente ao se levantar. A dor podia ser parte de um jogo de sedução. Mas não era algo romântico Mesmo

assim ele preparara o palco, com pétalas de rosa, luz de velas, vinho e música.

Por que será que dessa vez o cenário parecia um deboche da ideia de romance, em vez da tentativa de criar um clichê açucarado?

Vinho demais fora consumido e um pouco dele entornara na mesa e no tapete. As velas foram deixadas acesas e derreteram em filetes esparsos que formaram poças irregulares de cera solidificada. A manga do vestido novo havia sido rasgada.

Havia um toque de violência ali, uma maldade sutil que estava ausente do primeiro assassinato. Será que ele havia perdido o controle da situação? Será que achou o assassinato mais excitante que o sexo?

Peabody voltou.

— Só há câmeras de segurança na entrada do prédio. Peguei o disco da noite passada. Não existem câmeras nos corredores nem nos elevadores.

— Tudo bem. Vamos conversar com os vizinhos.

Dar más notícias aos parentes mais próximos não era fácil sob nenhuma circunstância. E nunca viraria rotina. Eve estava ao lado e Peabody, diante da porta no alto de uma escada de acesso de apenas dois degraus.

Havia gerânios vermelhos e brancos enfileirados com cuidado nos dois lados do caminho que dava na entrada da casa cortinas brancas cheias de babados enfeitavam a janela

Em volta a vizinhança parecia silenciosa como uma igreja, cercada de árvores com folhas verdes muito claras, pequenos jardins, ruas estreitas e bem cuidadas.

Eve não compreendia os bairros residenciais como aquela ordem militar que exibiam, seus quintais apertados e suas cercas inúteis. Também não entendia o porquê de tanta gente achar uma casinha como aquela em um bairro afastado do centro era espécie de meta de vida a ser alcançada, um dia.

Na cabeça de Eve, todo mundo um dia também alcançaria um caixão.

Ela tocou a campainha e ouviu sinos ecoando lá dentro. Quando a porta se abrisse e ela dissesse o que precisava ser dito, nada naquela casa voltaria a ser o mesmo.

A mulher que atendeu a campainha era linda e loura. Era a jovem senhora que aparecia na foto da penteadeira da vítima. Deve ser a mãe. Eve percebeu a semelhança dos traços na mesma hora.

— Sra. Lutz?

— Sim. - Apesar de sorrir, a ação foi um simples reflexo, os seus olhos se mostraram intrigados e distraídos. — A senhora deseja alguma coisa?

— Sou a tenente Dallas. - Eve exibiu o distintivo. — Polícia Nova York. Esta é a minha auxiliar, a policial Peabody. Podemos entrar?

— De que se trata? — A mulher levantou uma das mãos para ajeitar o cabelo, e o primeiro sinal de nervoso apareceu no leve tremor que exibiu.

— É a respeito da sua filha, sra. Lutz. É sobre Grace.

— Gracie? Ela não está em apuros, não é? — O sorriso tentou se ampliar, mas acabou desaparecendo do rosto. — Minha Gracie nunca se meteu em problemas.

Então a notícia teria de ser dada dali mesmo, da porta de entrada, sob a guarda das flores brilhantes do jardim.

— Sra. Lutz, eu sinto informá-la, mas sua filha Grace esta morta.

Os olhos da jovem senhora ficaram sem expressão por um instante.

— Claro que não. - Uma ponta de irritação apareceu em sua face — Que absurdo! Que coisa horrível de se dizer! Quero que a senhora se retire daqui imediatamente. Quero que vá embora! Eve encostou a mão na porta à sua frente para impedi-la de ser fechada.

— Sra Lutz, Grace foi morta na noite passada, Sou a investigadora principal do caso e sinto muito pela sua perda. A senhora precisa nos deixar entrar.

— Minha Grace? Minha filhinha?

Eve não disse nada, simplesmente colocou o braço em volta da cintura da mulher, a fim de ampará-la. A porta se abriu e diante delas havia uma sala de estar onde se viam um sofá azul com encostos cheios, arredondados, e duas poltronas sóbrias. Eve acompanhou a senhora até o sofá e se sentou ao lado dela.

— Há alguém com quem a senhora deseje entrar em contato, Sra. Lutz? Seu marido?

— George. Ele está na escola. É professor do ensino médio. Grace... - Ela olhou em torno do ambiente, ligeiramente desorientada, como se esperasse a filha entrar na sala a qualquer momento.

— Peabody, ligue para a escola.

— Isso deve ser algum engano, não é? — A sra. Lutz apertou a mão de Eve com força; seus dedos estavam gélidos. — Sim, foi isso. A senhora está enganada. Grace trabalha na cidade, na Biblioteca Pública da Quinta Avenida. Vou ligar para ela, tudo vai ser esclarecer e ficaremos muito melhor.

— Sra. Lutz. Não há engano.

— Tem de ser. George e eu fomos à cidade visitá-la há poucos dias no domingo e a levamos para jantar. Ela estava ótima. - A raiva e choque começaram a surgir e lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto. - Ela estava *ótima*.

— Eu sei. Sinto muito.

— O que aconteceu com minha filhinha? Foi um acidente?

— Não senhora, não foi acidente. Grace foi assassinada.

— Mas isso não é possível! - Ela abanou a cabeça para os lados com força, como se guiada por cordéis invisíveis. - Isso simplesmente não é possível.

Eve deixou-a chorar um pouco em paz, baixinho. Sabia aquela primeira onda de pesar abafava todo o resto.

— Ele já está vindo - murmurou Peabody.

— Ótimo. Vá buscar um pouco d'água para ela, ou algo assim.

Eve se sentou ao lado da mulher que soluçava, enquanto observava a sala em volta. Havia livros ali, dispostos como tesouros sobre prateleiras. Tudo estava discretamente arrumado, com a precisão e a solidez de uma sala de estar de classe média. Um holograma emoldurado de Grace estava sobre uma das mesas laterais do sofá.

— O que aconteceu com minha filhinha?

Eve se ajeitou no sofá e olhou de frente para o rosto arrasado da sra. Lutz.

— Ontem à noite, Grace foi se encontrar com um homem com quem trocava e-mails e conversava em salas de bate-papo virtual. Acreditamos que este homem misturou no drinque, ou nos drinques, que ela tomou durante a noite uma substância conhecida pelo uso em casos de estupro.

— Oh, meu Deus! -A sra. Lutz apertou os braços em torno da barriga e começou a se balançar devagar. — Oh, meu Deus.

— Tudo indica que ele voltou com Grace para o seu apartamento e continuou a lhe oferecer drogas ilegais até o momento em que ela sofreu uma overdose.

— Mas ela nunca usaria drogas ilegais.

— Acreditamos que ela não sabia que havia drogas na bebida, sra. Lutz.

— Então ele a fez consumir essas drogas porque queria...Apertou os lábios formando uma linha reta e pálida. Por fim, expirou com força, em um longo lamento entrecortado. — Ele a estuprou?

— Suspeitamos que sim. Eu... -Até onde ela devia continuar com esse sofrimento?, perguntou Eve a si mesma. Até que ponto

falar ajudaria em alguma coisa?

— Sra. Lutz, se lhe servir de algum conforto Grace não teve nenhum momento de pavor. Nem sofreu dor.

— Porque alguém a machucaria? Que tipo de pessoa faria isso com uma jovem inocente?

— Não sei dizer. Esteja certa de que vou encontrá-lo, mas preciso que a senhora me auxilie.

A sra. Lutz ergueu a cabeça e a jogou para trás, contra o encosto do sofá.

— Em que poderia ajudá-la, se a minha filha se foi?

— Grace tinha algum namorado?

— Robbie. Robbie Dwyer. Eles namoraram por algum tempo durante o ensino médio, se separaram, mas reataram o namoro nos primeiros semestres da faculdade. Ele é um bom rapaz. Sua mãe e eu pertencemos ao mesmo clube do livro. — Sua voz falhou. — Eu achava que algo mais poderia resultar desse namoro, mas a verdade é que tudo era mais amizade que romance. Grace quis se mudar para a cidade, e Robbie conseguiu um emprego como professor aqui mesmo. Eles acabaram se afastando.

— Há quanto tempo não estão mais juntos?

— Se a senhora acha que Robbie faria uma coisa dessas ou algo semelhante, está enganada, tenente. Eu o conheço desde que era bebê. Além disso, ele está saindo com uma moça muito boazinha.

— Alguma vez ela comentou com a senhora sobre estar interessada em alguém ou falou de alguém que estaria interessado nela? Alguém que morava perto dela?

— Não nada disso. Ela trabalhava muito, e também estudava. Era tímida. Minha Grace é muito tímida. É difícil, para ela, conhecer novas pessoas, foi por isso que a incentivei a ir morar na... -Ela desabou mais uma vez- George queria que ela continuasse aqui morando conosco, dando aulas e permanecendo no ninho. Fui eu

que lhe dei forças, com incentivos sutis, porque queria que ela decolasse na vida. Agora eu a perdi.

— A senhora poderia me levar até ela? Quando George chegar aqui, a senhora nos levará para ver nossa filhinha?

— Claro. Eu os levarei até ela.

O comandante Whitney estava no *tele-link* no momento em que fez sinal para Eve entrar em sua sala. No entanto, não apontou para uma cadeira, e ela também não fez menção de sentar. O rosto largo do comandante pareceu a Eve muito enrugado, como um mapa que mostrasse as rotas dos estresses, das batalhas e da autoridade.

Usava um terno em um tom marcante de café, quase o mesmo da sua pele. Naquela roupa ele parecia um tanto corpulento e severo. Uma combinação de respeito, conforme Eve sempre achara. Uma combinação que o fazia parecer tão à vontade atrás de uma mesa quanto nos momentos em que atuava em campo.

Um aquário fora instalado em um dos cantos da sua mesa. Estava cheio de água azul-céu com pedras lisas e arredondadas que brilhavam na base. Intrigada e perguntando a si mesma sobre o significado daquilo, Eve percebeu o deslizar rápido de um pequeno bólido escarlata.

— Minha esposa - explicou Whitney, assim que encerrou a ligação - acha que isso servirá para alegrar meu gabinete. Deveria me deixar mais relaxado, também, mas que diabos eu posso fazer para me distrair com a droga de um peixe?

— Não sei dizer, senhor.

Por alguns instantes, ambos observaram o peixinho listrado que nadava em círculos por dentro do aquário, sem parar. Como sabia que a mulher do comandante gostava de coisas da moda e objetos de decoração, Eve procurou por alguma coisa adequada para dizer.

— Ele é veloz.

— O diabo desse bicho fica girando assim, sem parar, quase o dia todo. Fico cansado só de olhar.

— A essa velocidade ele vai acabar se cansando e morrendo antes de completar duas semanas.

— Deus a ouça! Onde está sua auxiliar, tenente?

— A mandei pesquisar referências cruzadas sobre as duas vítimas. Não achamos nada que corrobore uma possível ligação entre as duas.

Ambas gostavam de livros, e de poesia em particular. Ambas passavam o tempo em cybercafés.

Até o momento, porém, não conseguimos achar um único estabelecimento ou uma sala de bate-papo virtual que ambas frequentassem.

Whitney se recostou na cadeira.

— O que descobriu até agora, Dallas?

— A vizinha do outro lado do corredor de Grace Lutz se chama Angela Nicko. Foi ela quem encontrou o corpo, hoje de manhã. Elas costumavam tomar o desjejum juntas todos os dias, e quando Grace não apareceu nem atendeu à campainha, Angela ficou preocupada e abriu a porta com a cópia da chave, que possuía. A propósito, Angela Nicko é uma bibliotecária aposentada com mais de noventa anos.

E havia chorado muito, lembrou Eve. Derramara lágrimas silenciosas ao longo de todo o depoimento.

— No momento, ela é a única moradora do prédio com quem a vítima tinha contatos regulares. Todos dizem que Grace era uma jovem muito educada, que quase nunca mudava sua rotina. Ela ia da casa para o trabalho e vinha do trabalho para casa. Duas vezes por semana dava uma passada no supermercado perto de casa, para comprar mantimentos. Além de Angela, não possuía amigos chegados, nem namorados. Estava cursando uma faculdade on-line nas horas vagas. Pretendia se diplomar em biblioteconomia.

— Câmeras de segurança?

— Só uma, na entrada do prédio. Considerando que na gravação do primeiro crime o suspeito usou um disfarce, imagino que ele tenha feito o mesmo. Estou à espera dos resultados do laboratório, sua aparência estava muito diferente no segundo crime. Mais baixo, cabelos louros lisos, queixo quadrado, sobrancelhas espessas, olhos escuros, pele com um leve bronzeado.

Eve olhou fixamente para o peixe. Aquilo a deixava tonta mas ela não conseguia afastar os olhos do bicho.

— Ele exibia uma atitude diferente também – continuou.

Uma espécie de deliberação, um prazer na violência que não parecia presente no primeiro assassinato. Estamos trabalhando para rastrear a primeira peruca e os cosméticos. Também estamos analisando os movimentos do assassino pela internet e continuamos em busca de mais alguma coisa em comum entre as vítimas.

Já marquei uma consulta com a Dra. Mira e estou repassando para ela os arquivos relatórios que temos até agora.

— A mídia ainda não farejou a ligação entre as duas mortes, mas não vamos conseguir segurar isso por muito tempo, tenente.

— Neste caso, senhor, a mídia poderia ser uma vantagem para nós. Se as mulheres forem alertadas sobre os perigos desse tipo de encontro, o campo de ataque para o suspeito encolherá. Gostaria de deixar vaziar alguns dados para Nadine Furst, do Canal 75.

Whitney apertou os lábios.

— Tome cuidado para esse vazamento não se tornar uma inundação antes de estarmos prontos para isso.

— Sim, senhor. Tenho algumas fontes investigando as drogas ilegais, e pedi a Feeney que use seus contatos na divisão que trata disso. Nenhuma das duas drogas utilizadas é comum. Quando eu encontrar o fornecedor, talvez precise de espaço para negociar com ele.

— Vamos deixar para discutir isso no momento em que você encontrar a pessoa que fornece as drogas. O que posso lhe dizer é que não haverá muito espaço para manobras. Politicamente, essas drogas ilegais são uma batata quente. Se pegarmos leve com um fornecedor, teremos organizações feministas, defensores do equilíbrio social, da moral e dos bons costumes fazendo fila lá fora para me capturar.

— E se esse acordo com o fornecedor ajudar a salvar vidas?

— A muitas dessas pessoas esse argumento não vai convencer. Elas lidam com princípios éticos, não com indivíduos. Explore todos os ângulos tenente, faça uma lista de prioridades. Agarre esse agarre esse canalha antes de termos mais gente morta nas mãos e um pesadelo para o Departamento de Relações Públicas.

Eve estava pouco se lixando para as relações públicas.

Como a sua postura em relação não era nenhum segredo de Estado, era de esperar que Nadine expressasse algumas suspeitas ao receber, de bandeja, vários dados confidenciais.

— Que tipo de armação é essa, Dallas? — Foi a reação dela.

Eve havia deixado para falar com Nadine ao chegar em casa, em vez de ligar da Central. Isso, a seu ver, tornaria a troca de favores mais amigável do que oficial.

— Estou lhe fazendo um favor, Nadine.

Nadine, muito bem maquiada e pronta para entrar no ar em poucos minutos, ergueu uma das lindas sobrancelhas arqueadas e fez sua boca pintada em um tom forte de coral sorrir de leve.

— Você, a tenente boca de cofre, está, de livre e espontânea vontade e por pura camaradagem, me oferecendo dados sobre uma investigação em andamento?

— Exato.

— Espere um instantinho. — O rosto de Nadine sumiu da tela por dez segundos. — Fui verificar com o nosso meteorologista. Pelo visto, apesar das indicações em contrário, não nevou no inferno.

— Ah, Nadine, espere um pouco até eu me recuperar do ataque de risos. E aí? Vai querer os dados ou não?

— Vou querer, sim.

— Eis sua manchete: uma fonte confiável que trabalha na polícia confirmou que as investigações sobre as mortes de Bryna Bankhead e Grace Lutz têm ligação uma com a outra.

— Espere um pouco - Tudo em Nadine pareceu entrar em alerta ao mesmo tempo. -Até o momento ninguém confirmou se a morte de Bryna Bankhead foi acidente, suicídio ou assassinato.

— Foi assassinato. Pronto, está confirmado

— Minhas informações são de que o assassinato de Grace Lutz foi de cunho sexual. - Nadine parecia mais ligada agora. A reporter em alerta entrara em ação. — Aconteceu a mesma coisa com Bryana Bankhead, então? As vítimas se conheciam? Estamos lidando com um único suspeito

— Não me interrogue, Nadine. Não sou uma das entrevistadas do seu programa.

As duas vítimas eram jovens e solteiras. Na noite da sua morte, ambas se encontraram com um indivíduo que conheciam apenas por e-mail e por salas de bate-papo virtual.

— Que tipo de salas de bate-papo? Onde eles se encontraram?

— Cale a boca e escute, Nadine. Existem provas de que as duas vítimas receberam doses de uma substância ilegal durante a noite, possivelmente sem saber disso.

— Uma droga geralmente usada em casos de estupro?

— Você é rápida mesmo! Sua fonte não negou nem confirmou tal informação. Pegue a dica, Nadine, e corra atrás. Isso é tudo que vai rolar por agora.

— Saio daqui da estação em uma hora e meia. Posso me encontrar com você onde você marcar, Dallas.

— Hoje, não. Eu aviso onde ou quando.

— Espere! — Se fosse possível, Nadine teria se teletransportado pelo *tele-link*. — Me dê mais alguma dica sobre o suspeito. Você já tem uma descrição dele ou um nome?

— Todas as vias de investigação estão sendo consideradas, etc, etc, etc. — Eve desligou no instante em que Nadine se preparava para xingar.

Satisfeita, foi até a pequena cozinha contígua ao escritório e programou café no AutoChef. Depois se colocou diante da janela, olhando para a noite que se tornava mais densa a cada segundo.

Ele estava lá fora naquele exato momento, em algum lugar. Será que já marcara outro encontro? Será que se preparava, naquele exato momento, para se tornar a fantasia viva de alguma mulher esperansaça

*Será que amanhã, ou depois de amanhã, haverá outros amigos e familiares cujas as vidas eu vou destroçar*

A família Lutz nunca iria se recuperar por completo. Eles seguiria em frente com suas vidas e, depois de algum tempo, já não pensariam mais na aquilo em todos os minutos do seu dia.

Talvez voltassem a rir, trabalhar, fazer compras, inspirar e expirar. Mas haveria sempre um buraco em suas vidas. Um espaço vazio em suas almas.

Eles formavam uma família. Um foco de união. Eve sentira essa união na casa. No conforto e na desordem aconchegante que viu ali. Nas flores do lado de fora da porta, na maciez acolhedora do sofá.

Agora, em vez de pais, eles eram sobreviventes. As pessoas que sobreviviam continuavam para sempre ouvindo o eco da pessoa que se fora dentro da cabeça.

Eles manteriam o quarto da filha intacto, pensou Eve, enquanto o café pronto esfriava dentro do AutoChef. Ao fazer pesquisas sobre a vítima, pesquisando tudo em busca de algo, qualquer coisa que se somasse à imagem de Grace Lutz, Eve acompanhara todos os

estágios da sua vida, de bebê para menina e depois para uma jovem adulta.

Bonecas arrumadas cuidadosamente sobre uma prateleira, servindo mais como decoração do que como brinquedos, mas mesmo assim, tratadas como tesouros.

Livros, fotos, hologramas. Caixinhas de bugigangas com o formato de coração ou de flor. A cama tinha um dossel amarelo e as paredes eram de um branco virginal.

Não conseguiu se imaginar crescendo ali, em meio a todas aquelas coisas doces e femininas. Cortinas cheias de babados o notebook barato sobre a escrivaninha que fora decorada margaridas que combinavam com o revestimento do abajur. A garota que havia dormido naquela cama, que lera ao lado luminária fora feliz, se sentira segura e amada.

Eve nunca tivera uma boneca, nem cortinas nas janelas. Não havia pequenos tesouros femininos para guardar em caixinhas com decoração.

Os quartos que recordava nos tempos de sua infância eram entulhados com tralhas, espaços apertados em hotéis baratos onde as paredes eram finas e às vezes, muitas vezes, animais miúdos rastejavam pelos cantos.

O ar era abafado e não havia onde se esconder nem para onde fugir quando ele voltava e não estava bêbado o bastante para esquecer que ela estava ali.

A menina que dormira naquelas camas e tremera nas sombras se sentira aterrorizada, desesperada e perdida.

Ela deu um pulo ao sentir uma mão encostar em seu ombro por instinto, moveu a mão em busca da arma, ao mesmo tempo que girava o corpo.

— Calma, tenente! - Roarke acariciou o braço dela de forma suave, descendo de leve até parar sobre sua mão, enquanto analisa seu rosto. — Você estava longe daqui. Aonde foi?

— Tentava fechar um círculo. - Ela se afastou dele e abriu porta do AutoChef para pegar o café. — Não sabia que você havia voltado para casa.

— Acabei de chegar. - Ele colocou as mãos nos ombros dela massageou os pontos de tensão. — Você teve um daqueles flashes memoria?

Ela balançou a cabeça, tomou um pouco do café frio e continuou a olhar para a escuridão lá fora. Sabia que, se não se livrasse daquela sensação, ela iria aumentar.

— Quando você estava viajando - começou ela - eu tive um sonho. Um sonho péssimo.

Ele não havia morrido, estava coberto de sangue, mas não estava morto. E falou comigo. Ele me disse que eu nunca o mataria, que nunca escaparia dele.

Ela viu o reflexo de Roarke na caneca e viu sua própria imagem se misturar com a dele.

— Ele ia me castigar por alguma coisa e se levantou. O sangue escorria por toda parte, mas ele continuava em pé. E veio em minha direção.

— Ele está morto, Eve. - Roarke pegou a caneca da mão de Eve e colocou de lado virou o rosto dela de frente para o seu. — Ele não pode machucá-la, a não ser em pesadelos.

— Ele me mandou lembrar do que ele me contou, mas não consegui. Não sei o que ele queria dizer. Só sei que eu lhe perguntei por que me machucava. Ele me disse que fazia isso porque eu não era nada nem ninguém, mas basicamente me machucava porque podia fazer isso. E parece que eu não consigo tirar esse poder dele até hoje. Mesmo agora, não consigo.

— Você o diminui ainda mais como ser humano a cada vez que defende uma vítima de violência. Talvez quanto mais você se afastar do seu pai no mundo real, mas difícil será fazê-lo nos sonhos.

— Não sei— ele passou os dedos de leve pelos cabelos dela.

— Você vai conversar a respeito de tudo isso com a Dra. Mira?

— Não sei... Não! — ela afirmou. — A Dra. Mira não tem nada a me dizer que eu já não saiba.

*Ou esteja pronta para enfrentar*, pensou Roarke, mas deixou o assunto de lado.

— Mesmo assim eu vou ter que procurar a doutora para uma consulta sobre os assassinatos.

— Houve mais um? Houve. Vou precisar trabalhar ainda mais horas neste caso.

— Foi o mesmo homem?

Eve não respondeu e circulou a esmo pelo escritório. Percebeu que não queria mais tomar café. Em vez de bebê-lo, continuou em movimento, deixando todas as informações circulando pela mente enquanto dava a Roarke os detalhes básicos sobre o segundo assassinato.

— Se houver uma fonte de distribuição das substâncias ilegais que foram usadas eu poderia localizá-la para você - ofereceu Roarke.

Ela olhou para ele, muito elegante em seu terno escuro. Não dava para esquecer que havia um homem perigoso ali dentro, um homem que no passado trabalhara lado a lado com outros homens igualmente perigosos.

As Indústrias Roarke talvez fossem o conglomerado mais perigoso do mundo, mas o negócio nascera, como o seu dono, nos becos escuros e nas ruelas terríveis das favelas de Dublin.

— Não quero que você faça isso - disse Eve. — Pelo menos por enquanto. Se Charles e Feeney não conseguirem nada, pode ser que eu apele para você, desde que isso não o obrigue a entrar em contato direto com essa parte do seu passado.

— Minha ligação não seria muito diferente da sua, só mais rápida.

— Eu sei, mas é diferente, porque eu tenho um distintivo. Estou aqui pensando, Roarke. Você conhece um monte de mulheres.

— Tenente! Essa parte do meu passado é um livro fechado.

— Sei, tá legal. O que estou dizendo é que, pela minha experiência, a maioria dos homens sente atração por um tipo específico de mulher. Às vezes é uma mulher intelectualizada, ou subserviente, ou esportiva, sei lá...

Ele se aproximou dela.

— Qual é o tipo de mulher que você acha que eu prefiro?

— Você arrastava qualquer uma dentre as muitas que se jogavam aos seus pés, sem se preocupar com um tipo específico.

— Pois eu não me recordo de você ter se jogado aos meus pés.

— Nem se empolgue com essa ideia. Além do mais, você não serve de exemplo, pois nunca precisou pescar nas águas virtuais de uma sala de bate-papo, a fim de conseguir um encontro ou uma transa.

— Isso não está me parecendo um elogio.

— Bem, o que eu quero dizer é que as pessoas, em geral, tem expectativas ou fantasias a respeito do par perfeito. Encontro número um: temos uma mulher esperta, sofisticada, urbana, com uma quedinha por lances românticos. Roupas da moda, antenada. Apartamento luxuoso vida sexual ativa, sempre que consegue companhia é extrovertida e simpática.

Gosta de moda, poesia e música. Gasta muito em, roupas, restaurantes e salões de beleza. Poderia ou não estar em busca do príncipe desencantado e ao alcance das mãos

— Além do mais - acrescentou Roarke -, é aventureira o bastante para escolher um candidato em meio a rodadas de drinques,

— Exato. Encontro número dois: temos uma mulher de classe média com mentalidade suburbana e sossegada. É tímida, calada, uma intelectual.

Pega a grana que ganha e gasta tudo em livros e no aluguel de uma quitinete. Quase nunca janta fora e passa de quinze a vinte

minutos todo dia de manhã em companhia de uma vizinha com idade para ser sua avó. Não tem amigos íntimos na cidade. É muito jovem e ainda é virgem. Busca uma alma gêmea. Um homem para o qual ela se guardou.

— E ela é tão ingênua que acredita que o encontrou sem nunca tê-lo conhecido pessoalmente.

— Uma era introvertida; a outra, extrovertida. São completamente diferentes em termos físicos. No primeiro caso, o assassinato aparentemente ocorreu sem ter sido planejado e o criminoso entrou em pânico. Não havia sinais de violência infligida antes da morte. O sexo foi unicamente vaginal.

Ela pegou um disco em sua pasta, colocou no computador e continuou a análise:

— No segundo caso, a morte parece ter sido premeditada e o criminoso agiu deliberadamente. Há sinais de violência, marcas e mordidas. A vítima foi estuprada de forma brutal, repetidas vezes e também sodomizada. Poderíamos teorizar que ele ficou mais empolgado, mais animado ou fascinado pelo primeiro assassinato.

Resolveu passar pela emoção de tudo novamente, dessa vez de propósito e de um jeito mais agressivo, pois a adrenalina do ato o deixou excitado.

Concordando com a cabeça, Roarke se levantou e se colocou ao lado de Eve, dizendo:

— É. Pode ser isso.

— Ligar tela um! - ordenou Eve. — Eu dividi a tela e coloquei as imagens do assassino lado a lado, com base nas câmeras de segurança da entrada do prédio de cada uma das vítimas. A foto da direita é a do apartamento de Bryna Bankhead.

Sabemos que o assassino está de peruca, com massa cosmética para modificar as feições e muita maquiagem. Com esse visual ele atende pelo nome de Dante

A esquerda vemos a foto tirada na entrada do apartamento de Grace Lutz. Dessa vez o assassino usou o codinome Dorian. O trabalho de maquiagem é excelente. O tipo físico e a altura são mais ou menos os mesmos. Se bem que esses dados podem ser adulterados facilmente com o uso de saltos mais altos, enchimento nos ombros e outros acessórios desse tipo.

Eve já analisara as imagens com muita atenção, repetidas vezes. Sabia de cor e salteado o que os vídeos mostravam.

— Repare que Dante segura a mão dela com carinho, beija os seus dedos, mantém a porta aberta para ela passar. O cavalheiro perfeito em um encontro de sonho. Dorian, por sua vez, está com o braço em volta da cintura da vítima.

Ela o olha com ar de encantamento à medida que se aproximam da porta, mas ele não se vira e evita contatos do tipo olho no olho. Para ele, não importa como a sua acompanhante é, pois na sua cabeça ela já está morta.

Ela trocou os vídeos.

— Aqui, Dante está saindo do apartamento. Dá para ver a sua cara de pânico e o suor no rosto. *Por Deus, ele pensa, como foi que isso pôde acontecer? Como é que eu vou escapar dessa?* No entanto, aqui, na saída do apartamento de Grace Lutz, ele sai todo empinado, com ar quase arrogante, olha para trás e solta um risinho. Parece estar pensando: "Isso foi divertido. Quando será que eu vou poder repetir a dose?"

— A sua primeira teoria tem a ver - comentou Roarke. — Ele ainda está construindo a sua autoconfiança, o nível de carência e prazer. Outra possibilidade seria a de que ele possui personalidades diferentes e visuais diferentes para mulheres diversas. Mas você tem uma terceira teoria. — Roarke afastou os olhos da tela e os direcionou para Eve.

— Você acha que dois homens podem estar envolvidos.

— Pois é só que essa teoria é simples demais. Talvez seja exatamente isso que ele queira que eu pense. - Ela se sentou e tornou a olhar para as duas imagens na tela dividida ao meio. — Não consigo entrar na mente dele, Roarke. Rodei o programa de probabilidades com dois possíveis assassinos. O resultado foi baixo: quarenta e três por cento.

— Computadores não possuem instinto. - Ele se aproximou e se sentou sobre a quina da mesa de Eve. — O que você enxerga aqui?

— A linguagem corporal dos dois é diferente, os seus estilos são diferentes e o papel que cada um representa é único. Pode ser uma encenação. Talvez ele seja um ator. Toma seus drinques em um lugar caro e romântico, e depois segue para a casa da vítima. Não quer sujar o próprio ninho. Temos a luz de velas, o vinho, um pouco de música.

Ele usa o mesmo cenário. Ainda não consegui os resultados dos exames de DNA, mas os peritos não encontraram impressões digitais no apartamento de Grace Lutz, a não ser as da própria vítima e as da vizinha. Não havia marcas na garrafa, nem nas taças, nem no corpo dela. Dessa vez ele passou spray selante nas mãos. Por que faria isso, sabendo que temos as digitais dele retiradas do local do primeiro crime?

— Se forem duas pessoas, de verdade ou por dupla personalidade, eles se conhecem intimamente. São uma espécie de irmãos - disse Roarke, e Eve ergueu os olhos na direção dele. — Eles são parceiros. E isto é um jogo.

— Nesse caso eles estariam com um placar na cabeça: 1x1. Precisa haver um desempate. Vou monitorar algumas das salas de bate papo virtual e ver onde foi que os nomes usados apareceram.

Faça isso do meu escritório. Meu equipamento é mais veloz e seu trabalho vai render mais. Além disso - acrescentou, sabendo que ela já pensava em uma desculpa para recusar a oferta -, posso lhe fornecer a lista dos compradores dos vinhos.

— Você consegue cruzar os dados com as compras do Castillo di Vecchio Cabernet, safra 43?

— Consigo, sim — garantiu ele, seguindo para a sala ao lado da dela. — Ainda mais se eu tiver alguém para me acompanhar em uma taça de vinho.

— Uma taça só — avisou ela, entrando primeiro. — Hoje eu ainda vou trabalhar por um bom tempo.

— Simplesmente informe à máquina quais as salas de bate-papo que você pretende monitorar.

Ela contornou o longo console preto e parou diante de um dos monitores de última geração.

— Preciso pegar os dados nos meus arquivos.

— Computador, acessar a unidade seis. O nome é Eve. - Ele foi escolher uma garrafa em um armário atrás do bar. — É só informar o nome do arquivo que o sistema pega para você, querida.

— Vai adiantar alguma coisa eu dizer que mantenho dados confidenciais do Departamento de Polícia de Nova York no meu computador de casa e que você não tem autorização para acessá-los?

— Não, nem um pouco. Acho melhor escolher algo leve. Ah! Este aqui é excelente! - Ele pegou uma garrafa, girou-a nas mãos e riu ao olhar para a cara amarrada de Eve. — Por que não fazemos uma boquinha, aproveitando o embalo?

— Lembre-me de lhe dar uma esculhambação mais tarde.

— Claro, querida, vou até anotar — concordou ele, abrindo a garrafa.

## Capítulo Sete

Eve tomou alguns goles de vinho, comeu um pouco de caviar e tentou não pensar no quanto tudo ali era absurdo.

Se alguém da Central soubesse das cenas sofisticadas que rolavam em sua casa, ela nunca mais escaparia da zoação.

Roarke estava adorando a situação e se preparou para curtir ainda mais.

— Informe as palavras que você deseja rastrear.

— Dante, de Nova York - disse ela. - E Dorian, também de Nova York. Feeney está pesquisando todos os nomes e cruzando-os com o nome da cidade, mas quem sabe...

— Sim, quem sabe não vale a pena pesquisarmos também. Vamos acabar com milhões de referências, mas talvez tenhamos sorte.

— E quanto ao nome da conta de e-mail? Ele pode usar nomes falsos para frequentar os chats e se livrar deles depois que acaba.

— Sim, chegue um pouco pra lá. - Ele empurrou a cadeira dela um pouquinho para a esquerda e se sentou junto de Eve. — Computador, fazer uma pesquisa contínua para todas as atividades realizadas na conta denominada La Belle Dame.

*Iniciando a pesquisa...*

— Roarke, Feeney me avisou que é preciso passar por um monte de bloqueios de acesso e protocolos do servidor a fim de... - Ela parou de falar e ergueu a taça quando Roarke simplesmente balançou as sobrancelhas para cima e para baixo, sorrindo para ela.

— Deixa pra lá.

— Computador, indicar se houve algum movimento na conta eletrônica citada, em qual data, e informar o local onde essa atividade ocorreu.

*Pesquisa em andamento. O usuário será notificado quando ela terminar.*

*Sistema processando...*

— Não pode ser assim tão fácil — afirmou Eve.

— Não, normalmente não é, mesmo. — Ele se inclinou de leve e a beijou. — Você tem muita sorte por eu estar ao seu lado, não é verdade? Nem precisa falar, pois já sabemos a resposta — continuou ele, enfiando um canapé com caviar na boca de Eve. — Deixe-me só informar mais uma lista de nomes ao sistema.

Ele trabalhou manualmente, digitando alguns comandos com rapidez no teclado. Eve viu a lista na tela começar a subir, expirou com força e comentou:

— Podia ser pior. Se fosse um vinho barato, nós teríamos milhares de nomes a mais para pesquisar.

— Teríamos muitas centenas de milhares mais, acredite. Podemos fragmentar ainda mais a busca até chegarmos às compras individuais de cada garrafa e aos pedidos feitos em restaurantes. Agora vamos ver o que conseguimos descobrir a respeito do outro vinho, o cabernet.

— A fábrica do cabernet também pertence a você?

— Não. É de um concorrente. Mas tenho meios de descobrir os compradores. Vou levar só alguns minutos mais.

Como Eve não se sentia muito à vontade por pertencer à polícia de Nova York e, ao mesmo tempo, presenciar impassível enquanto um civil extrapolava os limites da lei, ela se levantou, circulou pela sala e acabou junto do telão.

— Computador, projetar os compradores do sexo masculino e solteiros na tela quatro — ordenou Roarke.

Eve reparou que a lista encolhera muito. Ela não pretendia nem deixaria de fora os restaurantes, as mulheres e as contas conjuntas, mas daria prioridade às duzentas vendas efetuadas para homens e listadas na tela.

— Computador, apresentar, na tela cinco, compras do mesmo produto feitas mais de uma vez por homens solteiros - ordenou ela.

— Pronto, assim está melhor! — reagiu ao ver a lista encolher ainda mais para cento e quatorze nomes. — Você já conseguiu a lista de vendas do outro vinho?

— Calma, tenente. — Ele ergueu os olhos e olhou para ela fixamente, daquele jeito que fazia sua pele formigar e seus músculos virarem geléia.

— Que foi?

— Você parece uma pintura, parada aí em pé com jeito de tira. Olhos frios e focados, expressão séria e uma arma mortal presa no coldre. Isso me dá água na boca. — Rindo baixinho, ele voltou ao trabalho. — Fiquei até meio tonto. Ah, aqui está. Projetar os dados na tela três!

— Você fala essas coisas só para me provocar?

— Não, mas esse é um interessantíssimo efeito colateral. Aliás, você parece uma pintura quando se sente provocada também.

— As vendas do meu vinho bateram as do concorrente por uma pequena porcentagem, algumas centenas de garrafas ao longo dos últimos doze meses.

— Ora, mas que surpresa! — disse ela, com a voz seca, e se virou para dar novas ordens: — Computador, cruzar os dados e filtrar tudo. Quero os nomes dos homens solteiros que compraram as duas marcas no período indicado. Ah... menos de trinta? — Ela apertou os lábios. — Eu imaginei um número maior.

— Fidelidade à marca, querida.

— Vamos começar com estes, então. Computador, eliminar os que têm mais de cinquenta anos, para começar. Nosso rapaz, ou

rapazes, é mais jovem. Se bem que vou ter que reavaliar tudo depois. Talvez o papai deles tenha comprado os vinhos. Ou um tio. Ou um irmão mais velho. Ou talvez... — acrescentou ela, olhando de novo para a tela, onde havia centenas de compras pagas por uma conta conjunta — ... mamãe e papai fizeram compras juntos. Mas não, acho que não. — Ela começou a andar de um lado para outro.

— Preciso que Mira me forneça um perfil do assassino, mas a princípio vou descartar a ideia. Acho que não é romântico, nem sensual, levar para um encontro uma garrafa de vinho que mamãe e papai compraram. Senão você continua sendo uma criança, e você é um homem agora, garoto, se liga! Você é um homem de verdade e pode provar isso.

— “Você é O CARA. Pode escolher qualquer mulher do rebanho — continuou. — Pode pegá-las no lixo, quando bem quiser. As mulheres são implacáveis, segundo o poema. Elas esmagam os homens, se tiverem chance de fazê-lo, mas você não vai dar mole, porque está no comando de tudo dessa vez.”

Ela começou a olhar os nomes, afastou-se um pouco e em seguida voltou para junto deles.

— Mulheres. Megeras, putas, deusas. Você as quer sexualmente, mas também as deseja em outro nível. Você aspira ter poder sobre elas, um poder absoluto. É por isso que planeja, caça e seleciona. Você já a viu, mas ela não reparou que você estava lá. Você tem que vê-la de perto para ter certeza absoluta de que ela é atraente o bastante. Precisa tirar a prova de que ela não inventou um perfil *fake* e criou uma fantasia sobre si mesma, do mesmo jeito que você criou a fantasia do seu codinome. Nada disso, ela precisa ser real. Ela tem de valer a pena. Você não pode desperdiçar o seu tempo com qualquer uma, nem com nada que seja menos do que você merece.

Fascinado com a análise, Roarke se recostou na cadeira e perguntou:

— O que ele faz?

— Selecciona. Planeja o cenário. Seduz com palavras e com imagens. Em seguida, prepara o terreno. O vinho. Um que combine com o seu gosto, com o seu estado de espírito e com o de mais ninguém. Escolhe as velas, uma fragrância que agrade ao seu olfato. Pega as drogas ilegais, para se sentir no controle. Ele não será rejeitado. Mais que isso, será desejado. Desesperadamente desejado.

— Então o fator principal é o sexo?

Ela balançou a cabeça para os lados, sem desgrudar os olhos dos nomes.

— O fator principal é o desejo. É uma coisa diferente. Tem de ser desejado por escolha dela mesmo. Isso é tão vital quanto o controle que terá sobre a vítima. Ela *tem* de desejá-lo. Ele teve todo esse trabalho para se transformar em objeto de desejo, então a questão não é só controle e poder. Ele tem a necessidade de ser o foco, o centro de tudo, porque esse será o momento dele. O jogo dele. A vitória dele.

— O prazer dele — acrescentou Roarke.

— Sim, o prazer dele. Mas existe a necessidade de fazer a mulher achar que ela também tem prazer. Ele se coloca diante do espelho e se transforma no que gostaria de ser e no que imagina que uma mulher queira. Um homem com "pegada", sexy, um supergato muito elegante.

O tipo do homem que declama poesia e corteja a mulher com rosas. Um cara que faz a mulher acreditar que é única no mundo. Talvez até ele mesmo tenha acreditado no personagem que criou. Pode ter tentado iludir a si mesmo, achando que tudo era incrivelmente romântico. Só que, por baixo de tudo, ele se mostrou egoísta. É um predador.

— Todo homem é. Eve olhou para trás.

— Sim. Todo ser humano é, mas com os homens a coisa é mais básica. O sexo é visto como uma função do corpo, enquanto as

mulheres, em geral, preferem um toque de emoção associado ao ato.

Esse pelo menos era o caso dessas mulheres, e o assassino sabia disso. Gastou muito tempo aprendendo a conhecê-las bem, descobrindo suas fraquezas e fantasias para poder cobrir todas as áreas. E então as controlou. Como se fossem andróides, só que de carne e osso. Elas eram reais, e a emoção também se tornou verdadeira. Quando tudo acabou, ele as destruiu. Tornou-as novamente prostitutas comuns, e elas deixaram de ter valor. Tudo acabou, e é hora de procurar a próxima vítima.

— Você disse que não conseguia entrar na mente dele, mas eu não concordo, Eve. O que me deixa maravilhado é você ser a mulher que é e, mesmo assim, conseguir enxergar tudo com a visão dos loucos e cruéis de forma tão clara, fria e objetiva.

— Não quero perdê-los de vista. Não posso fazer isso, senão eles vencem. Todos eles, até chegar ao meu pai.

— Eu sei. — Ele se levantou, foi até onde ela estava e envolveu-a com os braços. — Sei que você nunca os perdeu de vista.

*A conta La Belle Dame está sendo utilizada neste exato momento...*

Ao ouvir a voz eletrônica, Eve se afastou de Roarke e girou o corpo.

— Colocar na tela o codinome e o local de onde a conta está sendo acessada.

*O usuário é Oberon e o local é Nova York. Ele está no Cyber adrenalina, que fica na Quinta Avenida, esquina com rua 58...*

Eve pulou em direção à porta, mas Roarke chegou antes e a abriu.

— Deixa que eu dirijo — disse ele.

Eve não se deu ao trabalho de discutir. Qualquer dos carros de Roarke era muito mais veloz que o seu, e ela pegou o comunicador ao correr pelos degraus em disparada.

— Emergência, aqui fala a tenente Eve Dallas.

Enquanto dava os detalhes, ela pegou sua jaqueta e partiu porta afora.

Eles levaram seis minutos e vinte e oito segundos desde que o alarme foi dado até o instante em que Roarke chegou em frente ao Cyber Adrenalina. Eve cronometrou e já pulava para a calçada antes mesmo de os freios acabarem de guinchar e o veículo parar.

De relance, ela percebeu a chegada das viaturas e dos policiais que convocara.

— Ninguém sai daqui de dentro! - determinou ela aos guardas, exibindo o distintivo e pendurando-o no cinto à vista de todos.

O barulho lá de dentro explodiu em seus ouvidos no instante em que ela abriu a porta. O som do ciberpunk foi como um rolo compressor que abafou as vozes e gritos dos frequentadores e batucou ferozmente em seus tímpanos.

Aquele era um mundo que ela nunca se dera ao trabalho de conhecer melhor.

Um lugar cheio de pessoas que se acotovelavam, formando uma turba multifacetada que se sentava junto de balcões, mesas e cubículos, ou circulava em pequenos skates aéreos entre as estações de vídeo, música e jogos eletrônicos. Apesar da espantosa confusão, Eve percebeu que havia uma estranha ordem naquele aparente caos.

Sujeitos esquisitos com cabelos pintados de cores fortes e piercings de argola na língua estavam espalhados em um setor de mesas pintadas cada uma de uma cor. Os *geeks*, com seus rostos tipicamente sérios e roupas casuais amarrotadas, se concentravam nas baias individuais. Adolescentes do sexo feminino andavam de patins, em grupos, soltando risadinhas para todo lado e fingindo não reparar nos grupos de rapazes que, na verdade, tentavam atrair.

Havia também alguns estudantes, quase todos reunidos onde era servido café. Todos tentavam parecer sofisticados e exibiam um ar levemente *blasé*. Nesse grupo se misturavam os eternos revolucionários urbanos com seus surrados discursos de esquerda,

todos vestindo roupas pretas rigorosamente iguais e curtindo a admiração dos estudantes.

Espalhados em meio a essa fauna humana havia ainda os turistas, os visitantes ocasionais e uma clientela de curiosos que buscavam a atmosfera agitada, talvez uma experiência diferente ou simplesmente a chance de encontrar companhia.

*Em qual dos grupos o seu homem se encaixaria?*, perguntou-se Eve.

Observando atentamente o local, ela foi direto a um quiosque de vidro onde se lia Central de Controle. Três rapazes com uniformes vermelhos sentavam-se em cadeiras giratórias no centro da torre transparente e trabalhavam em consoles. Os três pareciam estar conversando com alguém através dos microfones de seus headsets.

Eve escolheu um deles e deu uma batidinha no vidro. O rapaz, tão jovem que ainda exibia um monte de espinhas no queixo, olhou para Eve. Agitou a cabeça com determinação, tentou exibir um ar severo e autoritário e apontou para os fones do lado de fora do vidro.

Ela colocou um deles na cabeça.

— Não toque na torre de vidro — ordenou ele, com uma voz quase esganiçada. — Mantenha-se atrás da linha verde marcada no piso. Há máquinas livres na área do café. Se preferir, temos uma baia disponível. Caso queira reservar uma das máquinas para navegar na...

— Desligue o som!

— O quê? — Ele arremessou o olhar para todos os lados, como um pássaro nervoso. — Mantenha-se atrás da linha verde, senão eu chamo a segurança.

— Desligue o som! — repetiu Eve, encostando o distintivo no vidro. — Agora!

— Mas, mas... eu não posso fazer isso. Não tenho permissão. Qual é o lance? Charlie! — Ele se virou para chamar o rapaz ao lado,

mas uma confusão generalizada se instalou de repente no lugar.

O rugido que veio da multidão enfurecida foi tão alto que conseguiu abafar até mesmo a ferocidade da música gerada pelo computador, que continuava a todo o volume. As pessoas se levantaram, revoltadas, de seus bancos altos, e saíram das baias gritando e xingando. Uma onda delas atacou o quiosque de controle com a fúria de camponeses famintos invadindo o palácio do rei, com sede de sangue e medo misturado à raiva.

Ao tentar pegar a arma, Eve levou uma cotovelada tão forte no queixo que bateu com a cabeça no vidro do quiosque e viu estrelas brancas e cintilantes girando em torno dos olhos. Isso a deixou extremamente revoltada.

Deu uma joelhada no saco de um gigante esquisito com cabelo verde, pisou com força no pé de outro reclamante com o salto da bota e disparou para o ar três rajadas de laser.

Isso serviu para acalmar um pouco o povo, embora vários corpos ainda fossem empurrados para frente ou simplesmente lançados pelo ar na direção do quiosque.

— Departamento de Polícia da Cidade de Nova York! — berrou Eve, brandindo o distintivo e a arma. — Desligue essa porra de música. Agora! Todos vocês, afastem-se! Voltem imediatamente aos seus lugares, mesas, estações ou baias, senão todo mundo será fichado por promover tumulto em um lugar público, além de incitar a violência e atacar uma policial.

Nem todas as suas palavras foram ouvidas, e algumas das ordens que deu se perderam no enxame de gritos e ameaças. Os mais civilizados ou covardes, porém, se afastaram.

Uma das adolescentes continuava jogada aos pés de Eve, presa aos skates aéreos. Ela sangrava um pouco pelo nariz e choramingava em meio a um violento ataque de soluços.

— Você está bem? — Eve cutucou-a com o pé, devagar. — vamos lá, levante -se. Os gritos que vinham de vários pontos do

lugar começaram a ementar de intensidade novamente. O civismo e a covardia de alguns não iriam se manter diante da revolta da maioria dos frequentadores do lugar.

— Não vou explicar nada enquanto não tiver ordem e silêncio aqui!

— Este cibercafé sempre foi um lugar sem ameaças de vírus—berrou um cliente indignado. — Quero saber o que houve e quem é o responsável por essa joça!

Pelo visto, todos também queriam.

Roarke veio abrindo caminho em meio à multidão. *Ele parecia, pensou Eve, uma espada brilhante cortando uma rocha compacta como se fosse manteiga.*

— Alguém acabou de colocar um vírus poderoso dentro do sistema — avisou ele, com voz suave — e infectou todas as unidades simultaneamente. Você está com mais de duzentas pessoas furiosíssimas na sua frente.

— Sim, essa última informação eu já havia captado. Saia daqui e peça reforço.

— Sem chance de eu deixar você aqui sozinha; poupe a saliva. Deixe que eu converso com eles, enquanto você convoca as tropas.

Antes de Eve ter a chance de argumentar, Roarke começou a falar. Nem levantou a voz. Aquela era uma boa tática, pensou Eve, ligando o comunicador. Um monte de gente parou de berrar para tentar ouvir o que ele dizia.

Ela ouviu tudo com clareza, mas não entendeu nem um décimo das coisas que Roarke falava, em língua de nerd.

— Emergência, aqui fala a tenente Eve Dallas. Tenho um problema de agitação popular no Cyber Adrenalina, na Quinta Avenida. Preciso de ajuda imediatamente.

Enquanto Eve fornecia mais detalhes ao setor de emergência, observou que grande parte da multidão se aquietava e voltava para as mesas e cubículos. Ela contou, porém, mais ou menos cinquenta

figuras irredutíveis que continuavam agitadas, sob o incentivo de alguns revolucionários que não paravam de falar das conspirações do governo, das guerras cibernéticas e dos terroristas virtuais.

Estava na hora, pensou, de mudar novamente de tática. Ela escolheu um dos mais agitados. Camiseta preta, jeans preto, botas retas e uma juba loura muito despenteada. Eve foi até onde ele estava e parou diante da figura.

— Acho que você não ouviu a minha ordem para todos voltarem às suas mesas ou estações individuais.

— Este é um local público! Tenho o direito civil de permanecer aqui, em pé, e falar o que bem quiser.

— E eu tenho a autoridade de lhe negar esse direito, caso você o use para instigar uma revolta. Ou caso você ou qualquer um clamar por esse direito ao mesmo tempo que prejudica fisicamente alguém ou alguma propriedade. — Eve estendeu a mão na direção da jovem sentada no chão, que chorava baixinho enquanto um amigo limpava o sangue que lhe escorria do rosto. — Você acha que estes jovens têm cara de terroristas? Ou ele? — Eve ergueu o polegar para trás, na direção do rapaz com quem falara e que acompanhava tudo com o rosto muito pálido colado no vidro.

— Peões são usados e em seguida descartados.

— Isso mesmo, e gente jovem se machuca porque gente como você adora masturbar o próprio ego em público.

— O Departamento de Polícia da Cidade de Nova York não passa de uma ferramenta nojenta, utilizada pelos burocratas de extrema direita e por semideuses que buscam esmagar a determinação e a liberdade do homem comum.

— Qual é, seu mané?!... Decida logo de que lado você está. Temos aqui terroristas virtuais em plena guerra cibernética ou semideuses burocráticos? Não dá para ser tudo ao mesmo tempo. Vamos combinar o seguinte: vá sentar quietinho a sua mesa e eu mando alguém até lá para ouvir suas teorias fascinantes. No

momento, temos gente precisando de assistência médica. Você está impedindo e isso e atrapalhando a minha investigação sobre o que aconteceu aqui.

Ele exibiu um sorrisinho de escárnio. Isso era sempre um erro quando alguém lidava com Eve.

— Por que não acaba de violar meus direitos civis e me prende logo de uma vez?

— Pedido atendido! — Eve já havia planejado a ação, e o rapaz se viu algemado antes mesmo de pensar em resistir. — Quem vai ser o próximo? — perguntou ela, com satisfação na voz, enquanto uma tropa de reforço entrava pela porta do cibercafé. O rapaz já estava aos berros novamente ao ser entregue a um dos guardas que chegara.

— Nada mal — comentou Roarke — para uma ferramenta dos semideuses de extrema direita.

— Obrigada. Preciso de um tempo para colocar ordem na casa. — Ela observou os rostos. — Ele não está mais aqui.

— Não — concordou Roarke. — Foi embora. Diria que já estava na rua antes do primeiro policial chegar. Quer que eu converse com os técnicos que vão analisar os dados para ver o que consigo descobrir?

— Sim, quero.

Ela interrogou todo mundo, liberou os feridos antes e em seguida mandou para casa os que tinham menos de vinte anos e os mais de cinquenta. Os turistas foram liberados em seguida, e depois as mulheres. Enquanto fazia levantamentos, analisava dados e informações, formava impressões pessoais e anotava nomes, Eve já sabia que seu pássaro havia escapado.

No final, quando haviam sobrado apenas os funcionários, ela os reuniu na cafeteria e se juntou a Roarke, que trabalhava em uma das baias. O monitor diante dele exibia, como todos os que ela vira nas estações à sua volta, um padrão caótico de cores berrantes e

símbolos estranhos, e a tela diante de Roarke não era exceção. Ao lado dele havia uma caneca alta cheia de café com alguma substância aromática.

— Foi daqui que o vírus partiu? — perguntou a Roarke.

— Exato. Vou precisar de...

— Não toque em nada! — Ela agarrou o pulso dele. — Não...toque...em... nada! - repetiu, devagar, e chamou um guarda. — Vá pegar um kit de trabalho com o pessoal da informática.

— Viaturas têm só os kits pequenos, tenente.

— Eles servem para dar início aos trabalhos. Depois disso, policial J Rinsky—continuou ela, depois de ler o nome do rapaz bordado na farda — informe ao responsável por esta espelunca que ela ficará fechada por determinação da polícia de Nova York, até segunda ordem.

— Puxa, isso vai ser engraçado! — exclamou Rinsky, exibindo um ar divertido ao sair para pegar o kit.

— Eu não ia tocar em nada — disse Roarke, falando devagar. — Este não é o meu primeiro dia no emprego, tenente.

— Também não precisa ficar irritadinho. Além do mais, este emprego é meu, e não seu. Como é que você descobriu que este computador foi a fonte da infestação?

Roarke girou as mãos e analisou com atenção as unhas muito bem cuidadas.

— Como disse? — perguntou, com ar distraído. — Você está falando comigo? Estou aqui só passando o tempo enquanto espero minha adorável esposa acabar de trabalhar, a fim de levá-la para casa.

— Droga, Roarke! Tá legal, tá legal, fui grossa com você, reconheço. Tô meio tensa, entende? Poderia me dizer, por favor, já que é tão esperto, forte, bonito e inteligente, como é que você descobriu que esse computador foi o que disseminou o vírus?

— Essa frase soaria muito melhor se você não estivesse com esse sorrisinho no canto dos lábios, querida, mas tudo bem. Sei que esta foi a fonte da infestação porque vasculhei o sistema central e rastreei o vírus até o início da sua atividade, que aconteceu neste ponto. Esta unidade foi a primeira a ser infectada. O vírus foi programado para se distribuir e se clonar até o roteador para, a partir dali, se espalhar pra todos os outros computadores do lugar e fazer tudo explodir Quase ao mesmo tempo. Um esquema muito inteligente, diga-se de passagem.

— Que ótimo!

— Aqui está o seu kit, tenente — disse Rinsky, ao voltar.

— Obrigada. — Ela pegou o kit e o abriu. Cobriu as mãos com Seal-It, o spray selante, e em seguida passou a lata do produto para Roarke. — Continue sem tocar em nada. — Ela pegou um bastão fino, ligou um feixe a laser que tinha a espessura de um grafite de lapiseira e o passou em volta da caneca. — Temos umas digitais excelentes aqui. Um polegar e parte de um indicador. Você está com o seu computador de mão no bolso, Roarke?

— Sim, como sempre.

— Dá para você acessar a pasta do caso? Preciso comparar essas digitais com as dos crimes.

Enquanto Roarke fazia o que Eve pedira, ela passou o laser por toda a superfície da mesa. Havia digitais em grande quantidade, quase todas deformadas ou incompletas.

— Aqui está, tenente. — Roarke entregou um papel impresso das digitais recolhidas na cena de um dos crimes.

Eve resmungou baixinho e comparou as digitais do papel com as que havia na caneca.

— É o nosso homem, sim. Segure isso aqui. — Apoiando a caneca com a ajuda do bastão, ela agitou o líquido que havia lá dentro e despejou o café e a substância misturada nele dentro de um recipiente para coleta de material. — Por que será que as pessoas

estragam um café de boa qualidade misturando um monte de sabores e ingredientes espumantes? — Depois de lacrar o recipiente, ela guardou a caneca vazia em outro saquinho especial e também o lacrou. — Tenho uma pergunta, Roarke.

— Pois faça-a, que eu estou ouvindo.

— Como foi que ele descobriu que nós estávamos chegando? Ele certamente soube, e foi por isso que infectou o sistema e provocou esse caos. Chegamos aqui poucos minutos depois do alarme, mas ele percebeu, jogou o vírus na rede e caiu fora. Como?

— Tenho uma teoria, mas preciso explorar alguns detalhes antes de anunciá-la.

— Explorar? — Ela trocou o peso do corpo de uma perna para a outra. — Explorar como?

— Vou ter de abrir esta máquina.

Eve sentiu-se em conflito diante dessa idéia. O procedimento correto seria ela convocar Feeney e McNab para obter uma análise do computador no local do incidente. Ou, quem sabe, usar outro técnico designado pela DDE.

Mas Roarke estava ali.

Se ele fosse tira, provavelmente estaria no comando da DDE.

— Civil! Considere-se convocado como consultor técnico de campo da polícia de Nova York.

— Puxa, como eu gosto quando você fala desse jeito. — Ele pegou uma caixa minúscula dentro do bolso e flexionou os dedos das mãos, mostrando que estava pronto. — Vou tocar em tudo, agora.

Usando uma microfuradeira, ele abriu a torre do computador em segundos. Em seguida, fazendo *hummm* com os lábios, começou a investigar o equipamento.

— Temos três tipos de acesso nesta lan house, à escolha do usuário — comentou Roarke, em tom casual. — Esta máquina é do

tipo mais sofisticado e para usar custa de um a dez dólares por minuto, dependendo do número de funções utilizadas.

O desânimo de Eve foi visível.

— Esta lan house pertence a você?

— Sim, pertence. — Ele não parou de trabalhar e conectou seu computador de mão à máquina usando um cabo pouco mais espesso que um fio de cabelo. — Mas a questão não é essa, querida. Lembre-se que você não vai precisar pentelhar o dono do lugar nem choramingar para que ele forneça os dados da pequena aventura desta noite e libere esta máquina para análises de mais provas. Ele ergueu a cabeça por menos de um segundo só para olhar a cara dela. — Além do mais, haverá muito menos papelada oficial.

— Pois é você sabe como os semideuses burocráticos do governo- Eles adoram uma papelada.

— Você ficou com o queixo roxo.

— É mesmo? — Ela massageou o lugar da dor com o polegar e gemeu. — Merda!

— Você se feriu?

— Mordi minha língua. Está doendo mais que a pancada. E você?

— Estou inteiro. Este sistema foi corrompido, e em grande escala, por sinal. Garoto esperto — refletiu ele, quase consigo mesmo

— Estamos diante de um garoto muito, muito esperto. Você vai precisar rodar um programa de diagnóstico completo nesta máquina, mas saiba que estamos lidando com um grande técnico da área de informática.

Ele tem um altíssimo nível e está sempre preparado. Não se trata apenas de invadir um computador de uso público e instalar um programa que avise o usuário caso alguém pesquise uma conta de acesso.

Ele certamente tinha um scanner portátil altamente sensível e o transformou em interface para invadir o sistema principal. Muito

cauteloso e muito inteligente.

— Dá para você contornar os bloqueios e chegar ao fundo disso?

— Sim, vou chegar lá. Os computadores desta casa foram projetados para desligar automaticamente ao menor sinal de contaminação por vírus. Há um detector interno e um sistema de filtro avançadíssimo que garantem um backup de tudo. Pois mesmo assim o sacana conseguiu jogar o vírus que destruiu esta unidade, e ainda o espalhou para todas as outras. Fez isso em questão de minutos, depois de receber o alarme de que havia alguém xeretando na sua conta eletrônica.

— Você parece impressionado com a habilidade dele — comentou Eve, se recostando na cadeira.

— E estou mesmo, muito impressionado. O rapaz é muito talentoso. Chega a ser brilhante. É uma pena saber que ele não vale nada como ser humano. É tão corrompido e inútil quanto esta máquina destruída.

— Pois é. Tô morrendo de pena, tadinho. — Eve se levantou, para interrogar os funcionários, confiscar esta máquina e enviá-la DEE. Depois de limparmos a área, quero dar uma olhada nas cameras de segurança. Vamos ver a aparência que ele escolheu para hoje à noite.

Ele parecia, decidiu Eve, muito presunçoso. Dava para perceber pelo jeito como seus olhos passeavam pela multidão — com ar de desprezo quase escárnio, apesar de manter um sorriso inofensivo pregado na cara o tempo todo.

Ele chegou e passou pelo meio da multidão, mas se manteve o tempo todo desconectado das pessoas. Nada de acenos de cabeça, nenhum cumprimento ocasional. Foi direto para a baia escolhida, mas se colocou de costas para a parede, mantendo-se atento ao salão à sua volta.

— Ele já esteve aqui antes — notou Eve.

Nenhum dos funcionários foi capaz de confirmar isso. O gerente estava absolutamente histérico e esbaforido — não pela intervenção da polícia nem pelo tumulto que acontecera no lugar, e sim pelo fato de Roarke, o seu patrão, estar ali no momento do caos. Ele teve dificuldade até para anunciar o próprio nome.

A máquina e a baia haviam sido reservadas em nome de R. W. Emerson. Um nome falso, como Eve sabia, e uma rápida pesquisa mostrou que Emerson era um poeta morto há muito tempo.

Os cabelos do suspeito eram lisos e castanhos dessa vez, e ele usava óculos com armação quadrada, em tom de âmbar. Sua roupa era casual. Calças pretas de tachinhas, botas altas, uma camiseta apertada de cor âmbar, como a armação dos óculos. Exibia ainda um bracelete de ouro no pulso direito e alguns piercings brilhantes ao longo de uma das orelhas.

Ele pediu café e fez uma ligação do *tele-link* pessoal. Em seguida tomou alguns goles de café, enquanto continuava a observar o salão.

— Ele quer ter certeza de que está tudo calmo à sua volta — analisou Eve. — Está se preparando para sair à caça. Filmando as mulheres com os olhos, analisando cada uma delas. Dá para passar uma mensagem para outra pessoa on-line aqui na lan house. Esse é um dos motivos para as pessoas virem até aqui, em vez de ficar em casa surfando pela internet, em paz.

— Sim, é uma forma diferente de socialização — confirmou Roarke. — Tem a excitação do anonimato misturada com um pouco de voyeurismo. Você lança um torpedo para alguém do salão, vê a reação de quem recebeu a mensagem e decide se entra em contato direto ou não. As máquinas são equipadas com um escudo padrão de proteção para os que não desejam ser incomodados, mas há a opção de abordar alguém sem ser descoberto.

Eve percebeu que o suspeito ligou o computador manualmente, em vez de usar o comando de voz.

— Olha lá! — Roarke tocou o braço dela e ordenou ao sistema que ampliasse um dos cantos da tela. — Aquele é o scanner.

Eve analisou o que lhe pareceu ser uma caixinha prateada para guardar cartões pessoais. O suspeito puxou um cabo retrátil em um dos lados da caixinha e o conectou discretamente na lateral da torre do computador.

— Puxa, ele é mesmo bom, e superdiscreto. Nunca vi um equipamento tão compacto assim - afirmou Roarke. — Ele mesmo deve ter construído aquele aparelhinho. Será que...

— Pense no potencial comercial desse troço depois — ordenou Eve. — Aqui! Foi nessa hora que ele sacou a nossa busca.

O corpo dele ficou rígido e seu rosto perdeu a expressão. Já não parecia tão presunçoso e arrogante quanto alguns segundos antes. Estava chocado e ligeiramente assustado. Os olhos atrás da armação colorida dos óculos se moviam rapidamente, examinando todo o salão.

Ele desconectou o scanner e se debruçou sobre o teclado com devoção total e a típica concentração de um *geek*.

— Foi nesse momento que ele começou a passar o vírus para o sistema informou Roarke, baixinho. — Está suando frio, mas sabe muito bem como agir. Deve estar quase acabando de infectar tudo.

O rapaz tremia. Muito tenso, passava as costas da mão sobre os lábios, sem parar. Mas continuou sentado exatamente onde estava, com os olhos grudados no monitor. De repente ele se levantou da cadeira, abandonando o café que mal provara, e seguiu em linha reta rumo à porta da rua de forma tão desastrada que tropeçou ao passar por entre as mesas e esbarrou em algumas pessoas.

Quase corria no instante em que alcançou a saída. Eve o viu girar o corpo para a direita antes de desaparecer, oculto pela porta que se fechou.

— Ele agitou tudo e caiu fora em... quanto tempo? Menos de dois minutos. Ainda ganhou alguns segundos de vantagem, antes de

os policiais que receberam o chamado invadirem o local.

— Noventa e oito segundos, contados pelo cronômetro — confirmou Roarke. — Ele é rápido. Muito rápido.

— Sim, é muito rápido, mas quase se cagou nas calças. Tomou o rumo norte. Estava fugindo apavorado e foi direto para casa.

## Capítulo Oito

Ele levou quase uma hora para parar de tremer. Quase uma hora, duas doses de uísque e o calmante que Lucias dissolveu no segundo drinque.

— Isso não poderia ter acontecido! É inaceitável, impossível!

— Ei, controle-se, Kevin. — Lucias pegou um cigarro cujo tabaco ele misturara com um pouco de Zoner. Acendeu-o e cruzou as pernas. — Pense com calma. Como aconteceu o lance?

— Eles conseguiram entrar na minha conta eletrônica e descobriram o nome-código que estava protegido por dupla senha.

Lucias deu uma tragada forte e fez cara de irritado.

— Mas você garantiu que eles levariam semanas para conseguir isso.

— Pelo visto eu subestimei os caras. — Um ar de irritação começou a surgir em meio à tensão. — Sei que eles não vão conseguir chegar até nós, de jeito nenhum, mas mesmo descobrindo o nome-código da conta, como foi que me rastrearam até aquele lugar tão depressa? A polícia não tem capacidade, nem material humano, nem equipamento suficiente para rastrear todas as lan houses da cidade e todos os computadores instalados em cada uma delas. além do mais, existem os bloqueios oficiais de privacidade, sem falar na questão de respeito ao cidadão, além das barreiras extras que eu implementei.

Lucias puxou mais uma tragada com força e expeliu a fumaça em uma névoa.

— Qual a chance de eles terem tido um golpe de sorte?

— Zero - disse Kevin, falando entre dentes. — Eles utilizaram equipamentos topo de linha e um técnico absurdamente competente. Ele balançou a cabeça, sem compreender. — Por que diabos alguém tão capacitado aceitaria trabalhar para a polícia por uma mixaria de salário? No setor corporativo ele ou ela poderia ganhar o salário que quisesse.

— Pois é...Tem gente de todo tipo. Puxa, Kev, isso não é mesmo empolgante?

— Empolgante? Eu poderia ter sido pego! Podia estar preso, acusado de homicídio!

— Mas não foi, certo? — O Zoner, como sempre, começava a fazer efeito. Lucias se inclinou na direção de Kevin e lhe deu uns tapinhas encorajadores no joelho. — Apesar de os caras serem espertos e habilidosos, nós somos mais.

Você contou com essa possibilidade e se preparou para ela. E infectou uma lan house inteirinha. Foi lindo isso! Vai sair em todos os noticiários. - Ele suspirou. — Mais pontos para você.

— Mas eles me viram pelas câmeras de segurança. — Kevin tragou devagar e exalou a fumaça mais lentamente ainda. Sob muitos aspectos, Lucias era a sua droga preferida, e a aprovação do amigo acabou por acalmar seus nervos. — Eu podia não ter me disfarçado. Só fiz isso porque ia usar uma lan house pertinho de casa.

— Destino, viu só? — Lucias começou a rir, e isso fez com que um leve sorriso aparecesse no rosto de Kevin. — Tá na cara que foi o destino e que ele está do nosso lado. Puxa, Kev, essa história fica mais empolgante a cada dia. Como vai ser com a conta eletrônica os caras descobriram? Você vai abandoná-la e criar outra?

— Vou, esse é o menor dos problemas — disse Kevin, dando de ombros, pois não havia nada que ele não pudesse fazer com informática. — Eles sacaram um monte de coisas, Lucias. As salas de

bate-papo, a armação do esquema. E melhor pararmos com isso por algum tempo.

— Mas logo agora que estava ficando interessante? Nada disso. Quanto maior o risco, maior o tesão pela coisa. Agora, pelo menos nós sabemos que estamos diante de adversários à altura da nossa trabalhadora. Isso aumenta o interesse e dá um gostinho especial à vitória.

— E... Eu poderia manter a conta aberta — planejou Kevin — e começar a atraí-los com pistas falsas.

— Isso! — Lucias bateu com a mão no braço da poltrona. — Agora eu senti firmeza! Pense só... Imagine quando você estiver no seu novo encontro amanhã à noite. Você e a gata maravilhosa vão poder conversar sobre os assassinatos recentes que apareceram na mídia. Ela vai até estremecer, com muito charme, ao pensar no terrível fim das suas irmãs de mesmo sexo. Sem imaginar que está prestes a se juntar a elas. Caraca, essa história está uma delícia mesmo!

— Sim. — O uísque e a droga já atuavam livremente no cérebro de Kevin, transformando o ar que ele respirava em um líquido suave. — Isso aumenta a emoção.

— Eu te garanto uma coisa: isso não está nem um pouco monótono.

Já começando a se divertir, Kevin estendeu o braço e deu um tapinha no cigarro preparado com droga.

— Aposto que não vamos sentir tédio por um bom tempo. Tô aqui pensando na roupa que eu poderia usar amanhã. Como poderia criar meu novo visual? Monica é tão sexy. Até o nome dela tem um ar de sexo. — Ele hesitou um pouco, odiando desapontar o amigo. — Não sei se vou conseguir ir até o fim dessa vez, Lucias. Não sei se vou conseguir matá-la.

— Você consegue, sim. E vai fazê-lo. Não se volta atrás depois de estar no auge da realização. - Ele sorriu ao falar. — Pense só no

lance Kevin. Você vai saber o tempo todo, enquanto estiver se esfregando nessa gata peladinha, e também quando estiver dentro dela, que vai ser o último homem a fazer isso. Vai saber que o seu pau bombando dentro da gostosa vai ser a última experiência que ela vai ter na vida.

Kevin teve uma ereção só de imaginar a cena.

— Todos poderão dizer que ela morreu feliz.

A gargalhada de Lucias ecoou pelas paredes frias e por toda a sala.

Como estava disposta a perder peso, Peabody saltou duas estações antes, a seis quarteirões da casa de Eve. Sentia-se energizada só de lembrar que a reunião da equipe naquela manhã seria no escritório doméstico da tenente, onde o AutoChef era um verdadeiro depósito de tesouros gastronômicos.

Aquele, por sinal, era mais um dos motivos para aquela caminhada voluntária. Uma espécie de penitência antes do pecado. Essa era uma solução que condizia com a criação que tivera, típica dos partidários da chamada Família Livre. Claro que os princípios da Família Livre pregavam que não existia pecado nem penitência, mas apenas desequilíbrios cósmicos.

No fundo, era só uma questão de semântica. Peabody fora criada no seio de uma família numerosa e singular. Gente que acreditava em autenticidade e sinceridade, reverenciava a terra, as artes em geral e a responsabilidade que cada um tinha de ser verdadeiro consigo mesmo.

Peabody sempre soube, mesmo em criança, que para ser verdadeira consigo mesma ela precisaria ser uma policial urbana que tentaria manter, ou ajudar a manter, o equilíbrio do mundo.

Apesar disso, sentiu saudades da família naquele instante. Saudades das exuberantes manifestações de amor que recebia lá, das surpresas constantes e também, por que não reconhecer, da simplicidade de tudo. Talvez estivesse precisando de alguns dias de

folga para sentar junto à mesa, na cozinha de sua mãe, comendo biscoitos açucarados e embebendo a alma em afeto descomplicado.

Ela não saberia dizer que diabos estava *errado* com ela. Por que se sentia assim, confusa e insatisfeita? Ela conseguira o que mais almejava na vida. Era uma tira. Uma tira danada de boa, por sinal. Trabalhava sob o comando direto de uma mulher que considerava o maior exemplo em sua profissão.

Aprendera muita coisa no ano anterior. Não apenas técnicas forenses e procedimentos, mas principalmente o que diferenciava um bom tira de um policial brilhante.

Descobrira as coisas que separavam os tiras que simplesmente queriam encerrar um caso daqueles que levavam o trabalho a um nível mais profundo, se importavam com a vítima e lembravam dela para sempre.

Peabody sabia que estava se aprimorando mais e mais no trabalho, a cada dia, e se orgulhava disso. Adorava morar em Nova York. Curtia ver a cidade se modificar e se reinventar a cada momento, no espaço de um quarteirão para o outro.

Era uma metrópole tão *cheia de vida*, pensou. Muita gente, muita energia, muita ação. Ela adoraria voltar para casa e se sentar na cozinha aconchegante da sua mãe, mas certamente não ficaria feliz se tivesse de voltar de vez. Ela *precisava* de Nova York.

Estava muito feliz no seu pequeno apartamento, onde o espaço era todo dela. Tinha colegas confiáveis, bons amigos, uma carreira valorosa e muito satisfatória.

Estava namorando... Isto é, mais ou menos namorando um dos homens mais bonitos, atenciosos e sofisticados que conhecera em toda a sua vida. Ele a levava a galerias de arte, à ópera e a restaurantes fantásticos. Por meio de Charles ela descobrira não só o outro lado da cidade, mas também da vida.

Ao voltar para casa, porém, deitava-se na cama, olhava para o teto e se perguntava por que se sentia tão solitária.

Era melhor sair daquela fossa e levantar o astral. Casos de depressão *nunca* haviam acontecido na sua família, e ela não queria ser a primeira a entrar nessa.

Talvez precisasse de um hobby. Pintura em vidro, jardinagem, fotografia holográfica, macramê. Merda!

Foi essa palavra que lhe veio à cabeça ao ver que McNab saiu às pressas da escada rolante do metrô e quase a atropelou.

— Oi! - cumprimentou ele, surpreso e quase pulando para trás, exatamente como ela, e enfiando as mãos nos bolsos na mesma hora.

— Oi! - respondeu Peabody. Ela não conseguiria um momento pior para dar de cara com ele nem que planejasse. Puxa, será que ela não poderia ter andado mais depressa, ou mais devagar? Quem sabe se ela tivesse saído de casa cinco minutos antes ou dois minutos depois aquele encontro não tivesse acontecido?

Eles se olharam de cara amarrada por alguns instantes, mas foram obrigados a ir em frente para não serem esmagados por centenas de pessoas que saíam da escada do metrô e seguiam pela calçada.

— E então? - Ele tirou as mãos dos bolsos para ajeitar os óculos redondos de aro fino e lentes azul-água. — Dallas me avisou que vai rolar uma reunião na casa dela.

— Pois é, eu também recebi o comunicado.

— Soube que ela teve muita ação ontem à noite - continuou ele lutando para manter o tom descontraído e cordial. — Foi uma pena aquele anormal não pintar no Cyberadrenalina na noite anterior quando estávamos de tocaia. Poderíamos ter agarrado o cretino. Duvido que conseguíssemos. Custa muito ser otimista, She-Body?

— Custa muito ser realista, seu panaca?

— Qual é a sua?!... Levantou com o pé esquerdo e do lado errado da cama do gostosão?

Peabody ouviu o ranger dos próprios dentes.

— A cama de Charles não tem lado — respondeu ela, em tom forçadamente suave —, porque ela é imensa e macia, mas também redonda.

— Puxa, é mesmo? — Os neurônios de McNab quase entraram em curto diante da imagem de Peabody se espalhando completamente nua sobre uma cama sexy, estilosa e na companhia de outro cara.

— Sim, e esse "puxa, é mesmo?" é o tipo de reação rápida e inteligente que eu espero desde que você passou a trocar ideias com as vadias que anda comendo ultimamente.

— Pois saiba que a última "vadia" tinha doutorado no MIT, corpo de deusa e rosto de anjo. E não passamos tempo nenhum trocando ideias, se quer saber.

— Porco!

— Piranha! — Ele a agarrou pelo braço no instante em que chegaram diante dos portões da casa de Roarke. — Estou de saco cheio com o jeito de você me ofender sempre que eu chego perto, Peabody. No nosso lance foi você quem pisou no freio.

— Demorei demais a pisar. — Ela puxou o braço, mas ele a manteve presa com firmeza. Ela sempre subestimava a força dos braços magros dele. Foi constrangedor perceber que a força que sentiu nele fez seu estômago dar um salto duplo carpado. — Como sempre, você está errado e é burro. Foi você que terminou tudo porque não podia ter as coisas do jeito que queria, lembra?

— Exatamente. Desculpe por reclamar de você saltar da minha cama para a cama do prostituto.

— Não o chame por esse nome! — Ela deu um soco no peito de McNab. — Você não sabe nada a respeito dele. Se tivesse um décimo da classe de Charles, do charme dele e da consideração que ele tem por mim, eu poderia considerar você quase humano. Como não é o caso, eu deveria até lhe agradecer por me fazer cair fora de um lance que não passou de um ridículo, embaraçoso e revoltante erro, e por

deixar um cara como você colocar as mãos em mim! Não quero mais nada disso, obrigada.

— De nada.

Eles estavam ofegantes e enfurecidos, com o nariz de um quase costando no do outro. No segundo seguinte, estavam atracados, tremendo em meio a um beijo ardente acompanhado de um amasso.

Alguns instante depois, estavam novamente separados e com os olhos arregalados um para o outro.

— Isso não significou nada — ela murmurou, mal conseguindo respirar.

— Eu sei. Claro que não. Vamos repetir.

Ele a puxou de volta com determinação e mordeu-lhe o lábio inferior em meio a um novo beijo escaldante. Aquela sensação, ela pensou na hora, meio tonta, era como ser lançada de dentro de um canhão. Seus ouvidos zumbiram, sua respiração e seu equilíbrio desapareceram de vez e tudo o que ela queria, de repente, era passar as mãos por todo o corpo alto e magro que estava colado no dela.

Resolveu se contentar com a bunda dele, que apertou com força, enterrando tanto os dedos na carne macia que teve vontade de arrancar um pedaço e guardá-lo no bolso.

Ele a girou enquanto tentava enfiar a mão por baixo da sua farda impecável. Por baixo do tecido pesado, ele sabia que havia um corpo maravilhoso, cheio de curvas, macio e dócil. Desesperado para tê-la, ele a empurrou um pouco mais para trás, atravessou os sensores de movimento e a atirou com força de encontro às grades de ferro.

— Uau!

— Desculpe. Deixe-me só... Uau! — Ele enterrou a boca no pescoço dela e perguntou a si mesmo se seria possível chupá-la de verdade, como se ela fosse um sorvete.

Desculpem, senhores. — Uma voz severa veio do além. Era corno se ela estivesse em toda parte. Com o susto, os dois tentaram

se desatracar e ficaram olhando um para o outro com olhos esbugalhados.

Você falou alguma coisa? — ela perguntou. Eu não. Você falou?

— Policial! Detetive!

Ainda meio grudados, os dois desviaram o olhar para a direita ao mesmo tempo e repararam no painel de segurança embutido no pilar de pedra. Summerset, com o rosto absolutamente sem expressão, olhava de volta para os dois pela tela do aparelho.

— Creio que a tenente está à espera dos senhores — anunciou ele, de forma fria, mas muito educada. — Se tiverem a bondade de desencostar o corpo dos portões, não correrão o perigo de cair no instante em que eles se abrirem. Obrigado.

Peabody sentiu o rosto em chamas e ficou com cor de ketchup.

— Cara! Que merda! — Empurrando McNab com força, ela tentou se recompor e puxou as pontas do uniforme, para alisá-lo. — Isso foi o maior vacilo!

— Mas foi gostoso — comentou McNab. Por algum motivo, as patelas em seus joelhos lhe pareceram desencaixadas, e os primeiros passos que ele deu ao passar pelo portão aberto foram mancos e sem firmeza. — Qual é a sua, Peabody?

— Só porque nós passamos por essa... reação química, não significa que devamos aceitá-la. Isso só serve para estragar as coisas.

Ele ficou quase dançando na frente dela, andando de costas. Seu rabo de cavalo longo balançava de um lado para o outro. Um casacão comprido de corte estreito lhe descia até os joelhos e tinha a cor de papoulas. Apesar de tentar com vontade, Peabody não conseguiu evitar que os lábios se abrissem em um sorriso entrecortado.

— Você é um pateta, mesmo.

— Então, por que não pedimos uma pizza hoje à noite, só para ver o que rola depois?

— Nós já sabemos o que rola depois — lembrou ela. — Não temos tempo para entrar nessa agora, McNab. Não temos tempo nem de pensar nisso.

— Mas eu penso em você o tempo todo!

Isso a fez parar de estalo. Era difícil caminhar depois de sentir o coração despencar até os pés.

— Você está me deixando confusa.

— Era esse mesmo o meu plano. Uma pizza só, She-Body? Eu sei o quanto você é louca por pizza, coisinha linda. — Estou de dieta.

— Por quê?

O fato de ele lhe perguntar isso de forma tão sincera sempre a deixava encantada e desconcertada.

— Porque a minha bunda está quase do tamanho da lua.

Ele girou em torno dela, analisando cuidadosamente a sua anatomia enquanto seguiam pela grande curva da alameda.

— Qual é, Peabody? É uma bunda linda a sua! Ela simplesmente *está aí*, e um cara não precisa ficar olhando para ela o tempo todo porque isso não é a parte mais importante de você.

Ele apertou o traseiro dela de forma carinhosa, recebeu um olhar de advertência oferecido com olhos estreitados e sorriu. Sabia que estava quase conseguindo dobrá-la.

— Vamos só comer pizza e bater papo. Nada de sexo.

— Talvez. Vou pensar no assunto.

McNab se lembrou de que Roarke o aconselhara a ser mais romântico. Com um movimento rápido, pisou no gramado e colheu uma flor que viu em um vaso decorativo. Levou-a na mão, caminhou um pouco ao lado de Peabody e, de repente, espetou a flor na lapela da farda dela.

— Eu, hein? Tá maluco? — reclamou ela, mas entrou na residência sem arrancar a flor fora.

Teve todo o cuidado para não encarar Summerset e sentiu-se enrubescer mais uma vez quando ele sugeriu a ambos que fossem

diretamente para o escritório de Eve.

Eve estava parada bem no centro do aposento, balançando o corpo para frente e para trás sobre os calcanhares enquanto analisava mais uma vez a gravação do sistema de segurança do Cyberadrenalina

O cara era realmente presunçoso, pensou. E arredio. Gostava de lançar um olhar complacente e divertido por sobre a multidão na lan house, achando que todos ali eram inferiores a ele e sabendo que ninguém conhecia o seu segredo.

Mas ele se vestia para atrair a atenção, a admiração e a inveja dos outros. Para que todos que o vissem soubessem que ele valia mais do que os reles mortais à sua volta.

Ele via adiante de todos e tinha absoluta certeza de que nada nem ninguém poderiam atingi-lo. Só que quando as coisas deram errado demonstrou medo e pânico.

Eve notou que uma fina camada de suor brilhou em seu rosto enquanto ele olhava para o monitor, em sua baia. E conseguiu imaginá-lo com facilidade lançando o corpo sem vida de Bryna Bankhead pela varanda. *Livre-se do problema, refletiu. Acabe com a inconveniência e com a ameaça. Depois fuja daqui.*

Mas ela não conseguiu vê-lo seguindo o mesmo padrão na noite seguinte, com outra mulher, matando-a de forma deliberada e a sangue-frio.

Ela se virou no momento em que Peabody e McNab entraram em seu escritório.

— Pesquisem a imagem desse cara de frente, de costas e de perfil — ordenou. — Concentrem-se na estrutura dos ossos da face, nos olhos... formato, não cor... e no tipo físico. Esqueçam o cabelo, porque provavelmente não é dele mesmo.

— Há uma marca roxa no seu queixo, senhora.

— Sim, e há uma flor espetada na sua lapela, policial. Empatamos no quesito idiotice. Cabeção deu retorno sobre as

perucas e os cosméticos. Conseguiu determinar as marcas. Vocês vão procurar os fornecedores desses produtos de beleza, Peabody, e me trazer uma lista de clientes de cada loja. Depois, quero que vocês façam uma referência cruzada com os compradores de vinho. Roarke ficou de me conseguir uma lista das lojas de roupas masculinas mais importantes da cidade.

— Roarke já está com a lista na mão, tenente — informou ele, saindo no escritório com um disco na mão. — Bom-dia, turma!

— Obrigada — agradeceu Eve, entregando o disco a Peabody. Nosso homem gosta de coisas sofisticadas. Sapatos de grife, roupa encomendada, como é mesmo o nome?

— Ternos feitos sob medida — ajudou Roarke —, que podem ser feitos diretamente em Londres ou Milão. O primeiro terno tinha um feitio decididamente britânico — acrescentou —, mas como o segundo era italiano, e eu tenho certeza disso, creio que ele gosta de prestigiar algumas das lojas nova-iorquinas de altíssimo padrão que tiram as medidas do cliente e importam as roupas.

— Aceitamos sem questionamentos a avaliação do nosso consultor de moda — afirmou Eve, com um tom seco. — Vamos correr atrás para ver se aparece algo novo. A não ser que ele tenha uma estufa particular em casa, nosso rapaz compra as rosas cor-de-rosa em algum lugar. A probabilidade de adquiri-las perto de casa é grande, e eu aposto que ele mora na parte alta do West Side ou do East Side. E lá que nós vamos procurar primeiro.

Ela olhou para trás e se mostrou levemente surpresa quando Roarke lhe colocou na mão uma caneca de café recém-preparado.

— Marquei uma consulta aqui em casa com a dra. Mira para daqui a uma hora. Feeney está na Central coordenando os exames do computador confiscado no Cyberadrenalina. Quero respostas, quero pistas e quero tudo para ontem, porque ele vai tornar a atacar hoje à noite, tenho certeza.

Ela se virou para a tela, onde congelara a imagem do assassino no instante em que ele analisava a multidão com desdém.

Ele já escolheu o próximo alvo — sentenciou ela. Caminhando até o quadro onde pregara fotos das duas vítimas ao lado das imagens do assassino antes e depois de cada ataque, Eve completou:

— Ela é muito jovem. Vinte e poucos anos. Provavelmente mora sozinha. Deve ser atraente, inteligente e gosta de poesia. É romântica e não está envolvida em nenhum relacionamento sério. Mora e trabalha na cidade. Ele já a viu, já a observou na rua ou no seu local de trabalho. Talvez ela tenha até conversado com ele sem saber que era o homem que a anda encantando virtualmente. Provavelmente ela está pensando, neste exato momento, no encontro marcado para hoje à noite com o rapaz com quem sonha há tanto tempo. Daqui a poucas horas eu vou conhecê-lo, ela deve estar pensando. Quem sabe ele não é o cara certo para mim?... Eve se virou de frente para todos.

— Precisamos mantê-la viva, galera. Não quero mais nenhuma foto neste quadro.

— Posso roubar um minuto do seu tempo, tenente? — Roarke apontou para a porta do escritório ao lado e seguiu para lá na frente de Eve, antes que ela tivesse chance de dissuadi-lo.

— Escute, estou com pouco tempo.

— Então, por que desperdiçá-lo? — Ele fechou a porta depois que ela entrou. — Posso lhe conseguir a lista dos clientes, cruzar os dados e lhe entregar tudo em uma fração do tempo que Peabody levaria para fazer o mesmo pelos métodos normais.

— Você não tem trabalho, não? Nenhuma reunião agendada?

— Tenho sim. Várias. Mesmo assim, eu levaria pouco tempo para pesquisar tudo. — Ele passou a ponta de um dos dedos sobre a marca roxa no queixo dela e depois, com carinho, sobre a covinha ali. — Prefiro manter a mente ocupada porque também não quero ver a foto de outra vítima pregada naquele quadro. Pretendo fazer a

pesquisa de qualquer modo, mas achei que você ficaria menos chateada se eu fingisse que estou pedindo autorização para isso.

— Fingindo? — Ela cruzou os braços e olhou para ele de cara feia.

— Sim, querida. - Ele beijou a marca roxa. — Agindo assim, você sabe logo de cara as minhas intenções e pode levar Peabody com você para investigar o que for preciso nas ruas.- Nesse instante o comunicador interno tocou.— Alô!

— Dra. Dimatto está aqui para falar com a tenente Dallas.

— Mande-a subir — ordenou Eve. — Resolva as coisas do seu jeito — disse a Roarke-,mas por enquanto eu vou fingir que não sei de nada.

— Tudo bem, se deseja assim. Vou levar só um minutinho para agitar isso daqui. Depois quero cumprimentar Louise.

— Faça o que lhe der na telha. — Ela abriu a porta e olhou para ele — Geralmente é o que você faz, mesmo.

— É isso que me torna um homem tão satisfeito com a vida.

Ela fez uma careta de escárnio e voltou para o escritório a fim de receber Louise.

Ela chegou andando rápido. Eve nunca a vira andar de outro modo. Assim que chegou, a visitante lançou os olhos para o café que Eve trazia na mão e sorriu, dizendo:

— Sim, eu adoraria um desses, obrigada por oferecer.

— Peabody, providencie café para a dra. Dimatto. Há algo mais que possamos lhe servir, doutora?

— Isso é um dinamarquês de maçã? — perguntou Louise, olhando para o biscoito amanteigado que McNab tentava abocanhar.

Ele fez que sim com a cabeça, de boca cheia, e emitiu um som que era mistura de admiração, prazer e culpa.

— Adoraria um desses também.

Eve olhou atentamente para o sedutor terninho vermelho de Louise.

— Pela roupa, vejo que você não vai atender nenhum paciente hoje, doutora.?

— Vou a uma reunião para arrecadação de fundos. — Diamantes cintilaram na sua orelha quando ela virou a cabeça meio de lado.— a gente consegue arrancar mais grana das pessoas quando demonstra que não precisa dela. Vá entender uma coisa dessas.

— De qualquer modo... obrigada, Peabody — agradeceu ela, pegando o café e os biscoitos. — Você se importa se eu me sentar, Dallas?.

Foi o que fez, cruzando as pernas e balançando o prato de biscoitos com muita classe sobre o joelho enquanto tomava o primeiro gole do café.

Em seguida lançou um longo suspiro de prazer antes de tomar o gole seguinte.

— Onde se consegue um café maravilhoso desses? Só pode ser algo ilegal.

— Roarke.

— Ah, naturalmente! — Ela mordeu uma pontinha do biscoito.

— Você tem algum motivo especial para essa visita, Louise, além da pausa para o cafezinho? Estamos meio atolados.

— Sim, claro que estão. - Ela apontou com a cabeça para o quadro. —Perguntei no edifício a respeito de Bryna Bankhead. Ela conhecia todos os vizinhos do seu andar e vários de outros. Era muito querida. Morava lá fazia três anos. Teve vários namorados, mas nenhum sério.

— Sei de tudo isso. Está pensando em largar a medicina e virar tira?

— Ela morava lá fazia três anos — repetiu Louise, e o humor desapareceu da sua voz. — Eu moro naquele prédio há dois. Ela caiu na calçada, aos meus pés, e eu nunca cheguei sequer a conversar com ela.

— Sentir culpa não vai mudar o que aconteceu.

— Eu sei. — Louise deu mais uma mordida no biscoito. — Mas isso me fez pensar e me incentivou a correr atrás de mais alguma coisa que pudesse ajudar na sua investigação, Dallas. Soube de um projeto de pesquisa na J. Forrester, uma clínica particular especializada em relações e disfunções sexuais, além de questões relacionadas à fertilidade. Há cerca de uns vinte anos a J. Forrester montou uma sociedade com o laboratório farmacêutico Allegany, a fim de pesquisar, estudar e desenvolver vários produtos químicos que pudessem aliviar as dificuldades e melhorar o desempenho sexual das pessoas. muitos químicos de renome e vários pesquisadores tinham ligação com o projeto.

— Eles trabalhavam com as substâncias de uso controlado conhecidas popularmente como Vadia e Coelho Louco?

— Sim. Além de outras, e testaram combinações entre elas. Na verdade, chegaram a desenvolver uma droga que recebeu o nome comercial de Matigol. Ela ajudava a estender o bom desempenho sexual em homens até com mais de cem anos. Eles também sintetizaram um remédio para fertilidade chamado Compax, que permitia às mulheres engravidar e dar à luz bem depois dos cinquenta anos, se desejassem.

Ela deu mais uma mordida no biscoito.

— As duas drogas demonstraram resultados excelentes, mas são extremamente caras e, por conseguinte, inacessíveis ao consumidor comum. Para quem pode pagar, porém, elas fazem milagres.

— Você sabe o nome dos pesquisadores?

— Ainda não descobri. — Ela virou a cabeça e lançou um sorriso iluminado na direção de Roarke, que entrou na sala. — Bom-dia!

— Louise. — Ele foi até ela e beijou-lhe as mãos, como um bom cavalheiro. — Você está linda, como sempre.

— Tá, tá... Agora chega de blá-blá-blá — exigiu Eve. — O que mais você sabe?

— Sua mulher é grossa e impaciente, Roarke.

— É por isso que eu a amo. Por falar nisso, tenente, Charles Monroe acaba de chegar e está subindo.

— Que é isso, uma convenção? Virou festa? — Ao falar, Eve olhou com severidade para McNab. Seus olhos cintilaram de volta, Mas ele conseguiu mantê-los fixos em Eve por uns bons cinco segundos. Por fim, baixou a cabeça com ar de poucos amigos. — Macnab, consiga-me todos os dados que houver sobre a clínica Forrester e o laboratório farmacêutico Allegany. — Ela apertou os maxilares com tanta força que os sentiu latejar, até que percebeu olhar levemente interessado de Roarke. — Droga!

— Eu comprei o laboratório Allegany há oito ou dez meses confessou ele. — Qual é a ligação da empresa com o caso?

— Não sei exatamente, porque a nossa amiga doutora é meio envergonhada.

— Envergonhada é algo que eu não sou — garantiu ela, e seus olhos assumiram o mesmo ar deslumbrado de quando ela tomou o primeiro gole de café. — Puxa! — exclamou, ao ver Charles entrar. — Minha nossa!

— Já vi que você vai querer café também, Charles — disse Eve.

— Não posso recusar — concordou ele.

— Deixem que eu pego — ofereceu Peabody, muito agitada, enrubescida e sentindo-se em apuros ao partir em direção à cozinha.

— Olá, Roarke! Olá, McNab! — Ao fazer o segundo aceno, o elaborado sorriso de Charles perdeu um pouco do brilho, mas ele o retomou com carga dupla ao se voltar para Louise. — Creio que não fomos apresentados.

— Meu nome é Louise. Louise Dimatto. — Ela lhe ofereceu a mão.

— Não me diga que você também é tira.

— Nada disso. Sou médica. E você?

— Acompanhante profissional. — Se Charles percebeu o grunhido que McNab soltou, não deu a perceber.

— Ora, mas que interessante! — exclamou a médica.

— Podemos deixar as amabilidades sociais para depois? Daremos uma festa qualquer hora dessas e todos estão convidados, mas isto aqui é trabalho — reagiu Eve. — Já conversei com você, Charles. Continue o que estava dizendo, Louise.

— Onde é mesmo que eu estava? Ah, sim. Apesar do sucesso no desenvolvimento das substâncias, a sociedade se desfez logo em seguida. Acabou o financiamento e o interesse pela pesquisa diminuiu, sem falar nos lamentáveis efeitos colaterais das outras drogas experimentais criadas na mesma época. Decidiram que qualquer pesquisa posterior que utilizasse aqueles elementos químicos teria um custo proibitivo, além de apresentar altos riscos financeiros devido aos possíveis processos legais que gerariam.

Essa decisão foi muito influenciada pelo Dr. Theodore McNamara, que, para resumir a história, chefiava o projeto e foi quem descobriu o Compax e o Matigol. Na época se falou de abuso e de roubo das substâncias controladas.

Dizem que as experiências não foram conduzidas apenas em laboratório, mas também fora dele. O babado que rola entre os especialistas é que alguns dos processos legais foram movidos por mulheres ligadas às pesquisas, que alegaram ter sido sexualmente molestadas e até engravidaram inadvertidamente por ação das drogas. Mesmo que isso seja verdade — concluiu Louise —, nenhum dos envolvidos vai lhe fornecer nomes, Dallas.

— Bom trabalho. Vou seguir essa pista, Louise. Obrigada. Pode ir para a sua reunião, se quiser.

— Ainda tenho algum tempo, deixe-me acabar de tomar meu café. Aliás, acho que vou me servir de outra xícara. — Ela seguiu rumo à cozinha.

— Muito bem, Charles. Você é o próximo.

Ele concordou com a cabeça e sorriu com intimidade para Peabody quando esta lhe serviu café.

— A cliente que me deu a informação que eu lhe trouxe supõe que vou repassá-la para outra cliente minha. Gostaria que a coisa permanecesse assim.

— Eu sempre protejo as minhas fontes, Charles.

— E eu protejo meus clientes — ele rebateu. — Quero a sua palavra de que nenhuma ação será tomada contra a informante, caso você acabe descobrindo sua identidade.

— Ela não tem interesse para mim. Se tudo o que ela anda buscando é mais tesão, prometo que ninguém vai persegui-la. Assim fica mais fácil?

— Sexo nem sempre é fácil para todo mundo, Dallas.

— Mas, se as pessoas desistissem de trepar — interrompeu McNab —, você ficaria desempregado.

Charles lançou um sorriso forçado para McNab.

— É verdade. E se as pessoas desistissem de roubar, enganar, mutilar e matar, você também ficaria sem trabalho, detetive. Não é uma tremenda sorte que a natureza humana mantenha os nossos empregos?

Eve se colocou entre a cadeira em que Charles se sentara e a mesa onde McNab trabalhava, bloqueando a visão um do outro, e pediu:

— Me informe o nome do traficante, Charles. Ninguém vai importunar sua cliente.

— Carlo é o nome dele. É claro que essa gente não usa sobrenomes. Minha cliente o conheceu pela internet, em uma sala de bate-papo sobre experiências sexuais.

— Foi mesmo? — perguntou Eve, se encostando na quina da mesa.

— Isso faz um ano, mais ou menos. Ela me disse que Carlo mudou a sua vida.

— Como é que ela compra o produto?

— No início ela enviava um e-mail para ele e fazia o pedido. Pagava por transferência eletrônica e pegava o material em uma caixa postal com senha na Station Grand Central.

— Nenhum contato pessoal?

— Nenhum. Agora ela tem o que chama de "assinatura" e recebe um suprimento mensal. O pagamento, com desconto para assinantes, é feito por débito automático da conta dela para a dele. São cinco mil dólares todo mês por 7,5 ml da substância.

— Preciso conversar com ela.

— Dallas...

— Vou lhe dizer a razão disso, Charles. Preciso dos dados da conta do fornecedor e qualquer outra coisa que ela possa me informar. Já que ela faz negócios com ele regularmente, deve conhecer o jeito do cara- Mas tem mais uma coisa, ainda mais importante: ela deve se colocar em alerta. Pode ser um alvo.

— Pois eu aposto que não é! — Charles se levantou quando Eve fastou da mesa.

— Aquelas são as vítimas? — Ele apontou para o quadro, Quantos anos elas têm? Entre vinte e vinte e cinco?

— A mulher que me passou essa informação tem mais de cinquenta, Dallas. É muito atraente e sabe se cuidar, mas já não tem o frescor da juventude. Os noticiários estão informando que as jovens eram solteiras e moravam sozinhas. Pois a minha cliente é casada. A ligação dela comigo é apenas uma distração. Para ela, é como ir ao salão de beleza. Mora com o marido e com o filho adolescente. Se for interrogada sobre isso, ela vai se sentir constrangida e humilhada diante de si mesma e da família.

— Além do mais, uma situação desse tipo poderá danificar o ego sexual dela — acrescentou Louise, tornando a entrar na sala com a segunda xícara de café na mão. — O uso das drogas e a necessidade de um amante profissional provavelmente servem para mascarar suas disfunções sexuais. Expor sua necessidade diante de uma autoridade que poderá puni-la pelo delito e desprezá-la pela sua carência não é aconselhável do ponto de vista médico nem psicológico.

— Mas protegê-la disso resultará no risco de termos a foto de outra mulher morta pregada naquele quadro — argumentou Eve.

— Deixe que eu torno a conversar com ela — pediu Charles. — Vou conseguir todas as informações que você precisa. Melhor ainda: vou fazer uma assinatura com o fornecedor e as despesas disso correrão por minha conta. Ele poderá confirmar meus dados e verificar minha licença, e certamente aceitará que um acompanhante licenciado seja um cliente plausível para a compra de drogas sexuais ilegais.

— Então me consiga esses dados até as três da tarde — decidiu e nNão faça nada além disso. Não quero que ele saiba o seu nome verdadeiro.

— Não precisa se preocupar comigo, tenente Docinho.

— Limite-se a conseguir os dados, Charles. Agora, caia fora

— Eu também preciso ir. Obrigada pelo café — agradeceu Louise, pousando a xícara e olhando para Charles. — Quer dividir um táxi comigo para o centro da cidade?

— Claro. — Ele passou a ponta do dedo pela flor presa na lapela de Peabody e seguiu em direção à porta. — A gente se vê mais tarde, Delia.

— Calado, McNab! — cochichou Eve. — Peabody, Roarke está pesquisando alguns dados no escritório dele. Vá ajudá-lo. — isso imaginou Eve, manteria a paz, ao menos por algum tempo.

Olhando para o seu relógio de pulso, Eve se lembrou de Mira

— Tenho uma reunião daqui a pouco.

## Capítulo Nove

Eve foi se instalar na biblioteca porque lá era mais calmo e ficava do outro lado da casa.

Geralmente, ela preferia se manter tão afastada quanto possível de emoções exacerbadas, a não ser que isso fosse necessário para resolver um caso. Só que havia tantas emoções conflitantes no seu escritório que ela teve vontade de se enfiar em algum canto e se esconder.

Ali, o ar era mais suave e plácido. Ela se sentou junto a uma das mesas para atualizar a pesquisa do caso.

— Computador, analisar os dados que acabei de informar e rodar o programa de probabilidades para o suspeito que se auto denomina Carlo.

*Processando... A probabilidade para Carlo ser um dos suspeitos do caso apresentado é de 96,2%.*

— Sim, foi o que eu imaginei. Faça outro cálculo. Dessa vez eu quero a probabilidade de o suspeito Carlo fabricar as drogas ilegais que comercializa.

*Processando... Os dados são insuficientes para o cálculo solicitado São necessárias mais informações para pesquisa.*

— É aí que você se engana. — Eve se afastou da mesa e ficou caminhando de um lado para o outro sobre o tapete antigo, que exibia desenhos de rosas em tons pastéis. — Ele fabrica, embala, vende também usa. Controle. Tem tudo a ver com controle. Sessenta mil dólares por ano de uma cliente em troca de, deixe ver... Menos de 100 ml daquela merda? É só jogar a isca na internet, pescar alguns

otários e se preparar para nadar em dinheiro. Só que o lance aqui não é só a grana.

Ela foi até uma das janelas largas, altas e arqueadas, abriu as cortinas e olhou para o imenso e lindo jardim que florescia diante da casa. Mesmo para Roarke, que foi desesperadamente pobre e quase passou fome quando criança, a questão não era só o dinheiro, mas principalmente o ato de *fazer a fortuna, possuir o dinheiro e utilizá-lo para gerar mais.*

E empunhar esse poder como se fosse uma arma.

Só que o caso ali não era ganância nem necessidade.

— Vinte mil dólares para cada 30 ml. O assassino utilizou um quarto disso na primeira vítima, *depois* de a pobre mulher estar sozinha com ele, nua e indefesa em seu apartamento, e *depois* de ele já ter colocado mais de 60 ml de Vadia na bebida dela. Computador, quero informações sobre o valor de mercado da droga ilegal conhecida como Vadia.

*Processando... A substância hormonibital-6, mais conhecida pelo nome popular de Vadia, possui valor de mercado estimado em 65 mil dólares para cada frasco com 30 ml do produto. A comercialização da droga nas ruas é insignificante. Entretanto, a venda do seu derivado direto, Exótica, é mais comum. O valor de Exótica para venda nas ruas é cinquenta dólares por frasco de 30 ml. Deseja a lista completa dos outros derivados mais comuns do hormonibital-6?*

Não. Derivados não são bons o bastante para esse cara. Nada de clones, drogas substitutas nem similares. Cada encontro custa a ele quase 150 mil dólares. Com essa grana, dava para ele alugar os serviços de dez das melhores acompanhantes licenciadas de Nova York e promover uma tremenda festa. A questão aqui não é dinheiro e também não é sexo. Eles são apenas elementos secundários de um jogo muito maior.

— Por que será que você achou que precisava de mim? — perguntou Mira, da porta da biblioteca.

Eve se virou.

— Olá, doutora. Eu estava só pensando em voz alta.

— Sim, eu ouvi.

— Obrigada por vir até aqui — agradeceu Eve. — Sei o quanto é ocupada.

— Assim como você também. Eu sempre adorei esta biblioteca.

— Mira olhou em torno da sala de dois andares com suas paredes forradas de livros. — Um lugar luxuoso, mas muito civilizado — comentou. — Seu rosto está com uma marca roxa, Eve.

— Ah, é... — Ela passou os nós dos dedos ao longo do maxilar.

— Não foi nada. Eve sempre achou que Mira tinha um rosto perfeito. Sereno e belo, emoldurado por abundantes cabelos negros e sedosos. A doutora vestia um dos seus tailleurs discretos e elegantes que exibiam a textura de limões frescos. O comprido cordão de ouro que trazia pendurado ao pescoço tinha quase a espessura do dedo mindinho de Eve e dele pendia uma única e imensa pérola bege. Ela cheirava a damasco e Eve achou sua pele macia como a de bebê quando recebeu um beijo leve e carinhoso no maxilar.

— É a força do hábito. — Seus olhos azuis pareceram sorrir docemente quando ela percebeu que Eve estranhou o gesto. — Dar beijinhos nos machucados para ajudá-los a sarar. Podemos nos sentar?

— Sim, claro. — Eve nunca sabia como reagir ao jeito maternal que Mira a tratava. Mães representavam um quebra-cabeça com tantas peças faltando que Eve nem conseguia imaginar como seria ter uma. — A senhora aceita um chá?

— Sim, adoraria. Como já conhecia o gosto de Mira, Eve programou no AutoChef o chá com ervas aromáticas que Mira tanto apreciava. Como estava em casa, programou também uma segunda xícara pa si mesma.

— Como você está, Eve?

— Estou bem.

— Continua dormindo pouco — comentou a doutora, ao receber o chá.

— Eu me ajeito.

— A base de cafeína e coragem. Como vai Roarke?

— Ele... — Eve pensou em omitir o que achava, mas com Mira ela conseguia se abrir. - O que aconteceu com Mick Connelly ainda o perturba muito. Ele está tentando lidar com a dor, mas que aconteceu o deixou fora do prumo.\*

— O luto atinge igualmente a todos. Seguimos em frente, fazemos o que é necessário, mas carregamos uma sombra no coração. Saber que você está ao lado dele o ajudará a aliviar esse peso.

— Ele está todo empolgado com a investigação atual, mas dessa vez eu nem reclamei muito.

— Vocês formam uma boa equipe em vários níveis. — Mira experimentou o chá e aprovou o sabor. — Ele deve estar muito preocupado por você trabalhar como investigadora principal em um caso como este.

— Sim. Homicídios sexuais. Já investiguei crimes assim antes, e certamente tornarei a fazê-lo. Sei como lidar com o problema.

Claro que sabe. Pelos seus relatórios e pelo que ouvi voce falar agora há pouco em voz alta, você já montou um perfil. — Mira pegou um disco na bolsa. — Agora eu lhe trago a minha opinião

— A senhora já montou o perfil completo do criminoso? — perguntou Eve, girando o disco nos dedos.

— Montei dois perfis. — Mira se recostou observando Eve, quanto saboreava o chá. — São dois criminosos. Resta saber se são indivíduos diferentes ou alguém com várias personalidades. Isso eu não posso afirmar com certeza. Apesar de a síndrome de personalidade múltipla ser um evento raro, exceto na ficção, ela existe na vida real.

— Não creio que este seja um caso de síndrome de personalidade múltipla. SPM, como os médicos chamam. — Ao notar a expressão de surpresa nos olhos de Mira, Eve explicou: — Pesquisei o assunto ontem à noite. Nesse caso, nós temos o mesmo método, a mesma motivação básica e o mesmo cenário. Só que são dois estilos diferentes e os alvos não têm quase nada em comum. Ele usou camisinha ou espermicida e selou as mãos ao atacar a segunda vítima, mas deixou DNA e impressões digitais na cena do primeiro crime.

Se fosse um caso de SPM, haveria outras diferenças. Uma personalidade para caçar, a outra para matar. Ou então uma para caçar e matar e outra para agir de forma normal. Temos dois caras aqui, trabalhando juntos e disputando uma espécie de revezamento.

— Acho que tem razão, Eve, mas não posso descartar a possibilidade de SPM. — Mira cruzou as pernas e se acomodou melhor para conversar sobre assassinato e loucura como se fossem temas comuns. — O primeiro assassinato parece ter sido acidental. Não foi conscientemente planejado. Existe a possibilidade de a emoção e o medo do primeiro caso terem servido de gatilho para o segundo. A imagem do revezamento é perfeita. Ele, ou eles, são competidores no mesmo jogo.

Existe a necessidade de dominar as mulheres e humilhá-las, mas tudo é feito de um modo que simula estilo e charme Romance e sedução. O ato sexual em si é egoísta, mas pode ser encarado como mutuamente satisfatório porque, devido às drogas, mas parecem ávidas e agressivas.

— A emoção ainda é maior porque ela o vê como uma criatura sexual e um objeto de desejo. No fim das contas, porém, ele é o núcleo, *ele* é o foco do evento.

— Exato! — concordou Mira. — Não se trata de estupro no sentido tradicional, que tem a ver com força, violência ou intimidação. Ele não busca o medo da vítima, e sim a submissão. Ele

é esperto e paciente. Passa um bom tempo conhecendo a vítima, as suas fantasias, as suas esperanças e fraquezas. Por fim, brinca com elas e tenta se encaixar em todas essas fantasias. As rosas são cor-de-rosa. Não são vermelhas, que transmitem paixão; nem brancas, que transmitem pureza. São cor-de-rosa, um símbolo do romance.

— Temos duas habilidades muito técnicas e específicas aqui, doutora: tecnologia da computação e química. Consegui novos dados e estou calculando algumas probabilidades. É bem possível que um terceiro elemento esteja sendo usado para a compra das drogas ilegais. Substâncias caríssimas, por sinal. Um dos assassinos sabe tudo sobre drogas. Como obtê-las e também, em minha opinião, como fabricá-las. Talvez ele se arrisque a vendê-las e pode ser que isso seja a fonte da sua renda, mas eu acho que a coisa vai além. Ele adora os riscos de todo o processo.

— Concordo. — Mira inclinou a cabeça. — Ele gosta de correr riscos, mas riscos calculados.

— Um deles é um ás da tecnologia. Se Roarke está impressionado, pode ter certeza de que o sujeito é bom de verdade. Doutora... Existem casos de personalidade múltipla em que uma única pessoa desenvolva duas habilidades altamente sofisticadas em áreas diferentes?

— Não é impossível. — Percebendo a impaciência que Eve não conseguiu disfarçar, Mira espalmou as mãos. — Você quer um sim ou não, e não tenho condições de lhe fornecer isso. Posso lhe emprestar casos clássicos para você estudar, Eve, mas eles não vão ser tão úteis quanto o seu instinto. Vamos considerar que sejam dois indivíduos, apenas para facilitar o raciocínio.

Um deles é cheio de fantasias e vive voltado para seu mundinho pessoal. O seu ideal é uma mulher sexy, marcante e sofisticada. Ele deseja encantá-la, tanto quanto dominá-la e conquistá-la. É um homem que se deixa arrebatado pelo momento.

— Ele mandou rosas para Bryna Bankhead — lembrou Eve. — Grace Lutz não recebeu flores de ninguém.

— O segundo é mais calculista, mais determinado e potencialmente mais violento. Não se ilude achando que romance tem algo haver com o caso, como acontece com o primeiro. Sabe que é estupro e aceita o fato. Busca uma mulher jovem e inocente simplesmente porque deseja possuí-la e depois destruí-la.

— Esse segundo homem seria, então, o parceiro dominador?

— Sim, tenho quase certeza. Mas eles mantêm uma relação simbiótica um com o outro. Necessitam-se mutuamente, e não apenas para discutir detalhes e habilidades, mas também para reforçar o ego. Uma típica busca de aprovação masculina mútua, como os jogadores de futebol que dão tapinhas na bunda um do outro ou se atracam em um abraço apertado depois do gol.

— Somos um time. Eu lanço, você chuta e nós marcamos um golão.

— Sim. Para eles, tudo não passa de um grande jogo. — Mira deixou o chá de lado e brincou, distraída, com a pérola que pendia do cordão. — Mas eles também precisam da competição. São duas mentes perturbadas, ainda que brilhantes, mas eles têm o ego de meninos mimados. São manipuladores que não se tornaram assim de uma hora para outra. Foram criados em meio à riqueza, cheios de Mordomias. Estão acostumados a exigir ou pegar o que querem, do jeito que bem entendem, e permanecer impunes. Eles *merecem* o que conseguem.

— Devem ter disputado outras coisas antes — sugeriu Eve —, mas nada nesse nível. Foi algo que se desenvolveu aos poucos.

— Ah sim! Seja uma única mente ou duas, eles se conhecem há muito tempo e têm várias coisas em comum. Percebo uma falta de maturidade que me leva a crer que eles devem estar na mesma faixa etária das vítimas.

— Vinte, vinte e poucos anos, vinte e cinco no máximo. Eles não curtem as coisas sofisticadas, simplesmente. Precisam *possuí-las*.

— E se preocupam com as aparências — acrescentou Eve. Roupas de grife, vinhos caríssimos, muito status, além de pontos exclusivos para os encontros.

— Humm... Status e exclusividade são vitais para eles. E tem mais uma coisa: acho que estão acostumados a isso. Ter algo negado lhes parece intolerável. Sob o verniz do romance se escondem o medo e o ódio pelas mulheres. Pode crer que por trás deles existe uma figura materna dominadora e temível, ou fraca e sofrida. Negligente ou superprotetora. Um homem, particularmente quando é jovem, quase sempre forma opiniões e imagens de mulheres baseadas nas suas opiniões e imagens sobre a mulher que o criou.

Eve pensou em Roarke e em si mesma. Crianças sem mãe.

— E se ele não tiver conhecido a mãe?

— Então ele forma a imagem dela de outro modo. Mas um homem que busca explorar, ferir e abusar de mulheres certamente tem alguma figura materna em sua vida que represente para ele tais imagens e opiniões.

— Se eu impedir um deles, conseguirei impedir o outro também?

— Se você impedir um deles, o outro vai se autodestruir. Mas pode continuar matando enquanto desaba.

Eve fez o que costumava fazer quando lidava com muitos dados, pontas soltas e ângulos para misturar, analisar, combinar e amarrar. Voltou à vítima.

Ao usar o cartão mestre para decodificar o lacre da polícia e destrancar o apartamento de Bryna Bankhead, ela limpou sua mente de todos os fatos e deixou-a aberta apenas às impressões.

O ar estava abafado. Não havia aroma de velas românticas no ar de rosas. Apenas o odor seco e empoeirado deixado pelos peritos. Nada de música nem de luzes suaves.

Ela ordenou às luzes que se acendessem em luminosidade máxima verificou se a tela de privacidade estava acionada e vagou pela sala enquanto um ônibus aéreo barulhento passava diante da janela, tendo o céu cinzento como pano de fundo.

As cores eram fortes, e a arte, contemporânea. Mesmo assim, tudo era essencialmente feminino. O atraente ninho de uma mulher solteira, de estilo definido, bom gosto, que curti a vida e o seu trabalho.

Uma mulher tão jovem que ainda não tivera tempo de formar laços sérios ou relacionamentos sexuais permanentes. Confiante o bastante para curtir novas experiências. E aventureira o bastante para embarcar em uma ligação fantasiosa com um homem que não conhecia pessoalmente, só através da internet.

Morava sozinha, tudo à sua volta tinha ordem e glamour, mas era amigável com os vizinhos.

*Gosto musical eclético*, analisou Eve, passando os dedos ao longo da fileira de discos cuidadosamente ordenados no móvel onde ficava o som. Ela reconheceu um dos álbuns: *Mavis: ao vivo e muito viva*. Apesar do momento sombrio, sentiu um sorriso se insinuando no rosto.

Mavis Freestone era uma velha amiga de Eve e quase sempre a fazia sorrir.

Mas a trilha sonora da noite do crime foi música clássica, lembrou Eve. Escolha dele ou dela? Certamente dele, decidiu. Tudo ali havia sido escolha dele. As impressões digitais dele estavam na garrafa de vinho. A garrafa que *ele* trouxera consigo, abri-la e servi-la. Impressões dele e dela estavam em uma das taças, mas apenas as dele apareciam na outra.

Ele servira o vinho para ela. Um perfeito cavalheiro.

Eve caminhou até o quarto. Os técnicos do laboratório haviam ensacado todas as pétalas de rosas que encontraram espalhadas A

cama fora despida dos lençóis e restara só o colchão. Ignorando Eve abriu a porta da varanda e saiu.

O vento soprou as pontas irregulares da sua franja. Começava a chover. Pingos suaves caíam sobre a cidade, silenciosamente.

Seu estômago apertou, mas ela se obrigou a ir até a grade olhou para baixo. *Uma longa queda, pensou. Um último passo imemorável.*

Por que será que ele resolveu jogá-la da varanda? Nada indicava que ele tivesse estado no apartamento antes Eve repassou mentalmente a gravação da câmera de segurança que mostrava Bryna e o assassino chegando pela calçada rumo ao portão do prédio.

Não, ele não havia olhado para o edifício, moradores de Nova York nunca olhavam para cima. E eles estavam totalmente envolvidos um com o outro.

Por que será que ele pensou na varanda?

Por que ele não fugiu em pânico, simplesmente, como fizera na lan house? Porque uma parte do seu cérebro permanecera fria o bastante para entrar automaticamente no modo de sobrevivência, em ambas as vezes. Será que ele achou que as substâncias químicas iriam aparecer no teste toxicológico? Será que pensara tão adiante assim?

Ou essa fora apenas a sua primeira reação em meio ao desespero? Ele vive para o presente, foi o que Mira disse. E o presente era chocante.

*Ela morreu, e eu estou em apuros. O que devo fazer?*

O melhor é simular um suicídio. Jogá-la pela varanda. Longe da vista, longe do pensamento. Mas por que ele não limpou tudo e simulou uma overdose para lhe garantir uma fuga com mais calma.

*Para criar confusão, decidiu ela, como ele fizera na lan house.* Ele poderia ter infectado o computador que usava, mas preferiu programá-lo para espalhar o vírus. Conhecia bem os frequentadores do lugar para saber que aquilo provocaria uma revolta.

Quando uma mulher se estatela na calçada as testemunhas ficam chocadas, atônitas e atemorizadas. Todos correm em direção ou fogem dele, mas ninguém invade o prédio em busca de assassino, e enquanto isso ele ganha tempo para escapar. Mas como foi que ele pensou na varanda?

Quando a chuva engrossou e Eve começou a sentir fisgadas no tômago por causa da altura, deu uma última olhada na rua e nos prédios da vizinhança.

— Filho da mãe — xingou, baixinho, ao ler o cartaz:

*COFFEE AND A BYTE — CYBERCAFÉ*

A entrada do estabelecimento era uma porta estreita. Apenas dez mesas com equipamentos pouco sofisticados. Balcão para seis pessoas. Pelo menos o café tinha um cheiro bom e o chão era limpo.

O atendente era um andróide com rosto jovem e cara de nerd. Seus cabelos tinham uma franja em V sobre a testa.

Duas mesas estavam ocupadas por tipo? parecidos, só que humanos, mas a garçonete era jovem e serelepe demais para ser de carne e osso.

— Olá! Bem-vinda ao Coffee and a Byte. Deseja uma mesa? Seu cabelo cheio de laque e seus lábios tinham o mesmo tom rosa-chiclete, e os seios pareciam dois melões maduros que quase explodiam pelo decote do top branco muito apertado. A clientela de nerds devia ter sonhos eróticos com ela.

— Preciso lhe fazer algumas perguntas. A vocês dois. — Apontou para o atendente do balcão.

A garçonete, cujo nome era Lola, pelo que o crachá informava, replicou:

— Está tudo explicadinho no cardápio, inclusive as promoções, mas tanto Leio quanto eu poderemos tirar qualquer dúvida que a senhora tiver.

Lola e Leio. Eve balançou a cabeça. *Por Deus, quem será que inventa idiotices desse tipo?*

— Sente-se, Lola.

— Desculpe, mas não devo me sentar à mesa com os clientes. Gostaria de saber sobre o nosso café combo especial para hoje?

— Não. — Eve exibiu o distintivo. — Esta é uma investigação policial e eu preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Fomos programados para oferecer cooperação total à polícia e também às empresas de segurança, bombeiros, ambulâncias e emergências médicas em geral. — Quem disse isso foi Leio, que afastou com os dedos a franja comprida que lhe caiu sobre os olhos.

— Ótimo! — Eve sentiu um movimento e se virou para o lado no instante em que um rapaz de ombros estreitos tentava sair da mesa e escapar de fininho. — Não há problema algum aqui explicou Eve. — Estou apenas fazendo perguntas. Por que não volta para o seu lugar e relaxa um pouco? Talvez você consiga responder a algumas delas.

— Eu não fiz nada.

— Que bom! Mantenha-se assim, sem fazer nada — aconselhou Eve, virando de costas para os andróides, mas mantendo o corpo em um ângulo que os clientes pudessem ver que ela estava alerta. — Algum de vocês pode me dizer o que aconteceu no outro lado da rua? A mulher que morreu?

— Ah, claro! — Leio abriu um sorriso, como se fosse um aluno que soubesse a resposta certa para a professora. — Ela foi atirada pela varanda.

— Isso mesmo! - Eve pegou a foto de Bryna Bankhead e a colocou sobre o balcão. — Ela alguma vez esteve aqui?

— Não, cara senhora.

— Por favor, não me chame de "cara senhora".

Ele piscou rápido ao ouvir isso, tentando processar a informação.

— Mas eu devo chamar todas as clientes do sexo feminino de "cara senhora".

— Sou uma policial, não uma cliente. — *A não ser que...* Ela cheirou o ar. — Isso é café de verdade?

— Claro... Ahn... — Seu rosto exibiu várias expressões e acabou sem nenhuma.

— Pode me chamar de tenente — ajudou Eve.

— Ah, sim, tenente. Servimos apenas produtos feitos de soja legítima, com ou sem a adição de cafeína.

— Então deixa pra lá. — Ela ergueu a foto para que os clientes que estavam nas mesas pudessem vê-la melhor. — Algum de vocês viu esta mulher antes?

O que tentara escapar de mansinho se remexeu na cadeira.

— Acho que eu a vi algumas vezes. Eu não fiz nada.

— Você já disse isso. Onde foi que você a viu?

— Na rua. Eu moro a dois quarteirões daqui. É por isso que eu venho a este cyber café. Fica perto de casa, não é entulhado de gente, não é barulhento nem cheio de caras esquisitões e metidos.

— Metidos?

— Sabe como é... Sujeitos que frequentam cibercafés só para marcar encontros. Eu venho aqui para fazer coisas sérias.

— Você alguma vez conversou com ela?

— Qual é?... Mulheres como essa não conversam com caras como eu. Eu só a via andando pela rua de vez em quando, aqui pela vizinhança. Ela era muito bonita, então eu olhava. Mas não fiz nada.

— Qual é o seu nome?

— Milo. Milo Horndecker.

*Um nome diferente, pensou Eve. Um cara condenado a ser nerd desde que nasceu.*

— Milo, se continuar a me dizer que não fez nada eu vou começar a achar que você fez sim. — Ela pegou fotos dos três rostos que o assassino havia usado. — Vocês conhecem algum desses homens?

Ela colocou as fotos sobre o balcão, diante de Leio e Lola, que balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

— Mas eles são muito bonitos — acrescentou Lola. As respostas negativas dos clientes fizeram Eve mudar de tática. Muito bem. Vocês conhecem algum homem que tenha passado a frequentar este cybercafé nas últimas semanas e não voltou mais desde o assassinato? Ele devia se sentar sempre junto à janela que dá para a rua. Provavelmente vinha de manhã, mas não depois das dez. Ou vinha à noite, mas só depois das seis.

Eve tentou lembrar os horários de entrada e saída de Bryna no trabalho e também seus dias de folga.

— Talvez ele tenha vindo em outro horário, mas só às terças. Provavelmente pedia um café sofisticado. *Um latte* grande desnatado com sabor de castanhas, por exemplo.

— Sim, ele veio duas terças-feiras seguidas! — Lola quase saltitou em seus sapatos cor-de-rosa. — Sentou-se na frente da loja nas duas vezes e tomou dois *lattes* enquanto trabalhava. Depois foi embora.

— Em qual mesa?

— Ele usou a estação de trabalho número um nas duas vezes.

— Ela apertou os lábios rosa-chiclete. — Essa mesa tem uma boa vista da rua.

*Edo prédio de Bryna Bankhead*, pensou Eve, pegando o comunicador a fim de ligar para Feeney.

— Estou em um cybercafé em frente ao prédio de Bryna Bankhead, diante de um computador que o assassino usou. Preciso de um mandado de busca e apreensão e um técnico especializado em pesquisa de imagens na memória de andróides.

Sentada diante da estação de trabalho um, Eve bebia um café preparado com soja genuína e aditivos de cafeína. Tudo bem. Como era de graça, ela não podia reclamar.

Ela precisou somente virar a cabeça um pouco de lado para ver o décimo segundo andar do prédio do outro lado da rua. Ali estavam as janelas do apartamento de Bryna e as pequenas varandas.

— Ele é meticoloso — comentou com Feeney. — É viciado em dados, gosta de detalhes e precisa da sua dose diária de novas informações. Ela contou, nos e-mails que enviou para ele, tudo o que fazia em seus dias de folga. Falou que gostava de abrir as janelas assim que acordava para ver como estava o tempo.

*Adoro sentir o cheirinho da brisa nova-iorquina logo de manhã, ela escrevera. Sei o que as pessoas falam sobre a qualidade do ar, mas eu acho a atmosfera de Nova York intensa, empolgante e romântica. Tenho todo tipo de sabores, aromas e cores ao meu alcance. No meu dia de folga, curto isso de montão.*

— Provavelmente ele a observou sair na varanda — continuou Eve Talvez ela tivesse uma caneca de café na mão, parada junto da grade. Como era muito organizada, devia arrumar o apartamento para, em seguida, se vestir e sair para fazer compras. Para encontrar uma amiga, talvez.

Ele deve tê-la seguido, só para confirmar se o que ela lhe contou nos e-mails batia realmente com os seus hábitos. Queria ter certeza de que ela morava sozinha e não havia nenhum namorado ou algo do tipo para atrapalhar sua festa. Mais que isso, queria ver como ela se comportava, como *parecia* sem tê-lo por perto. Ela precisava ser boa o bastante para uma transa à altura dele.

Ela olhou para Feeney, que, com seus olhos de cachorro triste, fazia a análise inicial do computador.

— Ele também tem hábitos rígidos — comentou Eve —, e hábitos sempre fornecem pistas. Será que você consegue achar alguma aqui?

— Se ele usou esta máquina, podemos descobrir quando isso aconteceu e também o que ele fez. Vou levar algum tempo para

filtrar os dados dos outros usuários até chegar nele, mas tudo que ele digitou neste computador vai aparecer, sim.

Concordando com a cabeça, Eve se afastou da mesa e foi até onde o técnico de imagens trabalhava nos andróides. A coisa boa sobre robôs, pensou Eve, é que, por mais que eles possam ser irritantes; seus olhos são sempre câmeras confiáveis.

Já dava para ver algumas feições começando a aparecer na tela do computador como se fossem pinceladas formando uma pintura.

Um rosto suave, com expressão afável. Cabelos que surgiam acima de um par de sobrancelhas arqueadas e seguiam, revoltos, para se aninhar de forma desordenada por sobre as orelhas. O tipo de rosto que passaria completamente despercebido em meio a uma multidão, até se tornar um ponto difuso na memória.

Com exceção dos olhos. Eles eram frios e penetrantes.

Não importa o que ele fizesse com o seu rosto, Eve sabia quando encontrasse aqueles olhos ela saberia reconhecê-los.

Não havia nenhum cybercafé nem lan house perto do prédio de Grace Lutz. Nenhuma cafeteria nem lanchonete. Havia apenas uma delicatessen minúscula, com um único corredor estreito, e a maré de sorte parecia ter acabado para Eve.

Ela mandara chamar Peabody, e sua auxiliar entrou exatamente no instante em que Eve comprava uma barra de chocolate.

— Isso é lanche de criança! — reclamou Peabody, louca para pedir um pedaço. — Aquilo ali é ensopadinho de legumes? E aí? Quais são as novidades que você me trouxe?

— A maior delas é que apareceu um buraco onde meu estômago ficava — reclamou Peabody, e pediu uma porção de ensopadinho de legumes para viagem. — Estou fazendo aquela dieta que permite que você coma apenas a clara de um ovo cozido como café da manhã. Depois disso...

— Peabody... — Com toda a crueldade do mundo, Eve desembrolhou a barra de chocolate e deu uma mordida lenta e

cuidadosa. — Por acaso eu tenho cara de quem se liga em dieta?

— Puxa, isso é muita maldade. Você tem esse temperamento cruel porque sua alimentação é baseada na ingestão de açúcar refinado, que é altamente calórico, e... Isso aí é recheio de caramelo?

— Com certeza. — Eve lambeu a ponta do dedo enquanto Peabody acompanhava cada movimento com a língua, cheia de inveja. — Vamos lá fora, precisamos conversar.

— Bem, já que vamos desgastar o lanche, vou pedir uma barra de chocolate igual à sua - informou Peabody, pegando mais dinheiro no bolso.

Caminhando pela rua, ela foi comendo garfadas do ensopadinho lentamente, para demorar mais a acabar, e tentou acompanhar os passos de Eve.

— Se já engoliu tudo, Peabody, quero o seu relatório.

— Vamos lá... O ensopadinho está ótimo, acho que eles temperaram tudo com endro. — Mais que depressa, ela continuou: — Listamos dezesseis possibilidades. Roarke... Bem, eu não preciso lhe dizer que tremendo técnico ele é. Rápido e tranquilo. E quando pesquisa os dados manualmente, então...? Você já reparou nas mãos?

— Ela comeu mais uma garfada ao ver o olhar frio como aço que Eve lançou. — Sim, você já reparou, claro. Pois é, nós achamos dezesseis nomes que bateram com as compras feitas, e conseguimos baixar o número para dez, tirando dois carinhas que se casaram há menos de duas semanas. Maio e junho continuam sendo os meses favoritos para casamento. Um terceiro saiu da lista porque foi atropelado por um maxiônibus anteontem. Você soube desse lance? pobre sujeito estava conferindo as cotações da bolsa pelo celular, enquanto caminhava, atravessou a rua na frente do ônibus e... Catapimba!

— Peabody!

— Tudo bem, continuando... Baixamos a lista para os dez mais prováveis e os comparamos com os dados que McNab anotou nas

lojas de cosméticos. A pesquisa das perucas está levando muito tempo porque existem mais de duzentos fabricantes que fazem perucas de alta qualidade usando cabelos humanos. Depois disso, ele vai ter que descobrir a marca e o tipo certo. O modelo usado no primeiro assassinato é uma alternativa capilar com vários nomes, dependendo da marca e do material usado.

Ela jogou a caixinha do ensopado em um reciclador de lixo e começou a desembulhar a barra de chocolate com a precisão calculada e a concentração intensa de uma mulher que despe o amante.

— Ele quer comer pizza hoje à noite.

— O quê? Roarke quer pizza?

— Não, McNab. Ele me chamou para comer uma pizza mais tarde. Disse que está a fim só de bater papo, coisa e tal, mas confesso que hoje de manhã nós infringimos vários itens do código moral quando estávamos encostados no portão da sua casa.

— Merda! Merda! — Eve pressionou os dedos sob o olho, bem no ponto em que um dos músculos começou a se contrair de forma frenética. — Lá vamos nós de novo. Por que você vive me contando essas coisas? Isso me faz sentir espasmos.

— Pois é. Se nós comermos pizza, vamos acabar transando. O que será que isso quer dizer?

— É mais que um espasmo. Acho que é embolia. Um daqueles bloqueios nas artérias cerebrais que deixam a pessoa com o dedinho tremendo pelo resto da vida.

— Não quero me sentir confusa novamente. Se bem que já estou confusa do mesmo jeito.

— Puxa, Peabody, o que eu poderia saber sobre essas coisas? — Eve suspirou. — Levei mais de um ano para me entrosar com Roarke, e mesmo assim ainda estrago as coisas quase o tempo todo. Tiras são péssimos para dar conselhos nesse tipo de assunto.

Ela se virou e enfiou as mãos nos bolsos. A rua estava suja, o tráfego terrível e barulhento, e a fumaça que saía da carrocinha de lanches pela qual elas passaram fedia a cebolas reidratadas fritas. Eve reparou que uma transação de drogas ilegais rolava a meio quarteirão adiante, do outro lado da rua.

— Tentar manter uma vida pessoal separada do trabalho já é complicado. Quando os dois trabalham na polícia, então a coisa piora. Droga! — Eve era sincera e se sentiu solidária com sua ajudante, mas continuava ligada e seus olhos se mantinham espertos e alertas. — Aquele lance vai acabar mal. Ligue para os guardas de ronda aqui da área e depois me dê cobertura, Peabody.

Ela pegou o distintivo, empunhou a arma e já corria em zigue-zague quando um dos homens na calçada oposta sacou uma faca.

O outro deu um pulo para trás, se desviou do golpe e em meio segundo também já estava com uma faca na mão. Encurvando as costas, eles começaram a girar de frente um para outro, brandindo as lâminas. Os pedestres se espalharam, apavorados.

— Polícia! — gritou Eve. — Larguem as armas!

Os dois ignoraram a sua ordem. Eve percebeu que um deles estava na fissura e o outro já estava doidão. Isso tornava ambos perigosos.

— Larguem as facas ou eu derrubo os dois!

Ambos se viraram na direção dela ao mesmo tempo. O que parecia desesperado pela droga deu um bote sobre Eve. Uma das mulheres que passavam soltou um grito de pavor. Quando a faca vinha em arco e estava descendo, Eve derrubou o sujeito com um raio de atordoar em seus joelhos.

Ele tombou para frente. Eve girou o corpo, tomou impulso, deixou-o cair de cara no chão e pisou com força na mão que segurava a faca.

Quando ele começou a gemer devido à queda, ela notou que o segundo homem se movia rápido e já estava com a faca encostada na

garganta da mulher que gritou. Nos olhos dele, Eve notou um brilho de Zeus, a droga que fazia os homens se sentirem deuses invencíveis.

— Largue! Solte essa mulher e largue essa arma!

— Foda-se você! Foda-se ela também! Essa esquina é o *meu* ponto!

— Se você a ferir, vai morrer aqui mesmo, no seu ponto. — O homem caído no chão choramingava. Eve sentiu um cheiro forte de urina e viu o líquido escorrer pela calçada. Os músculos da bexiga dele haviam perdido o controle.

— Largue *ocê* a arma, senão eu corto essa garganta de orelha a orelha — ameaçou o homem, inclinando a cabeça de leve e passando a língua sobre o rosto da mulher, aterrorizada — e ainda bebo o sangue dela!

— Certo! Agora você me pegou! — Eve abaixou a arma e os olhos dele acompanharam o movimento da sua mão. Em seguida estremeceram de leve, quando Peabody veio por trás e encostou a arma de atordoar em sua nuca.

Eve pulou na mesma hora, agarrou a mão do oponente e tentou torcê-la. A mulher que ele ameaçava se largou no chão como um saco vazio.

— Atire nele! — gritou Eve, no instante em que a força do sujeito, amplificada pela droga, o fez girar a faca e encostá-la em sua garganta. Ela sentiu a picada quente do metal contra a carne.

Ambos sentiram o cheiro do sangue que escorreu.

O corpo dele se enrijeceu e cedeu quando Eve lhe deu uma joelhada no saco. Trocando o peso do corpo de uma perna para outra, ela pisou com força no pé dele e usou o impulso para jogá-lo para trás, por cima da própria cabeça.

Ele aterrissou como uma árvore recém-cortada e o seu crânio pareceu rachar ao bater com força no concreto.

Eve pegou a faca e, ainda ofegante, continuou agachada.

— Dallas? Você está bem? Ele cortou você?

— Cortou, droga! Cuide daquele outro — apontou ela. O sujeito continuava gemendo baixinho e tentava se arrastar sem força nas pernas. Ela agarrou o homem que voara e o algemou. A refém estava no chão e continuava gritando, histérica.

Eve limpou o sangue que lhe escorria da garganta com as costas da mão e olhou para trás.

— Alguém aí poderia calar a boca dessa mulher?

## Capítulo Dez

Ela sofreu um corte superficial, mas extenso, que vinha da orelha esquerda até pouco acima da jugular. Peabody havia chamado um paramédico para cuidar de Eve, sem que ela soubesse.

Ele comentou, com ar alegre, que se o corte tivesse sido um pouco mais profundo Eve sofreria uma forte hemorragia e seu sangue secaria rapidinho.

Diante dessa possibilidade, até que o resultado não era tão mau. Apesar de ela ter ficado com a blusa cheia de sangue.

— Os paramédicos têm umas substâncias que fazem o sangue estancar na mesma hora -garantiu Peabody, enquanto elas seguiam de carro em direção ao centro da cidade. — Minha mãe sempre usou sal e água gelada para estancar o sangue. Funciona. Quase sempre.

— Amarrar a blusa em volta do ferimento também dá certo, só que ela virou um trapo. -Eve lembrou que Summerset resgataria a roupa, faria algum vodu doméstico para deixá-la limpa, passada, sem manchas, e em dois tempos ela voltaria ao seu closet como se estivesse nova em folha

— Veja se você consegue localizar esse tal dr. Theodore McNamara. Quero interrogá-lo ainda hoje e saber tudo sobre essa sociedade, o escândalo e as drogas sexuais que ele descobriu.

Enquanto Peabody fazia a ligação, Eve verificou se havia alguma mensagem. Resmungou baixinho ao ver que ainda não havia retorno de Feeney nem de McNab.

— O Dr. McNamara está fora do planeta, tenente. A secretária dele vai pedir que ele entre em contato com a senhora assim que o localizar. Também deixei um recado na caixa postal.

— Tudo bem. Vamos deixá-lo para depois, por enquanto. Fale-me do primeiro nome da lista que você e Roarke fizeram. Lawrence Q. Hardley.

— Trinta e dois anos. Branco, solteiro. A família se encheu de grana com a expansão fantástica que a área de informática e todo o Vale do Silício tiveram no final do século XX. Não há registro de casamento nem coabitação. Nenhum registro militar nem criminal.

— E sem registro algum de impressões digitais.

— Nenhum. Ele mora em Nova York desde 2049. Administra a filial nova-iorquina dos negócios da família e trabalha como vice-presidente da empresa na área de marketing. Sua renda, somando salário, investimentos, dividendos e verba para despesas pessoais, chega a cinco milhões e duzentos mil dólares por ano.

Peabody analisou a foto que acompanhava os dados.

— Ele me parece um cara interessante — afirmou. — Quem sabe ele se apaixona por mim, me implora para casar com ele e passa a me fornecer um estilo de vida com o qual estarei plenamente disposta a me acostumar?

A coisa não correu bem assim. Hardley não deu atenção alguma a Peabody, embora parecesse se interessar muito pelo seu bonito assistente pessoal. Tudo parecia ir bem, mas ele ficou furioso, se ofendeu muito com o interrogatório e se recusou a responder a qualquer coisa sem a presença do seu advogado.

Ao todo foram vinte minutos até ele conseguir achar seu representante e mais vinte para responder às perguntas básicas, sempre seguindo a orientação do advogado, que participou da reunião por projeção holografia.

— Hora perdida, lamentou Eve ao entrar de volta no carro e tirar Hardley da lista.

Por que ele não disse logo de cara que era gay e tinha dois álibis sólidos para as noites em questão? — quis saber Peabody.

— Tem gente que ainda se mostra pouco à vontade quando o assunto é sexualidade alternativa, mesmo quando se trata da própria. Vamos para o número dois.

Elas eliminaram três dos dez antes de Eve liberar Peabody pelo resto do dia. Como conhecia seu papel — do qual não era obrigada a gostar —, embicou o carro junto do meio-fio, estacionou diante do prédio de Peabody e fez a pergunta:

— E aí? Vocês vão pedir uma pizza ou o quê?

— Não sei. — Os ombros de Peabody se ergueram e depois baixaram. — Provavelmente não. Vou acabar me sentindo estranha e pau da vida. Ele é realmente um babaca. — Disse isso com ar melancólico. — Ele fica todo esquentado e irritado por causa de Charles.

Eve se remexeu no banco do carro, desejando transmitir o mínimo de solidariedade por McNab.

— Sabe o que acontece, Peabody? Deve ser duro para um cara perceber que está competindo com um homem como Charles.

— Nós nunca prometemos exclusividade um ao outro. E ele não pode sair por aí mandando na minha vida. Não pode me dizer quem eu devo ver ou não, nem de quem posso ou não ser amiga. — Com a raiva aumentando, Peabody se virou e olhou para Eve com os olhos quase vidrados. — E se eu estava transando com Charles, o que nem era o caso, McNab não tinha nada a ver com isso.

*Ops, terreno perigoso, pensou Eve. Deixe o trabalho de lado um instantinho só para receber uma leve descarga de laser na testa.*

— Tem razão, Peabody, você tem toda razão. Ele é um baba e uma vez babaca, sempre babaca! Foi bom você lembrar.

— McNab que se dane! — Peabody bufou com toda a força e sentiu cheia de razão. — Nem se deu ao trabalho de me procurar dia todo para ver se eu estava a fim de fazer alguma coisa mais tarde Ele que se dane!

— Então tá! Vamos procurar as pessoas do resto da lista amanhã

— O quê? — Peabody aterrissou os pensamentos. — Ah, sim Certo. Sim, senhora. Amanhã.

Imaginando ter feito um bom trabalho consolando a amiga, Eve entrou com o carro no tráfego pesado para atravessar a cidade. Com sorte, poderia chegar em casa em meia hora.

Enquanto Eve tentava se desviar de retenções em seu caminho rumo à parte alta da cidade, Roarke curtia uma cerveja e cumpria o seu papel.

— Acho que essa ideia da pizza é uma boa estratégia — concordou McNab. — Peabody tem um fraco por pizza. E a coisa vai ficar bem casual, tipo assim... amigável.

— Eu levaria uma garrafa de vinho tinto. Nada metido a besta.

— Boa! — O rosto de McNab se iluminou. — Mas sem flores, nem nada desse tipo, né?

— Não por agora. Se quiser recolocar as coisas nos trilhos com ela, você deve pegá-la de surpresa. Deixe-a intrigada.

— Isso! — Roarke, na avaliação de McNab, era o guru supremo do romance. Qualquer um que conseguisse domar Dallas só poderia ser um verdadeiro gênio nos assuntos do coração.

— Mas... e quanto a esse lance com Charles?

— Esqueça.

— Esquecer? Ma-mas... — McNab gaguejou, chocado.

— Deixe isso de lado, Ian. Pelo menos por ora. Ela gosta dele, e o que quer que esse relacionamento represente, é algo importante para ela. Toda vez que você força a barra contra Charles, isso a afasta de você.

Eles estavam sentados, dividindo uma cerveja em uma espécie de salão de jogos que McNab nem sabia que existia na casa. Havia mesa de sinuca, um bar em estilo antigo, telões em paredes postas e

confortáveis sofás de couro acompanhados por poltronas estofadas em vinho.

A arte pendurada nas paredes era composta, basicamente, de nus. Mas eram nus com classe — corpos femininos esguios e insinuantes que pareciam pertencer a mulheres estrangeiras e refinadas.

Aquela, pensou McNab, era uma sala masculina. Longe das estações de trabalho e longe dos *tele-links*, onde as únicas mulheres nos quadros eram arte estilizada, que não deixavam o observador louco de interesse. Ali havia hectares de madeira, muito cheiro de couro e tabaco.

De volta à questão da classe, pensou McNab. Charles tinha muita classe.

Se era isso que Peabody buscava, ele não tinha a menor chance.

— Curtimos bons momentos, Roarke, sabe como é? Não só na hora do rala e rola, entende? Eu já estava começando a sacar as coisas que você sugeriu antes.

Tipo levá-la para sair, aparecer com flores e troços assim, de vez em quando. Mas quando o lance pegou... ficou feia a coisa. — Ele tomou um gole de cerveja. — Feia de verdade. Comi o pão que o diabo amassou por causa dela. O problema é que nós trabalhamos o tempo todo juntos; então era preciso chegar a um acordo, certo? Talvez fosse melhor deixar tudo como estava, antes de o caldo entornar de vez. De novo.

— É uma opção. — Roarke pegou um cigarro, acendeu-o, deu uma tragada longa e lançou a fumaça no ar, pensativo. — Pelo que eu percebi, você é um grande detetive, Ian.

É um homem interessante, com gostos peculiares.

Se você não tivesse boas células cinzentas nesse cérebro, nem Feeney nem Eve iriam aceitar trabalhar ao seu lado. Entretanto, apesar de ser um bom detetive, de ter um bom cérebro e de ser um

homem interessante, com gostos peculiares, você está deixando de fora dessa equação um fator fundamental.

— Qual?

Roarke se inclinou para frente deu um tapinha de leve no joelho de McNab e disse:

— Você está apaixonado por ela.

O queixo de McNab caiu. A tulipa de cerveja escorregou perigosamente para a ponta da mesa, depois de tombar. Roarke a segurou e a recolocou em pé.

— Estou?

— Receio que sim.

McNab olhou para Roarke com a expressão de um homem que acabara de receber o diagnóstico de uma doença fatal.

— Ah, droga!

Cinquenta minutos, duas baldeações e uma longa viagem de metrô mais tarde, McNab bateu na porta de Peabody. Ela vestia a calça de moletom mais velha que encontrara, uma camiseta da polícia de Nova York e tinha o rosto besuntado com um creme à base de algas que prometia dar à pele um esplendoroso brilho de juventude. Ela abriu a porta e o viu segurando uma caixa de pizza e uma garrafa de vinho barato.

— Pensei que você talvez estivesse com fome.

Ela olhou para ele — para seu rosto lindo, para as roupas tolas — e sentiu o cheirinho delicioso de molho picante.

— Acho que estou com fome, sim.

Aquela parecia a noite certa para encontros. No sofisticado e perfumado Royal Bar, do Roarke Palace Hotel, um trio de mulheres deslumbrantes com vestidos longos tocava uma peça de Bach. Charles ergueu uma taça de champanhe borbulhante.

— A este momento — propôs.

— E ao próximo. — Louise brindou com ele, e as taças tilintaram alegremente. Dra. Dimatto — ele passou um dos dedos, de

leve, sobre a dela, enquanto bebiam —, não foi uma feliz coincidência nós estarmos com a noite livre?

— E mesmo. E mais interessante ainda foi termos nos encontrado hoje de manhã na casa de Dallas. Você me disse que a conhecia havia mais de um ano.

— Isso mesmo. esbarramos um no outro em um dos casos que ela investigava.

— Deve ser por isso que ela permite que você a chame de tenente Docinho.

Ele riu, passou um pouco de caviar sobre um *blini* e o ofereceu a ela.

— Dallas me deixou intrigado desde o dia em que a conheci, confesso. Sinto-me atraído por mulheres determinadas, inteligentes e dedicadas. O que atrai você, Louise?

— Homens que sabem quem são e não fingem ser outra coisa. Cresci em meio a fingimento, com pessoas desempenhando papéis falsos. Quis me livrar disso na primeira oportunidade. Escolhi ser médica porque essa é a minha paixão, mas pratico a medicina do meu jeito. E o meu jeito nem sempre agrada à minha família.

— Conte-me mais a respeito da sua clínica.

— Ainda não. — Ela balançou a cabeça. — Você é bom em arrancar informações pessoais sem oferecer nada em troca. Posso lhe dizer apenas que eu me tornei médica por sentir necessidade disso, além de possuir um talento especial para curar. E você? Por que se tornou acompanhante licenciado?

— Por sentir necessidade disso, além de possuir um talento especial para dar prazer. Não só sexualmente — acrescentou. — muitas vezes esse é o elemento mais simples e elementar do meu trabalho.

Gosto de passar algum tempo com alguém, descobrir o que a pessoa precisa ou quer, mesmo que ela mesma não saiba, para, a

partir daí, lhe fornecer isso. Ao fazer assim, a satisfação é muito maior que apenas física, para ambas as partes.

— Mas às vezes é simplesmente divertido. Ela o fez rir. Vinha fazendo isso, ele percebeu, desde o momento em que haviam se conhecido.

— As vezes, sim — confessou ele. — Se você fosse uma cliente

— Mas não sou. — Ela não disse isso com rispidez, e sim com um sorriso lento e caloroso.

— Mas, se fosse, eu teria sugerido drinques exatamente iguais a esses. Isso nos daria tempo para relaxar, flertar e nos conhecermos melhor.

O garçom completou seus drinques, mas nenhum dos dois notou.

— E depois? — provocou Louise.

— Depois, poderíamos dançar um pouco, para você se acostumar com o meu jeito de tocá-la e para eu aprender o jeito pelo qual você gosta de ser tocada.

— Pois eu adoraria dançar com você. — Ela pousou o copo. Ele se levantou e tomou-a pela mão. A caminho da pista de dança, passaram por uma cabine quase às escuras, onde um casal ignorava a garrafa de champanhe diante deles e se beijava apaixonadamente.

Ele se virou e ficou de braços dados com Louise. Unir o corpo dela com o dele era fácil para um homem que sabia perfeitamente como uma mulher se encaixava num homem. Havia um ar de delicadeza nela que mexia com ele. E uma objetividade que lhe parecia excitante e atraente.

No táxi, naquela mesma manhã, ela lhe entregara um cartão e sugerira que ele ligasse a qualquer hora, quando não estivesse trabalhando.

Foi muito direta, pensou ele mais uma vez, enquanto aspirava o aroma dos cabelos dela. Foi muito clara. Ela estava atraída, interessada nele. Mas não como cliente.

Ele também se sentiu atraído, interessado, e sugeriu que eles saíssem para tomar um drinque naquela mesma noite.

— Louise — Eu não estava livre hoje à noite. Desmarquei um compromisso para estar aqui.

— Eu também. — Ela jogou a cabeça para trás, levemente, e em seguida pousou-a sobre o ombro dele. — Gosto do jeito como você me segura.

— Senti algo diferente assim que a vi hoje de manhã.

— Eu sei. — Ela se permitiu relaxar, embalada pela música e pelo momento. — Não tenho tempo para relacionamentos. Eles são confusos e exigem muito tempo e esforço. Sou egoísta, Charles. Sou egoísta a respeito do meu trabalho e muitas vezes, muitas mesmo, me ressinto de qualquer coisa que o atrapalhe. — Os dedos dela passearam por dentro dos cabelos dele. — Mas senti uma coisa diferente, também. Resolvi tirar um tempinho para descobrir que coisa é essa.

— Eu não tive muita sorte com relacionamentos tradicionais — informou ele. — Meu trabalho geralmente atrapalha tudo. — Ele virou o rosto para os cabelos de Louise e respirou fundo para sentir o perfume que exalava deles. — Gostaria de me dar um tempo para tentar descobrir o que senti.

— Agora me conte — pediu ela, esfregando o rosto de leve sobre o dele. Rosto liso, pensou, mas com o ponto de fricção certo para fazer sua pele estremecer. — Se eu fosse cliente, o que faríamos depois de dançar?

— Dependendo do que você quisesse, poderíamos subir para a suite que eu reservei. Eu tiraria a sua roupa. — Ele deslizou a mão aberta sobre as costas nuas dela. — Despiria você lentamente. E lhe diria que o seu corpo é maravilhoso, enquanto a levava para a cama. Eu lhe diria o quanto a sua pele é lisa como seda. E lhe mostraria o quanto a desejo, enquanto fizesse amor com você.

— Talvez da próxima vez. — Ela afastou o corpo um pouco, o suficiente para fitá-lo fixamente. — Parece quase perfeito. Mas se a próxima vez pintar, Charles, *nós* vamos levar para a cama um ao outro e *eu* vou fazer amor com voce.

Os dedos dele apertaram os dela com mais força.

— Você não se importa com o que eu faço para ganhar a vida.

— E por que deveria? — Ela precisou ficar na ponta dos pé para tocar a boca dele com a sua, mas simplesmente roçou-a de leve sussurrando: — Não me importo mais do que você se importaria com o que eu faço para ganhar a vida. Você me dá um instantinho? Quero retocar a maquiagem.

Ela caminhou até o toailete e, quando sabia que já estava fora da vista dele, colocou a mão sobre o estômago que se agitava. Nunca na vida ela havia sentido uma reação desse tipo por um homem.

Desejo, sim, ela já sentira, é claro. Curtira a companhia de outros homens, tivera vontade de ficar com eles, sentira interesse, humor e afeto. Mas nunca tudo de uma vez só, muito menos em tão pouco tempo.

Ela precisava de um minuto para se recompor.

Entrou no opulento toailete, foi direto para uma das cadeiras estofadas e se sentou diante de um espelho triplo individual.

Pegou o pó-compacto e ficou ali parada, olhando para o próprio reflexo. Ela dissera unicamente a verdade. Não tinha tempo para um relacionamento. Ainda mais um que estava fadado a ser intenso, complexo e tumultuado. Ela ainda queria alcançar muitas metas na vida.

Uma coisa era mostrar-se sociável de vez em quando. Um encontro, uma festa. Ainda mais se ela conseguisse usar esse tempo para atrair interesse para a clínica, ou para o abrigo onde atendia mulheres vítimas de abuso sexual, ou então para a expansão da frota de ambulâncias gratuitas que estava montando.

Mas um relacionamento com Charles seria pura indulgência.

Ela não tinha certeza do quanto queria se entregar a isso Abriu e fechou o pó-compacto algumas vezes, e começou a empoar o nariz enquanto repreendia a si mesma, lembrando-se de que deveria ser adulta. Estava ajeitando o cabelo quando uma morena alta e magra, em um vestido colante preto, entrou no toalete.

Cantarolava uma melodia alegre que combinava com seus movimentos ágeis equase saltitantes, até que se lançou na cadeira e pegou o batom.

— Uau disse ela, e pegou um dos fracos de perfumes que estavam sobre o balcão — seduza-me — leu rindo a marca do perfume, e espalhou uma porção generosa sobre o colo e o rosto, então olhou para Louise, guardou o frasco na bolsa de noite e exclamou: — Essa é a idéia!

Com os dedos prendeu por alguns segundos seus cachos atrás da cabeça e lançou um sorriso para Louise

— Me dê os parabéns - Mônica levantou-se passou as mãos de leve pelos seios e quadris-acho que vou me dar muito bem

— Parabéns, então — saudou Louise, e riu de leve quando moniqua saiu do toalete quase deslizando.

E foi também quase deslizando que ela entrou na cabine onde o homem chamado Byron estava a sua espera, com a mão estendida

— Pronta?

Ela tomou a mão dele e inclinou – se em sua direção, esfregou o corpo de forma provocante contra o dele e perguntou.

— Quer saber para que estou pronta?

Embora ela tenha apenas sussurado algo no ouvido do homem enquanto caminhavam eles passaram perto de Charles o bastante para ele ouvir uma sugestão muito criativa.

Vagarosamente Charles olhou para o casal que saia, ao reparar o sutil distanciamento do homem, se perguntou se ele não seria um acompanhante licenciado em horário de serviço Então ergueu o olhar

e viu Louise caminhando e não conseguiu pensar em mais nada, a não nela.

Monica Cline trabalhava com muita dedicação como assistente jurídica em uma firma de advocacia de porte médio. Tinha aspirações e sonhos, quase todos voltados para a carreira.

Mas também tinha sonhos íntimos, que envolviam fantasias a respeito do par perfeito que dividiria com ela seu amor por arte neoclássica, paraísos tropicais e poesia.

Um homem que, em seus sonhos, tinha um ar sofisticado, um corpo bem cuidado, era romântico, descolado e urbano.

E parece que ela encontrara tudo isso em Byron.

Ele era lindo, com cabelos cor de bronze que lhe desciam até os ombros e um bronzeado dourado. A pulsação de Monica deu um pulo assim que ela o viu esperando por ela na cabine marcada.

Ele já estava com o champanhe servido, à espera.

Quando ele pronunciou o nome dela, o calor de um leve e quase imperceptível sotaque britânico em sua voz a fez sentir o corpo amolecer.

A primeira taça de champanhe lhe subiu direto para a cabeça. Ela se sentiu quente, com a pele pinicando. Ao se sentar na cabine, mal conseguiu afastar as mãos do corpo dele e a boca dos seus lábios em um frenesi inebriado e feliz.

Agora que estavam os dois a sós no apartamento, tudo parecia macio e fluido. Era como se ela estivesse enxergando tudo através de um véu quente e borbulhante.

Havia música no ar, arco-íris arrebatadores de puras melodias. Havia também mais champanhe para dançar em sua cabeça e adoçar sua língua.

A boca dele era macia e deslizava de leve sobre a dela. Suas mãos eram tão habilidosas que em toda parte que ele tocava o corpo latejava e doía, de um jeito quase insuportável. Ele disse coisas lindas ao seu ouvido, embora fosse difícil entender tudo em meio à

vertigem e a excitação que brotava dentro dela com a força de rosas que se abrem.

Então ele a afastou um pouco e ela gemeu, em protesto.

— Quero me preparar — explicou ele, tomando-a pelo braço e tracejando de beijos as costas das suas mãos. — Preciso preparar o cenário- Você quer romance, Monica? Pois eu vou oferecer isso a você. Espere-me aqui, que eu já volto.

A cabeça dela girou, feliz, ao vê-lo se levantar e pegar sua sacola. Ela não conseguia nem... pensar direito.

— Eu quero — eu preciso... — Ela se levantou, trêmula, e fez um gesto na direção do banheiro. — Me preparar. Para você.

— Claro. Não demore. Quero ficar com você. Quero levá-la a lugares onde você jamais esteve.

— Tudo bem, eu não demoro. — Ela se esfregou de leve nele, erguendo a boca faminta de encontro à dele. — Tudo está perfeito, Byron.

— Sim, está. — Ele a levou até a porta do banheiro e a empurrou com gentileza lá para dentro. — Está perfeito.

Ele acendeu as velas, puxou a colcha da cama, espalhou pétalas de rosas sobre os lençóis e afofou os travesseiros.

Ele escolhera muito bem, decidiu, analisando o quarto. Aprovou as obras de arte, as cores e o tecido da colcha, caro e vistoso. Ela era uma mulher de bom gosto. Tocou o livro de poesia pouco volumoso, uma edição antiga que estava sobre a mesinha de cabeceira- Era uma intelectual.

Ele até poderia amá-la. Se o amor existisse.

Colocou duas taças de champanhe sobre a mesa e pingou três gotas da droga em uma delas. Ele iria diluir mais a substância dessa vez para prolongar a experiência. Lucias lhe dissera que talvez ela vivesse ainda por duas horas, talvez um pouco mais, considerando a proporção certa das drogas em sua corrente sanguínea.

Ele poderia fazer muita coisa com ela em duas horas. Virou-se para trás assim que a ouviu sair do banheiro e estendeu-lhe a mão.

— Você está maravilhosa, Monica. Meu amor. Vamos descobrir um ao outro.

Foi melhor dessa vez. Muito melhor! Lucias estava certo. Ele sempre tinha razão. A excitação de saber que aquela experiência arrebatadora seria a última da vida dela, saber que ele seria a última coisa que ela veria na vida, a última coisa que ela iria sentir, cheirar e provar era quase insuportavelmente erótico.

Ah, e ela correspondeu às expectativas dele, sem dúvida, e de forma incansável. O coração dela martelava de encontro ao dele mas ela continuava pedindo por mais.

Ela lhe ofereceu tudo por duas horas. E foram duas horas magníficas.

Quando ele a viu morrendo, olhou para ela com um ar quase terno.

— Diga meu nome — ele sussurrou.

— Byron.

— Não. Kevin. Quero ouvir você dizer meu nome. Kevin! Quero ouvir você gritar por mim!

Ele a penetrou mais uma vez, com força, profundamente. E quando ela gritou seu nome, ele conheceu o prazer mais perfeito de toda a sua vida.

Por consideração a isso, ele puxou o lençol com gentileza sobre o corpo dela e pousou os lábios sobre sua sobrancelha, em um beijo suave, antes de sair do apartamento.

Ele mal conseguia esperar para contar a Lucias como tudo havia acontecido.

Já havia passado mais de uma hora depois desse momento quando ela se moveu. Seus dedos se arrastaram sobre o lençol e os olhos por trás das pálpebras fechadas tremeram. Havia um vazio de

insensibilidade no seu peito e, por baixo dele, uma espécie de dor terrível, indescritível. Sua cabeça queimava como o sol.

Lágrimas lhe brotaram dos olhos e escorreram pelo rosto quanto ela lutava para erguer a mão. Era como se os seus braços estivessem mortos, e o esforço para movê-los a fez emitir ruídos estrangulados por entre os lábios entreabertos.

Seus dedos esbarraram em um copo na mesinha ao lado da cama e ele caiu no chão, espatifando-se em mil pedaços. Mas o som parecia distante, como se abafado por um travesseiro.

Seus dedos se arrastaram sobre a mesinha até esbarrar no *tele-link*. O suor a encharcou quando ela forçou os dedos para cima, obrigada por sua mente confusa a tatear as teclas. Contou uma a uma, até alcançar a última do painel, a tecla da memória.

Ela a apertou, mas logo sua mão caiu de lado, sem forças, e seu corpo mole foi inundado pela exaustão.

— Qual é a sua emergência, srta. Cline?

— Socorro! — Seus lábios mal conseguiam reproduzir o som que estava em seu cérebro, como se essa fosse uma palavra estranha em uma língua exótica. — Por favor. Ajude-me! — ela conseguiu balbuciar antes de mergulhar novamente na inconsciência.

Eve acordou quando seu mundo começou a balançar. Abriu os olhos, que pareciam ter grãos de areia, e se viu diante do rosto de Roarke.

— Por que está me carregando no colo?

— Porque você precisa dormir, tenente. Não na sua mesa — acrescentou ele ao entrar no elevador. — Em uma cama.

— Estava só descansando os olhos um instantinho.

— Pois descanse-os na cama.

Ela devia, por uma questão de princípios, exigir que ele a recolocasse no chão. Mas era gostoso ser carregada no colo, ainda mais quando tudo o que ela precisava fazer era virar a cabeça para cheirar o Pescoço dele.

— Que horas são? — ela quis saber.

Acabou de bater uma da manhã. — Ele a carregou até o quarto, subiu os degraus da cama que ficava sobre uma plataforma e se sentou na beira do colchão, embalando-a por mais alguns segundos.

— Sabe o que eu estava pensando?

— Tenho uma vaga idéia. — Ela se aconchegou mais um pouco ele riu e passou a mão sobre o cabelo dela.

— Bem, posso pensar nisso também, mas falava de outra coisa. Quando entrei no seu escritório ainda agora e a vi com a cabeça sobre a mesa e o rosto pálido, do jeito que você fica quando se sente tão cansada que não consegue dar nem mais um passo, me dei conta de que daqui a algumas semanas vamos completar um ano de casados e eu continuo fascinado por você.

— Estamos indo bem, não é?

— Sim, estamos ótimos. — Ele pegou o cordão que ela usava e tocou o diamante que lhe dera de presente e ela quase sempre trazia sob a blusa. — Você estava zangada comigo quando eu lhe dei isso. Mesmo assim você o usa mais do que qualquer outra joia que eu lhe dei, com exceção da aliança de casamento.

— Você disse que me amava quando me deu esse diamante de presente. Isso me deixou pau da vida. E assustada também. Acho que agora eu o uso direto porque isso não me revolta mais. Só que, às vezes, continua a me assustar.

Embora o rosto de Roarke estivesse encostado no alto da cabeça de Eve, ele passou o dedo com jeito certo ao longo da marca que a faca lhe deixara na garganta.

— O amor é algo assustador — confirmou ele.

— Por que não aterrorizamos um ao outro, então? Os lábios dela estavam quase se encostando nos dele quando o *tele-link* tocou.

— Ai, cacete, que droga! — Ela engatinhou sobre a cama para atender à ligação.

Eve saiu correndo do elevador que dava no CTI e seguiu pelo corredor silencioso em largas passadas. Odiava hospitais, mais ainda que necroterios

Colocou o distintivo sobre o balcão das enfermeiras, com um estalo forte.

— Preciso falar com a pessoa responsável. Quero ver Monica Cline.

— O Dr. Michaels está lá dentro com ela. Se a senhora tiver a bondade de esperar...

— Lá dentro? — Eve apontou para um par de grossas portas de vidro. Já passava por elas antes mesmo de a enfermeira conseguir emitir um fraco som de protesto.

Ela sabia quem procurar. Obtivera uma descrição completa do paramédico que ajudara a transportar a vítima para a emergência.

Passou por uma parede envidraçada e olhou para a cama lá dentro. A mulher deitada no leito parecia ter cento e cinquenta anos e estava ligada a tantas máquinas que nem parecia mais humana.

*Eu preferiria receber uma rajada de laser no coração e ir para o bebelê numa boa a permanecer viva desse jeito,* pensou Eve.

Na baía seguinte havia um homem muito mais jovem, e estava encasulado numa fina tenda transparente.

Eve achou Monica na baía seguinte, junto do médico que analisava as leituras de um monitor, mas a paciente estava branca como uma vela e imóvel como uma pedra.

O médico olhou para trás com ar de irritação, e um franzir de cenho surgiu em seu rosto marcante, com barba e bigode cor de páprica muito bem cuidados.

— É proibido entrar aqui — avisou ele.

— Tenente Dallas, polícia de Nova York. — Ela exibiu o distintivo

— Essa paciente é minha.

— Nada disso, tenente. É minha. Ela vai conseguir escapar?

Não dá para ter certeza. Estamos fazendo tudo o que é possível.

— Olha, não quero esse papo-furado, não. Duas outras mulheres como ela não conseguiram nem mesmo dar entrada no hospital, foram direto para o necrotério. O paramédico que a atendeu disse que ela teve uma parada cardíaca e sua pressão bateu nas alturas, sem falar nas outras complicações da overdose.

Preciso saber ela vai escapar para me contar quem a colocou nesse estado.

— Isso eu não tenho como lhe assegurar, tenente. O coração dela sofreu danos sérios. Ainda não conseguimos avaliar se o cérebro foi igualmente afetado. Os seus sinais vitais estão baixos e fracos. Ela permanece em coma profundo. Seu organismo ficou tão comprometido pelas drogas que ingeriu que foi um verdadeiro milagre ela conseguir forças para ligar pedindo socorro.

— Mas conseguiu, e isso prova que ela é dura na queda. — Eve olhou para Monica, torcendo para vê-la retomar a consciência. — Essas drogas foram administradas sem o consentimento dela. O senhor sabia disso, doutor?

— Isso ainda não foi confirmado, mas eu acompanhei as reportagens sobre os outros dois assassinatos.

— Ele a apagou com duas drogas ilegais e depois a estuprou. Preciso de alguém aqui que me consiga um kit para avaliação de estupro.

— Pode deixar que eu peço a um dos médicos assistentes que providencie isso.

— Preciso de um técnico da polícia também, para recolher qualquer outra evidência que ele tenha deixado nela.

— Conheço a rotina, tenente — disse o dr. Michaels, com um tom de impaciência na voz. — Traga o seu técnico e pegue suas provas, isso não me diz respeito. Minha obrigação é mantê-la viva.

— E a minha é pegar o filho da puta que a deixou nesse estado. Isso não torna a vida dela menos importante para mim. O senhor é o médico que a examinou quando ela deu entrada?

O Dr. Michaels ia dizer alguma coisa, mas notou algo no rosto de Eve que o fez simplesmente assentir com a cabeça e dizer:

— Sou.

— Reparou em algum trauma? Marcas roxas, mordidas, cortes.

— Não, nada disso. Nem vi sinais de atividade sexual forçada.

— Ela foi sodomizada?

— Não. — Ele pousou a mão, de forma quase protetora, sobre Monica — De que se trata esse caso tenente?

— Um Don Juan doente e cheio de atitude. E ele vai descobrir que não terminou o trabalho assim que a notícia cair nas garras da mídia. Vou colocar alguém de guarda na porta vinte e quatro horas por dia, e não quero que ela receba visitas. De ninguém! Não quero *ninguém* nesta baía, exceto o pessoal da equipe médica e da polícia.

— Mas os familiares...

— Mande-os falar comigo, antes de vê-la. Peça que eles procurem a mim e a mais ninguém. Preciso saber de qualquer mudança nas condições dela, e quero ser informada na mesma hora, caso ela acorde. E não me venha com ladainhas sobre ela não estar bem o bastante para responder às minhas perguntas. O assassino queria que ela morresse, mas ela não morreu. Duas outras mulheres já se foram e ele está se divertindo muito para acabar com a farra logo agora.

— Quer saber as chances dessa moça, tenente? Menos de cinquenta por cento.

— Ah, é? Pois eu aposto nela. — Eve se inclinou sobre a cama e falou, com a voz baixa, mas muito firme: — Monica? Você está me ouvindo? Apostei no seu nome. Se você desistir, ele vence. É por isso que eu sei que você não vai desistir. Vamos chutar o saco desse canalha.

Eve deu um passo atrás e assentiu para o Dr. Michaels.  
— Entre em contato comigo assim que ela acordar

## Capítulo Onze

Quando ela saiu da Central e foi para casa já passava das quatro da manhã e a fadiga a envolvia como um manto úmido que lhe anesthesiava os sentidos. Em vez de confiar nos seus reflexos, Eve programou o carro para ser guiado pelo piloto automático. E torceu para que os palhaços da manutenção não tivessem deixado nada engatilhado no equipamento.

De qualquer modo, ela estava cansada demais para se importar caso fosse parar depois de Hoboken. Provavelmente haveria camas lá.

Os caminhões de reciclagem já estavam nas ruas, arrastando-se com seu monótono *fuush-bam-tum*, e as equipes de limpeza se moviam como sombras, esvaziando o conteúdo dos recipientes e latas das calçadas, deixando a cidade pronta para mais um dia de muito lixo.

Um grupo de operários vestindo uniformes brancos com película refletora esburacava meio quarteirão ao longo da Décima Avenida. O insuportável barulho da britadeira hidráulica competindo com a dor de cabeça que esfaqueava a têmpora esquerda de Eve.

Alguns caras lhe lançaram uma rápida olhada por trás de imensos óculos escuros enquanto ela passava pela rua iluminada em excesso um dos safados agarrou a protuberância entre suas pernas e lhe lançou um sorriso que provavelmente passaria por charmoso em um mundinho limitado, ao mesmo tempo que lançou os quadris para a frente.

A pantomima arrancou gargalhadas histéricas de seus companheiros.

Eve percebeu que não estava em seu estado normal ao ver que não conseguia se animar nem para saltar do carro a fim de esmagar os testículos do imbecil enquanto o intimava a depor na polícia por assédio sexual.

Em vez disso, resolveu relaxar a cabeça no apoio do banco e fechar os olhos enquanto os sensores captavam os sinais vermelhos que mudavam para verde ao longo do caminho.

Mentalmente, ela se transportou mais uma vez para o apartamento de Monica. Dessa vez foi champanhe. Eve reconheceu a marca.

Sabia que a fábrica pertencia a Roarke e também que o líquido borbulhante custava mais de mil dólares a garrafa. Era grana demais, na sua opinião, para um vinho branco cheio de pequenas bolhas.

Ele levava as taças para o quarto, mas o resto do cenário era idêntico ao outros.

*Aqueles assassinos eram criaturas de hábitos fixos, refletiu, deixando-se levar pelo pensamento. E eles se revezavam nos ataques.*

Será que contavam pontos? Muitos jogos aconteciam só pelo prazer de competir, não é? Só que nessa partida era Monica quem estava vencendo. Será que eles iriam tentar virar o jogo ou simplesmente sentar e esperar que ela encerrasse a partida por eles, para depois sumirem?

Ela se remexeu no banco, em busca de conforto.

Ligar para o Dr. Michaels de manhã e verificar o estado da vítima Orientar os policiais na hora da troca de guarda. Ela colocaria o confiável policial Trueheart no primeiro turno. Ele era bom, depois, processar os dados sobre o laboratório Allegany e a J. Forr. Pesquisar e dar prosseguimento à busca com o dr. Theodore McNamara. Importunar Feeney para ele vasculhar o número da conta que Charles fornecera. Continuar a cobrar resultados dos

técnicos que desmontavam, naquele momento, o computador que foi confiscado na lan house.

Até agora ela não havia conseguido nada com as rosas. Era preciso forçar um pouco mais a barra na pesquisa com as flores.

Depois, era só tomar uma dose da porcaria do Awake para ficar ligada e engolir um analgésico antes que a cabeça explodisse.

Ela odiava remédios. Eles a faziam se sentir tola, fraca ou com o organismo intoxicado.

Remédios viajavam pela circulação de Monica naquele exato momento. Entrando em todas as células, tentando fortalecer seu coração, limpar os caminhos da mente e sabe Deus mais o quê. Se a maré virasse a favor dela, Monica acordaria. E se lembraria de tudo.

Ficaria assustada, confusa e desorientada. Sua mente pareceria separada do corpo, pelo menos no início. Haveria pontos cegos, e as perguntas a serem respondidas seriam bloqueadas por alguns deles.

A mente, conforme ela sabia, se protegia do horror sempre que conseguia fazê-lo.

Acordar em um hospital, ligada a máquinas, cheia de dor, diante de rostos estranhos. O que mais a mente poderia fazer, a não ser se esconder?

*Qual é o seu nome?*

Eles haviam lhe perguntado isso. Foi a primeira coisa que quiseram saber. Médicos e tiras em cima de uma pobre menina, na maca, enquanto ela olhava de volta, assustada.

*Qual é o seu nome, garotinha?*

*Garotinha...* Aquilo fez seu coração disparar e ela tentou se encolher na mesma hora. Garotinha. Coisas terríveis aconteciam com garotinhas.

A princípio eles acharam que ela era muda, por problemas físicos ou psicológicos. Mas ela sabia falar, sim. Só que não conhecia as respostas.

O tira não lhe pareceu mau. Ele chegou depois dos médicos e dos outros que usavam jalecos compridos brancos e abertos, que balançavam, ou aventais verde-claros.

Ela soube, mais tarde, que aquele fora o policial que a recolhera do beco na cidade de Dallas, onde se escondera. Ela não lembrava de detalhes, mas foi isso que disseram.

Sua primeira lembrança era a de uma luz forte sobre a sua cabeça, que lhe provocou ardência nos olhos. E a pressão distante no seu braço quebrado, que eles se puseram a tratar.

Ela estava imunda, coberta de suor, sujeira e sangue seco.

Os estranhos falavam com voz suave, enquanto a apalpavam e espetavam. Só que, como aconteceu com o primeiro tira, os olhos dos médicos não sorriam, só a boca. E eles pareciam sombrios, distantes e cheios de perguntas.

Quando seus dedos foram descendo até onde ela fora violada, ela começou a se debater como um bicho. Usando os dentes, as unhas e emitindo os uivos de um animal ferido.

Foi quando a enfermeira gritou. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto enquanto ela ajudava a tranquilizar a menininha para que o calmante pudesse ser administrado por uma seringa de pressão.

*Qual é o seu nome?*, tornou a perguntar o tira, quando ela pareceu flutuar de volta, mais calma *Onde você mora? Quem feriu você?*

Ela não sabia. Nem queria saber. Fechou os olhos e tentou se afastar novamente dali.

Em alguns momentos, os remédios a ajudavam a sair do ar por um tempinho. Mas quando ela mergulhava no esquecimento por muitas horas, o ar ficava frio, frio, muito frio e manchado de vermelho. E ela sentia mais medo lá do que dos estranhos que falavam baixinho e faziam perguntas Às vezes, quando ela se via no outro lugar frio, havia alguém ao seu lado. E sentia um hálito de bala

de menta e dedos que passeavam por sua pele como as baratas que passeavam pelo chão quando luzes acendiam.

Quando ela sentia aqueles dedos dentro dela, nem mesmo remédios conseguiam impedi-la de gritar.

Todos achavam que ela não conseguia ouvi-los nem entendê-los quando sussurravam em volta dela:

*Espancada, estuprada. O abuso físico e sexual já vem acontecendo há muito tempo. Malnutrida, desidratada, com severos traumas físicos e emocionais.*

*Ela tem sorte de ter escapado com vida.*

*O canalha que fez isso devia ser esquartejado vivo em pedaços pequenos.*

*Mais uma vítima. O mundo está cheio delas. Nenhum registro nem identificação. Vamos chamá-la de Eve. Eve Dallas.*

Ela acordou com um susto quando o carro parou, olhou sem expressão para o revestimento em pedra da casa e para o brilho da luzes que batiam no para-brisa.

Suas mãos tremiam.

Fadiga, disse a si mesma. Pura fadiga. Se ela se identificava com Monica Cline, era muito natural. Mais uma ferramenta disponível para a investigação, pensou, ao saltar do carro.

Ela sabia quem era, agora. Ela se tornara Eve Dallas, e aquele era muito mais que um nome que o sistema usara para batizá-la. Quem ela era antes e o que aconteceu no passado não podiam ser mudados.

Se a menina arrasada e assustada continuava dentro dela, tudo bem.

Ambas conseguiriam sobreviver.

Ela quase se arrastou pelas escadas, despiu a jaqueta, desafivelou o coldre e o tirou. Aos tropeços, foi arrancando o resto das roupas enquanto seguia para a cama. Capotou sobre o colchão e

se encolheu debaixo dos lençóis quentinhos e macios, torcendo para que as vozes que ainda ecoavam em sua cabeça desaparecessem.

No escuro, o braço de Roarke a enlaçou e a puxou para junto de si ela estremeceu uma vez, mas foi de emoção. Ela sabia quem era, agora Sentiu o coração dele batendo compassadamente nas suas costas E o braço dele, com um peso reconfortante, pousou na altura da sua cintura.

As lágrimas que fizeram sua garganta arder a deixaram chocada e consternada. Onde é que elas haviam se escondido? A súbita onda de frio lhe serviu de alerta dos temores que viriam em seguida.

Ela se virou de frente para ele, encostando-se nele de cima a baixo.

— Preciso de você — pediu ela, quando sua boca encontrou a dele. — Eu preciso...

Desesperada por um pouco de calor e louca para tê-lo, ela enfiou os dedos por entre os cabelos dele e cerrou o punho.

Ela o conhecia bem no escuro. Conhecia o sabor dele, seu cheiro, a textura da sua pele. Ali, com ele, não havia perguntas. Só respostas. Todas as respostas. Sentiu o coração que havia batido devagar às suas costas pular agora de encontro ao seu seio.

Ele estava ali para ela, como nunca ninguém jamais estivera.

— Diga meu nome — ela pediu.

— Eve. — O calor dos lábios dele passou por sobre a marca roxa em seu rosto e levou a dor embora. — Minha Eve.

Tão forte, ele pensou. Tão cansada. Não importavam as imagens que passavam em sua mente e contra as quais ela tentava lutar, ele lutaria junto. Não era ternura o que ela buscava, mas uma espécie de conforto rude. Ele foi descendo com a mão pelo corpo dela e usou a boca e os dedos para lhe trazer a primeira onda súbita de alívio.

Ela estremeceu, mas não era mais de frio. As dores que devastavam seu corpo não eram mais de fadiga. Ela arqueou o corpo para cima no instante em que ele alcançou seu seio e lhe deu minúsculas mordidas no mamilo, que espocaram flashes de prazer por dentro dela.

Sua língua, habilidosa, espalhou novas camadas de calor, umas cima das outras.

Ela rolou de lado com ele, a respiração entrecortada enquanto eles se entrelaçavam e suas pernas se confundiam sobre os lençóis.

O corpo dela era uma fúria de carências e começou a ficar pegajoso por baixo das mãos que vagavam por ele.

Ele adorava a silhueta esguia e lisa dela, sempre inundada por uma sede nunca saciada por completo. Sua pele, sempre uma surpresa delicada, estava úmida, um manto de seda quente que deslizava sobre a dele, os dois se movendo em harmonia. Sua boca voltou a buscar a dele, fervendo de desejo e mergulhando-os em uma loucura incontrolável.

— Quero você dentro de mim! — Ela rolou para cima dele, agarrando-o com as pontas dos dedos e preparando-se para cavalgá-lo, uma perna para cada lado. — Dentro de mim! - E o engoliu por completo, de forma voraz, em um movimento rápido e profundo.

Os quadris dela subiam e desciam de forma frenética, em uma velocidade que transformava tudo num borrão indistinto. Ele mal enxergava a silhueta dela por cima dele, mas via o cintilar dos seus olhos em contraste com a escuridão enquanto ela marcava o galope, de forma brutal.

Golpeando-a por dentro sem parar, ele corcoveava de prazer e deixou que ela o tomasse bem fundo, por inteiro, até sentir que o orgasmo a inundou e a massacrava como um punho que atinge uma vidraça.

E ela se sentiu estilhaçar de prazer por dentro. Só então ele se ergueu um pouco, puxou com força o corpo ainda trêmulo por sobre

o seu... E se deixou esvaziar.

Eve dormiu como uma pedra e permaneceu imóvel, esparramada de bruços, por três horas.

Sentiu-se ótima ao acordar. Convenceu a si mesma de que a dor de cabeça havia desaparecido por completo, e a enterrou sob uma camada de negação tão grande que praticamente não a sentiu. Cochilos mais tarde, se necessário, seriam mais úteis do que um analgésico.

Nem conseguira se arrastar para fora da cama e Roarke já estava sentado ao seu lado, completamente vestido. No telão estavam as cotações das bolsas pelo mundo, mas a tecla que cortava o som fora acionada. Uma xícara de café repousava sobre a mesinha da saleta de estar, lançando para cima sinuosos e sedutores vapores aromáticos.

Ele tinha uma pílula na palma da mão, e um copo com conteúdo suspeito jazia sobre a mesinha de cabeceira.

— Abra a boca — ele ordenou.

— Uh-uh. — Fez ela, balançando a cabeça para os lados.

— Não quero deixar você com mais marcas roxas, mas, se for necessário, eu o farei.

Ambos sabiam que ele adoraria usar um pouco de força bruta nesse momento.

— Não preciso de nada disso. Você não passa de um sujeito que vive empurrando drogas para as pessoas consumirem.

— Querida, você me diz tantas coisas doces. — Em um movimento tão rápido que ela não conseguiu se desviar, ela sentiu o lóbulo da orelha esquerda esmagado entre o polegar e o indicador dele. Com uma leve torção do pulso, ele a fez abrir a boca de choque.

E jogou o comprimido lá dentro.

— Fase um completada — informou ele.

Ela tentou atingi-lo com um golpe, mas, como estava engasgada, errou a mira. Meio segundo depois ele a subjuguou e a

agarrou pelos cabelos. Puxou sua cabeça para trás e entornou o líquido por sua goela abaixo.

Ela engoliu duas vezes com força, por instinto, antes de tentar empurrá-lo para trás com violência.

— Vou te matar!

— Engula tudo. — Com eficiência total, ele a manteve imobilizada e forçou o resto do remédio, até ela tomar tudo—fase dois completada.

— Pode se considerar morto, Roarke! — Ela passou as mão pelo queixo, por onde um restinho do líquido escorria, você ainda não percebeu, mas já está parando de respirar. Não passa de um zumbi.

— Um zumbi que não teria necessidade de fazer uma cena dessas se você fosse razoável e cuidasse de si mesma.

— E quando a ficha cair e você perceber que está mortinho caído para frente...

— Melhorou?

— De cara no chão, vou passar por cima do seu cadáver gelado, escancarar as portas da loja de departamentos que você chama de closet e botar fogo em tudo que tem lá dentro.

— Ora, querida, também não precisa ser cruel. Sim, já vi que você está melhor — decidiu, assentindo com a cabeça.

— Eu te odeio!

— Eu sei. — Ele se inclinou e a beijou de leve. — Eu também te odeio. Estou a fim de ovos Benedict para o desjejum. Por que não toma uma ducha e depois me conta as novidades do caso, enquanto tomamos café?

— Estou sem falar com você!

O sorriso dele se iluminou quando ela se preparou para sair da cama.

— Querida, isso é um clichê, uma reação tipicamente feminina

— Ele se virou, começou a descer da plataforma onde a cama ficava

e não ficou nem um pouco surpreso ao ser atacado pelas costas. Agora sim, estou reconhecendo a minha tira — gemeu ele com a traqueia entalada pelo gancho que Eve lhe aplicara, comprimindo lhe a garganta.

— Tenha cuidado com quem você xinga de feminina garotão, ela saiu de cima dele e seguiu completamente nua, com toda a calma do mundo em direção ao banheiro. Apreciando o balançar indignado de seu traseiro, Roarke riu e disse, baixinho:

— Não sei de onde eu tirei essa ideia

— Ela só comeu porque seria uma pena desperdiçar a comida. Só contou as últimas novidades a Roarke porque relatar tudo em voz alta ajudaria a reorganizar os fatos em sua mente.

Ele ouviu em silêncio, acariciando o gato de forma distraída.

— Com o prontuário do hospital e os paramédicos colocando a boca no trombone, a mídia já está sabendo de tudo a essa hora — ele comentou. — Isso pode funcionar a seu favor.

— Talvez. Esses dois não vão tirar o time de campo, não. Nem vão se fingir de mortos, porque têm um ego grande demais. Estou com um monte de dados a respeito deles. Dados em demasia. Talvez aí é que esteja o problema. Informações demais, foco de menos. Há tantas pontas para puxar que elas vão acabar se embolando umas nas outras.

Eve se levantou e afivelou o coldre.

— Preciso racionalizar e organizar tudo o que eu sei.

— Por que não deixa o laboratório Allegany por minha conta? Sou o dono daquilo, afinal de contas. As pessoas estarão mais dispostas a me contar coisas que talvez não contassem a alguém de distintivo- o que não contarem — acrescentou ele, com um sorriso tenho outros meios para descobrir. Meios que até poderíamos considerar razoavelmente legais, já que eu sou o dono da empresa

— Sua definição de "razoavelmente legais" é muito mais ampla do que a minha— *Mas o fato é que aquilo lhe pouparia tempo, e tempo era*

*um fator essencial* — refletiu Eve. — Tente não sair muito da linha?

— A sua ou a minha?

— Rá-rá. Tenho uma reunião com a equipe lá na Central repasse para mim todas as lebres que você levantar.

— É claro. — Levando o gato no colo, ele se levantou, foi até onde ela estava e a beijou. — Cuide-se, tenente.

— Para que eu vou ter tanto trabalho? — Ela seguiu na direção da porta. — Você adora assumir essa responsabilidade por mim.

Roarke olhou para o gato enquanto ouvia as botas de sua mulher fazendo clique-clique pelo corredor.

— Ela tem razão.

Na sala de reuniões que havia reservado na Central, Eve passava o vídeo das câmeras de segurança do prédio de Moniqua.

— Aqui nós vemos que ele está mais na linha do atacante de Bryna Bankhead. O tipo físico é similar, mas a aparência e o estilo são mais sofisticados. Está com outra cara, o que mostra que não gosta de repetir o mesmo personagem. Isso mantém a empolgação da novidade. Mesmos padrões, mas dá para avaliarmos esse desempenho por novos ângulos. Pode falar, Feeney.

Ele continuou a apresentação, sem perder o ritmo.

— Segundo as pesquisas do computador doméstico da vítima, ele usou o nome de Byron para conversar com ela. Provavelmente em homenagem a Lord Byron, o poeta. Os e-mails entre os dois rolam há semanas.

— Novamente o mesmo padrão. Não há pressa. Desse jeito ele pode avaliá-la em tempo real, no dia a dia. Provavelmente fez isso de um lugar perto do seu apartamento ou do seu trabalho. Vamos correr atrás das duas possibilidades.

Eve olhou para trás quando a porta se abriu. Trueheart, muito jovem e ridiculamente impecável em seu uniforme engomado, corou de vergonha ao ver que todos os rostos se voltaram para ele.

— Desculpem. Sinto muito, senhora. Eu me atrasei.

— Tudo bem, você chegou na hora certa. Relatório?

— Sim, senhora. A vítima, Srta. Cline, continua nas mesmas condições. Ninguém entrou sem autorização. Eu me mantive no posto dentro do quarto da paciente, durante todo o turno.

— Alguém ligou em busca de notícias?

— Várias pessoas, tenente, a partir das seis da manhã, quando a notícia foi divulgada. Cinco repórteres pediram atualizações sobre seu estado clínico.

— Bate com o número de pessoas que ligaram para o *tele-link* da minha sala. Dispensado, Trueheart. Vá dormir um pouco. Quero você de volta ao posto no hospital às dezoito horas. Pode deixar que eu acerto tudo com o seu sargento.

— Sim, senhora. Tenente...? Obrigado por me requisitar para essa missão.

Eve balançou a cabeça depois de ele fechar a porta e saiu.

— Ele acaba de me agradecer por eu tê-lo feito desempenhar a tarefa mais sacal que existe, dentro e fora do planeta. Vamos lá, galera! Roarke vai cavar dados no laboratório Allegany. Quero todos os dados importantes sobre a J. Forrester. O tal de Theodore McNamara está fugindo das minhas mensagens. A pesquisa sobre o traficante on-line também está se arrastando. Vamos nos concentrar nas drogas químicas. Quero saber como, por que e onde eles conseguiram o material.

— Minha fonte na Divisão de Drogas Ilegais só me trouxe uma possibilidade — informou Feeney. — Um traficante local famoso, especialista em transar drogas para uso sexual nas altas rodas, faturando uma nota preta. O nome dele é Otis Gunn, e o auge da sua atividade aconteceu há dez anos. Tinha boa clientela, mas pisou na bola quando resolveu fabricar e distribuir Coelho Louco nas próprias festinhas que dava.

— E onde ele anda agora?

— Cumpre o nono ano dos vinte que levou nas costas. — Feeney pegou um saquinho de amêndoas confeitadas no bolso do casaco surrado. — Penitenciária de Rikers.

— E mesmo? Puxa, faz um bom tempo que eu não faço uma visitinha a essa agradável propriedade rural. Será que eles estão com saudades minhas? — Eve parou de falar ao ouvir o comunicador tocar e foi atendê-lo. — Acabei de autorizar a entrada de Louise aqui na Central — informou, guardando o comunicador.

— Ela deve ter algumas informações sobre o ataque de ontem.

Eve olhou para o quadro na parede, cheio de informações sobre o caso. A imagem de Monica estava separada das outras duas vítimas. Eve torceu para que sua foto permanecesse ali.

Ao se virar, sentiu uma troca de olhares entre McNab e Peabody. Um lampejo marcante, talvez, mas ela desviou o rosto.

— Peabody! Por que será que eu estou sem a porra de um café na minha mão?

— Não sei, senhora, mas essa falha será sanada imediatamente.

Peabody pulou da cadeira e seguiu cantarolando baixinho, literalmente, enquanto programava o café no AutoChef. Voltou com um brilho inconfundível no olhar ao entregar a caneca a Eve.

— Tem comido muita pizza ultimamente, policial? — murmurou Eve, e o brilho nos olhos de Peabody se transformou na mesma hora num ar de culpa e embaraço.

— Talvez. Uma fatia só... Ou duas.

— Confesse! Você engoliu a pizza toda, não foi? — cochichou Eve, se inclinando um pouco.

— É que ela estava muito gostosa, entende? Eu... Tipo assim... Tava com saudade de comer pizza.

— Não quero gorjeios alegres durante o trabalho.

— Claro, senhora. — Peabody se empertigou, com os ombros duros. — O cantarolar feliz vai cessar de imediato.

— Nada de trocas de olhares brilhantes, também — acrescentou Eve, e escancarou a porta para receber Louise.

— Se me permite, a senhora também fica com olhinhos brilhantes depois de comer uma boa pizza — murmurou Peabody, mas resolveu não forçar a barra ao ouvir Eve rosnar.

— Dallas! — Louise apressou o passo pelo corredor. Não usava o *tailleur* elegante naquele momento, mas um jeans surrado e uma blusa folgada que sempre vestia para trabalhar na clínica. — Ainda que você já tinha chegado. Eu não queria falar sobre certas coisas pelo *tele-lmk*.

— Sente-se. — Ao notar que Louise estava pálida, mesmo depois da corrida até a sala, Eve a pegou pelo braço e a encaminhou até uma cadeira. — Respire fundo e me conte tudo o que viu.

— Foi ontem. Tive um encontro à noite. Tomamos alguns drinques no Royal Bar.

— No hotel de Roarke? O Palace Hotel?

— Sim. Eu os vi. Dallas, eu os vi sentadinhos em uma cabine perto da nossa mesa. Cheguei até a falar com a menina no toalete, logo depois.

— Vamos com calma. Peabody, traga um copo d'água para a doutora.

— Eu não prestei atenção a eles — continuou Louise. — Se tivesse prestado, eu teria notado...Puxa, consigo ver seu rosto quando ela se sentou diante do espelho. Aquele brilho não era só de champanhe. Sou uma médica, droga, deveria ter sacado que ela estava drogada, mas só muito depois é que a ficha caiu.

— Sempre percebemos um monte de detalhes depois que o pior acontece. Tome. — Eve colocou o copo d'água na mão de Louise. — Beba devagar e me conte tudo o que você lembra.

— Desculpem... — Ela tomou só um gole. — Quando vi o noticiário agora de manhã, eu a reconheci. E percebi... — Tomou mais um gole. — Liguei para o hospital para me informar sobre as

condições dela enquanto vinha para cá. Não houve melhora. Nadinha. As chances dela diminuem a cada hora.

— Noite passada, Louise. Concentre-se na noite passada. Você estava tomando drinques no bar?

— Sim. — Ela respirou fundo e pareceu se acalmar um pouco. ""— Champanhe, caviar, foi maravilhoso. Eu e meu par conversávamos e não prestei atenção em quase nada além dele. Mas percebi, meio que por instinto, que havia um casal na cabine ao lado.

Curtiam champanhe e caviar também. Tenho quase certeza de já estavam lá quando chegamos. Ficaram sentados próximos um do outro, em um momento de muita intimidade. Achei os dois muito atraentes.

— Tudo bem. E depois?

— Levantamos para dançar e eu me esqueci deles. Fui ao toalete, me sentei diante do espelho para me refrescar, retocar a maquiagem e readquirir o equilíbrio. Foi um primeiro encontro muito especial para mim, muito intenso. Quando eu estava sentada no banquinho ela chegou, toda empolgada. Cintilava de alegria e transbordava de euforia e sensualidade. Pediu para que eu a parabenizasse, porque ia se dar muito bem. Achei aquilo divertido e suspirei, desejando ter tanta autoconfiança. O casal estava indo embora quando eu voltei para o salão. Não tornei a pensar no assunto.

Soltou um longo suspiro, antes de continuar.

— O rosto dela estava muito vermelho, afogueado, seus olhos pareciam vidrados. Bem que eu gostaria de dar mais detalhes. Talvez Charles tenha reparado nas coisas com mais atenção.

Eve sentiu uma fisgada na barriga e percebeu que sua auxiliar retesou os ombros.

— Charles?

— Sim. Charles Monroe. Tentei encontrá-lo agora de manhã, mas seu *tele-link* respondeu com uma mensagem automática.

— Tudo bem. — *Vamos ter problemas*, pensou Eve. — Vou precisar conversar novamente com você.

— Passarei o dia todo na clínica. — Louise se levantou. Gostaria de poder ajudar mais.

— Qualquer coisa ajuda.

Eve não comentou nada a respeito e limitou-se a dirigir o carro. Pretendia não abrir a boca para falar do assunto pelo resto da vida mas o silêncio absoluto de Peabody a desarmou.

— Tudo bem com você? — perguntou à auxiliar. Estou pensando a respeito. Isso não foi um trabalho. O quê?

— Rolou uma química entre eles, desde ontem. Foi um encontro romântico, não de trabalho. Por mim, tudo bem — ela afirmou, com decisão. — Isto é, somos apenas amigos. Fiquei meio chocada. Só isso.

Peabody olhou para fora, já na entrada do prédio de Charles, quando Eve estacionou junto da calçada. Pelo visto, ela estava aceitando a situação numa boa.

Charles vinha pelo corredor em direção ao elevador quando elas saltaram no andar onde ele morava.

— Dallas! Estava indo procurá-la. Acabei de saber...

— Sim, eu sei. Vamos entrar um instantinho.

— É que... Você já conversou com Louise? Ela está abalada? Preciso ligar para ela.

As sobrancelhas de Eve se ergueram de espanto ao vê-lo com as mãos trêmulas ao digitar a senha na fechadura da porta. O imperturbável Charles Monroe parecia definitivamente perturbado.

— Mais tarde vocês conversam. Ela está bem.

— Não estou nem conseguindo raciocinar direito — ele confessou, e passou a mão sobre o ombro de Peabody, de forma casual, no instante em que entraram. — Passei uma hora no tanque de relaxamento, esta manhã. Liguei o telão há poucos minutos e a

notícia foi choque. Nós os vimos juntos ontem à noite, há poucas horas. O suspeito e a mulher que ele tentou assassinar.

— Conte-me tudo.

O relato foi quase idêntico ao de Louise, a não ser pela cena do toalete. Mas a teoria de Charles sobre o homem ser um acompanhante licenciado deixou Eve interessada.

Por que você achou que o homem era um profissional do sexo? Ele me pareceu meio distante. É difícil explicar. Foi muito solícito, carinhoso e gentil, mas havia uma frieza oculta.

Ele deixou todos os avanços físicos por conta da jovem e permitiu que ela pagasse a conta. Eu estava pensando em outras coisas - ele admitiu -, mas percebi o olhar dele no instante em que ela foi ao toalete. Um jeito calculista.

Percebi um pouco de arrogância também Talvez seja só impressão minha. É que alguns homens de programa pensam nas suas clientes como objetos.

— E as clientes?

— O que quer dizer?

— Elas também não encaram seus acompanhantes remunerados como objetos?

Ele olhou para Eve e concordou:

— Sim, tem razão.

Ela se virou em direção à porta e pediu:

— Você poderia verificar isso entre seus colegas, Charles? Procure alguém interessado em clientes que gostam de música clássica, rosas cor-de-rosa e luz de velas. — Ela olhou por sobre o ombro e completou: — Além de poesia. Vocês guardam arquivos onde anotam as preferências das clientes, não é verdade?

— Os profissionais que não querem perder mercado fazem isso, sim. Vou perguntar por aí. — Delia Você tem um minutinho?

Eve seguiu em frente, dizendo:

— Conversem depressa, que eu já estou indo para o elevador. Charles olhou para Peabody.

— É que eu e Louise marcamos um jantar, só nós dois, para hoje à noite e...— ele começou.

— Não esquenta! — Ela achou simples beijá-lo no rosto. É para isso que servem os amigos. — Eu gosto de Louise.

— Obrigado. — Ele apertou a mão de Peabody com força. Eu também.

## Capítulo Doze

Normalmente os empregados de Roarke ficavam nervosos quando ele aparecia em uma das suas empresas sem avisar. Na visão dele isso era bom, pois mantinha as pessoas em estado de alerta.

Ele pagava bem, e as condições de trabalho que oferecia nas suas companhias, fábricas, subsidiárias e escritórios em todo o planeta e em seus satélites eram inquestionavelmente altas.

Ele sabia como era ser pobre e viver cercado de decadência, trevas e sujeira. Para algumas pessoas - foi o caso dele - esses fatores davam motivação para conseguir mais.

Por quaisquer meios possíveis para a maioria das outras pessoas, porém, um salário minguido e um local de trabalho sem ventilação serviam de ninho para desespero, ressentimentos. E pequenos furtos.

Por essas razões, Roarke preferia pagar salários altos, pois geralmente isso trazia mais conforto aos empregados, gerava lealdade e muita produtividade.

Ele caminhou pelo andar principal do laboratório Allegany tentando memorizar tudo o que precisava de ajustes ali, da segurança ao design dos ambientes. Não descobriu falhas na área de comunicações, pois em questão de segundos, depois de pedir para falar com o diretor-geral do Departamento de Química, foi encaminhado ao trigésimo andar.

A agitada recepcionista que seguia na frente mostrando o caminho ofereceu-lhe café duas vezes e pediu desculpa pela demora em localizar o Dr. Stiles mais três vezes antes de, finalmente, chegarem à sala do químico.

— Certamente ele está muito ocupado — comentou Roarke olhando em volta da sala grande e meio desorganizada onde telas de privacidade e bloqueadores solares estavam presos firmemente à janela.

O local parecia lúgubre como uma caverna.

— Sem dúvida, senhor, ele vive ocupadíssimo. Deseja um cafezinho enquanto espera?

*Três a três*, pensou Roarke.

— Não, obrigado. Se o Dr. Stiles estiver no laboratório, eu posso ir direto até...

Ele parou de falar ao ver um homem entrar com ar afobado, o jaleco aberto, esvoaçando. Assim que viu Roarke, o recém-chegado franziu o cenho.

— Estou trabalhando em um projeto importante.

— Imagino que sim — disse Roarke, com um tom suave. — Desculpe interrompê-lo.

— O que faz aqui? — perguntou ele à recepcionista horrorizada. — Já não disse que não quero ninguém xeretando na minha sala?

— Sim, mas...

— Xô, xô! — Ele a enxotou pessoalmente, balançando as mãos para frente como se estivesse em um galinheiro. — O que quer de mim? — perguntou a Roarke de forma direta, assim que bateu a porta.

— Para mim, também é um prazer revê-lo, Stiles.

— Bah, não tenho tempo para etiquetas, frescuras nem puxações de saco. Estamos trabalhando em um novo soro regenerativo.

— E como vai o projeto?

— Estava indo bem, mas você me interrompeu na hora H quando me chamou aqui.

Stiles se sentou na cadeira, meio largado. Era um homem corpulento com os ombros de um jogador de futebol americano. Seu rosto era dominado por um nariz que parecia se dividir em dois, como um golpe de machado, seu rosto de granito. Seus olhos eram pretos e taciturnos; a boca era uma linha fina com os cantos permanentemente voltados para baixo; seu cabelo, uma juba prateada em desalinho que ele se recusava a domar e que espocava de seu escalpo como fios de aço.

Stiles era mal-educado e tinha gênio, além de ser rabugento e sarcástico.

Roarke gostava muito dele.

— Você trabalhou aqui no Allegany no tempo de J. Forrester?

— Rá! — Stiles pegou o cachimbo onde não colocava tabaco há mais de quinze anos, pendurou-o no canto da boca e começou a mastigá-lo. — Trabalho aqui desde que você chupava o dedo e a baba escorria pelo queixo, meu rapaz.

— Felizmente abandonei esse hábito desagradável. — Roarke riu. — A parceria entre você e Forrester tinha a ver com um projeto em particular, não foi?

— Disfunções sexuais. Se as pessoas não se preocupassem tanto com sexo, aposto que trabalhariam mais.

— E qual seria a graça disso? — Roarke levantou a tampa de uma das caixas largadas no chão e viu que ela estava cheia de discos diversos que deviam ter mais de dez anos de idade.

— Você está casado agora, não é? Com o casamento, a vida sexual vai pro espaço.

Roarke se lembrou do vulto de Eve movimentando-se por cima e na penumbra, e informou:

— Eu e minha mulher vamos para o espaço, sim, mas no bom sentido.

O ar de diversão no rosto de Stiles o fez bufar alguma coisa talvez fosse uma risada. De qualquer modo — continuou Roarke —,

preciso de informações sobre essa parceria, o projeto e os nomes de quem participou da pesquisa.

— E eu tenho cara de quê? De uma porra de banco de dados por acaso?

Roarke ignorou a pergunta. Mais que isso, ignorou o desaforo coisa que não faria com muita gente.

— Já consegui dados em quantidade considerável, mas o toque pessoal é muito útil. Fale-me de Theodore McNamara.

— Um babaca.

— Como eu sei que esse é o seu termo preferido para se referir a quase todo mundo que você conhece, dá para ser mais específico?

— O cara tinha mais interesse nos lucros do que nos resultados das pesquisas. Queria mais a glória do que o bem comum. Cagava regras aqui dentro só pelo prazer de mostrar quem era o mandachuva. Queria elevar o próprio nome. Administrava o laboratório, na época, e provava isso para todo mundo distribuindo tantos esporros quantos tivesse chance. Mas cortejava a mídia como se ela fosse uma cafetina e a transformava em sua marqueteira.

— Aposto que vocês nunca saíram para tomar um chopinho depois de um dia inteiro entre tubos de ensaio e placas de Petri.

— É ruim, viu? Eu odiava o filho da puta. Mas não posso denegrir sua capacidade profissional. Havia uma mente brilhante por trás do ar arrogante de prima-dona.

Stiles sugou a ponta do cachimbo apagado durante alguns segundos, pensando.

— Ele escolhia a dedo as pessoas que iam trabalhar em cada projeto. Trouxe sua filha-capacho para trabalhar aqui. Como era mesmo o nome dela?... Ah, quem se importa com isso? Tinha uma cabeça boa aquela moça, e trabalhava como uma mula, mas, fisicamente, não exibia nada de especial.

— Esse projeto sobre disfunções sexuais devia ser a menina dos olhos de McNamara, certo?

— Era ele quem tomava a maioria das decisões, coordenava o projeto e determinava as metas. Tratava-se de um projeto corporativo, mas McNamara era o chefe, o porta-voz, o cara que administrava tudo. Havia muita grana investida no projeto. Grana de empresas poderosas e de investidores particulares. Sexo vende muito, e tivemos sucesso em algumas áreas. Um sucesso considerável?

— Conseguimos garantir que um homem pudesse ficar de pau duro mesmo aos cento e dois anos de idade e fizemos o relógio biológico das mulheres bater normalmente até depois de elas completarem meio século de vida. — Stiles balançou a cabeça para os lados.

Esse tipo de coisa era popular, gerava muita publicidade e atraía mais verbas do que as façanhas menos chamativas, como ajudar seis inférteis a gerar filhos sem o risco de nascimentos múltiplos, mas isso não chegava às manchetes. A grana falava muito alto, e McNamara colocava pressão em todo mundo aqui para conseguir mais resultados. Começamos a trabalhar com elementos químicos perigosos, instáveis... Tentadores. As despesas subiram como foguetes e os testes foram acelerados para compensar os custos. Fizemos mau uso da química, usamos substâncias não controladas, cheias de efeitos colaterais. Trabalhávamos com drogas de uso recreativo também. Os processos contra a empresa começaram a chover e eles colocaram um ponto final no projeto todo.

— E McNamara?

— Conseguiu continuar limpinho, mesmo nesse mar de lama. A boca de Stiles fez uma expressão de nojo. — Ele sabia de tudo o que rolava aqui dentro, mas a merda nunca respingou nele.

— E quanto aos funcionários? Você lembra de alguém que tivesse uma quedinha especial pelo uso dessa drogas para uso pessoal?

— Qual é, sou macaco velho! Tenho cara de informante, por acaso?— vociferou Stiles.

— Bem, quanto à velhice do macaco...

— Pois espere mais uns cinquenta anos e você também vai perder esse rostinho bonito.

— Mal posso esperar. — Roarke resolveu mudar a abordagem fez uma cara séria e se inclinou de leve na direção do químico. -Não vim aqui para tricotar fofocas, Stiles. Duas mulheres foram assassinadas e uma está em coma. Se existe alguma possibilidade de tudo ter começado aqui no laboratório na época desse projeto, eu preciso saber.

— Que mulheres? Que assassinatos? Roarke quase suspirou. Como é que ele pôde esquecer quem era o homem diante dele.

— Você precisa sair do laboratório de vez em quando, Stiles.

— Por quê? Existem pessoas lá fora. Nada estraga as coisas mais depressa do que as pessoas.

— Pois uma ou duas dessas pessoas anda drogando mulheres com as mesmas substâncias químicas que você testou nesse laboratório. E elas estão morrendo.

— Rá! É ruim de isso acontecer, viu? Sabe qual a dose necessária para provocar uma morte? Faz ideia dos custos astronômicos envolvidos?

— Já tenho todos os dados e sei que é caro. Mas o custo elevado não parece ser problema, neste caso.

— Pois é preciso uma grana dos diabos, mesmo que o cara esteja sintetizando a droga por conta própria.

— E do que ele precisaria para fabricá-la? Stiles pensou por alguns instantes.

— Um excelente laboratório, aparelhagem para análises, diagnósticos e cálculos de equações químicas. Um lacre a vácuo para usar na fase de estabilização do processo. Tudo bancado por dinheiro privado, e o material só poderia ser obtido no mercado

negro. Se algum laboratório registrado estivesse trabalhando nisso, eu certamente saberia.

— Então ligue suas antenas — disse Roarke — e veja se consegue ouvir sobre alguém não registrado que esteja pisando na bola?

Seu *tele-link* de bolso tocou. — Desculpe — ele pediu, ligando o modo de privacidade e colocando um pequeno fone no ouvido. — Roarke falando!

Eve odiava esperar. Especialmente em um espaço onde seu status de esposa de Roarke tinha mais importância que seu distintivo. O Palace Hotel era um desses lugares.

Ela odiou o tempo de espera um pouco menos ao ver que ela e Peabody estavam sendo encaminhadas com rapidez para a sala de Roarke no hotel, onde Eve poderia conversar com o garçom que servira Monica e seu agressor.

Eve curtira muito mais sua visita à penitenciária de Rikers, onde conforto para o visitante era inexistente, os funcionários eram mal humorados, e os presos, cruéis.

Apesar de sua conversa com Gunn não ter dado em nada, ela realmente se sentiu mais descontraída ao visitar a prisão do que ali, naquele ambiente luxuoso e confortável.

— Vou mandar Jamal vir direto para cá no instante em que chegar para trabalhar. — A recepcionista, sofisticada e bela até o último fio de cabelo, fez um gesto com a mão assim que as portas do elevador se abriram. — Fique à vontade, senhora. Se precisar de ajuda minha ou de algum funcionário do Palace para a investigação, basta chamar.

Eve notou que o sistema de segurança da sala exigia a colocação do polegar sobre uma placa e a informação de uma senha para que a porta fosse aberta, e isso certamente era restrito aos gerentes executivos.

Os equipamentos de segurança eram sempre topo de linha em todas as dependências das Indústrias Roarke.

Enquanto esperam — sorriu a jovem, de forma calorosa —, Posso lhes oferecer algo para refrescá-las?

— Um suco de manga borbulhante — Peabody pediu depressa, antes que Eve recusasse a oferta, como costumava fazer. Percebeu o olhar duro da tenente. — É que eu estou com sede.

— Claro. — A moça pareceu deslizar até o armário de madeira entalhada que abrigava unidades de refrigeração e um Auto chef programou o pedido na máquina. — E para a senhora, tenente

— Só o garçom, por favor.

— Ele já está vindo. — Ela entregou o suco de manga a Peabody em uma sofisticada taça que parecia de champanhe. — Se não há nada que eu possa fazer no momento, vou deixá-las a sós. — Saiu de imediato, fechando as portas atrás de si com muita discrição.

— Puxa, isso aqui está uma delícia. — Peabody saboreava cada gole. — Você devia experimentar, Dallas.

— Não viemos aqui para tomar drinques metidos a besta

Eve circulou pela sala. Apesar dos equipamentos sofisticadíssimos, o ambiente parecia mais um apartamento de luxo do que uma sala de trabalho. — Quero ouvir o garçom antes de pegar McNamara. Largue esse canudinho e ligue para o hospital. Quero notícias de Monica Cline.

— Eu consigo fazer as duas coisas.

Enquanto Peabody saía de lado, Eve ligou para Feeney.

— Por favor, me diga que descobriu alguma coisa.

— Você já voltou de Rikers?

— Sim, já fui e já voltei. Gunn e eu trocamos algumas amabilidades. Ele mandou que eu executasse vários atos de cunho sexual em mim mesma. O problema é que todas as sugestões eram anatomicamente impossíveis ou de cunho ilegal.

— Ah...O velho Gunn que a gente conhece! — disse Feeney, de forma quase afetuosa.

— Tirando a diversão, foi um tiro na água. Ele ficou puto dentro das calças quando eu lhe contei que alguém aqui fora estava faturando grana na sua área de atuação, e foi isso que me fez perceber que ele não sabia de nada. Preciso que você me informe algo concreto, Feeney.

— Eu avisei que não seria rápido.

— Mas o tempo está passando. Pode ser que um dos malucos tenha marcado algum encontro para hoje à noite.

— Puxa, Dallas, você imagina a quantidade de informações que tem esse computador? É uma máquina pública, pelo amor de deus ! Não dá para ligar o sistema e pescar o usuário que estou querendo como quem tira a porra de um coelho de uma cartola.

— Você também está com o computador de Monica. Não dá para cruzar os dados de um com os do outro?

— Tenho cara de novato? O cara não se comunicou com ela esse computador. Não que eu tenha descoberto. Você quer que eu explique tim-tim por tim-tim o que estou fazendo aqui ou vai me deixar trabalhar?

— Vai, vai trabalhar! — Ela já ia desligar, mas esperou um instante e disse: — Desculpe. — Só então desligou.

— Sem novidades — informou Peabody. — Ela continua em coma e seu estado é crítico.

A porta se abriu. Eve disse a si mesma que não deveria demonstrar a mínima surpresa ao ver Roarke entrar na sala.

— O que está fazendo aqui? — perguntou a ele.

— Pensei estar entrando na minha sala. — Olhou em volta. — Ora, mas é a minha sala, mesmo! Jamal, esta é a tenente Dallas e a policial Peabody. Elas lhe farão algumas perguntas e vão precisar da sua total cooperação.

— Sim, senhor.

— Relaxe, Jamal — disse-lhe Eve. — Você não está em apuros.

— Eu sei. A senhora deve estar querendo saber sobre a mulher que está em coma. Vi o noticiário e imaginei se devia vir para o trabalho ou procurar a polícia. — Olhou para Roarke.

— O ambiente é mais confortável aqui, Jamal — comentou Roarke, com naturalidade.

— O chefe é quem manda — murmurou Eve.

— Sente-se, Jamal — convidou Roarke. — Quer alguma coisa para beber?

— Não, senhor. Obrigado.

— Você se importaria — interrompeu Eve, olhando para Roarke — se eu conduzisse esta entrevista?

— Claro que não. — Roarke atravessou a sala e foi sentar atrás da mesa. — E antes que você pergunte, não vou sair não. Jamal tem direito a um representante neste local.

— Quero ajudar. — Jamal se sentou, empinou as costas com dignidade e pousou as mãos cruzadas sobre a coxa, de forma educada. — Mesmo que eu não tivesse sido aconselhado a prestar toda colaboração possível, gostaria de ajudar. É meu dever.

— Bela atitude, Jamal. Vou gravar tudo. Está pronta, Peabody?

— Sim, senhora. O gravador está ligado.

— Entrevista com Jamal Jabar, ligada à tentativa de assassinato de Monica Cline. Caso número H-78932C. Tenente Eve Dallas conduzindo a entrevista. Também estão presentes no local a policial Delia Peabody, na qualidade de minha auxiliar, e Roarke, representante escolhido pelo depoente. Jamal, você trabalha como garçom no Royal Bar do Roarke Palace Hotel. Essa afirmação é correta?

— Sim. Trabalho neste local há três anos.

— Ontem à noite você serviu um casal na cabine privativa de número cinco do seu setor.

— Sim. Na verdade passaram quatro casais por essa cabine a noite passada, durante o meu turno.

Eve pegou as fotos e as exibiu.

— Reconhece essas pessoas?

— Sim, senhora. Elas estiveram na seção onde eu trabalho, na cabine número cinco, na noite passada. Tomaram uma garrafa de Dom Perignon, safra '56, e saborearam caviar beluga, com todos os acompanhamentos. O cavalheiro chegou pouco antes das nove e foi muito específico quanto ao que desejava que fosse servido, e de que forma.

— Ele chegou primeiro?

— Ah, sim, chegou primeiro, quase trinta minutos antes da jovem. Pedi que eu trouxesse o champanhe de imediato e abrisse a garrafa, mas quis se servir sozinho. O caviar deveria ser trazido só depois que a moça chegasse.

— Ele trazia consigo alguma sacola ou bolsa de couro com alça comprida?

— Sim. Não quis deixá-la no guarda-volumes e a mantive no banco ao seu lado. Em seguida, fez uma ligação pelo *tele-link*. imagino que tenha sido para a jovem pela qual já esperava havia algum tempo. Mas não me pareceu impaciente. Quando eu passei para ver se estava confortável e perguntei, educadamente, se sua convidada estava atrasada, ele disse que não.

— Quando foi que ele serviu o champanhe?

— Não percebi o momento exato, mas sei que por volta de nove e trinta as taças estavam cheias. A moça chegou logo em seguida.

E eu percebi, isto é, perguntei a mim mesmo o porquê de o rapaz ter chegado tão cedo se a jovem só viria mais tarde. Supus que ele devia estar nervoso, já que aquele era o primeiro encontro deles.

— Como é que você sabia que era o primeiro encontro?

— Deu para perceber porque houve uma empolgação característica e um leve ar de formalidade entre eles, a princípio. Tive certeza absoluta, porém, ao ouvi-la comentar sobre o quanto estava feliz por finalmente conhecê-lo pessoalmente.

— Sobre o que conversaram? Jamal se virou na direção de Roarke.

— Não devemos prestar atenção às conversas dos clientes.

— Você tem ouvidos — explicou Eve. — Ouvir não é o mesmo que prestar atenção.

— Não, senhora, não é. — O rosto de Jamal exibiu gratidão pela discrição de Eve. — Quando servi o caviar, eles falavam de arte e literatura, do jeito que as pessoas fazem quando estão em busca de um assunto confortável para ambas. Ele foi muito atento, com um jeito cavalheiresco. No início.

— Mas isso mudou.

— Pode-se dizer que eles ficaram muito... à vontade um com o outro em um curto espaço de tempo. Eles se acariciaram e se beijaram de um jeito que transmitia intimidade, ou a determinação de alcançá-la. Se é que a senhora entende o que quero dizer.

— Sim, sim, entendo.

— Quando recolhi os pratos, foi a jovem quem pagou a conta. Isso me pareceu detestável, pois foi o rapaz quem fizera o pedido. Jamal lançou um olhar encabulado. — Mas ela me deu uma gorjeta muito generosa. Eles ainda ficaram algum tempo tomando vinho e ela se tornou, me parece, mais animada do que deveria. Houve um momento... — Ele se remexeu na cadeira e tornou a entrecruzar os dedos. — Eu vi que a mão dela estava sob a mesa, mexendo... nas calças dele. Como isso é contra a política de bons costumes do nosso estabelecimento, pensei em relatar o fato ao supervisor. Mas logo depois ela se levantou para ir ao toalete. Ao voltar, ele se levantou e foram embora.

— Você se lembra de ter visto um dos dois antes da noite passada?

— Não me lembro do rosto dela, porque atendemos muita gente. Afinal, o Royal Bar é um marco da nossa cidade. Mas eu me lembro dele.

A cabeça de Eve se ergueu de leve.

— De onde?

— Esse cliente já esteve no setor onde eu sirvo, antes, e utilizou a mesma cabine. Faz uma semana, talvez um pouco mais. Ele estava em companhia de outro rapaz. Tinha um aspecto diferente, mas era ele, tenho certeza. Ontem o seu cabelo estava mais claro e mais comprido. Seu rosto tinha algo diferente, não sei definir o quê.

— Mas você o reconheceu? Tem certeza?

— Sim, por causa do anel. Achei uma joia muito bonita. Minha esposa trabalha numa joalheria, e eu costumo reparar quando vejo uma peça bonita. Era um anel largo, trançado de ouro branco e ouro amarelo, com uma pedra quadrada. Um rubi com a cabeça de um dragão entalhada. Muito sofisticado. O outro rapaz também tinha um anel igual, só que de safira. No dia, eu imaginei que eles fossem casados e que aquelas fossem suas alianças de compromisso.

— E o homem de ontem à noite usava o anel de rubi?

— Sim- Quase comentei com ele a respeito, mas como sua aparência era completamente diferente, supus que ele não desejasse ser incomodado Além do mais, ele demonstrou de forma muito clara que não queria conversa fiada com quem o servia. Eve se levantou e ficou circulando pela sala.

— Conte-me sobre o dia em que você o viu, antes. Fale-me dele e do outro homem.

— Só me lembro que faz uma semana, mais ou menos, não me recordo em que noite. Sei que foi no início da minha jornada de

trabalho. Sete e pouco da noite. Eles pediram vinho e uma tábua de frios. — Sorriu de leve. — Deixaram uma gorjeta irrisória.

— Pagaram a conta como?

— Em dinheiro vivo.

— Sobre o que conversaram?

— Não ouvi muita coisa. Pareciam estar discutindo, quase de brincadeira, sobre qual dos dois daria o "pontapé inicial". Pareciam muito empolgados.

O divertido é que ao anotar os pedidos da cabine seis, ao lado da deles, percebi que os rapazes estavam tirando cara ou coroa.

A decisão sobre a morte de Bryna Bankhead, pensou Eve, fora tomada no cara ou coroa.

— Preciso que você me ajude a fazer um retrato falado, junto com um técnico de imagens, Jamal.

— Receio não conseguir descrevê-lo com precisão.

— Deixe isso por nossa conta. Obrigada por sua colaboração, você foi de grande ajuda. Alguém vai entrar em contato com você a respeito do retrato falado.

— Está bem. — Ele olhou para Roarke, recebeu seu aceno de aprovação e se levantou. — Espero que o que eu lhes informei o impeça de ferir mais alguém.

— Jamal. — Roarke se levantou também. — Vou conversar com o seu supervisor. Você receberá por qualquer tempo extra que precise para prestar assistência à polícia. Qualquer tempo gasto não afetará seus benefícios nem seu salário.

— Obrigado, senhor.

— Vamos correr atrás do anel! — exclamou Eve, assim que portas se fecharam após a saída de Jamal. — Quero uma busca em todas as joalherias em Nova York que façam trabalhos sob encomenda. Quero um técnico especializado em imagens também, com prioridade máxima.

— Fui! — avisou Peabody.

— Tenente?—A voz de Roarke a fez parar antes de dar o segundo passo na direção da porta.

— Que foi?

— Aonde você vai

— Para a Central. Quero olhar os discos de segurança para ver se consigo enxergar os anéis.

— Podemos fazer isso daqui mesmo. Aliás, com o meu equipamento, faremos isso ainda mais depressa. Computador, localizar disco de segurança do Royal Bar, gravação de 6 de junho deste ano, a partir das vinte e duas e quarenta e cinco *Processando... Deseja exibição das imagens?*

— Espere um instantinho — interrompeu Eve. — Você tem gravações do salão?

— Claro, sou muito meticoloso. Eve xingou baixinho e reclamou:

— Você podia ter mencionado esse detalhe.

— Ver é muito mais eficaz do que falar. Telão número um!

Uma imensa imagem do Royal Bar se espalhou pela tela, mostrando opulência e cor. Os elegantes se sentavam às mesas ou deslizavam pela pista de dança, enquanto os garçons circulavam discretamente com eficiência irretocável, das mesas para as cabines e das cabines para uma porta que Eve imaginou ser a cozinha.

As imagens aceleraram ao som da ordem dada por Roarke.

— Ele deve aparecer na tela a qualquer momento... Ah! — Ele interrompeu a reprodução e congelou a imagem. Eve chegou mais perto da tela com a atenção focada nas mãos do homem que chegava.

— Não dá para ver direito por esse ângulo. Avançar a gravação mais um pouquinho. - Ela esperou e observou o suspeito conversando rapidamente com a recepcionista da noite. Viu-o ser

encaminhado até a cabine que reservara. Suas mãos estavam sob a mesa e fora de vista quando Jamal apareceu para cumprimentá-lo.

— Vambora, vambora, vambora!—Eve tentou apressar a gravação, impaciente. — Coce a ponta do nariz, ou algo assim!

Jamal voltou com a garrafa de champanhe, as taças, e terminou de preparar a mesa. Quando se ofereceu para servir a bebida, porém, foi enxotado com impaciência.

— Congelar imagem! — Eve ordenou, mas Roarke já fizera isso.

— Ampliar dos setores vinte ao trinta... Cinquenta por cento de zoom!

Só quando Roarke repetiu suas palavras foi que Eve percebeu que o sistema fora programado para receber os comandos de voz dele, unicamente. Qualquer irritação que isso tenha provocado foi sobrepujada pela satisfação de ver o anel de rubi com todos os detalhes.

— Quero cópias dessa imagem impressas em alta definição.

— Quantas?

— Umas doze. Copie esse arquivo, transfira-o para o meu computador de casa e para o computador de mão de Peabody.

Peabody abriu a boca para falar, mas desistiu, sabiamente, de perguntar como é que um civil poderia transferir dados para um computador da polícia sem usar senha nem possuir o código de acesso irrestrito.

— Vamos agitar para ganhar tempo. Peabody, quero que você ligue para os joalheiros e lhes mostre a imagem do anel. Veja se consegue descobrir o artista que os projetou. Há um espaço aqui no hotel onde ela possa trabalhar por, digamos, uma hora? — Eve perguntou a Roarke.

— Claro. — Ele ligou para sua assistente pelo intercomunicador. — Ariel, a policial Peabody precisa de um espaço privado para trabalhar. Ela vai encontrá-la na recepção.

Olhou para Peabody e completou:

— Vá até o balcão da recepção. Ariel vai cuidar de tudo.

— Ótimo! — Com imagens coloridas de sucos de manga borbulhando na mente, Peabody saiu.

— Veja só isso — disse Roarke, e fez a gravação continuar na velocidade normal.

Na tela, o assassino alinhou as taças lado a lado. Serviu um pouco de champanhe em cada uma delas e observou o salão ao redor, enquanto a espuma e as borbulhas acabavam de espocar. Sua mão se ergueu sobre uma das taças.

— Congelar! Ampliar!

Eve ficou com o rosto a centímetros da tela e viu perfeitamente o gotejar de um líquido claro que escorria de algum recipiente na mão do assassino e caía no champanhe.

— Quando eu pegar esse canalha o promotor vai dar cambalhotas de alegria ao ver essa gravação. Continuar a reprodução com a mesma ampliação, mas com um quarto da velocidade normal. Pronto, olha só, veja aquilo! Ele tem um frasquinho na palma da mão. Sou mico de circo se o frasco não estiver preparado com a dosagem certa.

— Bem, eu posso atestar que você não é um mico de circo, querida. Pelo horário na tela -continuou Roarke — ele se preocupou em ter alguns minutos de vantagem, caso sua convidada chegasse um pouco mais cedo. Completou as duas taças e colocou a preparada no outro lado da mesa.

— Coloque a imagem em tamanho normal de novo. Olhe para ele. Observe a cara do safado, todo satisfeito consigo mesmo brindando sozinho. Agora ele vai fazer a ligação para seu comparsa está no lugar e ele mal pode esperar para chegar em casa e contar a aventura em detalhes. Vamos chamar alguém que faça leitura labial para analisar a fala, mas aposto que o papo é exatamente esse.

— La vem a vítima — comentou Roarke.

Monica entrou no salão e hesitou por alguns segundos, mas sorriu logo em seguida.

— Ali está ele", ela pensou — murmurou Eve. — É bonito, tanto quanto ela esperava que fosse. Veja só, o perfeito cavalheiro se levantou para recebê-la. Toma-a pela mão e beija seus dedos, com ar galante. Um leve toque de romantismo.

— Champanhe? Veja que adorável. Tim-tim! O script perfeito. Mal dá para perceber o olhar de predador no rosto dele, vendo-a beber tudo sem desconfiar que ele é um monstro. Se você não percebeu, saiba que ele a está matando nesse exato momento."

— Eu nunca conseguiria fazer isso... Entrar na mente de criminosos, dia após dia — disse Roarke, atrás de Eve, pousando as mãos sobre seus ombros e massageando os pontos de tensão que encontrou ali.

— É por ver tudo isso mentalmente que eu vou conseguir agarrá-lo. Vou pegar os dois, por falar nisso. Eles acham que cobriram todos os ângulos, que não deixaram pontas soltas, mas sempre fica alguma. Sempre ocorrem erros, às vezes pequenos. Ele pensa que está seguro, se acha esperto.

Qualquer pessoa de fora conseguiria perceber que ela é quem está tomando a iniciativa. Ela é quem chega mais perto dele, acaricia seu braço, seus cabelos, se inclina para frente. Quem veria uma cena romântica dessas e imaginaria um estupro?

— Isso machuca você, não negue — disse Roarke, com voz firme. — Você colocou um curativo no passado, mas sua alma dói.

— Transformo isso em mais determinação para agarrá-lo. Olha Charles e Louise estão entrando.

— Foi por isso que você mandou Peabody sair daqui? Não quero que ela se distraia, e *não quero* pensar nesse troço esquisitamente platônico que rola entre Peabody e Charles, nem no outro troço, estranhamente sexual, que rola com McNab, porque isso

vai *me* distrair. Mas o que é isso, plano de sedução A: champanhe e caviar Pelo que eu me lembro, você foi seduzida por bifés e café

— Pois continuo preferindo carne de verdade em vez de um monte de ovas de peixe que... Olha lá! Ele renovou a dose! Mesmo esquema do frasquinho escondido na palma da mão. Puxa, duas doses antes mesmo de levá-la para casa. Isso não bate... O laboratório encontrou traços de Vadia nos copos da sala de estar do apartamento dela e Coelho Louco no quarto. Só que não foi detectada uma quantidade tão grande de Vadia no organismo da vítima. Foi por isso que ela não morreu.

— Pois ela está bebendo tudo — apontou Roarke.

— Sim. Está acariciando o pau do safado por baixo da mesa enquanto bebe a segunda dose. E ele ainda lhe deu uma terceira dose ao chegar em casa. Sabe como foi que o organismo dela absorveu tanta droga?

— Simples: isso não aconteceu. Ela vomitou! Colocou tudo para fora. Ela é magra, mas não é anoréxica — refletiu Eve. — Não me parece o tipo de mulher que tem bulimia ou outra desordem alimentar. Provavelmente ela se sentiu enjoada quando foi ao toalete, ou assim que chegou em casa. Devolveu para a privada um pouco do vinho, do caviar e das primeiras doses da droga. Certamente foi isso que a fez escapar da sobrecarga no organismo.

— "Um erro", continuou Eve. "Ele não pensou nisso. Ela foi abandonada, completamente apagada, e ele a tomou por morta. Isso mostra que ele não é médico nem trabalha na área. É o outro cara que conhece essas coisas. Esse é só o nerd em computação. Passe o disco do segundo assassinato. Quero ver se consigo uma imagem do anel que o outro usa."

— Kevin, isso está ficando realmente enfadonho. — Ouviu-se um *tchhhh* mecânico e uma névoa de ar gélido surgiu no ar quando abriu a porta da unidade de refrigeração e pegou a solução que desejava, guardada em uma pequena embalagem dentro do freezer a

primeira vez você ficou quase histérico porque a garota morreu, Agora está roendo as unhas porque a segunda ficou viva.

— Eu não pretendia matar a primeira. E queria matar a segunda. — Com o auxílio de uma pinça laboratorial comprida, Lucias colocou o recipiente em um dos *slots* de uma bandeja de vidro temperado. — Pela nossa tabela, meu velho, você está com pontos a menos.

— Você foi quem preparou a solução. — A suspeita misturada com a raiva e o medo tornaram a voz de Kevin rouca. — O que impediria você de batizar a droga que eu levei, para deixá-la mais suave?

— O meu espírito esportivo, é claro! Roubar só serviria para diminuir a satisfação da vitória. Concordamos em manter a honra, Kev.

— E bem provável que ela morra; não tenha pressa de marcar minha pontuação na tabela.

— Isso! Agora sim, senti firmeza! Aliás, para sermos justos, sugiro considerarmos a hospitalização da garota como valendo cinco pontos, já que a morte vale dez. E se sua amiguinha bater as botas antes de eu voltar para casa, depois do meu encontro de hoje à noite, você vai continuar na minha frente. Não dá para ser mais justo que isso. Por outro lado, se ela sobreviver... — Ele encolheu os ombros, colocou a bandeja de vidro cheia de embalagens em um aparelho estreito e programou o tempo e a temperatura. — Eu vou em frente com a tabela, estou pronto para entrar em campo. Aliás, podíamos tornar as coisas mais interessantes na próxima rodada marcando com duas garotas para o mesmo dia.

— Duas num dia só? — O horror e a empolgação da ideia atingiram Kevin com a mesma intensidade.

— Se você for macho o bastante para isso...

— Não preparamos nada! Segundo as regras, haverá três de intervalo depois da rodada de hoje à noite. Nenhum dos somos alvos

está programado para antes da semana que vem.

— Programações são para amadores e manés. — Lucias preparou um pequeno coquetel para ambos, uísque puro com uma dose de Zoner. — Vamos arrebentar o placar, Kev! Quero alcançar um escore impressionante antes de transferirmos o jogo para a França.

— Poderíamos marcar um piquenique no parque — propôs Kevin, saboreando a ideia. — Sim, seria divertido. Além do mais, trocar o nosso *modus operandi* vai deixar a polícia completamente desnorteada e esculhambar com os perfis e tabelas de probabilidades que eles montaram.

— É. Uma partida jogada à tarde sempre tem um charme especial

## Capítulo Treze

Não pintou nada sobre os anéis — Eve comunicou à sua equipe.

Ela teve de fazer valer sua autoridade, pisou em alguns calos e subornou o responsável pelo agendamento das salas de reunião com a promessa de uma barra de chocolate suíço, mas acabou conseguindo reservar um espaço.

Roarke adoraria fornecer o chocolate, e sua reação à propina seria um simples sorriso de condescendência.

— O máximo que conseguimos foi descobrir que eles não são herdeiros de famílias tradicionais. Os joalheiros que Peabody contactou concordaram nesse ponto: os anéis não são antiguidades. Se as pedras forem verdadeiras e o trabalho for artesanal, cada peça teve um custo estimado de duzentos e cinquenta mil dólares cada.

— Um sujeito que carrega um quarto de milhão de dólares Preso no dedo é um babaca. -Foi a opinião de Feeney. — Exibido, ainda por cima.

— Concordo. — Eve assentiu com a cabeça. — A chance de os caras serem dois babacas exibidos é altíssima. Quero globalizar a busca e vou passar a bola para a Divisão de Detecção Eletrônica Além disso, ela iria recorrer ao seu consultor pessoal sobre itens que mostravam status. Roarke não costumava usar jóias por ostentação mas era especialista na hora de comprá-las e cobrir sua mulher com' elas.

— O técnico de manipulação de imagens está trabalhando com o garçom, mas os progressos são lentos. Ele foi muito mais específico para descrever os anéis do que seus donos. Podemos acessar os

discos de segurança do Palace das últimas duas semanas para cá, mas vamos levar muito tempo para pesquisar os clientes um por um, e só podemos contar com a sorte para descobrir os suspeitos em pouco tempo. Vou fazer isso pessoalmente, mas, se não pintar nada até amanhã de manhã, pretendo pedir à testemunha que aceite se submeter à hipnose.

— Não dá para ter certeza de que eles não estavam usando disfarces ou maquiagem quando se encontraram para os drinques — ressaltou McNab, e isso lhe rendeu um raro aceno de aprovação, vindo de Eve.

— Muito bem lembrado, mas vamos vasculhar as imagens mesmo assim. Continuaremos a construir a arapuca até conseguirmos prender os safados nela. Algum progresso no computador da lan house? — Ela olhou para Feeney. — Não tente me enrolar.

— Foi bom você perguntar. Já limpamos a maior parte do papo-furado. É espantosa a quantidade de merda que as pessoas enviam umas para as outras de um computador público. Noventa por cento é pornografia.

— Puxa, saber disso é ótimo para reforçar meus conceitos sobre cidadania.

— Após a sacanagem ser filtrada, tem a parte de entretenimento, os sites de diversão e depois a área financeira. Os e-mails pessoais foram filtrados por último. O codinome mais provável, dessa vez é Wordsworth. Todas as suas transmissões foram disfarçadas por algum recurso eletrônico.

Ao penetrar em uma das camadas que ele usou descobrimos que o safado passou para outra frequência ou utilizou uma localização com endereço falso. Começou um dos papos com endereço de uma espelunca em Madri. Quando sacamos o local vimos que o papo continuou como se viesse da colônia espacial Delta. Depois...

— Tá, tá, entendi o esquema. O que descobriram de sólido?

Feeney fez cara de revoltado e mastigou uma das suas amêndoas açucaradas.

— Consegui penetrar com sucesso em apenas uma das camadas, até agora. Mas há mais três, talvez quatro. A que eu decodifiquei me levou a uma conta aberta em nome de Stefanie Finch, que transmite um monte de mensagens enjoadas de tão melosas.

— Pois mande as mensagens melosas e o endereço eletrônico dela para os meus computadores. Você é um mago da informática, Feeney.

— Isso o deixou menos encrespado Ah, isso é verdade! — gabou-se. — Vou tirar duas horas para ir ao oculista, mas o Mago McNab vai pilotar a busca.

— E eu vou cair dentro. Peabody, caia dentro comigo! — ordenou ao sair da sala e caminhar na direção de uma passarela aérea. — Vá pegar uma barra energética ou algo assim e me encontre na garagem em dez minutos. Preciso dar uma passadinha na minha sala, antes de descer.

— Mas tem uma máquina de venda automática bem na sala de ocorrências.

— Todas as máquinas deste prédio me odeiam. Elas roubam minhas fichas de crédito e riem da minha cara.

— É verdade que você foi proibida de usar as máquinas por ter chutado o equipamento?

— Mentira! Não foram chutes. Foram socos. Chega de papo e vai pegar a droga da barra de cereais. — Sem esperar pela resposta, entrou na passarela e abriu o comunicador para falar com o especialista em manipulação de imagens.

Peabody lançou um suspiro resignado e voltou para procurar a máquina de venda automática mais próxima. As analisava com toda atenção, refletindo se era melhor a energia do ar natural ou as

poucas calorias do adoçante químico para o lanche, escolheria para si mesma quando McNab chegou por trás.

Desde as cenas quentíssimas que eles haviam protagonizado na véspera, Peabody esperava alguma indireta ou alfinetada da parte dele. Só que McNab simplesmente enfiou as mãos em dois dos doze bolsos de suas calças amarelas e permaneceu calado.

— Tá tudo bem? — ele perguntou.

— Tudo bem, estou só escolhendo um lanchinho esperto. — Imaginando que Dallas iria fazê-la trabalhar na rua por muitas horas, pegou barras dos dois tipos.

— Você deve estar encucada pelo que aconteceu ontem, mas não fique assim. Um lance daqueles não significa nada

Lembrando da pizza, da agitada sessão de sexo que se seguiu no chão do seu apartamento e da segunda sessão, ainda mais completa, que havia rolado na cama, Peabody sentiu uma fisgada de excitação no estômago.

— Tudo bem — disse ela, com ar casual. — Quem é que significou alguma coisa?

— Estou só falando que não há necessidade de ficar embaraçada nem chateada por causa daquilo.

— E por acaso eu estou com cara de chateada ou embaraçada? — perguntou ela, com o rosto absolutamente impassível.

— Escute, se você não está a fim de falar sobre essa história, por mim está ótimo. - McNab sentiu uma sensação de indignação surgir de dentro dele e agarrá-lo pela garganta. Charles havia esfregado uma nova namorada na cara de Peabody e mesmo assim ela não conseguia ver o pilantra que ele era? — Todo mundo já sabia que coisa não ia dar em nada, mesmo. Se você imaginou outra coisa merece sofrer.

— Obrigada pelo boletim sentimental. Quanto a você, pensou em algo para dizer e acabou escolhendo uma das frases prediletas de Eve: — Pare de pegar no meu pé e vá enxugar gelo. Tirando-o do

caminho com o auxílio do cotovelo, ela seguiu marchando rumo à passarela mais próxima.

— Fui - Ele chutou a máquina e ficou revoltado ao ouvir a advertência eletrônica. Se ela preferia fingir que não dava a mínima para o fato de seu acompanhante licenciado de estimação trotar com outras mulheres debaixo do nariz dela, por que é que ele iria se importar?

Ao chegar à garagem, Peabody já acabara com uma das barras energéticas, já dera a primeira dentada no chocolate e bufava de raiva. Dentro do carro, Eve simplesmente estendeu a mão e silvou de irritação quando Peabody lhe entregou a barra de chocolate com a força de quem dá um tapa. Sua palma chegou a arder.

— Eu devia ter chutado o saco dele! — lamentou-se Peabody. E depois arrastado sua bunda magra pelo chão para limpar o piso.

— Pe... la... mor... de... Deus! — Exasperada e por pura defesa, Eve tirou o carro da vaga como uma bala. — Não comece!

— Não estou começando. Estou acabando! O porco canalha ficou na minha frente dizendo que eu não devia me sentir *embaraçada* nem *chateada*, porque o que aconteceu entre nós ontem à noite não significou nada.

*Não quero ouvir. Não quero ouvir. Não quero ouvir*, Eve repetiu para si mesma, sem parar.

— Stefanie Finch mora na Riverside Drive. Sozinha. Ela pilota o ônibus espacial para a InterCommuter Air.

— Foi ele quem apareceu na *minha* porta com uma pizza ridícula e um sorriso de orelha a orelha.

— Ela tem vinte e quatro anos — disse Eve, já desesperada. — Solteira. Perfil e alvos perfeitos para o assassino número um.

— E o que ele quis dizer com "todo mundo já sabia que a coisa ia dar em nada"? Quem é esse "todo mundo"?

— Peabody, se eu concordar que McNab é um porco canalha, merecedor de um chute no saco, e se eu lhe der a minha palavra de

que ajudarei você a chutar o saco do safado na primeira oportunidade, será que podemos fingir que estamos focadas nesta investigação

— Sim, senhora. — Peabody fungou. — Mas agradeceria muito se a senhora não mencionasse o nome do porco canalha em minha presença. Nunca mais.

— Combinado! Agora, vamos até a casa de Stefanie Finch.

Dependendo do que eu sentir ao conversar com ela, vou sacar se é uma isca e se precisa ser colocada sob custódia, para sua própria proteção. O nome seguinte da lista é McNamara. Quero encontrá-lo hoje mesmo, aqui ou fora do planeta.

Se por acaso McNab, isto é o porco canalha — ela se corrigiu ao sentir o olhar indignado que Peabody lançou —, conseguir decodificar as contas de e-mail de outros possíveis alvos, vamos investigá-los imediatamente. Proteção de civis incautos é nossa prioridade neste caso.

— Compreendido, senhora.

— Torne a ligar para o policial de guarda no hospital. É mais provável sermos informados pelo colega de farda sobre melhoras no estado da vítima do que pela equipe médica.

— Sim, senhora. Posso falar mais uma coisinha sobre o porco canalha? Prometo que é a última coisa que vou dizer a respeito do assunto.

— Última coisa? Bem, se é assim, mal posso esperar.

— Espero que os ovos dele inchem como melões e depois encolham, sequeem por completo e se transformem em duas uvas-passas.

— Ora, gostei da imagem final. Aplausos para você. Agora, ligue para o guarda Pilotos de voos espaciais, conforme Eve descobriu, ganhavam uma grana pretíssima de salário. O prédio de Stefanie Finch era estiloso, uma lança de prata envolta por anéis

formados por passarelas aéreas que permitiam acesso direto de moradores e visitantes autorizados.

Como Eve já tivera sua cota de alturas elevadas para uma semana, preferiu entrar pelo saguão no andar térreo. A estação de recepção.

A estação eletrônica exigiu seu nome, destino e assunto a tratar, em um tom agradável, mas sem rodeios.

Assunto policial. A tenente Eve Dallas e sua auxiliar desejam falar com Stefanie Finch. Ela colocou o distintivo diante do scan e ouviu o leve zumbido eletrônico que o sistema emitiu.

— Sinto muito, tenente Dallas, mas a srta. Finch não se encontram casa no momento. A senhora poderá gravar uma mensagem de voz, se desejar, que lhe será enviada

— Quando ela volta?

— Desculpe, tenente Dallas, mas não temos autorização de informar isso sem um mandado judicial.

— Aposto que Roarke é o dono deste lugar — comentou Peabody, olhando em volta do reluzente e espaçoso saguão decorado em preto e prata. — Esse estilo é a cara dele. Aposto que, se você informasse ao sistema que é esposa do dono, conseguiria...

— Não! — Só de pensar nisso, Eve já ficava irritada. — Por favor, eu gostaria de falar com o morador, ou os moradores, do apartamento 3.026 — pediu Eve, elevando a voz.

— Vizinho do lado — reparou Peabody. — Bem pensado.

— Um momento, tenente Dallas. A sra. Hargrove encontra-se em casa. Vou verificar se ela aceita recebê-las.

— Sim, faça isso, então. — Eve se virou para Peabody, refletindo em voz alta: — Como é que as pessoas aguentam viver trancadas no alto dessas torres, como formiguinhas em uma colmeia?

— Acho que você quer dizer *abelhinhas* em uma colmeia. As formigas são...

— Não enche, Peabody!

— Sim, senhora.

— A sra. Hargrove aceitou recebê-las, tenente Dallas e auxiliar. Por favor, utilizem o elevador número cinco. Aproveitem sua visita e tenham um excelente dia.

Alicanne Hargrove se mostrou não só disposta a recebê-las como empolgada com o evento —Polícia! - Ela só faltou puxar Eve para dentro do apartamento. — Isso é emocionante! — Houve algum roubo?

— Não, senhora. Gostaríamos de conversar a respeito da sua vizinha, Stefanie Finch.

— Stef? — A animação no belo rosto de Alicanne se desfez - Meu Deus! Está tudo bem com ela, não está? Ela saiu logo de manhã cedo para voar

— Até onde eu sei, ela está ótima — acalmou-a Eve. A senhora e a srta. Finch são amigas?

— Sim, muito amigas. Desculpe, tenente! Por favor, sentem-se e fiquem à vontade.

Ela apontou para a mobília moderna e meio estranha, onde se viam três sofás feitos de material gelatinoso. A primeira coisa que Eve pensou ao vê-los é que eram grandes e moles o bastante para engolir vários animais domésticos de pequeno porte.

— Obrigada, mas não queremos ocupar muito do seu tempo. A senhora saberia me dizer se a srta. Finch está se encontrando socialmente com alguém em especial?

— Homens, a senhora quer dizer? Bem, Stef anda com vários namorados. Tem uma energia inesgotável.

— Alguém chamado Wordsworth?

— Ah, o poeta! Eles estão curtindo um romance virtual. Acho que pretendem se conhecer pessoalmente quando ela voltar desse vôo de hoje, mas isso só será resolvido depois de amanhã, quando ela voltar. Até lá, Stef ficará em Londres. Parece que eles deixaram

um dia pré-agendado para a semana que vem. Drinques no New York Top. Só que, do jeito que Stef troca de namorados, não dá para ter certeza.

— Se ela entrar em contato com a senhora ou voltar antes do programado, peça que ela me ligue. É urgente.

— Um cartão, Peabody.

Peabody pescou um dos cartões de Eve e o entregou.

— E do que se trata, para eu poder avisá-la?

— Simplesmente peça para ela entrar em contato comigo urgente. Obrigada por nos receber.

— Vocês não aceitariam um cafezinho, ou... — Ela correu, apressada, atrás de Eve, que já saía.

— Localize a srta. Finch, Peabody. — Nesse momento o comunicador de Eve tocou. — Dallas falando!

— Tenente. — O rosto confiável de Trueheart encheu a pequena tela. — Acho que temos novidades. Três médicos acabam de entrar no quarto da vítima, inclusive o Dr. Michaels, que chegou correndo.

— Fique ligado, Trueheart, que estou indo para aí.

Como a enfermeira do andar se plantou com determinação diante das portas da UTI, Eve lhe deu sessenta segundos para ela trazer o Dr. Michaels. Ele girou o corpo como um tufão, com seu jaleco branco aberto e uma expressão de aborrecimento.

— Tenente, isto aqui é um hospital, não uma delegacia — informou o médico.

— Pois considere ambos, pelo menos enquanto Monica Cline for sua paciente. Qual o seu estado?

— Ela recuperou a consciência, mas está muito desorientada. Seus sinais vitais melhoraram, mas continuam em terreno perigoso. Ela me parece longe de estar bem.

— Preciso conversar com ela. Sua vida não é a única que está em jogo.

— Mas é a única que está sob meus cuidados. Como os durões sempre se reconhecem, Eve fez que sim com a cabeça.

— Não acha que ela se recuperaria muito mais depressa se soubesse que a pessoa que lhe fez isso está presa, doutor?

— Escute... Não vou promover nenhum interrogatório, nem intimidá-la. Compreendo o estado precário da vítima.

— E eu compreendo a importância da sua investigação, tenente só que essa mulher não é uma ferramenta.

Eve manteve a voz firme.

— Não a considero uma ferramenta, mas aposto que para o homem que a deixou nesse estado ela vale menos que isso.

Para ele Monica Cline não passa de um peão em um jogo de xadrez. Bryna Bankhead e Grace Lutz não tiveram a oportunidade de contar a ninguém o que lhes aconteceu.

O médico viu algo no rosto de Eve que o fez abrir a porta.

— Só a senhora — ele exigiu. — E vou permanecer ao lado da paciente.

— Por mim, tudo bem. Peabody, fique aqui. Uma enfermeira monitorava as máquinas e conversava baixinho com a paciente. Embora Monica não respondesse nada, Eve percebeu que ela ouvia alguma coisa. Seus olhos se moviam de um lado para outro, como se tentasse entender que sala envidraçada era aquela. Ela piscou ao focar Eve, olhou além e pousou os olhos no rosto do dr. Michaels.

— Estou tão cansada... — Foi tudo o que disse, com a voz frágil como um beija-flor.

— Você precisa repousar. — O médico deu um passo à frente e colocou a mão sobre a dela, com carinho.

Ao ver esse gesto, Eve sentiu aumentar a confiança e o respeito que sentia por ele. Monica não era apenas uma paciente para o Dr. Michaels. Era uma pessoa.

— Esta aqui é a tenente Dallas. Ela precisa lhe fazer algumas perguntas, Moniqua.

— Mas eu não sei...

— Vou ficar bem aqui, junto de você — garantiu o médico, para tranquilizá-la.

— Srta. Cline. — Eve foi para o outro lado da cama, colocando Moniqua entre ela e o médico. — Sei que você está confusa e exausta, mas qualquer coisa que me contar poderá ser de grande ajuda.

— Não me lembro do que aconteceu.

— Você conheceu pela internet um sujeito chamado Byron.

— Sim. Eu o conheci em um chat sobre poetas do século XIX.

— Você se encontrou com ele ontem à noite para tomar alguns drinques no Royai Bar do Palace Hotel?

As sobrancelhas dela se ergueram e se franziram sobre o rosto pálido como mármore branco.

— Sim. Às... nove e meia. Isso foi ontem à noite?

— Conversamos on-line há várias semanas e... Eu o conheci, sim. Agora me lembro.

— Do que mais você lembra?

— Eu... eu estava meio nervosa no início. Combinávamos muito bem no mundo virtual, mas na vida real a coisa é diferente. Mesmo assim eu fui, porque íamos só tomar uns drinques em um lugar maravilhoso. Se não desse certo, que mal poderia haver? Mas deu certo. Ele era exatamente como eu esperava... Eu sofri algum acidente? Vou morrer?

— Não, você está indo muito bem — assegurou-lhe o médico.  
— Você é muito forte.

— Vocês tomaram drinques — continuou Eve, atraindo a atenção da paciente para si. — Sobre o que foi a conversa?

— Conversa? — O olhar de Moniqua se tornou vago.

— Com Byron. Durante os drinques, ontem à noite.

— Ah, sim... Poesia. E arte. Viagens também. Nós dois gostamos de viajar, mas ele conhece muito mais cidades do que eu. Tomamos champanhe e comemos caviar. Eu nunca havia

experimentado caviar. Acho que meu estômago não aceitou bem a comida- Foi isso que me deixou enjoada.

— Você se sentiu mal no bar do hotel?

— Não, eu... Não, acho que não. Devo ter bebido demais, normalmente eu me policio para não tomar mais de uma dose. Estou lembrando das coisas, agora. Eu me senti estranha, mas foi. Eu estava feliz. Ele era perfeito, tão atraente! Eu o beijei. Não conseguia parar de beijá-lo. Queria ir para um quarto do hotel.

— Normalmente não sou assim. — Seus dedos, enfraquecidos, tentaram puxar o lençol para cima, sem sucesso. — Acho que bebi mais do que devia.

— Você sugeriu que vocês fossem para um quarto do hotel.

— Sim. Ele riu. Não foi um riso de satisfação, mas eu estava tão bêbada que não liguei. Por que eu bebi tanto desse jeito? Então ele me disse: — *Leve-me para sua casa e faremos as coisas sobre as quais poetas escrevem.*

Ela fechou os olhos.

— Frase meio piegas e antiquada, não é? — brincou Monica — Na hora, porém, não me pareceu nada disso. Ele me mandou pagar a conta. Não me senti ofendida nem surpresa, embora o convite para o encontro tivesse partido dele.

Fui ao toalete e só conseguia pensar que ia transar com um homem perfeito. Mal conseguia esperar para colocar as mãos nele. Pegamos um táxi. Paguei a corrida também. Durante a viagem...

Um levíssimo rubor se espalhou pelo seu rosto.

— Devo ter sonhado tudo isso. Só pode ser. Ele cochichou uma coisa obscena em meu ouvido. Algo que queria que fizéssemos. — Ela tornou a abrir os olhos. — Eu pulei em cima dele, dentro do táxi. Não consegui me segurar. Nada disso foi sonho, não é?

— Não, não foi um sonho.

— O que ele me deu para beber? — Ela procurou a mão de Eve e seus dedos tentaram apertá-la, mas apenas estremeceram. — O que

havia naqueles drinques?

Suas mãos começaram a se agitar, descontroladas. Eve a acalmou, apertando suas mãos com cuidado.

— Eu não estava bêbada, não é? Foi mais como ficar hipnotizada.

— Você não estava bêbada, Monica, e não é responsável por nada do que fez. Ele drogou você. Conte-me o que aconteceu quando chegaram ao seu apartamento.

Ela precisa descansar agora — informou o Dr. Michaels, olhando para os monitores e depois para Eve. — Ela já se esforçou demais. A senhora deve sair, tenente.

— Não! — Os dedos de Moniqua tentaram encontrar a mão de Eve—ele me serviu algo que me fez agir assim e aceitar as coisas fez comigo, não é? Isso quase me matou, não foi?

— Quase — concordou Eve. — Só que você é muito mais forte do que ele imaginou. Ajude-me a agarrá-lo. Conte-me o que aconteceu em seu apartamento.

— Estou confusa. Tudo parece vago e desfocado. Ele ligou o som e acendeu velas. As velas que trouxe em sua bolsa junto com outra garrafa de champanhe. Eu não queria beber mais nada, mas ele insistiu. Acabei fazendo tudo o que ele pediu.

Toda vez que ele me tocava eu desejava ser tocada ainda mais. Ele disse que tudo devia ser perfeito... E preparou o cenário.

Eu tive de esperar, mas me senti enjoada. Não quis contar que estava me sentindo mal, pois ele poderia ir embora.

Fui ao banheiro e vomitei na privada. Depois disso eu me senti um pouco melhor, mais estável.

Voltei para o quarto. Ele colocara o champanhe ao lado da cama e havia acendido dezenas de velas. Havia pétalas de rosas espalhadas sobre os lençóis. Pétalas cor-de-rosa, a mesma cor das rosas que ele me enviou para o trabalho há poucos dias. Nunca conheci um homem tão romântico e atencioso.

Lágrimas lhe escorreram pela face.

— Tudo foi tão adorável, comovente e romântico. Eu o amei desde o instante em que entrei no bar e o vi me esperando. Já estava louca e desesperadamente apaixonada por ele ao chegar em casa. Ele me despiu e me disse que eu era linda. Houve muito cuidado e carinho a princípio, foi tudo muito doce e íntimo. Uma fantasia que se tornou real. Depois de um tempo, ele me entregou a taça. Eu disse que não queria mais champanhe, mas ele simplesmente olhou fixamente para mim, mandou que eu bebesse e eu obedeci. A partir daí a gentileza acabou. Ele se tornou violento, como se tivesse enlouquecido. Transformou-se num animal. Eu não podia mais respirar mal conseguia pensar. Tudo me ardia por dentro e meu coração disparou tanto que achei que fosse explodir. Ele me olhava no fundo dos olhos. Lembro dele me olhando fixamente. Ele me mandou fatar seu nome, mas aquele não era o nome dele.

— Que nome era?

— Kevin. Ele me disse que seu nome era Kevin. Então foi como se tudo dentro de mim, minha cabeça e meu corpo explodissem. Tudo parou de se mover de repente. Eu já não conseguia mais me mexer nem ouvir. Era como se tivesse sido enterrada viva. Ela começou a chorar. — Ele me enterrou viva Não, ele não conseguiu isso. — Eve se inclinou antes que o médico conseguisse intervir. — Você está aqui, a salvo e muito viva. Ele nunca mais vai alcançá-la novamente, Monica. Nunca mais vai conseguir tocar em você.

Ela virou o rosto para o lado, arrasada, e suas lágrimas pingaram sobre o travesseiro.

— Eu o deixei entrar em mim.

— Não, nada disso. Ele violentou você. Ele a obrigou.

— Não, fui eu que...

— Ele a forçou — insistiu Eve. — Olhe para mim e escute com atenção. Ele não lhe deu possibilidade de escolha e a estuprou. A

arma que usou foi uma droga, em vez de uma faca ou socos, mas foi uma arma. Espalhar rosas sobre a cama não torna o que ele fez menos criminoso. Só que você o venceu, e eu vou agarrá-lo e trancafiá-lo graças à sua resistência. Conheço alguém com quem você poderá conversar, alguém que a ajudará a superar essa fase.

— Eu não mandei que ele parasse. Não queria que ele parasse.

— Você não é responsável. Isso não teve nada a ver com sexo. Estupro nunca tem nada a ver com sexo, tem a ver com violência. Tudo o que ele queria era controle sobre o seu corpo. Você não conseguiu impedi-lo ontem à noite, mas poderá impedi-lo agora. Não permita que ele continue a controlar você

— Ele me estuprou e me deixou ali para morrer. Quero que ele pague por me fazer isso!

— Deixe essa parte comigo. Eve sentiu um leve enjôo quando saiu da UTI. Para ela era terrível, quase insuportável, entrevistar vítimas de estupro. Ela olhava para as vítimas e via a si mesma.

Ela esperou um momento e segurou o portal com força, para se acalmar.

— Tenente?

Ela esticou as costas e se virou para o Dr. Michaels.

— A senhora soube lidar muito bem com ela. Achei que haveria muitas perguntas e pressão a respeito de detalhes.

— Isso vai acontecer da próxima vez. Vou voltar com meu cassete, que não lembro onde deixei.

Ele abriu um sorriso leve e lento.

— Eu não imaginei que ela conseguisse sobreviver. Em termos médicos, suas chances eram quase inexistentes. É por esses pequenos milagres que minha profissão é tão gratificante. Mesmo assim ela ainda tem uma longa estrada pela frente, física e emocionalmente.

— Por favor, entre em contato com a Dra. Charlotte Mira.

— A Dra. Mira? — Impressionado, ele colocou a cabeça meio de lado.

— Mesmo que ela não possa tratar pessoalmente de Monica, repassará o caso para o melhor terapeuta de estupros que existir. Vocês, médicos, cuidem de lhe trazer de volta a saúde física e emocional. Eu vou trabalhar para lhe trazer justiça.

Ela passou pelas portas, fez sinal para Peabody segui-la e continuou pelo corredor. Queria sair do hospital o mais depressa possível, era quase como se precisasse de ar para respirar.

— Senhora? — Peabody quase correu para acompanhar o ritmo de Eve. — Está tudo bem?

— Ela está viva, conversando, e nos informou o primeiro nome do canalha: Kevin.

— Que bom! Mas eu perguntei de você, Dallas. Está com cara de quem foi açoitada

— Estou bem. — O problema é que eu odeio hospitais — murmurou. — Mantenha o guarda na porta da UTI e monitore a evolução da vítima. Lembre de entrarmos em contato com Mira para que converse com o Dr. Michaels a respeito da terapia que será necessária

— Eu não sabia que Mira atendia pacientes particulares.

— Simplesmente anote isso, para não esquecermos. — Eve continuou com a respiração curta até abrir as portas do hospital e se ver na rua. — Por Deus! Como é que as pessoas aguentam ficar horas num lugar desses? Vou fazer uma ligação pessoal no *tele-link*. Espere aqui um instantinho, OK? Enquanto isso, comunique ao comandante sobre a melhora no estado da vítima e avise que eu lhe enviarei um relatório logo em seguida.

— Sim, senhora. — Veja, há alguns bancos ali adiante. Por que não faz sua ligação sentada em um deles? — *Você está branca como uma vela*, Peabody teve vontade de acrescentar, mas ficou calada.

Eve seguiu até onde Peabody indicara e chegou a uma pequena área verde que se espremia em uma espécie de ilha no meio do estacionamento. Enfim, o que valia era a intenção.

Mesmo assim, Eve gostaria que eles tivessem se lembrado de plantar algo perfumado ali. Queria arrancar o fedor de hospital de dentro do seu corpo.

Não sabia onde poderia encontrar Roarke. Ligou para sua linha particular, mas foi encaminhada para uma caixa postal e desligou. Em seguida, tentou seu escritório no centro, mas quem atendeu foi a assistente.

— Preciso localizá-lo — informou Eve.

— Claro, tenente. Ele está participando de uma conferência holográfica; espere um instante, por favor. Como vai a senhora?

*Vamos lá, pensou Eve. Ser educada, cortês e puxar assuntos eram tarefas das quais sempre se esquecia.*

— Vou muito bem, obrigada. E você, como está, Carol?

— Estou ótima. Mais atarefada do que nunca, agora que o chefe vai comandar tudo, mas estou feliz pelo seu retorno. Vou bipá-lo e avisar que a senhora está na linha.

Enquanto aguardava, Eve ergueu o rosto na direção do sol. Nos hospitais o ar era sempre gelado, refletiu. Um tipo de frio que parecia alcançar os ossos.

— Tenente. — Ela focou a atenção na voz de Roarke e no rosto que apareceu na tela. — O que lhe aconteceu? — ele quis saber.

— Nada. Preciso de um favor.

— Eve... O que houve com você?

— Não houve nada. Estou falando sério. Monica Cline recobrou a consciência e eu acabei de conversar com ela. Ela vai escapar, mas a luta será dura.

— Vai ser duro para você também.

— Sim, eu conheço um pouco do que está passando pela cabeça dela e sei o que ela vai sentir no meio da madrugada. — Balançou a cabeça. — Não foi para isso que liguei, e sei que você está participando de uma reunião holográfica.

— Ela pode esperar. Esse é um dos benefícios de ser o chefe. Em que posso ajudá-la, querida?

— Tenho uma pergunta. Você conseguiria monitorar uma conta comum de e-mail, rastreá-la e bloqueá-la?

— Civis que fazem qualquer uma dessas três coisas violam as leis de privacidade eletrônica e estão sujeitos a multas e prisão.

— Já vi que você conseguiria.

— Ahn... Sua pergunta foi daquelas que responde a si mesma. Ele sorriu para ela. — Quem você quer que eu monitore?

— Stefanie Finch. Ela é um alvo em potencial. Nesse momento ela está em pleno ar, entre os Estados Unidos e a Inglaterra, pilotando um ônibus espacial. Assim que ela pousar lá, quero lhe contar com quem está brincando.

Minha esperança é de que ela me ajude a pegar esses caras, mas não sei como vai reagir, e ela terá muito tempo para entrar em contato com o safado bonitinho antes de eu conseguir controlá-la.

Não posso me arriscar a deixá-la revoltada e assistir de camarote enquanto ela entrega dicas sobre a investigação de bandeja ao seu amiguinho virtual.

— Quer dizer que você deseja bloquear todas as suas transmissões, atividades e acesso à internet?

— Isso mesmo! Não quero que nada escape até ter certeza da sua cooperação e consiga um mandado para filtrar suas transmissões. Além do mais, uma operação desse tipo só pode ter início, oficialmente, depois que ela voltar para Nova York.

— Você sabe o quanto eu fico excitado quando você me pede para contornar a lei e cometer delitos desse tipo.

— Não se esqueça de repetir isso mais tarde, para eu lembrar que me casei com um perverso.

— Com prazer, querida. — Ele abriu um sorriso ao perceber que um pouco de cor voltara ao rosto dela.

— Em quanto tempo você consegue armar isso?

— Estou resolvendo umas coisinhas aqui. É melhor fazer isso de casa, no equipamento sem registro. Daqui a duas horas está bom? Ah, mais uma coisinha, tenente. Será que vão deixar você colocar esse servicinho no meu currículo como consultor civil da polícia?

— Vá lamber sabão!

— Prefiro lamber você, querida.

## Capítulo Quatorze

Quando Eve finalmente conseguiu cercar Theodore McNamara, foi levada rumo à sua sala por uma mulher magra e leve como um passarinho, que não parou de gorjear, com sua voz muito aguda, o quanto a agenda do médico era apertada e de como a entrevista deveria ser rápida.

— O Dr. McNamara não tem tempo para consultas extras hoje. Como sabe, tenente, ele acaba de retornar de uma rodada de consultorias na estação espacial Taurus II.

— Pois agora ele vai participar de uma consultoria muito importante no planeta Terra -rebateu Eve. Só para se divertir, Eve e Peabody apressaram tanto o passo que a mulher quase teve de correr para acompanhá-las, enquanto atravessavam a passarela aérea envidraçada que ligava a sala de McNamara com o prédio principal da J. Forrester.

Do lado de fora um helicóptero descia pela esquerda e pousava no heliporto do hospital anexo.

Eve notou meia dúzia de profissionais esperando pelo transporte que chegava e imaginou que o barulho lá fora devia estar insuportável.

Do lado de dentro da passarela, porém, o ar parecia frio, com um leve perfume floral, e o silêncio reinava.

Pelo visto, o Dr. McNamara desejava se manter desconectado odores e problemas insignificantes daqueles a quem atendia.

A passarela aérea dava em um conjunto de salas e consultorios completamente brancos. Paredes, tapetes, consoles, cadeiras

uniformes dos funcionários, que executavam suas tarefas em silêncio total, eram absolutamente brancos.

Estranho, pensou Eve. Era como entrar em um ambiente inteiramente coberto de neve.

As três mulheres passaram por duas portas, que as detectaram e se abriram para os lados com um *woosh* discreto. Entraram em outro corredor comprido, no fim do qual se agigantavam duas impressionantes portas brancas de vidro. A recepcionista bateu nelas de leve, com temerosa reverência.

As portas se abriram para os lados, mas a mulher permaneceu onde estava.

— A Tenente Dallas e sua auxiliar, Dr. McNamara.

— Sim, sim. Não quero ser interrompido. Entre, tenente. Temos apenas dez minutos, porque meu tempo é valioso.

Ele se sentou atrás de uma mesa que fora instalada diante de uma grande parede de vidro transparente tão densa que mais parecia a muralha de gelo de uma banquisa. A mesa fora instalada sobre uma plataforma três degraus acima do resto da sala, e McNamara olhava lá de cima como uma águia no ninho, analisando os meros mortais.

Seus cabelos eram brancos, lisos, cortados muito curtos, e envolviam sua cabeça como um boné. Seu rosto era comprido, sisudo, dominado por olhos impacientes que observavam tudo sob espessas sobranceiras, igualmente brancas. Seu terno preto transmitia poder e contrastava com o branco frígido do resto da sala.

— Caraca! — cochichou Peabody. — Ele é o grande e poderoso Oz.

— Informe o motivo da sua visita, tenente — ele exigiu. — Sou um homem muito ocupado.

*Que gosta de intimidar as pessoas*, refletiu Eve. Elas não foram dadas a sentar, e, mesmo estando em pé, Eve se viu forçada a olhar para cima afim de encara-lo.

— O senhor teria nos poupado um tempo precioso se tivesse atendido às transmissões que enviamos a Taurus II. — respondeu Eve

— A assessoria que prestava a estação espacial era a minha prioridade. Não sou consultor médico da polícia de Nova York.

— Isso o torna um civil e me autoriza a continuar esta conversa na Central de Polícia, com o auxílio de força, se necessário. Devemos continuar essa disputa ridícula ou o senhor vai cooperar comigo? A escolha é sua.

— A senhora está em minha sala. Isso prova que já estou cooperando.

Irritada, Eve subiu os degraus que levavam ao alto da plataforma e viu a fúria gelada que tomou conta do rosto do médico quando ele se viu forçado a colocar a cabeça para cima, a fim de encarar Eve.

— Peabody, pegue as fotos!

Mesmo correndo o risco de parecer mesquinha, Peabody adorou ver sua tenente esculhambar com a estrutura de poder da sala.

— Sim, tenente — atendeu ela, erguendo o braço para entregar as fotos.

Eve as espalhou sobre a superfície imaculada da mesa.

— Reconhece alguma dessas mulheres, doutor?

— Não.

— Bryna Bankhead, Grace Lutz e Monica Cline. Esses nomes lhe trazem algo à lembrança?

— Não.

— Isso é engraçado, pois os nomes e os rostos dessas mulheres vem aparecendo em todos os noticiários há vários dias.

— Estive fora do planeta, como sabe. — Seu rosto se manteve impassível.

— Os noticiários são transmitidos para a estação Taurus II, doutor.

— Não tenho tempo para fofocas, notícias e outras babozeiras da mídia. Nem para jogos de adivinhação. Agora, srta. Dallas tiver a bondade de me informar sobre o que veio fazer aqui.

— Tenente Dallas, por favor. — O senhor esteve envolvido em projeto de pesquisas em parceria com a J. Forrester e os laboratório Allegany que envolviam experiências com certas substâncias de uso controlado.

— Sim. Estudamos profundamente as disfunções sexuais e infertilidade. A empreitada foi um sucesso — acrescentou Criamos dois medicamentos que se tornaram divisores de águas nessa área.

— Mas o projeto foi cancelado devido a um estouro no orçamento, processos judiciais, rumores de abusos no uso das substâncias estudadas e má conduta sexual dos integrantes da equipe.

— Sua informação é falsa. Esse abuso nunca foi provado. O projeto produziu resultados importantes e terminou simplesmente por ter alcançado sua finalidade.

— Parece que alguém continua testando as substâncias. Duas mulheres foram mortas e uma terceira está em estado grave. Elas receberam doses fatais de substâncias conhecidas popularmente como Vadia e Coelho Louco, e foram combinadas uma com a outra. Alguém tem um bom estoque delas ou meios para fabricá-las.

Drogas feitas para beneficiar a humanidade sempre fazem mal quando utilizadas por mãos erradas. Não é função minha policiar as massas para evitar isso. Esse trabalho é seu.

— Quem na sua equipe poderia ser dono dessas mãos erradas?

— Todos os médicos e técnicos envolvidos no projeto foram escolhidos a dedo e verificados a fundo.

— Mesmo assim, alguém usou as drogas para uso recreativo e criminal. Isso não é fofoca nem baboseira — disse Eve, antes de ele

conseguir interrompê-la. — Esta é uma investigação de assassinato. Sexo e poder são uma combinação tentadora.

— Somos cientistas, não traficantes de sexo.

— Por que os registros do projeto foram lacrados? Por que os acessos de civis contra os laboratórios foram todos arquivados?

— Nenhum caso chegou aos tribunais e nenhuma acusação de má conduta foi comprovada. Portanto, é uma questão de privacidade exigir que registros de ações frívolas e sem base, potencialmente lesivas aos nomes e às reputações dos profissionais ligados ao projeto estejam lacrados. A dignidade dos cientistas deve ser preservada.

Eve empurrou as fotos mais para perto dele.

— Pois a privacidade dessas mulheres foi violada, doutor. E muito! Não lhes sobrou dignidade alguma.

— Isso não me diz respeito.

— O projeto gerou muita grana para os investidores. É preciso muito dinheiro para brincar com essas drogas ilegais. Estou à procura de duas pessoas, dois homens que teriam meios de comprar ou fabricar quantidades grandes dessas drogas. Homens com conhecimento técnico de química e de eletrônica. Homens que consideram mulheres caça fácil e diversão descartável. São predadores sexuais, Dr. McNamara. Quem da sua equipe se encaixa nesse perfil?

— Não posso ajudá-la nisso. Seu problema não tem nada a ver com o projeto e muito menos comigo. Nosso trabalho gerou remédios que modificaram vidas. Não vou admitir que a senhora manche o meu passado ou a minha reputação por incompetência na hora de realizar seu trabalho.

Ele empurrou as fotos de volta para Eve e continuou:

— O mais provável é que essas mulheres tenham pedido e até mesmo encorajado o uso dessas drogas. Qualquer mulher que aceite

se encontrar com um homem que conhece apenas por e-mail está Pedindo que ele a aborde sexualmente.

— Provavelmente elas querem sexo só pelo fato de terem peitos. Eve recolheu as fotos. - Pelo visto o senhor ouviu as baboseiras da mídia, afinal, porque eu não havia mencionado o modo como essas mulheres conheceram seus agressores.

— Seu tempo acabou. — Ele apertou um botão sob a mesa e as Portas da sala se abriram.— Se desejar conversar comigo novamente tenente, entre em contato com meus advogados. Se eu escutar única menção pública ao meu nome, a esta empresa ou ao meu projeto, e julgar que tal menção tem ligação com sua investigação meus advogados é que entrarão em contato com a senhorita

Eve pensou em prendê-lo ali mesmo e depois se defender na justiça quando a bomba estourasse. A imprensa iria adorar o barraco mas o caso acabaria prejudicado pelo escândalo.

— Eu sempre me pergunto por que será que alguns médicos têm tão pouco respeito pela vida humana — comentou Eve com voz firme ao descer da plataforma, enquanto devolvia as fotos a Peabody. — Vamos conversar novamente, doutor — ela informou, ao sair a passos largos segundos antes de as portas se fecharem às suas costas.

— Ele me deu calafrios — disse Peabody. — Um misógino que se julga um semideus.

— E sabe de alguma coisa. É melhor mantermos a bola baixa, não quero sair da linha com ele. Entre em contato com os advogados do poderoso e marque uma entrevista formal na delegacia. Vamos fazer pressão para abrir esses registros lacrados. Volte para a Central e caia dentro dessa burocracia.

— Ele vai reagir.

— Sim, mas vai perder. Nem que seja no fim. Vou trabalhar do meu escritório de casa e lhe passarei os dados que conseguir levantar.

Roarke já estava em casa quando Eve chegou, mas ela manteve fechadas as portas que separavam os escritórios de ambos. Sentou-se à sua mesa e começou a redigir uma série de relatórios. Conhecia o bastante a respeito de política e dos semideuses para saber que devia se proteger de qualquer ação que McNamara pudesse armar contra ela. Homens daquele tipo não mandavam simplesmente os advogados. Eve tinha certeza de que McNamara ou seus agentes iriam a caveira dela junto do comandante, do secretário de Segurança...Suas orelhas já estavam ardendo.

Ela sabia lidar com a pressão, mas não queria que o fogo se espalhasse para fora do círculo do caso ao queimar seu traseiro.

Quando se sentiu satisfeita, transmitiu cópias dos relatórios para todas as partes envolvidas. O passo seguinte seria convencer alguma autoridade a quebrar os lacres dos registros, a fim de usá-los em uma investigação dos vários assassinatos. Era um passo arriscado, e mesmo que o pedido fosse aprovado, a liberação do mandado levaria dias preciosos.

Havia um jeito mais rápido. Ela olhou para a porta que unia o seu escritório ao de Roarke. Além de mais rápidos, os truques de Roarke eram virtualmente invisíveis e indetectáveis.

Ela já havia cruzado essa linha no passado e o faria novamente, se necessário. Por ora, no entanto, iria tentar as vias oficiais.

— Computador! — Com ar distraído, ela massageou a parte de trás do pescoço. — Pesquisar todos os dados disponíveis sobre o Dr. Theodore McNamara e exibí-los no telão.

*Processando... Os dados já estão na tela.*

Ela se ergueu da cadeira, mas continuou trabalhando na tensão dos ombros enquanto lia as informações. O médico tinha oitenta e seis anos, mas obviamente fazia bom uso das técnicas de rejuvenescimento e escultura facial e corporal. Seu currículo e seus dados profissionais eram impressionantes. Ele se casara uma única vez e esse casamento resultou numa única criança — uma filha.

Eve apertou os lábios e refletiu sobre essa informação. Ao ouvir a porta se abrir atrás dela, disse, sem se virar:

— Vemos no telão a imagem de um homem que não tem respeito pelas mulheres e as considera inferiores. Para ser justa, devo acrescentar que considera todos os outros seres humanos inferiores a ele, —tenho uma forte desconfiança de que as mulheres são o ponto mais baixo da sua cadeia de desprezo. Esse sujeito me chamou de "senhorita" — grunhiu

— E sobreviveu para contar a façanha? — Roarke se posicionou atrás dela e começou a lhe massagear a musculatura dos ombros com carinho. Eve teve, como um relâmpago, a percepção de que Roarke possuía alguma habilidade psíquica especial que o fazia sempre mas saguear o ponto certo.

— Normalmente eu encho de porrada sujeitos desse tipo, mas ele tem quase noventa anos. Agora veja só... Um cara como esse gera uma única criança e acaba nascendo um bebê do sexo feminino. Deve ter sido um tremendo desapontamento, não acha?

— Suponho que sim, se ele é o babaca que você acaba de descrever.

— Ah, ele é um babaca, sim, sem sombra de dúvida. Mas tem uma coisa estranha nessa história: se ele não conseguiu um filho, por que não tornou a tentar? E se o problema fosse com a mulher, um caso de baixa fertilidade ou algo assim, existem muitas formas de contornar isso. Mesmo há quarenta ou cinquenta anos já havia formas de se conseguir. A não ser que o esperma dele fosse ralo, quem sabe, com poucos soldados para o trabalho. foi um golpe no ego, já pensou?

— Na condição de homem, eu lhe asseguro que um cara se descobrir incapaz de gerar um filho é barra pesada, muito difícil de aceitar. — Ele passou os lábios de leve sobre os cabelos dela. — Se eu quisesse um filho e estivesse nessa situação, faria tudo o que estivesse ao meu alcance para resolver o problema.

— Testes de fertilidade são muito pessoais e embaraçosos, ainda mais para alguém com um ego tão colossal. — Eve virou a cabeça por sobre o ombro e olhou para Roarke.

— Você perguntou a minha opinião por achar que eu tenho um ego colossal?

— Meu chapa, saiba que daria para enchermos o Madison Square Garden com o seu ego. Só que o seu se manifesta de formas diferentes das desse panaca. Pode ser que isso explique o fato de ele trocado seu foco de atuação e migrado para a área de pesquisa de disfunção sexual e estudos sobre a fertilidade humana. Vamos dar uma olhada na filha dele. Computador, exibir os dados básicos

Sarah Dunwood, filha de Theodore McNamara. *Processando...*

— Para lhe provar o quanto minha natureza é boa — declarou Roarke —, vou ignorar o seu insulto e lhe contar que terminei a tarefa que você me deu. As transmissões de Stefanie Finch estão bloqueadas e serão desviadas para uma conta que acabei de criar para você.

— Eu não pedi para você desviá-las para lugar nenhum.

— Dois serviços pelo preço de um. — Ele girou o corpo de Eve e esmagou com paixão seus lábios contra os dela. As mãos dele lhe agarraram as nádegas, apertaram-nas com força e moldaram o corpo dela de encontro ao dele. — Pronto! Esse foi o meu toque final no trabalho.

Pare de tentar enevoar minhas ideias. Estou em horário de serviço

*Dados acessados... Devo exibi-los no telão ou utilizar o áudio?*

— Telão! — ordenou Eve, no mesmo instante em que Roarke pediu áudio.

*Comandos conflitantes. Sistema em espera*

— Pode parar! — disse Eve, ao sentir que Roarke puxava sua blusa para fora da calça. — Qual é o seu problema, hein?

— Nenhum, querida. — Ele riu quando ela se desvencilhou dele. — Exibir dados no telão Ela tem cinquenta e três anos — observou Eve. — pegadas do pai, passo a passo. Mesmas escolas, mesmo treinamento residência no mesmo hospital. E foi trabalhar direto na área de pesquisas. Um único casamento. Só uma criança.

Cópia exata do pai mas ela conseguiu um filho. E olhe só para a data de nascimento dele. Um ano depois do início do projeto, quando ela já estava casada havia oito anos.

Não me surpreenderia de saber que ela não só trabalhou no projeto como foi parte do estudo.

Eve soltou o ar por entre os dentes, com força, e continuou:

— Que diabos tudo isso tem a ver com assassinatos? Existe uma ligação, eu sei que existe. O marido dela também fazia parte da equipe, mas ele está muito velho para se encaixar na história dos ataques. E o filho é jovem demais. Qual a sua idade? Vinte e um, vinte e dois? E ainda era muito criança quando o projeto alcançou seu auge. Mesmo assim... Computador, acessar todos os dados que existem sobre Lucias Dunwood e exibir o resultado no telão.

*Processando...*

No mesmo instante em que seus dados eram analisados a poucos quarteirões dali, Lucias entrava com toda a calma do mundo na sala de estar de sua casa, mobiliada com muita formalidade. Seu avô raramente fazia visitas pessoais, e nunca por caprichos momentâneos.

Se o rei aparecia, era por algum motivo sério. Só de especular sobre a razão da visita, Lucias sentiu as palmas das mãos ficarem úmidas. Ele as enxugou distraidamente nas calças antes mesmo de colocar os pés na sala, passou-as pelos cabelos ruivos com cachos curtos e pregou na cara um agradável sorriso de boas-vindas.

— Vovô, que surpresa maravilhosa! Nem imaginava que o senhor já tivesse voltado de viagem.

— Cheguei ontem à noite. Onde está Kevin?

— Ora, junto de seus queridos computadores, onde mais? Quer eu lhe prepare algum drinque? Estamos com um scotch de altíssimo nível. Tenho certeza de que o senhor irá aprová-lo.

— Não se trata de uma visita social, Lucias. Quero conversar e com você e com Kevin.

— Claro! — O mesmo suor que umedecera suas mãos trilhou um caminho sinuoso e desceu, gelido, pelas costas. Ele chamou o andróide doméstico e ordenou: — Diga ao sr. Morano que meu avô está aqui e deseja vê-lo.

— Agora mesmo! — acrescentou McNamara.

— Claro. Como foi sua viagem? — Lucias foi até o gabinete em estilo antigo onde ficavam as bebidas. Seu avô podia dispensar o uísque, mas ele precisava de uma boa dose.

— Produtiva. Uma palavra que sua vida não conhece desde que você se formou.

— Com honras, não se esqueça — lembrou Lucias, despejando uma dose de scotch puro em um pesado copo de cristal. — Estou simplesmente tirando um merecido período de folga, depois de muitos anos de estudo. Para falar a verdade, estou desenvolvendo uma pesquisa em meu laboratório pessoal. É um projeto especial. O senhor sabe tudo sobre projetos especiais, vovô, não é verdade?

McNamara desviou os olhos do neto por alguns instantes. O rapaz era um completo desapontamento para ele. Um gravíssimo desapontamento. Ele ajudara a criá-lo, escolhera a dedo o homem que julgava mais adequado para engravidar sua filha. Um homem muito parecido com ele mesmo — inteligente, determinado, forte. E ambicioso.

A incapacidade do casal de conceber um filho fora uma frustração monumental para ele, mas foi o que o ajudou a lançar o projeto- O mesmo projeto que alavancara a sua carreira criara o seu neto. E quase arruinou a sua vida.

Mesmo assim, ele saiu ileso do mar de lama. Seu nome não foi maculado em nenhum momento. Nem nunca seria.

E ele não acalentou e sustentou o menino? Não conseguiu educá-lo, moldá-lo? Não deu a ele todas as oportunidades de refinar e desenvolver a mente privilegiada com a qual nasceu?

Em vez disso, o menino se perdeu. Culpa da sua mãe, pensou McNamara, com ar soturno. Uma fraqueza tipicamente feminina. Ela o paparicou e mimou tanto que estragou o rapaz.

Agora, ele temia que o mesmo menino sobre o qual depositara tantas esperanças pudesse colocar o seu nome, a sua carreira e a sua reputação em perigo.

— O que você anda fazendo, Lucias?

Lucias bebeu o uísque em um só gole e se serviu de outra dose.

— Ainda não estou pronto para falar sobre minhas experiências, vovô, embora possa lhe adiantar que tudo está correndo às mil maravilhas. Como vai a vovó?

— Ela está bem. — Ele aceitou o copo que Lucias lhe ofereceu e analisou o rosto do neto. Viu o que sempre havia visto: uma muralha impenetrável. — Está com saudades suas. Pelo visto, você não teve tempo de visitá-la nem de ligar para ela enquanto eu estive fora.

— Pois é, ando ocupadíssimo! — O uísque começou a fazer efeito. — Vou arranjar um tempinho para ir vê-la, qualquer hora dessas. Olhe, o Kevin chegou!

Ele voltou ao bar para servir um drinque para o amigo e mais um para si mesmo.

— Dr. McNamara, que surpresa maravilhosa!

— Foi exatamente o que eu acabei de dizer. — Lucias entregou o uísque a Kevin. — Não é comum termos o privilégio dessa visita. É tudo, por agora — disse ao andróide e se atirou sobre uma poltrona.

— E então, vovô... Sobre o que vamos conversar?

— Quero ver o seu laboratório — exigiu McNamara.

— Receio que não seja possível. — Lucias tomou mais um gole do scotch. — O senhor sabe como nós, cientistas loucos, nos comportamos com relação aos nossos experimentos. Mantemos o bico calado. Segredo de Estado. Afinal de contas, aprendi a respeito das coisas sacrossantas com o senhor mesmo, vovô, não é verdade?

— Você anda mexendo novamente com drogas ilegais. Não, nada disso. Aprendi a lição, não foi, Kevin?

— Nós dois endemos muito bem nossa lição de vida quando o senhor conseguiu nos enternar discretamente naquela clinica de reabilitação na estação delta ano passado — shhh—bico calado repetiu quase. — Segredo de Estado

— Você está mentindo! — explodiu McNamara, quase voando na direção do neto e derrubando o copo que ele segurava na mão. — Você acha que eu não reconheço os sinais? — Você está usando as drogas novamente. Vocês dois! Estão destruindo suas mentes e seus futuros por uma indulgência temporária que só demonstra fraqueza.

— Esse copo era relíquia de família! — As mãos de Lucias queriam tremer, tanto pela raiva quanto pelo medo interior e a repugnância profunda que a presença de seu avô sempre despertava nele. — O senhor devia demonstrar mais respeito pela família, vovô.

— Quem é você para falar de respeito? A polícia esteve na minha sala, hoje. Fui questionado e recebi uma intimação para interrogatório amanhã. Além disso, deram entrada em uma requisição para que os registros do projeto sejam reabertos.

— O-ô... — Os olhos azuis de Lucias cintilaram, como se ele fosse um garoto incorrigível que acabara de ser pego numa nova travessura, e ele olhou para Kevin. — Isso seria um tremendo escândalo, não é verdade, vovô? Já imaginou, Kevin, ver revelados todos aqueles segredos e grandes paixões que estão por trás da nossa concepção?

— Acho que seria embaraçoso para algumas pessoas — concordou Kevin.

— Certamente. Imagine só... Casais trepando sob a severa supervisão do respeitável Dr. Theodore McNamara. Nada de luz de velas nem música suave para tornar o exercício mais romântico. Nada disso. Apenas um processo clínico movido à base de drogas para o aperfeiçoamento da performance sexual e um único objetivo: nós.

Ele soltou uma gargalhada e tomou de uma vez só o resto do uísque.

— Foi um sucesso estrondoso! — completou.

— Avanços na área médica. Procriação das espécies

— A voz McNamara tremeu de raiva. — Eu imaginei, erroneamente pensei, que vocês dois fossem maduros o suficiente para compreender a importância do programa do qual foram parte.

— Na verdade nós não fomos parte daquilo, certo? — argumentou Lucias. — Fomos parte dos resultados, unicamente. Não nos foi dada escolha sobre o assunto. Muitos dos participantes não tiveram escolha, por falar nisso. Não foi exatamente isso que descobrimos Kevin, ao analisar os velhos arquivos?

— Esses arquivos foram lacrados — espantou-se McNamara.

— Lacres foram feitos para serem quebrados — continuou Lucias. — Do mesmo modo que regras. O senhor quebrou muitas regras, vovô, em nome da ciência. Por que eu e Kevin não poderíamos fazer o mesmo em nome do... entretenimento?

— O que vocês fizeram? — quis saber McNamara.

— Nada que envolva o seu nome.

— Pois o meu nome foi envolvido a partir do momento em que fui convocado para interrogatório. E o nome de vocês também está no fogo, porque as perguntas serão sobre mulheres assassinadas cujos nomes levam a vocês.

— A nós? - Kevin pousou o drinque. — Isso não é possível. Como é que eles poderiam desconfiar...

— Cale a boca! — reagiu Lucias, levantando-se de um pulo.

— O que a polícia disse a nosso respeito? O que foi que o senhor contou a eles?

— Eu me recusei a acreditar. — McNamara se apoiou no encosto de uma poltrona e se forçou a permanecer em pé quando, na verdade, gostaria de se sentar e se deixar afundar. — Vocês assassinaram aquelas mulheres!

— Não seja ridículo. Assassinato? O senhor ficou gagá? Escute aqui, não temos culpa se o senhor se envolveu em algum problema com a polícia e agora... — A ousadia de Lucias foi interrompida porque McNamara o esbofeteou com violência.

— Você me enoja! Depositei tantas esperanças em você, tantos sonhos, e veja só! Você é um inútil, você e seu amigo patético. Tanto alento desperdiçado em jogos idiotas, drogas químicas e a busca desenfreada pelo prazer egoísta.

— O senhor me criou! — Lágrimas quentes de raiva e de humilhação pela bofetada arderam nos olhos de Lucias. — Foi o senhor quem me fez!

— Eu dei a você tudo o que estava ao meu alcance, todas as vantagens, mas nunca foi o bastante.

— O senhor só me deu ordens! Expectativas. Eu o odiei toda a minha vida. Agora eu escolho como viver e não há nada que o senhor possa fazer a respeito.

— Você tem razão. Está certo. Não vou fazer nada, mesmo. Dessa vez não vou limpar suas cagadas. Não vou pagar ninguém para protegê-los, nem vou me sacrificar para servir de escudo. Quando eles chegarem a vocês, e isso vai acontecer, não vou mover uma palha sequer.

— O senhor não deixaria que eles me levassem preso. Sou tudo o que o senhor tem na vida.

— Então, que Deus nos ajude, porque é exatamente isso o que farei.

Mudando de tática, Lucias agarrou McNamara pelo braço e colocou um tom de súplica na voz.

— Vovô, não devíamos estar brigando desse jeito. Eu lhe peço desculpas. Estou irascível devido à estafa. Kevin e eu temos trabalhado demais.

— Trabalhado?! — repetiu McNamara. — Como foi que vocês se transformaram nesses monstros? Tinham o mundo inteiro ao alcance dos dedos.

— Somos cientistas, Dr. McNamara. — Kevin se colocou lado a lado com Lucias. — Foi tudo um equívoco, apenas isso. Houve um acidente.

— Sim, foi um acidente. — Lucias tentou encaminhar o avô a se sentar numa poltrona. — Talvez tenhamos nos deixado levar pela empolgação, mas essas coisas acontecem quando alguém expandir... o alcance da experiência. O senhor certamente compreende isso. Elas eram apenas mulheres. Cobaias, por assim dizer

— Tire suas mãos de mim! Vocês vão enfrentar as conseqüências -do que fizeram, vocês dois! E vão pagar o preço dos seus atos. Se querem ajuda, venham comigo até a polícia, amanhã. Posso providenciar uma equipe de advogados fabulosos. Vamos solicitar um estudo psiquiátrico.

— Não somos loucos! O senhor permitiria que eles nos trancafiassem? Sua própria carne e sangue? — Ele pulou, esbarrou na mesinha lateral e caiu sobre o avô, derrubando-o. O lindo abajur de antiguidade de valor incalculável que ficava sobre a mesinha, tombou e se quebrou, explodindo em milhares de cacos. Enfurecido McNamara empurrou Lucias para o lado e tentou se levantar.

— Durante anos eu tentei não ver o que vocês eram. Eu me permiti enxergar vocês dois como aquilo que eu sabia que ambos poderiam ser. — Ele conseguiu erguer o corpo um pouco e apoiou a mão no braço da poltrona.

— O que nós fizemos não é nem um pouco diferente do que o senhor fez há menos de uma geração. — Lucias passou a mão, trêmula, sobre os lábios. O senhor aplicou doses de diversas substâncias em cobaias humanas, algumas vezes com o consentimento delas, mas outras vezes sem elas saberem, tudo com o propósito de estudar a copulação e a concepção. O senhor fez isso pelo interesse que tinha na procriação, é o que diz. Pois nós fazemos a mesma coisa pelo interesse que temos na diversão. E com mais estilo.

— Vocês mataram pessoas!

— Um rato de laboratório não passa disso. É um sacrifício aceitável.

Agora era uma sensação de horror que parecia apertar a garganta de McNamara.

— Vocês destruíram suas vidas. Vou até a polícia contar tudo. Vocês dois não passam de uma experiência que deu errado. Com um grito de fúria, Lucias pegou a base do abajur que quebrara e a usou como um taco de beisebol. Somos homens! Homens! — O sangue espirrou sobre a poltrona -e pelo tapete quando McNamara tombou de lado e ergueu o braço com esforço, tentando se defender. — Eles vão nos mandar para a cadeia. Para a cadeia, seu velho canalha! — Lucias se levantou gritou como um alucinado, golpeando o avô sem parar até o velho se largar sobre o chão, imóvel. — Não vou para a cadeia por culpa da sua falta de visão!

Muito ofegante, Lucias deu um passo atrás e atirou a base ensanguentada do abajur para longe dali.

— Por Deus, Lucias. — A voz de Kevin parecia um sussurro quase reverente. — Ele está morto?

O rosto de McNamara ficara coberto de sangue e sua boca parecia retorcida de choque. Lucias, com a respiração ainda curta e muito ofegante, agachou-se ao lado do avô e tomou sua pulsação.

— Não, ainda não. — Colocando-se de cócoras, ele se obrigou a pensar. — Mas vai morrer. Tem que morrer! Ele nos entregaria à polícia sem pestanejar, como se não fôssemos nada.

Embora também respirasse com dificuldade, Kevin concordou com a cabeça.

— Não podemos permitir que isso aconteça — afirmou.

— Vamos acabar o que começamos. — Lucias se colocou em pé, com cuidado. — Mas não aqui. Precisamos levá-lo para fora desta casa. É preciso fazer parecer que foi um assalto.

— Você... Eu nunca vi algo assim acontecer...

— Fiz um favor a nós dois. — Olhando para o avô caído, Lucias deu um tapinha no braço de Kevin. Sentiu-se novamente no controle da situação. Viu-se com o controle completo de tudo, talvez pela primeira vez na vida. — Ele deixou de ser útil e se tornou um perigo para nós. Vamos tirá-lo da equação.

— Isso tinha de ser feito. Mas, por Deus... Nunca vi tanto sangue.

— Se vai passar mal, corra lá para dentro e resolva o seu problema

— Nada disso, não vou passar mal. — Ele não conseguia para de o olhar. — É que tanto sangue assim é algo... fascinante. Nas vezes, com as mulheres, tudo aconteceu de forma quase suave isto...

— Ele umedeceu os lábios com a língua, e seu rosto estava muito pálido e brilhante ao olhar para o amigo. — Qual a sensação? Quando você o atingiu, como foi? O que você sentiu?

Lucias pensou durante alguns segundos, antes de responder. Suas mãos gosmentas de sangue estavam firmes agora. Sua mente já se aclarava.

— Foi poderoso — explicou. — Muito poderoso. Energizante.

— Quero experimentar.

— Vamos acabar com ele juntos, então. Mas não aqui — Lucias olhou para o relógio de pulso. — Precisamos trabalhar depressa.

Tenho um encontro logo mais.

Até que não levou muito tempo, considerando a situação.

Foi só trazer o carro do avô para dentro da garagem. Por hábito e pelo exercício de orgulho ou de controle, o Dr. McNamara sempre dirigia o próprio carro e ia sozinho a toda parte. Pois não conseguiria chegar sozinho ao seu destino final, pensou Lucias. Com ajuda de Kevin, embrulhou o corpo nu do avô em um plástico e o jogou na mala do carro.

— Ele pode ter comentado com alguém que vinha aqui — lembrou Kevin.

— Provavelmente não. Ele odiava dar satisfações sobre assuntos pessoais.

— Nem para sua avó?

— Muito menos para ela. — Lucias jogou no porta-malas uma sacola com as roupas do avô e seus objetos de uso pessoal. — Ele não se daria ao trabalho de avisar a vovó do seu destino, nem passaria pela cabeça dela perguntar os planos dele. Vamos nessa ele fechou a mala do carro e esfregou as mãos de empolgação.

— Você reprogramou o andróide?

— Claro. Não haverá registro de visita alguma.

— Excelente. O computador já informou o local mais indicado para nosso objetivo. Siga-me no seu carro. Resolveremos o problema e depois o largaremos lá, junto com a sacola. Você viu se ela está com peso suficiente?

— Sim. A sacola vai afundar como uma pedra até o fundo do rio.

— E o corpo não. Perfeito. Depois, tacamos fogo no carro e voltamos para casa. Ainda vou ter tempo de sobra para me preparar para o encontro de hoje à noite.

— Você é um cara frio e controlado, Lucias. Sempre admirei isso em você.

— Obrigado. Bem, vamos logo com isso! Vamos bater um recorde hoje. Dois crimes perfeitos em uma única noite. Mas vou querer ficar com os pontos extras pelo primeiro crime também.

— Não posso contestar isso. — Kevin deu um tapa forte, mas amigável, no ombro de Lucias.

Esse menino é mais limpo que um vestido de noiva — comentou Eve, analisando os dados de Lucias. — Isso o torna um andróide ou um... como é mesmo o termo que Mavis usa? Esquizofrênico. Nada de castigos nem problemas na escola, nem uma multa de trânsito sequer. Ele seguiu direitinho a tradição da família, sem nunca sair da linha.

— É por isso que o nome é "tradição de família" — explicou Roarke. — Eu às vezes me pergunto... Qual será nossa tradição de família, querida? Algo ligado ao crime, é claro, mas de que lado da linhã?

Eve nem se deu ao trabalho de olhar para Roarke.

Ele mora aqui na cidade. Vou arrumar um tempinho para conversar com ele. Esse rapaz gosta de nadar em dinheiro, e isso é um ponto a considerar. E também tem conhecimentos de química.

— É um jovem bonito, muito atraente — comentou Roark apontando com a cabeça para a imagem na tela. — Isto é... jovem modo de dizer, pois ele mal largou as fraldas e se formou há menos de um ano.

— Vou verificá-lo. Pretendo usar isso para tornar seu avô pouco mais acessível.

— Ele deixou você revoltada.

— Ah, deixou mesmo! Agora é a minha vez de deixá-lo puto da vida, ainda mais quando conseguir autorização para acessar o arquivos lacrados.

— Posso resolver isso para você.

— Não, você já fez um bloqueio de sistema não autorizado e ilegal. Prefiro deixar o mínimo possível de marcas negras no caso.

— O bloqueio talvez salve uma vida, isso não é marca negra. E posso conseguir alguns dados dos arquivos lacrados por meios absolutamente legais. Basta uma ligação para uma fonte minha nos laboratórios Allegany e eu lhe consigo muitos nomes.

— Só com uma ligação?

— Umazinha.

— Então faça logo isso.

— Tudo bem, mas por um preço. Como reconhecia muito bem o brilho que surgiu nos olhos dele, Eve estreitou os dela.

— Sai dessa lama, seu mané! Não vou pagar por informações com sexo.

— Considere isso um bônus para a nossa dupla — sugeriu ele, empurrando-a sobre a poltrona reclinável.

Ao acabar de pagar a dívida, os ouvidos de Eve zumbiam e o resto de tensão nas suas fibras musculares havia se derretido e sumido.

Parecia que seus ossos também haviam se liquefeito por completo conforme ela descobriu ao tentar se colocar em pé.

Usava apenas as botas e, no pescoço, o diamante que um dia ele lhe dera

— Se você não tivesse seguido a carreira policial, teria muito fazendo filmes pornô, querida. Isso é um elogio. Por Deus, Eve você é uma obra de arte.

— Nem pense em partir para uma segunda rodada. Quero os dados que você me prometeu, meu chapa.

— Trato é trato. — Ele se levantou com agilidade, vestindo apenas um sorriso. — Por que não pede uma refeição especial para saborearmos? — sugeriu, caminhando em direção à sua sala. — Estou morrendo de fome.

Eve olhou para a bunda dele. *Isso é que é uma obra de arte.*, pensou. Se não estivesse de serviço, correria atrás dele, o derrubaria

no chão e enterraria os dentes naquela bunda musculosa da mais alta qualidade.

Em vez disso, contentou-se em morder um cheeseburger, que programou no AutoChef.

Inclinando-se com calma, começou a catar suas roupas pelo chão.

— Pense rápido! — disse ele.

Empinando o corpo, com os braços cheios, ela viu o robe que ele lhe lançou vindo pelo ar até bater no seu rosto.

— Quero que você fique confortável — disse ele. — Mais uma coisa, querida. Sirva-me um cálice de vinho, sim?

## Capítulo Quinze

Roarke não teria escolhido um cheeseburger, principalmente para acompanhar o Savignon Blanc, safra de '55 mas o cardápio estava por conta de Eve naquele dia.

— Por que não me falou sobre esse cara antes? — quis saber ela. Ele observou com atenção enquanto ela balançava o saleiro sem parar, temperando as batatas fritas.

— Você tem tirado a pressão ultimamente?

— Responda à pergunta.

— Como você ia fazer malabarismos com um monte de nomes ao mesmo tempo, peguei esse antes dos outros, para ajudá-la. Além disso, era previsível que Stiles estivesse mais disposto a cooperar comigo do que com você. Como eu esperava, ele demonstrou um pouco da rabugice de sempre, mas pesquisou vários nomes em seus arquivos e em suas memórias. Você terá todos os dados quando terminarmos de consumir essa deliciosa refeição adolescente. — Quer mais alguns anezinhos de cebola?

— Você confia nele?

— Plenamente, sim. Stiles transformou em arte a capacidade desagradável, mas por baixo do seu exterior rude existe um interior igualmente rude, mas bondoso.

— Você iria gostar dele. Obviamente, Roarke gostava, e Eve confiava nos instintos dele—O que preciso é de nomes dos participantes da equipe que se envolveram demais com as experiências. Gente que possa ter levado algumas das substâncias para casa, e também pessoas das famílias, amigos e sócios.

— Foi o que eu expliquei a ele. Relaxe, tenente, ou você vai acabar tendo uma indigestão. - Ele viu quando ela pegou um punhado de anéis de cebola. — Embora talvez isso aconteça de qualquer jeito.

— Você está de mau humor porque eu não pedi costeletas de cordeiro nem nada sofisticado. Os assassinatos estão ligados ao projeto. É uma questão de lógica. Só preciso descobrir a fonte do suprimento e a intenção. Não dá para comprar essas drogas ilegais nas ruas. Derivativos, sim; clones diluídos, talvez; mas não o material puro.

Ela levantou o cálice de vinho, analisou o líquido claro com tons dourados que havia ali dentro e continuou:

— É igual a esse troço aqui. Não dá para ir à vendinha da esquina nem à loja de conveniência do posto e comprar uma garrafa desse vinho. É possível encontrar substitutos de qualidade inferior, marcas vagabundas e baratas, mas para comprar o vinho gostoso, metido a besta, você precisa de um fornecedor de alta classe, além de vastos recursos financeiros.

— Ou ser dono do vinhedo.

— Exatamente... Ou ser dono do vinhedo — concordou ela. — Se você é o dono, pode beber do vinho como se fosse água. Os nossos assassinos não aceitam substitutos. Estão acima das pessoas e merecem o melhor. As melhores drogas ilegais, os melhores vinhos, as melhores roupas. E as companhias femininas. As mulheres, para eles, são uma mercadoria como outra qualquer.

— Eles possuem os meios para satisfazer qualquer vício comentou Roarke. — Não acha provável que eles tenham se colocado num estado de total indulgência?

— Certamente, ainda mais se analisarmos as porcentagens e probabilidades de lucro. Mas tem mais coisa por trás disso já que são dois caras. Aqui, entram em cena o trabalho de equipe, a competição

e a mútua dependência. O primeiro aprontou uma cagada federal logo no princípio. Não estava com a cabeça feita para aceitar um assassinato e entrou em pânico. Mas isso elevou o nível de perigo do jogo. O segundo cara não quis que o amigo ficasse à frente dele. Possui índole violenta e não teve medo de enfrentar seu lado escuro. Ele até curtiu. Então, voltamos ao primeiro jogador, e ele estragou tudo novamente. A mulher sobreviveu e ele está perdendo o jogo.

— Você já descartou a possibilidade de personalidade múltipla?

— Mesmo que pinte algo nessa linha, estamos lidando com duas pessoas. Estou mais inclinada a seguir a via direta. Dois estilos, dois assassinos. Será que alguém da lista tem dois filhos? Talvez sejam irmãos. Isso faria sentido. Também podem ser amigos de infância. — Ela desviou a atenção para Roarke. — Garotos que cresceram juntos. E como se fossem irmãos, certo?

Roarke pensou em Mick.

— Sim. Talvez até mais que irmãos, pois você não tem a dinâmica familiar nem os antagonismos para atrapalhar o relacionamento. No caso de Mick, Brian e o resto do grupo, em Dublin, éramos uma família que nós mesmos construímos, e não uma na qual nascemos e que nos foi imposta. Essa é uma ligação poderosíssima.\*

— Muito bem. Agora, me explique uma coisa sob o ponto de vista dos homens, que são figuras que, pensam na maior parte do tempo, com a cabeça de baixo.

— Isso é um insulto. Eu só penso com a cabeça de baixo vinte e cinco por cento do tempo.

— Pois tente convencer alguém que você não tenha acabado de pregar na poltrona reclinável.

— Garanto que isso não precisou de muito planejamento nem de reflexão... — Qual foi mesmo a pergunta?

— Os homens atacam qualquer mulher, se tiverem chance, certo?

— Sim. Temos orgulho disso.

— Não falei para ofender. Sei que é assim que a máquina masculina funciona. Só que quando os homens, em geral, têm oportunidade de escolha, mesmo em fantasia, a tendência é preferirem um tipo de mulher específica. Geralmente essa fantasia ou esse tipo são baseados em uma figura feminina que foi ou que é importante para eles. Um tipo que se assemelhe a essa figura ou se oponha a ela.

— Nesse caso, supondo que você esteja eliminando a química básica, a emoção e a construção do relacionamento, não há como

— Sim, e é assim que ele as atrai. Moldando-se para se adaptar às suas fantasias. Mas eu aposto que as mulheres que ele seleciona buscam o tipo de homem que ele é ou parece ser, na superfície. Assim ele não precisa mudar muita coisa. Por que deveria? Afinal, ele é o dono do jogo. Vou pesquisar algumas probabilidades.

Roarke ouviu o sinal que o computador de sua sala emitiu, avisando sobre a chegada de novos arquivos.

— Deve ser Stiles. Vou transferir os dados para você.

— Obrigada. — Eve olhou para o relógio de pulso. — Nove e quinze da noite — anunciou. — Está quase na hora do encontro.

O nome dela era Melissa Kotter, nascida no estado de Nebraska, a típica garota do interior que trocara a roça pelas luzes brilhantes cidade grande. Alimentava esperanças de ser atriz, como acontecia com milhares de jovens que chegavam a Nova York a cada ano. Desejava ser uma atriz séria, é claro — e pretendia se manter fiel a sua arte e trazer novas nuances aos papéis clássicos das grandes atrizes que haviam brilhado sobre os palcos do passado, antes dela .

Enquanto esperava pelo seu momento de glória na Broadway trabalhava como garçoneiro, fazia testes e aceitava qualquer trabalho'

que aparecesse. Esse era, na sua opinião, o jeito pelo qual todos grandes astros haviam começado suas carreiras.

Com vinte e um anos, era extremamente otimista e inocente Além de sonhadora. Servia mesas com uma alegria incansável e seu jeitinho interiorano lhe garantia tantas gorjetas quanto a rapidez dos seus serviços.

Era loura, tinha olhos azuis e compleição delicada.

Muito sociável, Melissa fez várias amizades em curto espaço de tempo. E sempre buscava mais amigos, curti novos assuntos e experiências.

Adorava Nova York com a paixão de um novo amante. Nos seis meses desde que se mudara para a cidade, o seu deslumbramento não diminuía nem um milímetro.

Melissa contara sobre o encontro daquela noite à vizinha do outro lado do corredor, Wanda, e rira da preocupação da amiga. As notícias sobre as mulheres assassinadas não tinham nada a ver com ela. Afinal, o próprio Sebastian conversara com ela a respeito e havia avisado que compreenderia e aceitaria numa boa se ela não se sentisse à vontade para conhecê-lo naquela noite.

Como Melissa disse a Wanda, é claro que ele nem tocaria no assunto se fosse um sujeito perigoso.

Sebastian era um homem maravilhoso. Inteligente, erudito, empolgante. Completamente diferente dos rapazes da terra de Melissa. A maioria deles não saberia a diferença entre Chaucer e Chesterfield. Sebastian, porém, conhecia tudo sobre poesia e peças de teatro. Já visitara o planeta inteiro e assistira a apresentações importantes em todos os grandes teatros existentes.

Melissa havia lido e relido as mensagens dele até conhecê-las de cor. Ninguém conseguiria escrever tantas coisas lindas sem ser maravilhoso

E eles iriam se encontrar no Jean-Luc's, um dos clubes noturnos exclusivos da cidade.

Ela confeccionara a própria roupa, inspirada em um vestido usado pela famosa Helena Grey ao receber o Tony de melhor atriz, o ano anterior. O tecido do maravilhoso longo azul-marinho era sintético, e não seda pura, mas tinha um caimento fantástico. Para combinar, Melissa usaria os brincos de pérola que sua avó lhe dera no dia em que completara vinte e um anos, em novembro do ano anterior. Ao vê-los em suas orelhas, ninguém conseguiria dizer que não eram verdadeiros.

Os sapatos e a bolsa ela conseguira em uma liquidação da Macys.

Ela girou o corpo, pisando miudinho e sorrindo.

— Que tal estou?

— Maravilhosa, Mel, mas eu preferia que você não fosse a esse encontro.

— Deixe de ser negativa, Wanda! Não vai me acontecer nada de mal.

Wanda mordeu o lábio inferior. Olhava para Melissa e via uma ovelhinha ingênua que balia alegremente rumo ao matadouro.

— Acho melhor eu ligar para o trabalho avisando que estou doente. Vou ficar em casa esperando você voltar.

— Não seja boba! Você precisa do dinheiro. Vamos lá, vá se aprontar para o trabalho. — Melissa passou o braço sobre os ombros da amiga e encaminhou-a até a porta. — Se isso a fizer se sentir elhor, posso ligar para você assim que chegar em casa.

— Promete?

— Palavra de bandeirante. Acho que vou pedir um martini, sempre quis experimentar um.

— O que você acha mais sofisticado: gim ou vodca? Vodca — ela decidiu, antes de Wanda ter tempo de responder. — Vou pedir uma vodca com martíni seco e uma fatia de limão.

— Ligue para mim no instante em que colocar os pés em casa e não o traga para cá, não importa o que aconteça.

— Não vou fazer isso. — Melissa foi girando até chegar às escadas. — Deseje-me sorte.

— Claro que eu desejo, mas tome cuidado. Melissa desceu correndo os três lances de escada, sentindo-se glamourosa. Cumprimentou todos os vizinhos em voz alta enquanto descia e fez uma pose sexy ao ouvir o uivo brincalhão do sr Tidings, do 102. Ao chegar à calçada as suas faces estavam brilhantes e rosadas.

Ela pensou em pegar um táxi, mas como tinha mais tempo que dinheiro, achou melhor ir de metrô até a parte norte da cidade.

Juntando-se às multidões na plataforma, cantarolava baixinho, na expectativa de uma noite maravilhosa. Espremeu o corpo para entrar no vagão e viajou em pé, esmagada entre as pessoas.

As multidões não a incomodavam, ela adorava aquilo. Se não estivesse tão ocupada revendo mentalmente o script que preparara para o encontro com Sebastian, teria puxado conversa com algum dos passageiros à sua volta.

Ela só costumava se sentir tímida e sem assunto nos primeiros encontros com rapazes. Mas tinha certeza de que não aconteceria nada disso com Sebastian.

Era como se eles tivessem sido feitos um para o outro.

Quando o trem deu uma freada abrupta e as luzes diminuíram, quase se apagando, ela foi atirada com violência sobre um rapaz negro e muito musculoso que se postara ao seu lado.

— Desculpe — pediu ela.

— Tudo bem, boneca, tem muito espaço aqui para você se apoiar.

— O que será que aconteceu? — Ela tentava olhar por entre as pessoas e acima delas, para ver se a luz de emergência se acendera.

— Tem sempre alguma retenção nesses trens que vão do centro o norte. Não sei por que eles não ampliam as linhas. — Ele a olhou de cima a baixo. — Você vai a um encontro, acertei?

— Vou, sim. Tomara que o trem não fique parado muito tempo senão vou me atrasar. Detesto chegar atrasada aos lugares.

— Aposto que o carinha não vai se incomodar de esperar por você.

De repente, o rosto amigável que a fitava nos olhos se tornou duro e frio, e o coração de Melissa deu um pulo e quase lhe saiu pela garganta.

— Qual é, meu irmão, tire esses dedos da bolsa da garota, senão vou parti-los em mil pedacinhos!

Melissa Kotter deu um pulo, puxou a bolsa mais para junto do corpo e a apertou de encontro à barriga. Olhou para trás e viu de relance um sujeito baixinho vestindo um casaco surrado abrindo caminho entre as pessoas.

— Puxa, obrigada! Às vezes eu me esqueço de ser cuidadosa.

— Fique ligada e mantenha a bolsa sempre colada ao corpo.

— Sim, vou fazer isso. Obrigada, viu? Meu nome é Melissa. Melissa Kotter.

— Bruno Biggs. Todo mundo me chama de Biggs, porque eu sou realmente grandalhão.

Durante os dez minutos de espera até o tráfego melhorar na linha, Melissa bateu papo com o estranho. Descobriu que ele trabalhava como operário em construções. Ritz era o nome de sua esposa e eles tinham um filhinho ainda bebê que todos chamavam de B. J., que significava Bruno Júnior. Quando finalmente o trem chegou à estação onde Melissa e Biggs iriam saltar, ela informou a ele o nome do restaurante onde trabalhava e o convidou para ir jantar lá um dia, com a família. Quando as pessoas começaram a jorrar em massa para fora do vagão, ela lançou um aceno de despedida e se deixou levar pela correnteza humana.

Bruno reparou que ela tentava correr por entre as pessoas com a bolsa novamente atirada para trás, de forma descuidada. Balançou a cabeça e forçou passagem para sair do vagão segundos antes de as

portas se fecharem Melissa se livrou da massa humana e subiu as escadas correndo.

Ia acabar se atrasando, a não ser que corresse os três quarteirões que faltavam. Pensando em fazer exatamente isso, lançou-se de forma descuidada em direção à esquina. Algo a atingiu por trás, pela parte baixa das costas, e a atirou longe. A alça da bolsa arrebentou, mas ela ainda conseguiu dar um grito curto ao cair junto do meio fio ouviram-se freadas bruscas, muitos gritos e ela sentiu uma dor forte e penetrante no instante em que caiu de cara sobre o asfalto.

E ouviu o som de algo que quebrou.

Srta. Kotter? Melissa! — Bruno se agachou junto dela Por Deus, boneca, acho que você acabou de ser atingida por um veículo. Salvei isso aqui para você — disse ele, sacudindo sua bolsa.

— Eu... eu me esqueci de olhar para os dois lados.

— Tudo bem, tudo bem. Quer que eu chame uma ambulância? Você está machucada?

— Não sei... meu braço está doendo muito.

Ela quebrou o braço na queda.

— Isso salvou sua vida.

Oitocentos e sessenta e oito nomes. — Eve massageou o nariz de cima a baixo. Não vai ser nada fácil.

— Isso sem incluir o pessoal da manutenção e os funcionários ligados apenas à parte administrativa — informou Roarke.

— Por ora vai ter que servir. Vamos focar aqueles que sua fonte informou que foram repreendidos, em algum momento, por usar as drogas para diversão pessoal. Também quero os que ele disse que foram citados em algum processo. Mas vamos precisar investigar a lista toda. Vamos dividi-los por grupos — área médica, administrativa, técnicos de TI e laboratoristas. Depois, quero juntá-los por faixa etária, separar os que têm famílias e analisar as datas de

nascimento dos filhos. Depois, vou analisar os que foram demitidos durante o desenvolvimento do projeto.

Ela olhou para Roarke com um brilho nos olhos.

— Fui rebaixado para organizador de listas eletrônicas? Você conseguiria fazer isso mais depressa do que eu. Certamente, só que...

— Sei... Isso tem um preço. Tarado! — Ela avaliou a situação e seu rosto se iluminou. -Tive uma ideia. Vamos fazer uma troca justa. Você escolhe onde quer me dar uma mãozinha nisso e eu retribuo com conselhos práticos sobre qualquer negócio que suas empresas estejam agitando nesse instante. Ele empalideceu um pouco.

— Querida, é adorável sua oferta de ajuda, mas eu não me sentiria bem alugando seu tempo valioso e afastando você do trabalho policial, que é tão importante.

— Covarde.

— Pode apostar que sim.

— Vamos lá, pode me testar. Qual o grande negócio que você está fechando esta semana?

— Bem, tenho vários pratos sendo preparados ao mesmo tempo. — Roarke enfiou as mãos nos bolsos e tentou descobrir em qual projeto ou negociação Eve poderia dar palpites causando o mínimo de danos colaterais.

Nesse instante, o *tele-link* da mesa dela tocou.

— Salvo pelo gongo! — disse ele, aliviado.

— Hã-hã... Vamos voltar a esse trato — ela avisou

— Sinceramente, espero que não.

— Dallas falando.

— Tenente Dallas? Aqui fala Stefanie Finch. A senhora andou me procurando?

— Isso mesmo. Onde você está?

— Acabei de pousar em Nova York. Duas escalas do meu vôo foram canceladas. Em que posso ajudá-la?

— Precisamos ter uma conversa, srta. Finch. É um assunto importante. Estarei na sua casa em vinte minutos.

— Ei, escute, eu acabei de chegar! Por que não me diz sobre o que é esse assunto urgente?

— Vinte minutos — repetiu Eve. — Fique ligada. Ela desligou na cara de Stefanie, que já ensaiava um xingamento, e pegou sua arma e o coldre.

— Por acaso você é o dono da InterCommuter Air? Roarke analisava dados que apareciam na tela e não olhou para trás.

— Não. A frota deles é velha e me custaria entre um bilhão e um bilhão e meio de dólares para consertá-la ou substituí-la. Estão operando no vermelho há mais de três anos. O serviço de bordo ineficiente está se transformando em um pesadelo para o serviço de relações públicas da companhia. Eles vão afundar em um ano, um ano e meio no máximo. — Ele olhou para Eve. — Nesse momento é que eu pretendo comprar a empresa.

— Quer dizer que você espera até a companhia cair mortinha da silva? — Ela apertou os lábios. — Boa estratégia, mas isso acaba com a minha ideia de levar o patrão comigo para fazer pressão nela. Tudo bem, eu carrego Peabody. A farda sempre dá um toque especial. — Foi saindo do quarto.

— Concordo. Esse roupão que você está vestindo também vai ser um sucesso, mas não se esqueça de calçar as botas.

Eve franziu o cenho e olhou para si mesma: —Merda! — Agarrou as botas e foi embora. — Te vejo depois.

Stefanie nem se deu ao trabalho de fingir estar feliz. Abriu a porta com uma cara feia e duas pedras na mão.

— Identifique-se! — exigiu. Eve abriu o distintivo e o manteve na altura dos olhos dela, que o analisou com atenção.

— Já ouvi falar de você. A tira que fisgou Roarke. Bom trabalho-

— Puxa, obrigada. Pode deixar que eu conto a ele sobre seu comentário.

— Qual é a dessa garota de farda? — Ela apontou para Peabody-

— Minha auxiliar. Podemos entrar, Stefanie, ou você prefere conversar em pé, aqui no corredor? Stefanie deu um passo atrás e fechou a porta depois de elas entrarem.

— Acabei de ter dois vôos lucrativos com escalas cancelados; meu sindicato está propondo uma greve que vai me deixar em terra por muito tempo; o ônibus espacial que eles me dão para pilotar devia estar no ferro velho há muito tempo e minha intuição me diz que vou perder o emprego em menos de um ano.

— Ele nunca erra — murmurou Eve.

— Estou com uma tira na minha cola desde a Europa e, por conta de tudo isso, estou putíssima da vida, tenente. Se esse papo tem a ver com o meu ex, que é um tremendo canalha, só tenho uma coisa a declarar: não tenho nada a ver com isso.

— Não vim aqui por causa do seu ex-marido canalha. Você anda trocando mensagens pela internet com um indivíduo que afirma se chamar Wordsworth?

— Como é que você sabe? E-mails são assunto pessoal.

— O indivíduo que chama a si mesmo Wordsworth é suspeito de duas mortes e de uma tentativa de assassinato. Como é que a gente fica? Quer dançar a rumba da violação de privacidade ou vamos começar a falar sério?

— Ah, você só pode estar brincando comigo!

— Peabody, olhe para mim. Estou exibindo minha cara de humorista?

— Não senhora, tenente.

— Agora que já esclarecemos muitas coisas, podemos nos sentar?

— Marquei um encontro com esse cara para amanhã à tarde — informou Stefanie, cruzando os braços com força, como se sentisse frio

— Quando vi que os dois vãos da minha agenda haviam sido cancelados, troquei alguns e-mails com ele do aeroporto, em Londres. Ele sugeriu um piquenique no Greenpeace Park, amanhã à tarde.

— A que horas?

— Uma.

*Mudança de padrão*, pensou Eve. *Ele está aumentando os riscos mais uma vez.*

— Sente-se, Stefanie.

— Tem certeza do que me contou, tenente? — Stefanie se sentou, olhando fixamente para Eve. — Tá... Pela sua cara, já vi que tem certeza absoluta. Puxa, agora eu fiquei sem graça. Estou me sentindo a maior idiota do planeta.

— Mas continua viva — animou-a Eve. — Vou cuidar para que permaneça assim. Descreva esse tal de Wordsworth para mim.

— Fisicamente, eu não faço a mínima ideia de como ele é. Sei que é um negociante internacional de arte. Curte ópera, balé e poesia. Eu estava à procura de um cara de classe, porque meu ex tem QI de ameba. Se o assunto não fosse futebol americano, nem valeria a pena gastar saliva com ele. Sustentei o inútil durante os últimos seis meses em que estivemos juntos. Paguei fiança para tirá-lo da cadeia em duas ocasiões, por bebedeira e vandalismo, e então ele...

Stefanie parou de falar.

— Dá para notar que eu continuo com muita bronca dele, não é? Bem, o fato é que comecei a buscar um homem que fosse exatamente o oposto do canalha. Alguém com classe, com cérebro, que fizesse mais do que grunhir quando queria outra cerveja. Precisava trazer um pouco de romance para a minha vida, entende?

— E Wordsworth usou as palavras certas para atrair seu interesse.

— Bingo! Se o cara é bom demais para ser verdade, provavelmente é uma furada. Acho que me esqueci dessa regra. Puxa... Mas um piquenique no parque, no meio da tarde? Achei que isso era um programa seguro. Além do mais, sei me defender — acrescentou. Já fiz musculação, levantamento de peso e sou faixa preta de jiu-jítsu. Duvido que ele me derrubasse.

Eve a olhou de cima a baixo e concordou. Em condições normais, ela conseguiria se defender numa boa.

— Ele planeja drogar você com uma substância ilegal fortíssima.

Você o traria para a sua casa porque iria se achar dona da situação. Ele iria acender velas, colocar música romântica e lhe oferecer um pouco mais de vinho com a droga dentro. Depois, espalharia pétalas de rosas cor-de-rosa sobre a sua cama.

— Mas que papo é esse?! — Ela ficou pálida. — Eu não acredito!

— Você nem mesmo desconfiaria que era um estupro, na hora em que estivesse acontecendo, e faria tudo o que ele mandasse. Quando ele dissolvesse a segunda droga na sua bebida, você pularia em cima dele. Com o organismo saturado, seus sistemas iriam pipocar. Você sofreria uma parada cardíaca e nem saberia que já estava morta.

— Você quer me apavorar? — Stefanie se levantou e começou a andar de um lado para outro. — Se é isso, está se saindo muito bem.

— Pois é exatamente o que eu quero: apavorar você. Esse é o plano completo do assassino, e é exatamente o que pode vir a acontecer amanhã à tarde. Só que não vai acontecer, porque você vai fazer exatamente o que eu determinar.

Stefanie se deixou cair lentamente, sentando-se na poltrona.

— Ele não sabe onde eu moro, não é? Diga que ele não sabe onde eu moro.

— Provavelmente sabe. Passou um bom tempo observando seus passos. Você tem recebido flores ultimamente?

— Por Deus, não! Rosas cor-de-rosa. O filho da puta me mandou rosas cor-de-rosa ontem para a sede da companhia, em Londres. Eu as trouxe para casa, estão no quarto.

— Quer que eu me livre delas para você, srta. Finch? — perguntou Peabody.

— Jogue-as no reciclador de lixo agora mesmo, por favor. — Stefanie passou as mãos sobre o rosto. — Nossa, estou tremendo. Pilotei aquela ratoeira de um lado a outro do Atlântico numa boa e agora estou aqui, tremendo por causa de flores. Estava toda empolgada com o encontro de amanhã. Imaginei que fosse dar início a um relacionamento legal, agradável. O canalha do meu ex-marido começando a parecer um príncipe encantado a cada segundo que passa

— Não entre em contato com ninguém, nem comente coisa alguma a respeito disso tudo. Pelo que diz respeito a Wordsworth você vai se encontrar com ele amanhã. Vocês ficaram de se comunicar para confirmar o encontro?

— Só se fosse para cancelar. Eu deveria avisar a ele até o meio dia, caso precisasse cancelar o piquenique.

— Fique em pé um instantinho.

Quando Stefanie obedeceu, Eve também se levantou e deu voltas em torno dela analisando seu peso e sua altura.

— É, acho que vai dar para brincarmos do jogo do disfarce. Quando acabarmos aqui, você poderá escolher o que deseja fazer: pode pegar o que quiser e eu a levo para um lugar seguro, a fim de passar a noite. Se preferir ficar em casa, coloco dois guardas para vigiá-la a noite toda. De um modo ou de outro, você vai poder dormir bem.

— Ah, sim... Vou dormir como um bebê a noite toda — debochou ela.

Eve não era a única a fazer hora extra. McNab estava em uma missão particular. Entornara duas garrafas de batida preparada em casa e o revestimento do seu estômago ardia muito. Mas ele não estava bêbado. Havia parado pouco antes de se sentir bêbado, porque queria estar de cabeça limpa quando quebrasse a carinha delicada de Charles Monroe.

Sem sequer desconfiar que se tornara alvo de um detetive eletrônico ciumento e ligeiramente desorientado, Charles mordiscava os nós dos dedos de Louise. Os dois compartilhavam uma ceia no apartamento dele, apesar de já ser tarde.

— Obrigado por aceitar se encontrar comigo tão tarde da noite, Louise.

— Nós dois temos agendas com horários estranhos. O vinho está excelente. — Ela tomou um gole. — A comida também está maravilhosa. E gostei muito da sua casa. Foi melhor do que irmos a um restaurante.

— Queria você só para mim. Desejei você apenas para mim o tempo todo.

— Eu já lhe disse que não tenho muita sorte com relacionamento, Charles. — Ela se levantou e caminhou devagar até as janelas.

— Sou focada demais no meu trabalho, muito determinada, e nunca consegui me dedicar a nenhum relacionamento que tive a atenção que ele precisava... e merecia.

— Pois eu acho que sua sorte está prestes a mudar. — Charles girou o corpo dela, colocando-a de frente para si. — A minha já mudou. Louise... — Ele abaixou a cabeça, roçou os lábios de leve sobre os dela, uma única vez, puxou-a para perto e acariciou-a de leve. Giraram lentamente, como se dançassem, e ele aprofundou o beijo no instante em que os braços dela o envolveram. Ele a apertou ainda mais junto do corpo quando a percebeu trêmula.

— Venha para a cama comigo — sussurrou ele. — Deixe-me tocar você por inteiro.

A cabeça dela tombou para trás enquanto a boca dele deixava uma trilha de beijos ao longo de sua garganta.

— Espere... Por favor, espere, Charles. — Ela se afastou de leve.

— Pensei muito a respeito disso. Nossa, passei um tempão refletindo sobre o assunto o dia inteiro, desde a noite passada. Na verdade, desde a primeira vez em que vi você eu não parei mais de pensar, meu problema é refletir demais a respeito das coisas.

Ela se afastou um pouco dele, pois precisava da distância. Existe uma atração grande —ela continuou. — Não sinto uma atração tão intensa desde que... Acho que nunca senti — confessou. — Mas não vou para a cama com você. Não posso.

— Ele manteve os olhos nos dela e concordou com a cabeça, lentamente Eu compreendo. É difícil para você a ideia de ter intimidade comigo.

— Difícil? — Ela riu de leve. — Não, difícil não é exatamente a palavra Não precisa se explicar. Sei quem eu sou.

— Quem você é? — Ela balançou a cabeça, sem entender

— Acompanhantes licenciados geralmente não têm muita sorte com relacionamentos. Aliás, geralmente nós nem mesmo temos relacionamentos verdadeiros.

— Como assim? — Ela ergueu a mão. — Você acha que eu não quero ir para a cama pelo fato de você ser um profissional do sexo? Charles, isso é um insulto para nós dois.

Ele foi até a mesa e pegou sua taça de vinho.

— Estou confuso — disse ele.

— Não quero ir para a cama com você agora porque as coisas estão acontecendo rápido demais. Porque acho que o que sinto por você é muito maior do que simples atração física, e gostaria de ter mais tempo para descobrir se é isso mesmo, antes de ir em frente.

Queria desacelerar o processo um pouco, passar mais tempo conhecendo você e deixando que você me conheça. Nem estaria aqui neste momento se a sua profissão representasse um problema para mim. E se você acha que eu sou mesquinha desse jeito e possuo uma mente tão estreita a ponto de...

— Eu poderia muito bem me apaixonar por você — declarou ele. Isso a fez perder a voz na mesma hora, pois o jeito calmo com que a frase foi dita a deixou sem ar.

— Eu sei. Por Deus, eu sei. Acontece o mesmo comigo, e isso me apavora um pouco.

Ótimo, porque isso me apavora *muito*. — Ele voltou até onde ela estava e ergueu sua mão.

— Podemos ir mais devagar» então. — Ele beijou-lhe a mão. Depois o pulso. Puxando-a novamente para perto, roçou os lábios sobre a testa dela e foi descendo pelo seu rosto.

— Isso é o que você chama de ir mais devagar? — A pulsação dela acelerou.

— Então vamos mais depressa do que isso, se você preferir. — Ele puxou o rosto dela na direção do dele e completou: — Confie em mim, sou um profissional.

No instante em que ela riu, a campainha tocou.

— Espere dez segundos, que é o tempo que vou levar para me livrar de quem quer que seja. Guarde meu lugar.

Assim que Charles abriu a porta, McNab o empurrou, obrigando-o a recuar um passo.

— Muito bem, seu filho da puta, vamos sair na porrada!

— Detetive...

— Quem diabos você pensa que é? — McNab tornou a empurrá-lo. — Acha que pode tratá-la desse jeito? Esfregar a primeira saia que aparece na cara dela?

— Detetive, é melhor não tornar a colocar as mãos em mim.

— Ah, é? — *Talvez a segunda garrafa não tivesse sido uma ideia tão boa*, pensou McNab, vagamente, mas não se deu por achado e ergueu os punhos. — Vamos tentar esses aqui, então, em vez das mãos.

— Detetive McNab. — Com toda a calma do mundo, Louise se colocou no meio deles. — Obviamente você está aborrecido com alguma coisa. Talvez seja melhor se sentar um pouco.

— Dra. Dimatto. — Aturdido, McNab abaixou os punhos. — Não vi que você estava aqui.

— Charles, por que não prepara um café forte? Ian... É Ian o seu nome, certo? Vamos nos sentar.

— Desculpe-me, doutora, mas não quero café nenhum, muito menos sentar. Vim aqui só para dar umas porradas nele. — E cutucou o peito de Charles por cima do ombro dela. — Sinto muito que você esteja no meio, porque eu a admiro muito, mas tenho assuntos a tratar com esse filho da puta.

— Imagino que isso tenha relação com Delia — disse Charles.

Quando Charles saiu detrás de Louise, McNab saiu da frente

— Acertou em cheio! Então você acha que só porque levou Peabody à porra da ópera e a restaurantes grãfinos tem o direito de jogá-la de lado assim que aparece alguém mais interessante?

— Mas eu não fiz isso. Delia significa muito para mim. Vendo tudo ficar vermelho à sua frente, McNab desferiu um golpe. Seu punho acertou o alvo, e a cabeça de Charles foi lançada para trás com o impacto. Logo se seguiu um curto de direita que lhe acertou a barriga, antes de Charles ter tempo de revidar.

Quando os dois começaram a circular em volta um do outro como pugilistas, com os punhos cerrados, Louise saiu da sala. Já rolavam no chão, suando e trocando tabefes, entre grunhidos, quando ela voltou. E derramou um balde de gelo inteiro sobre os dois.

— Agora já chega! — anunciou ela, atirando o balde vazio no chão e colocando as mãos abertas sobre os quadris. Os dois olharam para ela, boquiabertos de choque e frio. — Você devia ter vergonha, Charles. Os dois, aliás! Brigando por uma mulher como se ela fosse um suculento pedaço de carne. Se acham que Peabody iria apreciar uma coisa dessas, vocês estão muitíssimo enganados. Levantem-se, vamos!

— Ele não tem o direito de magoá-la — começou McNab.

— Mas eu não magoaria Delia por nada neste mundo. E se isso aconteceu, farei tudo o que puder para compensá-la. — Charles ajeitou o cabelo, que se despenteara um pouco. Estava começando a sacar o que estava acontecendo e disse, olhando para McNab:

— Pelo amor de Deus, sua besta... Você já contou a Delia o quanto está apaixonado por ela?

— E quem foi que disse que eu estou apaixonado? — O rosto ferido de McNab ficou incrivelmente pálido. — Estou apenas tentando...

— Ah, cale a boca! Se Peabody quer rolar entre os lençóis em sua companhia, enquanto você corre atrás de um monte de rabos de saia por aí, isso é problema dela. Só que a doutora não é uma cliente

— Isso mesmo, ela não é uma cliente.

— Então!... Ninguém tem o direito de sacanear Peabody desse jeito

— Escute, detetive, agora eu entendi — disse Charles. — Você parece estar com a impressão errada de que Delia e eu já...

— Simplesmente aconteceu, Ian — Louise interrompeu, falando depressa e lançando um olhar de advertência para Charles.

— Ninguém planejou nada. Sinto muito ser responsável por essa situação

— Não estou culpando você, doutora.

— Mas eu sou culpada. Charles e eu queríamos... queríamos a chance de construir algo juntos. Você entende isso?

— Então Peabody está fora do páreo?

— Sinto muito. — Começando a perceber tudo, Charles se levantou. — Espero que ela compreenda a situação e torço para continuarmos sendo bons amigos. Ela é uma mulher maravilhosa, é mais do que eu mereço.

— Quanto a isso você acertou, cara.

Encharcado, todo dolorido e muito enjoado, McNab fez um esforço para se levantar e completou:

— E melhor você arrumar um jeito de acertar as coisas com ela.

— Eu arrumo. Dou-lhe minha palavra. Vou pegar uma toalha para você.

— Não preciso de toalha nenhuma!

— Então escute o meu conselho: o caminho está livre, veja se não pisa na bola.

— Tá legal... — McNab foi embora com ar determinado, mas sua saída dramática foi prejudicada pelas botas com amortecimento a ar, que guinchavam com barulho de água.

— Ora, ora... — Charles soltou o ar com força pela boca. — isso foi muito interessante.

— Fique quieto — ordenou Louise. — Seu lábio está sangrando. Enquanto ela enxugava o sangue com um pedaço de algodão, ele virou a cabeça de lado. Estou encharcado.

— Sim, eu sei.

— E ele me acertou as costelas em cheio.

— Vou dar uma olhada. Venha comigo. Vamos tirar essa roupa molhada e fazer alguns curativos. Dessa vez é a profissional — avisou ela

— Adoro brincar de médico. Louise... — interrompeu-a, obrigando-a a se virar e olhar para ele. — Delia e eu... Ela é muito especial para mim, de verdade. Só que nós nunca dormimos juntos

— Sim, eu percebi isso. — Ela passou os dedos de leve sobre o rosto dele, roxo. — Não acredito que você quase tenha contado isso a

Ian.

— Acho que meu cérebro ainda estava chacoalhando solto, depois de ter levado aquele soco bem no meio da cara. Eu e Delia somos amigos — acrescentou. — Delia é a melhor amiga que eu já tive em toda a minha vida.

— E você acabou de fazer um lindo favor a ela. Vamos lá, venha com a dra. Louise. — Ela passou o braço em torno da cintura dele. — Não foi lindo o jeito com que ele veio até aqui só para defendê-la?

— Sim, foi muito legal. — Charles massageou o queixo e viu algumas estrelas. — Primeiro ele acha que estou dormindo com ela e fica puto. Depois, pensa que eu deixei de dormir com ela, fica ainda mais puto e vem até aqui para me dar um soco na cara. Sim, muito legal esse sujeito.

— Tudo é questão do ângulo pelo qual você analisa a situação. Agora, tire a roupa. A primeira consulta é por conta da casa.

## Capítulo Dezesseis

Eve ficou mais um pouco no corredor do lado de fora do apartamento de Stefanie Finch, para colocar os pensamentos em ordem. O verão estava chegando. Dava para sentir o mormaço no ar.

— Você acha que vai chover, Peabody? A ajudante de Eve cheirou o ar

— Não, senhora, mas a umidade está aumentando. Parece que o tempo vai ficar pesado e quente amanhã.

— Em mais de um sentido, mas não quero que uma tempestade estrague as coisas.

— Dallas, se nós o atacarmos direto amanhã, sem uma isca, pode ser que não consigamos acusá-lo de nada, a não ser de posse de drogas, isso mesmo se ele levar alguma droga.

— Ele vai levar, sim. E nós teremos uma isca.

Peabody olhou para o prédio de onde elas tinham acabado de sair.

— Mas você não combinou nada sobre Stefanie manter a data e a hora do encontro.

— Não é ela quem vai se encontrar com ele. Sou eu.

— Você? — Balançando a cabeça, Peabody analisou Eve de cima a baixo. — Se ele está seguindo o padrão das outras vezes sabe tudo sobre Stefanie, e você não se parece nem um pouco com ela. Vocês duas têm mais ou menos a mesma altura, mas o tom de pele é diferente, as feições não têm nada a ver e ela é mais peituda. Sem querer ofender.

— À uma hora da tarde de amanhã eu vou estar tão parecida com Stefanie que ele vai morder a isca. Vou chamar Mavis para me

ajudar na transformação.

— Uau! — Peabody se empolgou. — Isso vai ser o máximo!

— Fácil para você dizer isso, porque não vai ter de aturar os esporras de Mavis e de Trina por eu não ter feito minhas sobancelhas ultimamente, nem usado o creme para levantar a bunda, ou algo desse tipo. Aposto que vou ter de concordar em me submeter a um tratamento completo depois da operação policial — completou, com um claro tom de amargura na voz.

— Eu admiro um verdadeiro soldado que se sacrifica pela causa, senhora.

— Arranque esse sorrisinho da cara, policial.

— Arrancando, senhora...

— Temos cerca de... — ela olhou para o relógio de pulso — ...Quatorze horas para armar esse circo. Vá embora, vá descansar. Durma um pouco. Quero você em meu escritório de casa às seis da manhã, em ponto. Vá trabalhar à paisana. Entre em contato com Feeney e McNab. Atualize-os sobre tudo o que está rolando. Vou ligar para a casa do comandante. Aposto que é a mulher dele quem vai atender.

Eve entrou no carro, se sentou atrás do volante, acionou o piloto automático e se preparou para ir embora dali. O motor ligou sozinho, mas morreu logo depois.

Ela se recostou e olhou com raiva para o painel.

— Isso não é justo! Sou uma oficial da polícia com uma alta patente — reclamou ela, aplicando um golpe no painel com a base

— Eu mereço uma porcaria de um veículo oficial confiável.

Computador, rodar o diagnóstico sobre os problemas com o piloto automático-

*O uso não autorizado de um veículo oficial é violação passível de punição de um a cinco anos de prisão, além de multa de cinco mil dólares americanos. Se não está autorizado a utilizar este veículo, por favor, saia imediatamente. Se possui autorização, identifique-se. Caso não proceda*

*conforme indicado, todas as portas e vidros serão automaticamente trancados e a viatura móvel mais próxima será notificada.*

Uma névoa vermelha de fúria impediu Eve de enxergar direito.

— Você quer que eu me identifique? Pois eu vou me identificar, seu diabo dos infernos! Meu nome é tenente Eve Dallas, autorização veicular código Zero-Cinco-Zero-Seis-Um-C de Carlos. Estou armada, sou muito perigosa e em menos de cinco segundos vou sacar minha arma e destruir todos os seus circuitos.

*Qualquer tentativa de vandalizar este veículo resultará em...*

— Calado, calado, calado! Feche o bico e verifique a porra da identidade.

*Processando... Sua identificação e seus códigos estão corretos, tenente Eve Dallas.*

— Que gracinha! Agora faça uma varredura imediatamente e informe o diagnóstico dos problemas encontrados.

*Processando... O piloto automático deste veículo está passando por problemas de sistema. Deseja notificar o setor de manutenção neste fomento?*

— Não, quero ir pessoalmente até o setor de manutenção explodir a sala e mandar todo mundo para o inferno. E não venha me dizer que isso resultará em aplicação de multa ou em prisão porque vai valer a pena. Religar sistema manual!

O motor rangeu, mas tornou a ligar. O ar-condicionado zumbiu e começou a funcionar, enchendo a cabine com um ar gélido

— Desligar o controle de temperatura.

*Processando... O controle de temperatura está passando por problemas técnicos no momento. Deseja notificar a manutenção a respeito deste problema específico?*

— Ah, vá à merda! — disse Eve, e arriou todos os vidros.

Saiu da vaga a toda a velocidade e, como não confiava no *tele-link* do painel, ligou para o comandante do seu aparelho pessoal.

Quem atendeu foi a Sra. Whitney, mostrando-se perfeitamente arrumada e muito aborrecida.

— Desculpe incomodá-la em casa a esta hora, sra. Whitney, mas preciso falar com o comandante.

— Já passa das onze da noite, tenente. Isso não pode esperar até amanhã de manhã?

— Não, senhora, não pode.

— Um momento, por favor — pediu ela, com leve rispidez, colocando Eve em modo de espera, com direito a ouvir uma musiquinha irritante. Eve bufou ao perceber os violinos dolentes e as flautas pastorais enquanto dirigia com uma mão só pelo tráfego infernal de Manhattan à noite.

— Whitney falando.

— Desculpe ligar para a sua casa, comandante, mas tivemos sucesso em um ponto da investigação.

— Estou sempre pronto para ouvir boas notícias.

— Acabei de voltar da residência de Stefanie Finch, com quem conversei. Ela marcou um encontro com o suspeito para amanhã, às treze horas, no Greenpeace Park.

— Ele passou a agir de dia?

— Pelo visto, sim, senhor, e o perfil se encaixa. Ele está aumentando os riscos. Stefanie Finch vai cooperar conosco. Concordou em permanecer dentro de casa. Coloquei dois guardas para ficar ao lado dela, vinte e quatro horas por dia. A não ser que o suspeito seja avisado pela vítima até o meio-dia de amanhã, vai manter o horário combinado. Vou me preparar para ir me encontrar com ele no lugar dela.

— Existem semelhanças físicas entre vocês duas?

— Temos praticamente o mesmo peso e altura. Vou providenciar o resto. Ainda há alguns dados para avaliar, mas conseguirei manter o disfarce até ele me oferecer a droga. No

instante em que colocar a bebida na minha mão, comandante, colocaremos a tampa no seu caixão.

— Do que vai precisar para essa operação, Dallas?

— Seis policiais à paisana, além da minha equipe completa colocada em áreas estratégicas. Prepararei alguns diagramas hoje à noite para determinar os lugares com precisão. Estarei com microfone e câmeras instalados em mim e ligados o tempo todo. Preciso de Feeney e do ajudante eletrônico que ele escolher para ficar de tocaia. Apoio adicional por terra e ar seria aconselhável, para o caso de ele escapar. Gostaria de selecionar o resto da equipe e fazer a todos uma apresentação completa dos planos para a operação, em minha residência, às oito da manhã. Quero todos em suas posições às onze em ponto.

— Tem minha autorização para tudo isso, Dallas. Escolha seus homens e me mantenha informado. Que diabos é esse barulho aí no fundo?

— Ahn?... Ah, o controle de temperatura do meu carro está enguiçado. Para variar, senhor.

— Pois então notifique o setor de manutenção.

— Sim, senhor — concordou ela, cerrando os dentes.

Assim que chegou em casa, Eve passou pelo seu escritório e no de Roarke.

— Será que você tem como conseguir alguns explosivos?

— Ele ergueu os olhos do trabalho que fazia e pegou a taça de conhaque que estava ao seu lado.

— Provavelmente. Que tipo de explosivo você precisa?

— Qualquer coisa que transforme aquele insulto, aquela abominação estacionada na nossa porta em um milhão de peças tão minúsculas que nunca mais possam ser remontadas.

— Ah!... — Ele girou o conhaque no fundo da taça e tomou um gole. — Problemas com seu veículo novamente, tenente?

— Isso é um risinho de deboche? — A névoa vermelha voltou a embaçar sua visão. — Isso no seu rosto é uma risadinha? Porque se for... — Ela começou a arregaçar as mangas da blusa.

— Humm... Violência! Você sabe o quanto isso me excita. Ela deu um grito curto e puxou os próprios cabelos.

— Querida Eve, por que não deixa que algum dos meus mecânicos cuide dos seus problemas com o carro? Ou, melhor ainda, por que não escolhe um veículo novo em nossa garagem?

— Porque isso seria o mesmo que desistir. Aqueles canalhas da manutenção não vão me derrubar. — Ela bufou de raiva. — Deixa isso pra lá! Mavis e Trina estão chegando para nos visitar. Provavelmente Leonardo virá também, e todos vão passar a noite aqui.

— É uma festa do pijama? Vai rolar alguma briga de travesseiros?

— Você é uma metralhadora giratória que lança várias piadas por minuto. Quer informações atualizadas sobre o caso ou prefere mergulhar em fantasias com mulheres seminuas se atacando com travesseiros

— Tente adivinhar. — Ele lançou um sorriso curto e maroto. Eve se lançou sobre a poltrona e lhe contou as novidades. Roarke pegou Galahad, que passava, sentou-se e acariciou a cabeça do gato enquanto observava Eve.

Ele sabia que ela estava mais do que simplesmente relatando seus planos. Estava refinando-os, verificando possíveis furos e terminando de preparar totalmente toda a operação, enquanto a descrevia desde o início, ambos sabiam o quanto ela era meticulosa na preparação das operações, pois bastava um único fator ou peça mal encaixada para destruir o equilíbrio de tudo.

Quando Eve acabou de contar o plano, Roarke comentou:

— Alguns homens... Pessoas inferiores, é claro... Poderiam não apreciar saber que suas mulheres estão planejando um piquenique

no parque em companhia de outro homem.

— Então, eu prometo lhe trazer um pouco de salada de batata.

— Agora sim! Você disse que Feeney vai escolher um homem para colocar em um veículo que ficará de tocaia. Acho que podemos persuadi-lo a selecionar um civil especialista em consultoria de segurança.

As engrenagens em ação na cabeça de Eve pararam de funcionar abruptamente.

— Esta é uma operação do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York, e não há necessidade de você participar dela, Roarke. Você possui um império para governar, tem seu próprio trabalho.

— Tenho, sim, mas adoro ver você em ação. — Ele coçou a cabeça do gato com seus dedos longos e ágeis, e Galahad ronronou de prazer. — Por que não deixamos Feeney decidir essa parada?

— Sem suborno!

As sobrancelhas dele se ergueram, em sinal de espanto.

— Puxa, tenente, assim você me agride. Se eu fosse um cara desses que se ofendem à toa, talvez não lhe contasse que já selecionei os nomes, cruzei as informações e organizei todos os dados que você pediu.

— Ora, não é mesmo uma mão na roda ter você por perto? Vamos dar uma olhada. — Ela se levantou e foi para o lado de dentro do console. Ele apertou uma única tecla, pôs o gato no chão e puxou sua mulher, colocando-a em seu colo.

— Nada de gracinhas — ordenou ela.

— Quem é que está rindo? — Ele mordiscou o lóbulo da orelha esquerda dela. — Na tela, vemos três listas com participação do projeto que tiveram filhos que possuem atualmente entre vinte e trinta e cinco anos, perfazendo um total de vinte e oito nomes. Acrescentando os irmãos do sexo masculino, os netos e dependentes secundários na mesma faixa etária, teremos mais quinze nomes na lista.

— Isso dá um total de quarenta e três pessoas. Dá para investigar uma por uma.

— Entretanto... — ele beijou a nuca de Eve — refinando, recalculando tudo e levando em consideração os funcionários que foram repreendidos, citados em relatórios internos, morreram ou sofreram processos na Justiça, diminuimos os nomes para dezoito. Suponho que você queira começar sua pesquisa por eles. Tela quatro!

— Continue nesse ritmo e o secretário de Segurança vai lhe oferecer um cargo permanente na polícia.

— Agora você está me deixando apavorado, mas sou forte e vou resistir ao medo.

— Tire os que têm mais de trinta. Aposto que ele tem entre vinte e trinta anos.

Ele fungou com força no pescoço dela e subtraiu os nomes manualmente.

— Ficaram oito — anunciou ele.

— Sim. Vamos começar por eles. Computador, rodar histórico e comparar os dados de todos os indivíduos da tela quatro.

*Processando...*

— Vai levar um ou dois minutos — informou Roarke, e foi subindo do pescoço para o queixo.

— Você não tem autorização para seduzir a investigadora principal do caso a esta altura dos procedimentos.

— Tenho uma vasta experiência em violar a lei. — Seus lábios contraram os dela e se lançaram em um beijo ardente.

— Uau! — exclamou uma voz, deliciada com a cena. — Olha so como eles estão sempre com tesão.

Mavis Freestone estava parada no portal usando botas com saltos plataforma altíssimos, e os canos seguiam por suas pernas, cintilando em tons de rosa-choque tão fortes que só de olhar deixavam as pessoas com olhos rasos d'água. Seus cabelos tingidos

também de rosa-choque, para combinar, pareciam explodir a partir de um pequeno coque instalado no alto da cabeça. Para completar, usava um colante estampado com espirais azuis e cor-de-rosa, que descia formando babadinhos e cobrindo a parte de cima das botas.

Ela distribuiu sorrisos luminosos que se espalhavam a partir de brilhantes encravados nos cantos da sua boca.

Ao lado dela estava Trina, com seus cabelos formando uma elaborada montanha pontuda, preta como carvão, com trinta centímetros de altura. Ao ver Eve e Roarke abraçados, comentou em voz alta:

— Se isso faz parte dos benefícios extras do trabalho de tira, eu também quero um distintivo.

Os dedos de Eve, por instinto, se enterraram nos braços de Roarke.

— Não me abandone — ela sussurrou. — Haja o que houver, não saia daqui.

— Seja forte, querida. Boa-noite, caras damas.

— Leonardo vai passar aqui mais tarde, porque tinha uns lances para resolver — informou Mavis, quase dançando pelo aposento. Summerset disse que nós podíamos subir. Já o avisamos de que vamos aceitar todas as comidinhas que ele oferecer. Trouxemos um monte de produtos para testar em você, Dallas. Isso vai ser mais que demais

— Oba! — O estômago de Eve deu uma cambalhota.

— Onde podemos montar nosso mini salão de beleza ? — Perguntou Trina, analisando Eve de cima a baixo com olhares que faziam a tira durona e marrenta sentir vontade de chorar como bebê desamparado.

— Na minha sala. Essa é uma consulta oficial. *Não* um tratamento de beleza.

— Tanto faz. — Trina formou uma imensa bola cor-de-rosa que explodiu em seu rosto segundos antes de o chiclete que masca va ser

recolhido pela língua, com precisão. — Mostre-me a cara que você deseja ter e deixe o resto por minha conta.

No telão do seu escritório, Eve colocou a foto da carteira de identidade de Stefanie Finch e tentou não gritar quando Trina tocou em seu rosto com as duas mãos. As quais, por sinal, exibiam unhas de três centímetros de comprimento pintadas em tom de azul-safira.

— Hum-humm... — analisou Trina. — Você sabia que tintura labial não é crime neste estado? Devia experimentar.

— É que eu ando meio ocupada.

— Você *sempre* anda meio ocupada. E também não está usando o gel para os olhos que eu lhe dei. Será que não dá para tirar um minutinho duas vezes por dia para passá-lo em volta dos olhos? Quer olheiras e pés de galinha? Você é dona do melhor espécime de homem dentro e fora do planeta e quer que ele olhe para a sua cara e veja olheiras e pés de galinha? O que fará quando ele trocar você por uma mulher que arruma tempo para cuidar do rosto?

— Matá-lo.

Isso fez Trina soltar uma gargalhada, que fez brilhar a pequena safira incrustada no seu dente canino esquerdo.

— É mais fácil usar o gel. Vou precisar de uma foto sua. Divida a tela ao meio e coloque uma imagem de cada lado. Pretendo rodar alguns programas de manipulação mórfica, antes de começar a brincar de verdade com a sua cara.

— Claro. — Aproveitando o adiamento da sentença, Eve foi para o computador.

— Croquetes de carne! Supermag! — Mavis se serviu de um salgadinho na bandeja que Summerset trouxe e passava por entre presentes. — Summerset, você é o máximo dos máximos! — elogiou Mavis.

O rosto do mordomo se transformou. Era sempre uma surpresa para Eve, vê-lo sorrir sem que o rosto de arenito se desfizesse em mil pedaços.

— Sirvam-se à vontade, caríssimas. Se desejarem algo em especial, basta chamar. O AutoChef deste aposento está com estoque renovado.

— Você devia ficar aqui para observar a magia — sugeriu Mavis, experimentando mais um croquete. — Vamos transformar Dallas em outra pessoa.

— Isso seria a resposta às minhas preces — afirmou o mordomo, lançando um sorriso curto e ácido como limão na direção de Eve. — Sua oferta é tentadora, senhorita, mas prefiro deixá-las à vontade para trabalhar.

— Summerset é um brincalhão, não é? — comentou Mavis, após sua saída.

— E como! Passo mal de tanto rir quando ele está por perto. Pronto, aqui estão suas imagens lado a lado — disse Eve para Trina. — Preciso verificar outros dados na sala de Roarke. Avisem quando estiverem prontas para me atacar.

Eve seguiu para o escritório ao lado e foi recebida com uma xícara de café.

— Acho que você devia beber um drinque de verdade, mas sei que iria optar pelo café.

— Obrigada. Ela trouxe três frascas cheias de misteriosos instrumentos de tortura. — Eve tomou um longo e tranquilizador gole de café. — Eu devia requisitar um abono para missões de risco, antes de me submeter a isso. — Ela se virou para o telão. — Vamos ver os peixes que você pescou.

Ela se encostou na mesa de Roarke e analisou as imagens e dados, um por um.

— Médicos, advogados, estudantes e engenheiros, refletiu. Escolheu um deles, desempregado e com um passado de pequenos problemas com as leis.

— O assassino não é um trabalhador dedicado — disse para si mesma. — Não é um cara que aguenta encarar um expediente de

oito horas diárias. Precisa de tempo para se dedicar ao seu hobby e possui grana. É um profissional liberal ou então vive de renda. Opa, espere um instante! Computador, ampliar a terceira foto!

Eve se aproximou, ficou diante do rosto que encheu a tela e fitou com interesse os olhos de Kevin Morano.

— Essa foto me diz alguma coisa. Sim, eu conheço esses olhos. Seu nome é... Kevin. Ora, ora, aí está você, Kevin! Vamos ver sua história... Quer dizer que sua mãe trabalhou no projeto? Não há registro de quem é seu pai. Ela era uma executiva na área de relações públicas e montou uma empresa nessa área. Sua firma tem matriz em Londres e filiais em Nova York, Paris e Milão.

Teve um único filho, que nasceu treze meses depois de o projeto ter início. Muito interessante.

O mais interessante de tudo é o fato de uma executiva da área de relações públicas abrir um processo por assédio sexual, retirar todas as queixas seis semanas depois e pedir para o processo ser lacrado e arquivado. E logo depois cair fora com um filho no colo e grana suficiente para abrir uma firma internacional.

Eve olhou por cima do ombro para Roarke.

— Uma mulher que dirige uma firma de relações públicas desse porte precisa manter uma imagem limpa, imaculada, sofisticada.

— Faz sentido.

— Ela esperou a criança nascer e, depois de um pequeno escândalo na empresa em que trabalhava, caiu fora de lá, seguiu em frente com sua vida e montou uma empresa internacional.

— A grana que recebeu de McNamara deve ter sido alta. Eve concordou e especulou:

— Mas por que ela levaria a gravidez adiante? Por que ter a criança?

— Talvez ela desejasse um filho.

— Para quê? Olhe só a educação que ele teve. Começou aos tres anos no maternal, em tempo integral. Sempre frequentou creches e escolas públicas. Depois continuou os estudos em colégios internos. E pode apostar que alguém que não foi a mãe serviu de babá para a criança nos três primeiros anos. É claro que ela não montou sua bem-sucedida empresa internacional ao mesmo tempo que trocava fraldas e levava o bebê para passear de carrinho.

— Algumas mães conseguem fazer isso — garantiu Roarke.

— Não sei como! Mas se ela estava a fim de curtir o bebê, não se livraria do filho antes mesmo de ele largar o babador.

— Sim, acho que concordo, embora nossa experiência nesse assunto seja muito limitada. Já que estamos especulando, eu diria que a grana que ela recebeu estava condicionada à gravidez ir até o fim.

— Ele comprou o silêncio dela e um filho ao mesmo tempo — deduziu Eve. — De certo modo, ele garantiu a continuidade do projeto e teve mais um resultado de longo prazo.

Amanhã vou ter uma conversa realmente fascinante com McNamara. Olhe só para o histórico escolar de Kevin Morano. Ele se especializou em computação. Tudo encaixa! Ele é o nosso nerd da área de informática. Preciso das imagens do disco de segurança do arquivo de Moniqua Cline.

Por trás dela, Roarke acessou a imagem dele e a transferiu para a tela, lado a lado com a foto do arquivo.

— Você tem algum bom programa de alterações mórficas?

— Tenho. Sei exatamente o que você quer. Espere um minuto. Assumindo o comando das ações, Roarke tornou a se sentar e pois-se a trabalhar. Começou com o cabelo, copiando o tom de bronzeado do assassino e colocando-o sobre o castanho comum de Kevin. depois ele alterou a forma do rosto, definindo as maçãs do rosto e tornando o queixo mais longo. Por fim, escureceu o tom da pele, dando-lhe um bronzeado profundo.

— Abracadabra! — exclamou Eve, ao ver que as duas imagens se espelhavam na tela. — O problema é que não dá para contar só com isso no tribunal. Os advogados dele farão picadinho do caso baseado em photoshop. Mesmo com o testemunho de Moniqua sobre o nome, eles vão escapar pela tangente. Vão falar que ela estava muito drogada na hora, patati-patatá. Mas eu sei é ele. Os olhos são os mesmos. Ele mudou a cor, mas não consegue mudar a essência do olhar. Porque não há essência nenhuma neles. Não existe humanidade. Copiar e salvar todas as imagens, computador, e colocar dados completos na tela. Quem é você, Kevin?

*Kevin Morano, nascido em 4 de abril de 2037. Cabelos castanhos olhos azuis. Altura: um metro e oitenta. Endereços atuais em Nova York e Londres. Dados profissionais: programador de computadores autônomo. Histórico educacional básico: Escola Preparatória Pré-Escolar Eastbridge. Colégio Mansville. Educação de nível superior: graduado na área de tecnologia, em Harvard, summa cum laude, em 2058. Não tem irmãos. É solteiro. Não possui registros criminais.*

— Vinte e dois anos — observou Eve. — Ele tem apenas vinte e dois anos. O neto de McNamara também tem vinte e dois anos, também frequentou Eastbridge, Mansville e se graduou na área médica em Harvard, *summa cum laude*, em 2058.

— Não tem irmãos — acrescentou. — Mas um passarinho está cantando no meu ouvido que Kevin é irmão dele. Pegue seus dados completos e fotos dele.

Dallas? — chamou Mavis, espiando a cena parada no porta. — Está tudo pronto aqui.

— Aguenta um pouco! — pediu Eve, erguendo a mão no instante em que os dados completos de Lucias rolavam pela tela. Os dois têm praticamente o mesmo peso e altura. Pegue a imagem da pasta de Grace Lutz...

— Tá na tela — avisou Roarke.

— Ele é bom para dissimular as coisas — comentou, quando as imagens apareceram lado a lado. — Consegue disfarçar melhor está por trás dos olhos. Vamos aplicar as modificações mórfi-nele. Lucias não entrega o ouro fácil. É mais esperto, mais confiado e mais seguro de si. É o elemento dominante da dupla.

Quando Trina chegou à porta e se colocou ao lado de Mavis, esta colocou o dedos sobre os lábios e avisou:

— Dallas está trabalhando. A gente fica babando só de olhar.

— Vou conseguir lidar com Kevin amanhã, no piquenique — continuou Eve. — Ah, como vai ser bom! Vou passar o rodo nele, arrastá-lo para interrogatório e apertar suas bolas até elas ficarem roxas. Aposto que ele me entrega o camaradinho de bandeja.

Ela deu um passo para trás, analisou os rostos e refletiu por um instante.

— Eu poderia adiantar as coisas, conseguir um mandado de apreensão e busca e pegá-los hoje à noite mesmo, os dois juntos, chegando de surpresa. Mas se o laboratório não estiver instalado no local e não houver evidência nenhuma dentro de casa, nós os perderemos e eles terão tempo de sobra para se livrar das provas antes que eu consiga localizá-las.

— Mas você tem o DNA obtido com as duas vítimas — lembrou Roarke.

— Pois é, mas não posso forçá-los a fornecer amostras do próprio DNA, a não ser que os acuse de algo concreto, e não dá para montar uma acusação formal só com o que eu tenho. E se eu der uma de esperta e conseguir impressões digitais ou DNA sem autorização deles ou de alguma autoridade, os perco no tribunal. E não pretendo perdê-los. É melhor esperarmos até amanhã — decidiu.

Poderemos pegar os dois com a mão na massa.

— Ela não é ultra? — Mavis perguntou a Trina.

— Concordo, mas é melhor ela colocar logo sua ultrabunda na cadeira, para começarmos a trabalhar.

Eve se virou e seus olhos, que estavam frios e sem expressão, exibiram sinais de medo.

— Olha só... — avisou ela. — O que vocês vão fazer em mim é tudo temporário, ouviram bem? Não quero nada permanente.

— Combinado! — garantiu Trina. — Comece tirando a blusa. Precisamos de peitos maiores.

— Lá vamos nós! — gemeu Eve.

No instante em que Eve recebia um aumento de seios temporário, Peabody atacava uma tigela de sobremesa cremosa sem lactose que algum mago do marketing batizara de Delírio Gelado. Apesar de a calda abundante ser apenas chocolate artificial, era gostosinha. Pelo menos foi a opinião de Peabody, que raspava a tigela.

Ao acabar de comer, foi lavar a tigela correndo, para que ela não estivesse na pia na manhã seguinte como testemunha muda de sua total falta de força de vontade. Quando bateram na porta, ela estava se preparando para ligar o telão e assistir a algum programa curto, antes de cair na cama.

Se fosse novamente um dos vizinhos reclamando de algum barulhento do prédio, ela iria mandá-lo ligar para a polícia. Não estava de serviço, droga, e precisava de, pelo menos, seis horas de sono para encarar o dia seguinte.

Uma olhadinha pelo olho mágico a fez soltar uma exclamação de surpresa. Destrancou a porta, escancarou-a e se viu diante de McNab. Seus lábios pareciam inchados, seu olho direito era uma bola roxa. E ele estava encharcado.

— Que diabos aconteceu com você?

— Foi um... incidente — ele disse, apenas. — Me deixe entrar.

— Tentei ligar para você agora à noite, mas o *tele-link* estava na secretária.

— É que eu estava ocupado. Afinal estou de folga, droga!

— Tudo bem, tudo bem! — Peabody recuou antes que ele resolvesse pular em cima dela. — Temos de nos apresentar às seis da manhã. Conseguimos uma pista boa agora à noite e vamos participar de uma operação especial amanhã. Dallas...

— Não quero ouvir falar de trabalho, pode ser? Amanhã eu serei informado de todos os detalhes dessa bosta de operação especial.

— Você que sabe. — Meio contrariada, ela fechou a porta. — suas botas estão fazendo barulho de água. já sei, você pensa que sou surdo?

— Eu hein? Que bicho te mordeu? — Ela cheirou o ar. —

— Você está fedendo; o que bebeu?

— O que me deu vontade, por quê? Quer parar de me encher o saco?

— Qual é?! Você é que veio bater na minha porta, mais molhado que ralo de chuveiro e mais fedido que chão de botequim. Eu já ia deitar, preciso dormir bem esta noite.

— Ótimo, vá para a cama, então! Nem sei por que tive a ideia de passar aqui. — Ele foi até a porta a passos largos e a abriu com raiva, mas não saiu e tornou a fechá-la. — Fui até o apartamento de Charles Monroe. Saímos na porrada.

— Como é que é?!... — Peabody quase se engasgou. — Você brigou com Charles? Pirou de vez?

— Pode ser que você ache que não existe nada entre nós, mas está enganada. Isso mesmo, enganada! E quando eu vejo Charles esfregando a Doutora Louraça na sua cara, isso me deixa puto dentro das calças. Por mim, isso foi a melhor coisa que poderia lhe acontecer, mas não gostei do jeito como ele jogou você pra escanteio.

— Me jogou pra escanteio? — repetiu ela, atônita.

— Quando um cara quer terminar tudo, deve fazer do jeito certo. Charles vai lhe pedir desculpas.

— Charles vai me pedir desculpas?

— Quem é você, o meu eco?

— Peabody teve de se sentar.

— Foi Charles quem deixou seu olho roxo e abriu seu lábio?

— Trocamos alguns socos. — Ele não mencionou o golpe forte que recebeu no estômago e que quase o fez vomitar a batida caseira na sarjeta, a caminho dali, como um bêbado qualquer. — O rostinho dele também não ficou nem um pouco bonito, pode crer.

— E por que você ficou encharcado desse jeito?

— A Doutora Gostosona Dimatto estava no apartamento dele entornou um balde de água com gelo em cima de nós dois e Ele enfiou as mãos nos bolsos e começou a caminhar de um lado para outro na sala, fazendo barulho com as botas. — Eu terio o . nocauteado se ela não tivesse nos separado. Ele não tinha o direito de maltratar você daquele jeito.

Peabody abriu a boca para explicar que, na verdade, não havia sido maltratada, mas, espertamente, tornou a fechá-la sem dizer nada, porque sua mãe certamente não criara uma filha idiota.

— Não tem importância. — Peabody baixou os olhos exibindo um falso ar de arrasada, com o qual tentou dissimular a alegria que sentia por dentro.

McNab e Charles saindo no tapa por causa dela! Isso era bom demais para ser verdade.

— Uma ova que não tem importância! — reagiu ele. — Se quer saber, acho que ele ficou realmente arrependido, no fim.

— Charles é um cara legal, McNab. Não é o tipo de sujeito que magoa os outros de propósito.

— Mas sacaneou você! — Ele se ajoelhou ao lado dela. — Escute, Peabody, quero que a gente reate.

— Mas nós não estamos separados. Ontem à noite foi ótimo, lembra?

— Ah, mas não estou falando só do rala e rola entre os lençóis. Quero que continuemos do jeito que estamos, só que um pouco diferente.

Meio desconfiada, ela recuou um pouco.

— Diferente como?

— Com exclusividade, desta vez. Além do mais, também podemos... sabe como é... freqüentar lugares sofisticados e coisa e tal.

— Ele não é o único cara do mundo que pode ser elegante e levar você a lugares metidos a besta. Não quero sair com outras pessoas e não quero que você saia com mais ninguém também.

A garganta de Peabody coçou, mas ela teve medo de engolir e se engasgar.

— O que isso significa? Você está me chamando para namorar firme?

O rosto dele ficou vermelho, seus dentes se cerraram e ele se levantou rápido, parecendo impulsionado por uma mola.

— Esquece! Não esquenta! Pode colocar isso por conta do excesso de bebida. — Ele partiu em direção à porta e quase chegou lá.

— Eu topo! — ela gritou, erguendo-se da poltrona. Desejou que seus joelhos estivessem firmes, mas conseguiu se levantar mesmo assim.

— Você topa o quê? — Ele girou o corpo devagar.

— Podemos tentar o que você propôs e ver onde a coisa vai dar.

— Exclusivo? — Ele voltou mais um passo.

— Isso mesmo.

— Como se fôssemos um casal? — Ele deu mais um passo.

— Pode ser.

Quando a viu sorrir, ele se inclinou e a beijou.

— Merda! — Ele recuou na mesma hora, quando uma fisgada insuportável lhe rasgou o lábio. Colocou o dedo no local e viu o

sangue novo que brotava do ferimento. — Você tem algum remédio para eu colocar aqui?

— Claro. — Ela teve vontade de cuidar dele e paparicá-lo como a um cãozinho abandonado. — Deixe-me pegar a caixa de primeiros socorros.

Ao voltar, um boletim que viu na tela chamou sua atenção.

O corpo despido de um homem apareceu boiando no East River e foi recolhido por operários das docas. Embora a polícia ainda não tenha divulgado a causa da morte, a vítima já foi identificada. Trata-se do dr. Theodore McNamara.

— Puta merda! — Peabody deixou a caixa de primeiros socorros cair no chão e correu para pegar o seu *tele-link*

## *Capítulo Dezessete*

O corpo já havia sido removido para o necrotério e a cena do crime fora devidamente isolada quando Eve chegou. Imensos armazéns se apresentavam lado a lado em uma mistura confusa de tijolinhos e concreto, ao longo do espaço entre a via pública e o rio.

Em toda parte via-se o brilho ofuscante das luzes dos veículos da polícia.

Os profissionais da mídia já se acotovavam junto ao cordão de isolamento, como baladeiros de sábado à noite enfileirados na rua à espera de alguém que lhes fornecesse acesso à boate exclusiva da moda. Faziam tumulto, falavam alto e lançavam para o ar, a plenos pulmões, perguntas, especulações e pedidos de entrevista.

Guardas fardados cuidavam de mantê-los afastados, parecendo seguranças que evitavam penetras. A maioria daqueles policiais certamente resistiria bravamente às ofertas, promessas e subornos que a mídia ofereceria em troca de informações valiosas. Eve, porém, sabia que sempre haveria um ou dois que, num momento de fraqueza, passariam informações importantes aos jornalistas, causando o primeiro vazamento do dique.

Aceitando isso como parte do relacionamento natural entre os tiras e a mídia, Eve prendeu o distintivo na jaqueta de couro e forçou a passagem por entre a multidão.

- Dallas! Ei, Dallas! — Nadine Furst a cutucou com o cotovelo
- Qual foi o lance? Por que você foi chamada para vir aqui?
- Qual sua ligação com Theodore McNamara?
- Sou tira. Ele morreu.

— Qual é, Dallas? — Mesmo sob a luz fraca do lugar, Nadine conseguia parecer vivaz e pronta para a câmera. — Você não vai a todo galope para investigar qualquer morte que ocorre na cidade.

Eve lançou um olhar irritado para Nadine.

— Eu nunca galopo, Nadine. Agora saia da minha frente, que você está atrapalhando minha passagem.

— Tudo bem, tá legal. Me disseram que foi um roubo seguido de assassinato. O que você acha?

— Ainda não sei de nada; nem consegui chegar! Agora, caia fora, porque sendo minha amiga ou não, posso prender você por obstrução da ação da polícia.

Nadine saiu de lado.

— Tem carço nesse angu — cochichou para sua operadora de câmera. — Fique alerta. Vou ligar para meu contato no necrotério, talvez consiga fisgar alguma coisa. Mantenha o olho em Dallas — acrescentou. — Se ela está aqui é porque isso tem a ver com algum caso dela.

Eve forçou a passagem através dos repórteres e curiosos. Já dava para sentir o cheiro do rio, meio acre, empestando o ar. A equipe que trabalharia na cena do crime havia chegado e exibia sua identificação nas letras fluorescentes amarelas presas à parte de trás das jaquetas, em meio às luzes brancas do cais. Os fochos de poderosos refletores portáteis vasculhavam a superfície negra do rio, que brilhava como petróleo.

Todo assassinato noturno, pensou Eve, era em preto e branco.

Ela fez sinal para uma policial de guarda.

— Quem é o investigador principal?

— Detetive Renfrew. Baixinho, de cabelos pretos com terno gravata marrons — acrescentou ela, com um traço de deboche na voz. — Ele está bem ali em pé, diante do rio, olhando para água como se o assassino estivesse nadando em direção ao cais.

Eve analisou o detetive de costas.

— Muito bem. Conte-me o que rolou por aqui, policial.

— Dois operários das docas viram o corpo boiando. Alegaram estar aqui fora em horário de lanche, mas deviam estar mijando no rio. Deram o alarme às vinte e duas e trinta. Quem fez a chamada se identificou como Deke Jones. O corpo foi jogado no rio há pouco tempo e os peixes ainda não se interessaram por ele. Ferimentos graves na cabeça e no rosto. O corpo estava despido, sem jóias nem adereços. Foi identificado pelas digitais. Entrou no rabeção há quinze minutos.

— Você patrulha essa área... policial Lewis? — perguntou Eve, lendo o nome da policial em sua farda.

— Sim, senhora. Meu parceiro e eu respondemos à ligação para a emergência. Chegamos à cena em três minutos. Os operários estavam em volta como aves de rapina, mas ninguém tocou no corpo. Mais uma coisa, tenente... Eu mencionei o fato ao detetive, mas ele parece não ter se interessado. Tivemos um aviso sobre um carro pegando fogo a um quilômetro daqui. Era um seda de luxo, sem passageiros. Pela direção e velocidade da correnteza, esse pode ser o local exato onde o corpo foi lançado no rio.

— Certo. Obrigada. Renfrew vai me criar problemas, não vai?

— Sim, senhora — concordou a policial Lewis. — Pode esperar por isso.

Eve não se sentia paciente, muito menos diplomática, mas lembrou a si mesma de que precisava parecer as duas coisas.

Renfrew se virou quando ela se aproximou. Olhou para o rosto da tenente e, em seguida, para o distintivo que ela exibiu.

— Ninguém solicitou reforço da Central, tenente. — Seus ombros se empinaram e recuaram um pouco, como um pugilista se preparando para o primeiro round.

Eve notou que era ligeiramente mais alta que ele, e viu que o detetive tentava compensar a diferença flexionando o corpo ligeiramente e se colocando na ponta dos pés.

*Então ia ser assim*, pensou Eve, reparando na posição de combate que ele assumiu. *Ele realmente iria lhe causar problemas.*

— Ninguém da Central me mandou aqui e eu não pretendo invadir sua praia, detetive Renfrew. Sua vítima tem ligação com um dos casos que estou investigando. Acho que seria bom ajudarmos um ao outro.

— Pois eu não preciso da sua ajuda e não estou interessado em ver ninguém da Central caindo de paraquedas no meu caso.

— Tudo bem. Poderia me ajudar, pelo menos?

— Você está em uma cena de crime da minha jurisdição, tenente, e há um distintivo a mais aqui.. Agora, com licença... tenho muito trabalho a fazer.

— Detetive, preciso saber o que você descobriu até este momento.

— Acha que pode me dar ordens? — Ele se colocou ainda mais alto, na ponta dos pés, e apontou um dedo para Eve. — Acha que pode entrar de penetra neste caso, a fim de investigar um assassinato importante só para aparecer em todos os noticiários, como sempre? Pode tirar o cavalinho da chuva, tenente, porque o investigador principal deste assassinato sou eu.

Eve sentiu vontade de entortar para trás o dedo apontado para ela até ouvi-lo quebrar, mas manteve a voz serena.

— Não estou interessada em aparecer no noticiário, nem em lhe dar ordens, e muito menos em roubar seu caso, Renfrew. Meu interesse é descobrir por que um homem convocado para ser internado por mim amanhã apareceu morto no rio. O que eu peço é um pouco de cortesia e cooperação de sua parte.

— Cortesia e cooperação uma ova! Quanta cortesia e cooperação você demonstrou quando virou a 128<sup>a</sup> Delegacia do avesso, alguns meses atrás? Não quero nem chegar perto de tiras que entregam os colegas.

— Puxa, parece que temos mágoas entre nós, Renfrew a delegacia estava uma zona, e havia um tira por lá matando os proprios colegas.colegas

— Você é quem diz — reagiu ele, com voz fanhosa.

— Digo, sim. E neste exato momento outro assassino esta matando mulheres que imaginam estar a caminho de uma noite agradável. Seu caso tem ligação com o meu, e podemos ficar aqui de picuinhas um com o outro ou compartilhar informações que nos ajudarão a encerrar nossos casos mais depressa.

— Mas esta cena de crime é minha! — Ele tornou a apontar o dedo para Eve. — Eu determino quem entra aqui e quem fica de fora. E quero que você fique de fora. Saia daqui neste instante ou mandarei retirá-la!

Eve enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta antes que não resistisse à tentação de dar um soco na cara dele.

— Pois então mande que alguém me retire daqui, Renfrew. - Eve pegou o microfone de lapela e viu o rosto dele ficar vermelho quando o prendeu na gola da jaqueta. - De forma oficial e com o devido registro eu quero que você, detetive Renfrew, me remova neste instante de uma cena de crime que está potencialmente ligada a uma investigação de assassinato em aberto e da qual eu sou a investigadora principal. Por favor, queira mandar me remover do local, mesmo depois de eu ter solicitado uma troca de informação, com cooperação e cortesia, que poderia ajudar em ambas as investigações

Ela ficou olhando para ele em silêncio e esperou cinco maravilhosos segundos, durante os quais os técnicos, em volta, pararam de trabalhar e voltaram sua atenção para a contenda.

— Por favor, remova-me deste local — repetiu ela —, mas antes de dar esse passo, seria aconselhável refletir no quanto tal atitude pesará no seu relatório oficial e em como ficará a sua imagem diante dos profissionais da mídia que estão à nossa volta, assistindo

Refleta também em como você vai justificar esse ato diante a de seus superiores.

— Desligue essa porra de gravador!

Ele vai continuar ligado — informou Eve, com a voz calma. Você perdeu a chance de resolver esse pepino numa boa. Aqui fala a tenente Eve Dallas, da Polícia de Nova York, e eu estou, neste momento, exigindo que você, detetive Matthew Renfrew — disse Eve, lendo seu nome completo no distintivo —, me apresente um relatório completo sobre a morte de Theodore McNamara, uma vez que esse indivíduo é suspeito em potencial de uma série de homicídios dos quais sou investigadora principal.

— Você poderá ler meu relatório depois que eu o redigir. Isso é tudo que sou obrigado a lhe fornecer neste instante, tenente. Não tenho mais nada a informar neste momento.

Quando ele virou as costas, Eve o xingou baixinho e procurou um dos peritos da cena do crime.

— O que conseguiram até agora? Não achamos nada aqui. O corpo ficou preso em algumas cordas. Se não fosse por isso, ele seguiria correnteza abaixo. Quando a Renfrew, ele é um babaca, tenente. Já deveria ter determinado uma busca ríia acima, à procura do local da desova.

— A hora da morte foi determinada?

— Dezenove e quarenta.

— Obrigada. Eu acredito na troca de informações com cooperação e cortesia, tenente - informou Peabody, que chegava naquele instante.

Eve olhou para ela e ordenou:

— Venha comigo. — Elas se afastaram um pouco da multidão e passaram pelo povo na parte onde havia menos gente. — Quero que você vá verificar um automóvel de luxo que está lambendo a quilômetro daqui, rio acima. Descubra quem é o dono do veículo

— Sim, senhora.

Eve pegou seu *tele-link* pessoal, mas neste instante viu McNab

— O que aconteceu com você, detetive?

— Uma pequena alteração. — Ele tocou de leve seu olho roxo.

— Peabody, você deu porrada em McNab?

— Não, senhora.

— Bem, já que você apareceu, McNab, e não está no meio de uma alteração com minha auxiliar, vá verificar o carro que lambeu. Peabody, vá se enturmar com alguns dos guardas que estão na área. Os primeiros a chegar foram a policial Lewis e seu parceiro. Veja se consegue mais algum detalhe com eles. E fique longe do investigador principal, detetive Renfrew, o babaca invocadinho do pedaço.

— E a senhora deu porrada no babaca invocadinho do pedaço, tenente?

— Não, mas cheguei perto. — Eve se virou para o outro lado a fim de falar no *tele-link*.

Quando o legista-chefe atendeu, sua voz estava grogue de sono.

— Puxa, Morris, acordei você?

— Qual é, Dallas, você nunca dorme e não deixa ninguém dormir? Que horas são?

— Hora de fazer um favor a uma amiga. — Quando ele se sentou na cama e abriu as pernas, Eve franziu o cenho e reclamou: — Ei, bloqueie o sinal de vídeo ou então se cubra com o lençol, faz favor!

— Apesar da propaganda exagerada, posso atestar oficialmente que a genitália de um homem é igual à dos outros companheiros do mesmo sexo.

Mesmo assim, ele puxou o lençol até o peito. Mais tarde, quando você tiver fantasias comigo, o que certamente acontecerá, faça bom proveito. Vamos lá... Do que você precisa?

— Temos uma vítima que está chegando neste exato momento em seu necrotério. Theodore McNamara.

— O famoso Dr. Theodore McNamara?

— Ele mesmo.

Morris assobiou.

— Já que estou conversando com você, Dallas, suponho que o bom doutor não faleceu de causas naturais.

— Ele acabou de ser pescado do East River, e não me parece **que** tenha resolvido nadar a essa hora da noite.

— Se está ligando para me pedir pressa para esse caso, desperdiçou um favor. Defunto importante sempre recebe tratamento prioritário.

— O favor que eu quero não é esse. Não sou a responsável principal por esse caso, mas McNamara está ligado aos homicídios sexuais que estou investigando. Bati um papo com a vítima hoje à tarde e o convoquei para interrogatório amanhã. Preciso de uma avaliação inicial da autópsia. Quero dados sobre o corpo e todas as informações que o legista passar para o detetive que assumiu o caso.

— Por que esse detetive não repassa tudo para você?

— Porque ele não gosta de mim. Estou arrasada por causa disso, Morris.

— Quem é o cara?

— Detetive Matthew Renfrew.

— Ahh! — Morris afofou os travesseiros e se recostou. — Um idiota que adora proteger seu território, é péssimo no relacionamento com os colegas e extremamente bitolado ao avaliar os casos que investiga.

— Em outras palavras, um babaca invocado.

— Boa definição. Acho que vou até lá para dar uma olhada pessoalmente no falecido. Logo eu lhe dou retorno. Obrigada, Morris. Fico lhe devendo uma. Oba, gostei disso. Ei, Morris... Que tatuagem é essa?

Sorrindo, Morris deu um tapinha carinhoso na imagem " pressa debaixo do seu mamilo esquerdo e disse:

— O Anjo da Morte. Um cara que trata todo mundo de forma igual.

— Você é doente, Morris. — Eve desligou. — Um cara realmente doente. Eve se manteve de costas para os repórteres enquanto falava mas permaneceu de antenas ligadas. Muitos jornalistas, mesmo sem nada de novo para reportar, já se posicionavam para apresentar flashes ao vivo.

McNab chegou correndo.

— Pare de correr e fale baixo — Eve ordenou. — Tô querendo distância da mídia. Assim que eles ligarem os pontinhos, perderemos todas as vantagens que possamos ter.

— O veículo pertencia ao Dr. McNamara. Lambeu legal, virou um monte de brasas e cinzas. Os técnicos acham que rolou um acelerador químico que o fez queimar mais depressa, o RD-52, uma espécie de ácido altamente inflamável. Faz o fogo se espalhar depressa, provoca explosões e corrói o metal por completo enquanto queima. Não sobrou nada. Uma testemunha ouviu a explosão, foi até lá dar uma olhada e teve a presença de espírito de anotar a placa antes de ela evaporar. Mais cinco ou dez minutos e não haveria como identificar o carro.

— Os assassinos são espertos, mas não muito. Deviam ter arrancado a placa antes de colocar fogo no carro. Pequenos erros... — Eve olhou para o rio. — Roubo seguido de morte uma ova! Quem é que rouba tudo de um cara, até suas roupas, e depois desperdiça um carro de luxo? Quer apostar como McNamara fez uma visitinha ao seu assassino depois que eu conversei com ele hoje à tarde?

— Aposto até as calças.

— Se Renfrew fosse um pouco menos boçal, nós poderíamos encerrar o caso ainda esta noite. — Com o olhar a meia distância, Eve analisou as possibilidades. — Por outro lado, Lucias Dunwood

não sabe que Renfrew é um boçal. Renfrew vai notificar o parente mais próximo a esposa de Mac Namara, não razão para trazer o neto para o palco. E também não há razão para eu não lhe fazer uma visitinha, a fim de expressar meus pêsames pela sua perda e lhe fazer algumas perguntas básicas.

Descubra o endereço desse neto, Lucias Dunwood. Vamos sacudi-lo um pouco.

— Tá legal!

Eles se separaram e Eve fez outra ligação, desta vez para casa.

— Oi. — Ela tentou exibir um sorriso quando Roarke atendeu.

— Aposto que o pessoal todo ainda está aí em casa. Acertei?

Roarke encolheu os ombros. Havia música em alto volume e o som de risadas semi bêbadas ao fundo.

— Escute, Roarke... Desculpe eu largar essa galera para você aturar. Talvez seja melhor se trancar em um dos quartos. Eles nunca conseguirão achar você.

— Estou pensando em fazer isso. Imagino que você ligou para avisar que vai levar mais algum tempo por aí, antes de voltar para casa.

— Não sei quanto tempo. Tem muita coisa acontecendo. Se não conseguir encerrar tudo esta noite, vou precisar daquele serviço de Mavis e Trina para amanhã. Você podia trancá-las em algum lugar?

— Não esquentar. Mais um pouco e todo mundo vai apagar mesmo de tanto porre.

— Melhor para você. Aguenta um instantinho. — Ela se virou para McNab. — Que foi?

— Consegui o endereço, mas é falso.

— Como assim, falso?

— O endereço de Lucias Dunwood é, na verdade, a Fun House, na Times Square, um gigantesco centro de entretenimento eletrônico. Sei disso porque frequento o lugar. Ninguém mora lá.

— Ele gosta de pequenos jogos — reagiu Eve. — Espere um pouco aqui, McNab. — Ela se afastou alguns metros, até ter certeza de que ninguém conseguiria ouvi-la. — Escute, Roarke...

— Você quer que eu encontre o endereço verdadeiro de Lucias Dunwood?

— McNamara certamente sabia, mas não vou poder acessar arquivos da vítima porque o detetive encarregado do caso está bancando o tira fodão pra cima de mim.

— Entendo... — Roarke já se afastava para longe da música.

— Eu poderia ligar para o comandante Whitney e pedir autorização, mas vai embolar o meio de campo. Além do mais vai parecer que eu fui fazer fofuquinha ou algo assim.

— Hã-hã... Entendo.

— Pensei em recorrer a Feeney, pois ele conseguiria o endereço pela DDE, mas já tirei uma pessoa da cama esta noite. — Ela olhou para McNab. — Talvez até mais de uma.

— E eu ainda estou acordado, mesmo.

— Pois é... Tecnicamente eu teria autorização de acessar os dados da vítima, porque ele é um suspeito. Se isso inclui listas de endereços e arquivos pessoais, é outra história. De qualquer modo eu conseguiria um mandado de longo alcance amanhã de manhã, então...

— Então, por que esperar? — emendou ele. — Você vai querer logo essa porcaria de endereço ou prefere ficar aqui racionalizando a noite toda?

Ela expirou com força e notou que ele já tinha ido até seu escritório, no segundo andar, enquanto conversavam.

— Tá legal, me informe o endereço. Roarke passou a informação.

— Ahn... Tenente!... Já que o endereço fica a poucos quarteirões daqui, talvez você pudesse dar uma passadinha em casa logo em seguida, enquanto me resta um pouco de sanidade.

— Vou fazer o possível. Acho que vou ficar lhe devendo um favor, também.

— Pois lhe garanto que vou cobrar. Eve desligou e fez sinal para McNab.

— Vá chamar Peabody. Vamos sair de carro.

Ao chegar perto do seu carro, Eve encontrou Nadine junto do capô, examinando as unhas.

— Sua bunda está encostada num veículo de propriedade da polícia

— Por que será que eles sempre fazem questão de projetar veículos oficiais tão medonhos?

— Não sei. Vou reclamar com as autoridades assim que tiver chance.

— Ouvi um boato de que você e o detetive Renfrew disputaram uma queda de braço.

— Boato é com você mesmo, certo?

— Quer dizer que não está interessada em saber que estão dizendo que esse tal detetive é um babaca de carteirinha e você acabou com ele, sem dó nem piedade? — Nadine jogou os cabelos louros para trás. — Quem sabe você se interessa por uma dedução minha, já que essa é a sua especialidade. Minha dedução é que o Dr. Theodore McNamara tem um papel de destaque na sua investigação sobre crimes sexuais, Dallas. Essa história de roubo seguido de morte não tem nada a ver com o fato de ele ter acabado no fundo do rio, e acho que você tem uma ideia muito definida sobre quem arrebentou a cabeça e a cara dele no início da noite. Aliás, essa pessoa desempenha o papel principal nesses homicídios.

— Nossa, quanta dedução, Nadine!

— Você confirma tudo?

Eve esticou o dedo, chamando Nadine, e se afastou um pouco. Quando a operadora de câmera seguiu atrás delas, Eve a fez parar com um olhar frio e firme.

— Espere aqui — Nadine pediu à operadora. — Ela está apenas fazendo o trabalho dela, Dallas.

— Todos nós estamos trabalhando. Desligue o gravador.

— Gravador?

— Não me faça perder tempo. O que vou falar é extraoficial, e não eu não conto nada.

Nadine suspirou com ar desiludido, só para constar, e desligou o gravador microscópico que estava preso a um alfinete de lapela do dourado.

— Tudo bem. Extraoficial, então.

— Não coloque no ar nada do que eu vou contar até eu dar sinal verde.

— Vou conseguir uma entrevista exclusiva, depois?

— Nadine, estou sem tempo para negociar com você. Até onde eu sei, existe mais uma mulher assassinada esta noite e ninguém a encontrou até agora. Se você colocar no ar suas deduções poderemos ter outra morte nas mãos amanhã.

— Tudo bem. Prometo segurar o babado até você liberar.

— McNamara tem ligação com os crimes, sim. Conversei com ele hoje à tarde, mas ele não cooperou nem um pouco.

Creio que conhecia ou suspeitava de quem poderia ser o assassino. Suponho que ele tenha ido enfrentar esse indivíduo depois de conversar comigo e acabou servindo de comida para os peixes.

— Isso confirma minhas deduções.

— Ainda não acabei. Acredito que o foco desses assassinatos remonta a um projeto desenvolvido pela J. Forrester e pelo laboratório Allegany, quase vinte e cinco anos atrás. Houve sexo, escândalos, abuso de substâncias ilegais, subornos e disfarces para encobrir tudo. Cave esses assuntos para entender a estrutura do caso e você estará muito à frente das emissoras concorrentes.

— McNamara teve envolvimento direto com as mortes que você está investigando?

— Anos atrás ele gastou muito tempo, energia e dinheiro para se assegurar de que os fatos, ações e atividades criminais que deveriam fazer parte dos registros públicos do escândalo fossem lacrados. Além disso, ele se recusou a cooperar e não informou espontaneamente certos detalhes relacionados aos assassinatos de duas mulheres e o ataque quase fatal a uma terceira, e ocultou fatos. Ele as matou? Não. Ele é responsável pela morte delas? Essa é uma questão moral que não me cabe julgar.

Nadine tocou o braço de Eve quando ela estava de saída.

— Dallas, eu tenho um contato no necrotério. McNamara recebeu vários golpes na cabeça e no rosto mais ou menos uma hora antes de morrer. Existe ainda uma marca defensiva no pulso direito embora os ferimentos iniciais tenham sido feitos por um instrumento rombudo com vinte e cinco centímetros de comprimento, o golpe que o levou à morte foi feito por uma arma diferente. Um objeto comprido de metal, talvez um pé de cabra ou uma chave de roda, facilmente encontráveis no porta-malas de um carro. Ela esperou alguns segundos e completou:

— Eu acredito na troca de informações com espírito de cortesia e cooperação.

— Odeio saber que essa frase vai me perseguir durante as próximas seis semanas, no mínimo.

Eve voltou até onde o carro estava.

— McNab, vá para o banco de trás.

— Por que eu não posso ir na frente? Minha patente é maior que a da sua auxiliar. E minhas pernas são maiores também.

— Mas ela é a minha auxiliar, e você é contrapeso. — Eve entrou no carro e não falou mais nada até McNab acabar de resmungar e se acomodar no banco de trás. — Vamos fazer uma visitinha a Lucias Dunwood.

— Como foi que você conseguiu o endereço? Ela olhou para McNab pelo espelho retrovisor.

— Tenho meios secretos para averiguar dados, detetive. Peabody, você vai entrar comigo na casa. McNab ficará do lado de fora, dentro do carro.

— Mas... — protestou ele.

— Eu trabalho com uma auxiliar, não com uma auxiliar e mais um detetive. Muito menos um detetive que parece ter passado a noite brigando em bares no meio da rua. Fique dentro do carro com o comunicador aberto, pois o meu também estará. Se enfrentarmos algum problema, você pedirá reforços e depois, conforme julgar adequado, esperará pelos reforços ou entrará e nos dará assistência. Agora, quero que você me consiga outro endereço. Kevin Morano.

Tentando se ajeitar no espaço exíguo, McNab pegou o palm-link e se esticou um pouco no banco apertado.

— Ei! Tem uma barra de chocolate presa com fita adesiva nas costas do banco do carona — informou ele.

Quando Peabody entortou o pescoço para olhar, Eve cerrou os dentes e disse:

— O primeiro que tocar nessa barra de chocolate terá os dedos decepados e enfiados pelo nariz adentro.

Peabody se ajeitou rapidamente no banco.

— Você anda escondendo barras de chocolate?

— Não se trata de esconder. É um suprimento de emergência que o ladrão de doces que vive assaltando minha sala ainda não descobriu. Agora, se ele, ou ela, descobrir o esconderijo, vou saber quem é o ladrão. — Esperou alguns segundos, antes de completar: — E ele ou ela vai pagar caro pelo que fez.

— Bem, eu estou de dieta, mesmo! — informou Peabody.

— Mas você não precisa emagrecer, She-Body. É cheia de curvas bem femininas, na medida certa.

— McNab? — chamou Eve.

— Sim, tenente.

— Cale a boca!

— Está tudo bem, Dallas. Já resolvemos tudo.

— Resolveram o quê? Não, não me contem! Nem falem comigo. Não falem um com o outro. Vamos deixar que o silêncio completo fecunde a terra.

Peabody fez de tudo para prender o riso e tentou ajustar manualmente o controle de temperatura do carro.

— Está enguiçado — informou Eve. — E cale a boca! Sem dizer nada, Peabody arriou o vidro de sua janela. McNab se remexeu no banco de trás.

— Peço permissão para falar — disse ele. — É assunto oficial senhora.

— Que foi?

— Encontrei o endereço de Kevin Morano. Estádio dos Yankees. A senhora quer que eu entre em contato com Roarke e peça para ele... Isto é... — McNab refez a frase ao ver o olhar fatal que Eve lhe lançou pelo retrovisor. — A senhora quer que eu coloque em ação o seu mecanismo de localização de dados?

— Não. Já descobri onde ele mora.

Quando ela parou o carro diante da grandiosa mansão de arenito pardo, passava de uma da manhã. A casa estava às escuras, exceto pelos pontinhos de luz vermelha, que sinalizavam que o sistema de segurança da residência estava ativado.

— Você está armado, McNab?

— Trouxe a arma de atordoar que uso quando estou de folga.

— Mantenha-a em baixa potência e fique com o comunicador ligado. Não se aproxime da casa, a não ser que eu faça algum sinal. Vamos nessa, Peabody, vamos tirar esse babaca da cama.

Eve seguiu pela calçada. Ao pisar no primeiro degrau de pedra, o sistema de vigilância emitiu um zumbido de alerta. Ela apertou a campainha.

Na mesma hora uma lâmpada se acendeu, iluminando-a com uma luz fria, e o sistema de segurança deu o primeiro aviso:

*Você está sendo monitorado. Por favor, informe o seu nome e o propósito de sua visita. Qualquer tentativa para entrar na residência ou causar danos a ela levará o sistema a informar à polícia e à patrulha de vigilância mais próxima deste local.*

— Tenente Dallas, da polícia de Nova York. — Eve ergueu o distintivo na direção da câmera. — Preciso falar com o sr. Lucias Dunwood a respeito de um assunto policial.

*Um momento, por favor, enquanto sua identificação é digitalizada e verificada... Por favor, espere até que o sr. Dunwood seja informado da sua presença...*

— Tenente, você acha que... Eve moveu a perna para o lado, de forma sutil, e pisou com o pé de Peabody, sem que a câmera alcançasse o movimento.

— Sei que é difícil ter de acordar o sr. Dunwood ainda mais para comunicar a morte do avo, mas não existe um bom momento para dar más notícias, e não servirá de nada esperar até amanhã de manhã para isso.

— Não, senhora. — Peabody pigarreou e colocou uma expressão sóbria no rosto, pois percebeu que Eve lhe informava que talvez houvesse um microfone no local, além da câmera.

Passaram-se vários minutos antes de as luzes das janelas do primeiro andar serem acesas. Eve não ouviu o barulho das trancas sendo abertas, o que provou que a casa tinha tratamento acústico. A porta se abriu silenciosamente e Eve teve a primeira visão de Lucias.

Seus cabelos ruivos e brilhantes estavam em desalinho. Ele vestia um roupão branco comprido amarrado frouxamente à cintura. Exibia a aparência de um rapaz que acabara de ser acordado e parecia intrigado sobre o motivo disso.

— Desculpe. — Ele piscou, com ar desorientado. — A senhora é da polícia?

— Sim. — Eve exibiu o distintivo mais uma vez. — Você é Lucias Dunwood?

— Isso mesmo. De que se trata? Houve algum problema nas redondezas?

— Não que eu saiba. Podemos entrar para conversar um pouco, sr. Dunwood?

— Claro. Desculpem, estou meio bêbado de sono. — Ele deu um passo atrás e fez um gesto com a mão, exibindo o vasto saguão com piso de mármore que brilhava sob a luz suave de um lustre de prata com três braços. — Estava dormindo há algumas horas e não costumo ser acordado pela polícia batendo à minha porta.

— Desculpe incomodá-lo tão tarde da noite — desculpou-se Eve. — Infelizmente sou portadora de uma má notícia. Talvez seja melhor o senhor se sentar.

— Que notícia? O que aconteceu?

— Sr. Dunwood, sinto informá-lo de que o seu avô está morto.

— Meu avô?

Eve observou com relutante admiração o momento em que ele empalideceu e levou aos lábios a mão levemente trêmula.

— Morto? Meu avô morreu? Como? Houve algum acidente?

— Não. Ele foi assassinado.

— Assassinado? Por Deus! Eu realmente preciso me sentar. —

Ele mal conseguiu ir até um banco comprido revestido de prata que enfeitava o saguão e arriou o corpo ali. — Não posso acreditar! É como se eu estivesse sonhando. O que aconteceu? O que houve com ele?

— Seu avô foi encontrado boiando no East River esta noite, agora há pouco. A investigação sobre o seu assassinato já teve início. Meus profundos pêsames, sr. Dunwood, mas ajudaria muito se o senhor nos esclarecesse certas dúvidas.

— Claro. Claro que sim!

— O senhor está sozinho em casa?

— Sozinho? — Sua cabeça apontou para cima e Eve percebeu ar de suspeita passar como um relâmpago pela sua expressão, antes de ele baixar o olhar.

— Se estiver sozinho em casa, talvez exista alguém que o senhor deseje contatar, para lhe fazer companhia. Minha auxiliar poderá providenciar isso.

— Não, não, eu estou bem. Ficarei bem.

— Quando foi a última vez que o senhor esteve com o seu avô?

— Ele viajou, esteve prestando consultoria a uma empresa fora do planeta. Acho que faz várias semanas que não o vejo.

— Em algum momento ele expressou ao senhor alguma preocupação ou receio com relação à própria segurança?

— Creio que não. — Lucias ergueu os olhos. — Não compreendi muito bem a pergunta.

— Existe uma possibilidade de o seu avô ter sido morto por alguém que ele conhecia. Um carro registrado no nome dele foi encontrado em chamas, poucas horas antes de o corpo ser visto boiando no rio. O veículo estava estacionado perto da estação junto da rua 143 Leste. O senhor sabe a respeito de alguma coisa que poderia tê-lo levado até essa área?

— Não faço a menor ideia. Colocaram fogo no carro dele? Isso me parece uma espécie de... vingança, não é? Mas vovô era um humanitário, um grande homem que dedicou a vida à medicina às pesquisas. Isso deve ser algum terrível engano.

— O senhor está estudando medicina?

— Tranquei a matrícula por algum tempo. — Ele apertou a têmpora com os dedos e cobriu quase todo o rosto. Eve viu a cabeça de dragão entalhada na safira incrustada sobre o anel trançado de ouro branco e amarelo em sua mão direita.

— Eu queria algum tempo para pensar melhor na vida — continuou ele. — Precisava explorar, decidir que área da medicina me atraía mais. Meu avô... — Sua voz falhou e ele olhou para longe.

— Meu avô deixou pegadas magníficas para quem quiser seguir. Ele foi meu conselheiro e minha inspiração.

— Tenho certeza de que ele tinha muito orgulho de tê-lo como neto. Vocês eram muito chegados?

— Gosto de pensar que sim. Ele era uma figura admirável, de grande envergadura, um homem que sempre se superou. Espero ser digno do seu legado. Imagine, acabar desse jeito, despejado no rio como... esgoto. Meu Deus! Ser despido de toda a dignidade no fim da vida. Ele odiaria isso. A senhora precisa encontrar quem fez isso, tenente. Essas pessoas têm de pagar pelo que fizeram.

— Vamos encontrá-las e elas pagarão, pode ter certeza. Sinto muito, mas preciso lhe perguntar, é o procedimento padrão. O senhor poderia me informar onde esteve nas últimas horas, entre sete e meia-noite?

— Meu... santo Cristo! Eu não imaginei que... seria uma espécie de suspeito. Estive aqui em casa até mais ou menos oito e meia da noite. Depois eu fui a um clube noturno, mas não conversei com ninguém especificamente, nem me encontrei com alguém interessante. Tinha esperança de... Tudo bem, eu confesso. Achei que poderia conhecer alguma garota nova, mas não rolou. Vim para casa mais cedo, às dez e meia, mais ou menos. Meu sistema de segurança poderá atestar isso.

— Então o senhor esteve o tempo todo praticamente sozinho?

— Tenho um andróide doméstico. — Ele se levantou. — Vou chamá-lo. A senhora poderá interrogá-lo a respeito da hora em que eu saí e de quando voltei. Ah, e eu também tenho uma nota fiscal da casa noturna e dos drinques que pedi. Eles trazem a data e a hora marcadas. Isso ajuda?

— Muito! Vamos verificar logo tudo isso e seguir em frente com a investigação.

— Farei tudo o que a senhora quiser, tudo o que for necessário para ajudar. Vou chamar o andróide, e enquanto a senhora o estiver interrogando pegarei o recibo. Tenho certeza de que o guardei no bolso.

— Obrigada. Ah, tem mais uma coisa... O senhor está com o endereço errado nos registros municipais.

— Como disse?

— Seu endereço está errado, eu só consegui o certo ao vasculhar os arquivos do seu avô. O senhor deve corrigir o erro assim que tiver chance.

— Que estranho! Tudo bem, vou cuidar disso. Espere-me um instantinho, sim?

Lucias foi buscar o andróide, mas antes quis se certificar de que a cuidadosa reprogramação de Kevin aguentaria a ação da polícia. Seus punhos estavam cerrados quando entrou no quarto, seguido de perto por Kevin.

— Você garantiu que eles nunca conseguiriam identificar o carro.

— Pois eles identificaram! — reagiu Lucias. — Mas isso não tem importância. Está tudo bem. Acabou sendo bom aquela vadia não aparecer no Jean-Luc's agora à noite, senão eu não teria isso aqui. — Ele pegou a nota fiscal do clube noturno. — Tenho álibis por todos os lados e ainda posso bancar o neto pesaroso e chocado.

— E quanto a mim?

— Eles não sabem nada de você, nem teriam como saber. Não há ligação nenhuma entre o que aconteceu e o nosso plano, no que diz respeito à polícia. E também não há ligação entre mim e a morte do meu avô. Simplesmente fique calado aqui em cima Kevin. Vou resolver tudo. Ele desceu correndo.

— Tenente, estava no bolso da calça, como imaginei., ele entregou a nota da boate a Eve.

— Ótimo. Minha auxiliar pode tirar uma cópia disso, para colocar nos arquivos?

— Claro.

Ele esperou enquanto Peabody escaneava o recibo.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer? Qualquer coisa?

— No momento, não. Manteremos contato.

— Por favor, me avise assim que a senhora descobrir quem fez isso

— O senhor será o primeiro a saber — prometeu Eve. Ela voltou para o carro e se instalou atrás do volante.

— Filho da puta frio e calculista! Ele estava curtindo tudo.

— O andróide pode ter sido reprogramado — disse McNab, do banco de trás. — Os registros do sistema de segurança também. O carinha que está cuidando da parte eletrônica conseguiria fazer isso. É moleza.

— O pior é que não conseguimos arrancar quase nada dele.

— Será que não? — Eve batucou de leve sobre o volante. — Eu não disse o nome do avô em nenhum momento, e ele não perguntou. Os dois avôs dele estão vivos e moram em Nova York, mas ele não perguntou qual dos dois havia morrido. Não precisou perguntar. E aquela frase sobre ele ser despido de toda a dignidade no fim da vida... Foi exatamente isso que ele fez. Ou o que pretendeu fazer. Também tentou ser muito esperto e não comentou que Kevin, o amigo que mora com ele, esteve junto boa parte da noite. Não queria dividir os refletores com o outro.

— Puxa, então conseguimos arrancar mais dele do que eu supunha.

— Exatamente. Pequenos erros.

## Capítulo Dezoito

Roarke os recebeu na porta. Bastou olhar para Eve para confirmar a suspeita de que ela estava caindo pelas tabelas. Naquele instante Roarke sentiu vontade de bater a porta na cara de McNab e de Peabody, pegar sua mulher no colo e levá-la para a cama.

Parecendo ler os pensamentos dele, Eve mandou todo mundo entrar.

— Foi mais prático trazê-los aqui para casa — explicou.

— Podemos chamar um táxi e voltar para o centro — disse Peabody, disposta a sacrificar as delícias de se espreguiçar por algumas horas em uma das camas magníficas que havia na casa.

— Não sejam tolos. — Roarke passou a mão de leve sobre os cabelos de Eve, um gesto sutil que serviu para tranquilizá-la. — Temos muito espaço aqui. Você esbarrou com a cara nos punhos de alguém, Ian?

— Sim. Charles Monroe. — Ele abriu um sorriso que fez seus lábios latejarem de dor. -Esbarramos com a cara nos punhos um do outro.

— Isso não é motivo para contar vantagem. — Eve despiu jaqueta. — Podem descansar por aí. A reunião continua marcada para as seis da manhã, lá em cima, no meu escritório. — Podem escolher um quarto para dormir, cada um num canto da casa.

— Hum — foi a reação de Peabody.

— Ela está brincando. — Rindo, Roarke deu um tapinha no braço dela.

— Tô brincando não! — afirmou Eve. — Onde estão Mavis e Trina?

— Na piscina, junto com Leonardo, que chegou faz duas horas. Eu bati em retirada quando eles decidiram fazer um revezamento quatro por quatro na água, sem as roupas.

— Eles estão nus? — interessou-se McNab. — Todo mundo molhado e pelado? Puxa, até que algumas braçadas me fariam um bem danado! Tudo bem, foi só uma ideia — completou, ao ver o olhar irado de Peabody.

— A brincadeira acabou. Todos pra caminha! — Eve apontou para as escadas. — Temos uma operação grande marcada para amanhã e quero vocês dois em forma. Onde é que as sereias e o amigo vão acampar?

— Sei lá... por aí! — respondeu Roarke, com ar despreocupado. — Por que não vai subindo? Vou acomodar nossos convidados.

— Então tá... Tenho algumas coisas para pesquisar antes de dormir. — Ela começou a subir a escadaria. — Não quero ouvir barulhos de passinhos apressados no meio dos corredores durante a noite, ouviram?

— Nossa, que osso duro de roer! — reclamou Peabody, baixinho.

— Ela está apenas cansada e irritada. Por que não pegam o elevador? — ofereceu Roarke. — Acho que vocês vão curtir as acomodações que tenho em mente. Lá tem espaço suficiente para os dois

Eve passou na sua sala, antes de ir para o quarto, e baixou uma planta do Greenpeace Park. Depois de destacar o local do piquenique', deixou que o computador escolhesse a localização estratégica mais adequada para seus homens. Ainda ia ver se concordava com o resultado — mas só depois de algumas horas de sono.

Fez uma lista dos homens que queria na operação e transmitiu a ordem para a Central, com cópia para o comandante Whitney.

Uma ducha era do que precisava, decidiu, ao sentir a visão enevoada. Talvez uma boa chuva ajudasse a clarear suas ideias, para ela aguentar mais uma ou duas horas de trabalho.

Cambaleava em direção ao quarto quando o *tele-link* tocou em seu bolso.

— Dallas falando.

— Sabia que seria mais fácil encontrá-la no número pessoal, Dallas — disse Morris, bocejando descaradamente. — Nosso convidado partiu deste plano de existência às sete e quarenta da noite. Antes disso ele teve um encontro desagradável com um objeto rombudo. Esse contato imediato, por si só, já teria resultado em morte em uma hora, talvez menos. Em termos médicos, eu diria que seu cérebro foi arrancado.

— Eu já sabia disso. — Cansada demais para permanecer em pé, Eve se sentou sobre o braço do sofá que ficava na sala de estar. — Detesto ser a pessoa que vai lhe dar a notícia, Morris, mas eu já sabia de tudo isso por uma pessoa que trabalha na mídia. Você tem um fofoqueiro na sua equipe.

— Não acredito! Estou chocado, atônito! — debochou Morris. Um funcionário municipal deixando vaziar informações para a mídia? A que ponto chegamos!

— Puxa, Morris, você é um festival de gargalhadas ambulante.

— Ame o seu trabalho e você estará amando o mundo. Aposto que seu contato na mídia não conseguiu o pacote completo, porque os resultados toxicológicos só saíram agora.

Eve balançou a cabeça para se forçar a ficar ligada exatamente no instante em que Roarke entrou no quarto.

— Ele estava drogado?

— Entre os insultos físicos preliminares e o *coup de Grace* o doutor recebeu um pequeno estimulante.

— Eles tentaram reavivá-lo? — Os pensamentos de Eve se embaralharam, mas ela se recuperou antes de Morris ter tempo de

responder.

— Não, isso não faria sentido. Eles só queriam que ele ficasse vivo mais um pouco.

— A candidata acertou e acaba de ganhar o panda de pelúcia! A substância usada estimula o coração e é rapidamente absorvida. Se o corpo tivesse sido encontrado vinte minutos ou meia hora depois, não teríamos encontrado nem traço dela.

— Eles o mantiveram vivo só para dar tempo de chegar ao local da desova e matá-lo lá. Mas ele teria morrido de qualquer modo, devido ao ferimento inicial, certo?

— Se não recebesse cuidados médicos imediatos, sim. Mesmo assim, suas chances seriam mínimas. Ele certamente teria se afogado mesmo sem receber o golpe fatal.

— Então eles quiseram ter o gostinho de dar esse último golpe. Quando ele estava inconsciente e indefeso. Despido de toda a dignidade.

— Você arrumou clientes muito cruéis dessa vez, Dallas. Vou enviar esses dados para o amigo que nós dois adoramos: Renfrew. A teoria de latrocínio que ele montou não tá com nada.

— Obrigada, Morris, por ter se envolvido pessoalmente com o caso.

— Faz parte do pacote de luxo que você adquiriu. Agora vá tirar algumas horas de sono, por Deus, Dallas! Alguns frequentadores aqui do necrotério parecem mais vivos do que você.

— Tá legal, vou seguir seu conselho. — Ela desligou e ficou parada ali, olhando para o *tele-link*. Piscou, meio tonta, quando Roarke desafivelou seu coldre. — Você acomodou aqueles dois no mesmo quarto, não foi?

— Será que você não tem nada mais importante com o que se preocupar do que as atividades sexuais dos seus subordinados?

— Não, porque quando meus subordinados aparecerem na reunião pela manhã com olheiras, mais pra lá do que pra cá por

terem passado a noite toda brincando de esconder o salame, eu vou acabar... Ei, o que está fazendo?

— Tirando suas botas. Você vai para a cama.

Eve olhou de cima para a cabeça de Roarke, abaixada. Nossa, esse homem tem cabelos maravilhosos, muito pretos e sedosos, pensou, e começou a balançar para frente e para trás. Dá vontade de enterrar as mãos neles, depois o rosto e... Ela voltou à realidade subitamente.

— Vou tomar uma ducha e trabalhar mais uma horinha.

— Não, Eve, nada disso. — Um tom de irritação surgiu na voz de Roarke quando ele jogou as botas dela longe, com tanta força que elas quicaram e tombaram de lado. — Não vou ficar aqui assistindo de braços cruzados enquanto você se cansa desse jeito, a ponto de perder a noção das coisas. Você vai para a cama de livre e espontânea vontade ou eu a coloco a nocaute e a carrego para lá. Qual é sua escolha?

Eve franziu o cenho e olhou fixamente para Roarke. Não era comum ele exibir a raiva e a violência borbulhantes que ambos sabiam residir logo abaixo da superfície civilizada. Ao vê-las se manifestar, Eve chegou à conclusão de que sua aparência devia estar tão assustadora quanto Morris descrevera.

— Eu vi o rosto dele, fiquei cara a cara com ele, Roarke. — Ela pressionou os dedos sobre os olhos e se levantou. — Olhei para ele e se não soubesse o que havia por trás daquele rostinho limpo, eu não teria reparado.

Ela se afastou um pouco, abriu a janela e respirou fundo.

— Ele é jovem, seu rosto ainda tem traços da adolescência. seus cabelos são ruivos e encaracolados como os de uma boneca inocente, ou algo assim. E ele cometeu um assassinato hoje à noite, tirou uma vida, uma vida ligada à dele por laços de sangue, e fez isso com sangue-frio, premeditação e extrema violência. E ficou ali sentado na minha frente conversando comigo. Choroso. Arrasado. Ele

desempenhou o papel de forma perfeita e, se eu não soubesse não teria percebido. Não teria enxergado o que ia dentro dele

Roarke odiou sentir o tom fatigado da voz de Eve e o desânimo que percebeu oculto nela.

— Por que você perceberia, querida?

— Porque eu estava alerta, à espera do mal que havia dentro dele, e não o percebi.

— Ela se virou. — Ele curtiu cada segundo do crime, sinto isso nas minhas entranhas, mas não consegui ver essa emoção no seu rosto, não vi nada nos seus olhos. Ele pareceu achar tudo... divertido. Eu aumentei os riscos para ele, mais uma vez. O jogo é o mesmo, mas ele vai tentar alcançar o nível seguinte.

— "Eu queria atingi-lo em nível pessoal. Queria enfiar a mão na cara dele até riscá-la do mapa. Queria acabar com ele de vez!"

— Em vez disso, você teve que tirar o time de campo. — Ele chegou mais perto de Eve, sabendo que ela não percebeu o quanto seu rosto estava molhado. — Porque sabia que conseguirá acabar com ele de uma vez por todas colocando-o em uma cela pelo resto da vida. Eve... — Ele emoldurou o rosto dela em suas mãos e enxugou seu rosto úmido com os polegares. — Querida Eve, você está no limite da exaustão. Se não repousar um pouco, quem vai defender as mulheres que morreram?

Ela segurou os pulsos dele.

— Você se lembra do último pesadelo que eu tive, aquele em que meu pai apareceu em pé diante de mim, sangrando, com dezenas de buracos que eu fiz nele com a faca? Ele me disse que eu jamais conseguiria me livrar dele, e tinha razão. Você derruba um e aparece outro bem na sua frente. Está parado logo adiante, me esperando. Não vou conseguir dormir, porque sei que vou vê-los enfileirados.

— Não esta noite. — Ele a puxou para junto de si. — não permitiremos que eles venham hoje. Se você não conseguir dormir...

— Ele passou os lábios de leve sobre sua têmpora. — pelo menos vai repousar.

— Qual sua ideia para isso?

— Vamos assistir a um filme.

— Filme? Roarke...

— Essa é uma coisa que quase nunca fazemos juntos. — Ele a colocou sobre o sofá e escolheu um disco. — Saia de dentro de si mesma e entre no mundo do faz de conta. Dramas ou comédias, alegrias ou tristezas conseguem arrancar você da realidade por algum tempo.

Roarke voltou e se aconchegou junto de Eve, que recostou a cabeça no ombro dele.

— Eu já lhe falei dessa história, querida, um filme estrelado por Magda Lane. Uma vez ele me livrou do sofrimento.

Era tão gostoso ficar ali deitada ao lado de Roarke, com seu braço puxando-a pela cintura para junto dele. A música de abertura encheu o ar do quarto; cores e roupas de época se agitavam na tela.

— Quantas vezes você já assistiu a este filme? — ela quis saber.

— Ah, dezenas, provavelmente. Shhh! Você vai perder a primeira fala.

Eve olhou, mas logo suas pálpebras se fecharam e ela apenas ouviu. Então adormeceu. Quando acordou, tudo estava em silêncio, a escuridão era total e o braço dele ainda estava em torno dela. Uma sensação de fadiga pareceu puxá-la de volta para o sono, mas Eve se obrigou a rejeitá-la. Girou o pulso para saber que horas eram.

Já passa das cinco, pensou. Ela dormira mais de três horas, e isso teria de ser o suficiente. Ao se mover, porém, o braço de Roarke a segurou com força.

— Fique aqui comigo mais uns minutinhos.

— Não posso. Preciso de pelo menos meia hora debaixo do chuveiro para trazer meu cérebro de volta. Eu gostaria que existisse um jeito de tomar banho deitada.

— Existe, querida. Chama-se banho de banheira.

— Não é a mesma coisa.

— Por que você está sussurrando?

— Não estou sussurrando. — Ela pigarreou para limpar a garganta. E sentiu como se tivesse engolido cacos de vidro, estou um pouco rouca.

— Acender luzes a dez por cento! — ordenou Roarke. Sob a luz suave, ele a obrigou a se deitar novamente. — Você está pálida como um fantasma — disse ele, colocando a mão na sua testa. Um ar de preocupação surgiu em seus olhos. — Você está com febre!

— Não estou, não. — Roarke sentia pânico só de pensar em doença, e ela também. — Não estou doente. Eu nunca fico doente.

— Quando uma pessoa dorme apenas duas horas por noite e se alimenta só de café, fica doente. Droga, Eve! Você vive sabotando seu sistema imunológico.

— Nada disso. — Ela tentou se sentar, mas deixou-se cair de costas ao sentir o quarto girar. — Estou só meio tonta.

— Eu devia acorrentá-la na cama por um mês. É preciso que alguém vigie você. — Ele saiu do sofá e foi direto para o *tele-link*.

— Não sei por que você está tão pau da vida. — A voz de Eve parecia perigosamente próxima de um choramingo, e isso a assustou. — Só estou um pouco tonta.

— Se colocar o dedinho do pé fora do sofá, eu a arrasto até uma clínica.

— Pois tente fazer isso, meu chapa, e vamos ver quem acaba precisando de cuidados médicos. — Como essa ameaça foi feita com uma voz ofegante e fraca, não causou muito impacto.

Roarke simplesmente a encarou com firmeza e pegou o comunicador interno.

— Summerset? Eve está doente. Preciso de você aqui em cima.

— O quê?! Qual é? O que está fazendo? — Ela ergueu o corpo e quase se levantou do sofá, mas Roarke a empurrou de volta e a

segurou com força. — Ele não vai tocar em mim. Se ele encostar um dedo em mim, eu dou porrada em vocês dois até sangrar. Onde está minha arma?

— Pode escolher... Ele ou a clínica.

— Não é você quem manda aqui, sabia? — Eve sugou o ar com força.

— Pois prove isso — desafiou ele. — Coloque-me a nocaute.

Ela tentou se levantar e ele tornou a empurrá-la de volta. Ela tornou a erguer o corpo, e desta vez conseguiu dar um soco na barriga dele.

— Ora, ora... É bom ver que ainda lhe sobrou um pouco de força, mesmo para um soquinho feminino desses.

O insulto a deixou quase sem fala.

— Na primeira oportunidade que eu tiver, juro que vou esticar o seu pinto e dar um nó nele.

— Oba, isso vai ser divertido. — Roarke olhou para trás no instante em que Summerset entrou no quarto. — Ela está com febre.

— Não estou, não, e caia fora! Não coloque nem um dedo em mim. — Ela xingou e se debateu, até que Roarke pulou sobre ela e prendeu seus braços abertos.

— Quanta infantilidade! — Summerset estalou a língua e colocou a mão na testa de Eve. — De fato, ela está com um pouco de febre. — Ele colocou os dedos compridos sob o queixo dela, apalpando ao longo da garganta. — Coloque a língua para fora!

— Eve! — O tom de Roarke se tornou ameaçador ao vê-la apertar os lábios com força. Por fim, ela esticou a língua.

— Está sentindo dor? Algo a incomoda? — perguntou Summerset.

— Sim, tenho uma coisa que me incomoda. O nome dela é Summerset.

— Vejo que seu senso de humor não foi afetado. E só uma virose — comunicou a Roarke. — Devido, imagino, à exaustão,

estresse e hábitos alimentares típicos de adolescentes. Isso é fácil de tratar. Vou buscar o que é necessário. Ela deveria ficar um ou dois dias na cama.

— Larga do meu pé! — reclamou Eve, baixinho, assim que Summerset saiu. — Cai fora você também, agora Não. — Os braços dela tremiam quando Roarke a agarrou e ele reparou que aquilo não era só raiva. — Pelo menos até resolvermos isso. Está com frio?

— Não. — Ela estava quase congelando, e ter se debatido só serviu para lhe provocar dores em toda parte.

— Então por que está tremendo tanto? — Roarke praguejou alguma coisa, pegou uma coberta atrás do sofá e a colocou em torno de Eve antes de seu cérebro conseguir ordenar que ela recuasse.

— Droga, Roarke, agora ele vai voltar, me cutucar toda e tentar me convencer a beber uma das suas poções esquisitas. Eu só preciso de um banho quente. Deixe-me levantar. Você não tem coração?

— Tenho sim, e é todo seu. — Ele roçou a testa na dela. — Aí é que está o problema.

— Já estou melhor. Sério. — Era uma mentira, é claro, e muito mal contada, como sua voz trêmula denunciou. — Quando encerrar este caso, eu vou tirar um dia inteiro de folga. Prometo dormir por vinte horas seguidas e comer vegetais.

Ele teve de sorrir.

— Eu amo você, Eve.

— Então não o deixe voltar aqui. — Os olhos dela giraram ao ouvir as portas do elevador se abrindo, no corredor. — Ele está chegando! — sussurrou. — Por tudo o que é mais sagrado, me salve desse homem! Ela precisa se sentar. — Summerset colocou uma bandeja sobre a mesinha. Nela havia um líquido leitoso, três comprimidos e uma seringa de pressão. Eve deixou o corpo mole, mas assim que Roarke recuou ela pulou para frente. Foi uma batalha suada e rápida. Sem pestanejar, Summerset se aproximou de Eve,

apertou-lhe o nariz com o polegar e o indicador, colocou os comprimidos na sua boca e lhe entornou o líquido goela abaixo.

Sorriu para Roarke quando ela se engasgou e comentou:

— Já fiz o mesmo com você algumas vezes, lembra?

— Foi assim que eu aprendi essa técnica.

— Tire a blusa, tenente. O revigorante com vitaminas vai fazer efeito mais rápido se for injetado.

Para poupar tempo e salvar a própria pele, Roarke simplesmente arrancou a manga da blusa dela.

— Está bom assim? — perguntou a Summerset.

— Excelente!

Eve passara da raiva para o choramingo e para a humilhação. Tudo doía — a cabeça, o corpo e o orgulho. Quando a seringa foi colocada de encontro ao seu braço, ela mal sentiu a pressão.

— Shhh, querida, fique quietinha. — Abalado, Roarke lhe fez um cafuné carinhoso e a embalou. — Já acabou. Não chore.

— Vá embora — ela disse quando ele a apertou com mais força. — Vá logo, por favor.

— Deixe-me a sós com ela — pediu a Summerset, tocando o ombro de Roarke e sentindo uma fisgada de dor ao notar as emoções em estado bruto que apareceram estampadas no rosto dele. — Dê-nos alguns minutos.

— Tudo bem. — Roarke a abraçou com força por mais alguns instantes. — Vou para o salão de ginástica.

Quando ele se levantou, Eve se encolheu toda, colocando-se em posição fetal. Summerset se sentou ao lado, sem dizer nada, até que ela parou de fungar e ficou em silêncio.

— O que ele sente por você o deixa devastado, às vezes — começou Summerset. — Nenhuma outra mulher conseguiu isso. Elas iam e vinham, mas eram apenas diversão, um interesse temporário. Ele é um homem sensível. Apesar de tudo o que lhe aconteceu na vida, não perdeu sua imensa sensibilidade. Mesmo assim, nunca

houve ninguém importante antes. Será que você não enxerga o quanto ele se preocupa?

Ela esticou o corpo um pouco e esfregou as mãos sobre o rosto molhado, como se tentasse se livrar do embaraço das lágrimas

— Ele não devia se preocupar comigo.

— Mas se preocupa, e isso continuará acontecendo. Você precisa de repouso, tenente. Alguns dias longe do trabalho e das preocupações. Ele também precisa disso, e precisa muito. Só que jamais tiraria uma folga sem você.

— Não posso tirar folgas.

— Você não quer. Ela fechou os olhos.

— Suba até a minha sala e olhe para os rostos daquelas mulheres mortas, pregados no quadro. Depois volte e me diga que eu preciso sair de férias.

— Ele jamais pediria para você se afastar agora, não é? Mas não se esqueça de que para fazer o que é necessário você precisa de toda a sua força, energia e vitalidade. — Ele se inclinou e pegou o copo. — Beba o resto do remédio.

Ela fez cara feia ao olhar para o copo. Detestava admitir, mas os comprimidos que ele lhe deu estavam começando a fazer efeito. Ela, porém, jamais daria o braço a torcer.

— Isso provavelmente é veneno.

— Veneno! — refletiu ele, com ar de quem recebeu uma revelação. — Por que não pensei nisso antes? Talvez da próxima vez.

— Rá-rá! — Ela pegou o copo e bebeu o resto do líquido. — Deve haver um jeito de isso ter menos gosto de esgoto.

— Certamente que há. — Ele recolocou o copo na bandeja e se levantou. — Mas eu mereço esse prazer. Sugiro que você se exercite um pouco para fazer o sangue circular, mas com moderação.

Eve não tinha muito tempo, mas reservou alguns minutos e desceu até o salão de ginástica. Roarke não estava nos aparelhos, pois raramente os usava. Trabalhava em um banco, levantando de

forma ritmada, suando muito. Ele ligara o telão para ouvir as cotações das bolsas em todo o mundo.

Eve percebeu que não entendia nem as palavras nem os símbolos estranhos que apareciam na tela. Foi até onde ele estava e se ajoelhou ao lado da sua cabeça. Ele continuou a erguer os halteres, segurá-los no ar e baixá-los.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele.

— Estou. Sinto muito. Fui uma idiota. Não fique furioso comigo, porque eu acho que não conseguiria lidar com isso agora.

— Não estou furioso com você. — Ele levantou a barra, colocou-a no suporte e saiu debaixo dela. — Esse tipo de situação me deixa abalado.

— Mas eu não conseguiria trabalhar em outra área. Não saberia fazer outra coisa na vida.

Ele pegou uma toalha e a passou pelo rosto.

— Eu não queria que você fosse outra pessoa nem que tivesse outro trabalho. O problema é que não consigo ficar na minha quando você arrasa consigo mesma desse jeito.

— E normalmente me arrasta e me salva quando estou prestes a ultrapassar os limites.

Ele olhou para o rosto dela. Continuava muito pálido, notou. Quase transparente.

— Pelo visto eu não fui rápido o bastante desta vez.

— Vamos para o México.

— Como disse, querida?

— A casa no México. — Eve refletiu que se ainda era capaz de surpreendê-lo é porque ainda não estava totalmente fora de forma.

— Já faz um tempão que não vamos lá. Por que você não me leva para um fim de semana prolongado, quando este caso acabar?

Avaliando-a com cautela, ele pegou a toalha que estava em suas mãos, colocou-a por trás do pescoço dela e a puxou para junto

de si.

— Quem está arrastando quem, agora? — brincou ele.

— Vamos arrastar um ao outro. Dê-me um tempinho para eu encerrar este caso e ajeite a sua agenda para poder se afastar por alguns dias comigo. Podemos fugir daqui no dia seguinte. Vamos descansar em uma linda praia, ficaremos bêbados, faremos sexo selvagem... E assistiremos a filmes antigos até você dizer chega!

Explique melhor a parte do sexo selvagem. Ela passou a mão, com carinho, pelo rosto dele.

— Preciso me aprontar para a reunião com a equipe. Fizemos um trato, certo?

— Tudo bem. — Ele pressionou os lábios sobre a testa dela e se sentiu aliviado ao ver que a febre cedera. — Mas lembre-se de que trato é trato.

Ela se levantou e, quando chegou à porta, virou-se e olhou para ele. Roarke continuava sentado no banco, esbelto e suado, de camiseta regata preta. Havia prendido os cabelos, mas ainda faltava calçar os tênis.

Olhou para Eve longamente, com os olhos azuis maravilhosos e penetrantes por onde ela sentia vontade de mergulhar para alcançar a alma dele.

— Nunca houve ninguém como você — ela afirmou. — De repente me deu vontade de lhe contar isso. Antes de você, eu sempre trabalhava até me acabar, e isso abria um buraco na minha vida e na minha saúde. Não havia ninguém para tomar conta de mim ou me apoiar. Aliás, eu nem queria ninguém para me apoiar. Até agora. Sempre consegui ir em frente com a minha vida, mas acho que, se continuasse daquele jeito, chegaria a um ponto em que não poderia seguir adiante. Se isso acontecesse, seria o meu fim, Roarke.

Ela respirou fundo, para se acalmar, e continuou:

— É por isso que quando você fica ao meu lado e me apoia eu não desabo e me mantenho em pé um pouco mais. Saiba que, ao

fazer isso, você também ajuda as pessoas que morreram. Era o que eu queria lhe dizer.

Ela saiu depressa e o deixou olhando para o nada, pensativo ao entrar em sua sala, seis minutos depois das seis da manhã, Eve estava com olheiras e pálida, mas pensava com clareza. Notou que MACNab e Peabody já haviam atacado o AutoChef. Feeney acabara de chegar e se servia das guloseimas que estavam espalhadas sobre a mesa do escritório.

— Onde vocês pensam que estão? No McDonald's?

— Precisamos abastecer a máquina — justificou-se Feeney, mastigando um pedaço de bacon. — Minha mãezinha do céu, isso aqui é carne de porco! Você sabe há quanto tempo eu não como carne de porco verdadeira?

Eve pegou uma tirinha de bacon, saboreou-a e disse:

— Faça logo um prato para você, então. Coma enquanto me escuta. Peabody, não vejo uma caneca de café na minha mesa. Será que entrei sem querer em um aposento localizado em algum universo paralelo?

Peabody colocou na boca uma garfada de presunto com ovos.

— Quem sabe nesse universo paralelo eu sou a tenente e você é... — Ela se levantou depressa, impulsionada pelo olhar assustador que Eve lançou. — Deixe que eu lhe sirvo uma caneca de café rapidinho, tenente. Isto é... senhora.

— Pois faça isso. O resto da equipe chegará às oito horas. Já consegui a planta da área onde a operação será efetuada. Ela está no telão. O sistema mostra as melhores posições para localização dos homens em torno do alvo. Vamos analisá-las e ajustá-las de acordo com nossa necessidade. Feeney, sugiro que você coloque McNab na van de vigilância.

— Eu prefiro ficar em algum lugar no parque, se possível perto da ação.

Eve colocou a cabeça meio de lado ao olhar para McNab e Pegou outra fatia de bacon do prato que Feeney preparara.

— Detetive... Você devia ter pensado nisso antes de arrumar briga e ficar com a cara toda arrebitada. Colocar você à vista do público só serviria para chamar a atenção, ainda mais num lugar onde as criancinhas brincam e os passarinhos gorjeiam alegremente

— É verdade! — concordou Feeney. — McNab fica comigo

— Você vai precisar de outro homem que entenda de eletrônica no local — continuou Eve. — Como conhece sua equipe melhor do que eu, deixo isso a seu critério.

— Ótimo, porque eu já o escolhi. Roarke — informou Feeney apontando para a porta no instante exato em que o homem citado entrava no aposento.

— Bom-dia a todos. — Ele estava com outra roupa preta, e embora a camisa e as calças fossem muito elegantes, parecia tão esbelto e perigoso quanto dentro da camiseta regata que usara para fazer ginástica. — Desculpem o atraso. Perdi alguma coisa?

— Você realmente se acha o gostosão, não é? — debochou Eve.

Ele roubou a tira de bacon que Eve acabara de pegar no prato de Feeney.

— Eu não me acho gostosão, tenente. Eu sei que sou. É por isso, aliás, que sirvo tão bem para essa operação.

— Se quiser levá-lo, a opção é sua, Feeney. — Eve apontou para Roarke. — Mas lembre-se de que essa operação é minha — avisou a Roarke.

— Como eu poderia esquecer isso? — Ele mordeu a pontinha do bacon e o devolveu para ela.

Às oito e meia da manhã, todos os homens já sabiam dos planos. Eve começou a determinar os papéis de cada um e sua localização exata.

— Ei, espere um instante! — O detetive Baxter ergueu a mão.

— Por que é que o papel de morador de rua sobrou pra mim?

— Porque você tem cara de morador de rua — explicou Eve.

— Além do mais, vai ficar supersexy com um crachá de mendigo pendurado no pescoço.

— Trueheart é quem devia ser o morador de rua — insistiu Baxter. — Ele é o novato por aqui.

— Não me importo de ser o mendigo, tenente.

Eve olhou para Trueheart.

— Você é jovem demais, com a pele limpa e bem cuidada. Baxter é muito rodado e ficará mais convincente. Peabody, você e Roarke vão fazer o papel do casal que circula pela área. — Eve usou uma caneta a laser para apontar todos os pontos no diagrama posto no telão. — Trueheart vai trabalhar como funcionário da manutenção do parque e cobrirá este setor aqui.

— Me dei bem! — comemorou Peabody, junto de McNab.

— Ninguém deve se aproximar do suspeito — continuou Eve. A essa hora da tarde, em um dia de primavera, o parque vai estar cheio de gente. Teremos pessoas almoçando ao ar livre e crianças correndo por toda parte. O parque recebe diariamente clubes de botânicos, observadores de pássaros e excursões escolares. A área que o suspeito escolheu fica meio isolada, mas certamente haverá civis em torno dali. As armas não deverão ser sacadas, a não ser em caso de extrema necessidade. Não quero que nenhum Joãozinho nem Zezinho seja atingido por uma arma de atordoar quando estiver brincando no balanço só porque alguém ficou nervoso. Eve se encostou à beira da mesa.

— Vocês devem ficar de olho aberto para o possível surgimento do segundo suspeito. Não há como sabermos se eles estarão trabalhando em dupla dessa vez. Se alguém o vir, ou achar que o viu, repasse os dados para Feeney. Não o abordem. Repito: não o abordem. Se ele aparecer na cena, deverá ser mantido apenas sob vigilância.

Ela olhou para todos os profissionais reunidos na sala.

— Para fecharmos o cerco sem chance de o babaca escapar no tribunal, temos de esperar até o instante em que ele colocar a substância no cálice. Em seguida ele deverá me entregar o drinque em mãos para que eu o beba. Então, quando isso acontecer, nós o pegamos, talvez os dois. Sem gritos e sem alarde, com calma e firmeza- Alguma pergunta?

## Capítulo Dezenove

Quando a última pergunta foi devidamente respondida, a pequena tropa se dispersou. A equipe de vigilância e os participantes da força-tarefa iriam se colocar no parque a partir das onze da manhã.

— Toda a operação será gravada. Cada homem estará ligado à mesa de controle por áudio e vídeo. Cobriremos todos os ângulos. — Mesmo assim, Eve andava de um lado para o outro em sua sala, tentando encontrar algum furo no plano.

— Você o terá em mãos em questão de horas — afirmou Roarke, para tranquilizá-la.

— Sim, vou agarrá-lo. — Ela parou e olhou pela janela. Estava um lindo dia, com muitas flores, calor e pequenas nuvens brancas redondas e fofas no céu. Primavera em Nova York.

Um convite para viver. O parque estaria cheio de gente. Era exatamente isso que ele queria, pensou Eve.

Ele gostava de multidões, pois elas aumentavam a emoção, o risco e a satisfação. Matar alguém à vista de todo mundo.

— Vou agarrá-lo — ela repetiu —, mas quero que tudo aconteça depressa e sem sobressaltos. Porte de drogas ilegais não serve ao nosso propósito. Pegá-lo misturando a droga em uma bebida, também não é o bastante. Quando ele entregar o drinque na minha mão, aí sim ele vai se ferrar.

Ela se virou, olhou para o quadro e viu os rostos.

Stefanie Finch fez alguma transmissão?

— Até agora não.

— Ótimo. Eu sabia que ela iria se apavorar o bastante para ficar na dela.

E quanto às outras?, refletiu Eve. Será que haviam se apavorado? Será que houve um instante, um momento em que elas perceberam o que acontecia a ponto de sentirem o medo lhes subir pela garganta e cravar suas garras em um grito que ninguém ouviu?

— Você a salvou, Eve. Se não fosse por você, o rosto dela estaria naquele quadro hoje mesmo.

— Mas isso não é o bastante. — Peabody disse esta frase logo no início, lembrou Eve. - Tenho um monte de perguntas para Kevin Morano.

— Provavelmente nenhuma delas vai satisfazê-la.

— Pois é. Muitas vezes, agarrá-los é a única satisfação que eu tenho. — Ela precisaria se contentar com isso. — Não quero que você porte nenhuma arma — avisou a Roarke.

— Arma? — perguntou ele, com cara de inocente. — Mas, tenente, eu sei que um consultor civil não tem o direito de receber uma arma.

— Receber uma ova! Você tem um arsenal em seu museu lá em em cima todas aquelas armas lá.

— Claro. Eu lhe dou minha palavra de que não levarei artefato da minha coleção de armas legais e registradas.

— Roarke... estou lhe avisando...

— Acho que ouvi os outros consultores chegando, tenente. Não esqueça de avisar a eles sobre essa ordem de ninguém poder ir armado

Risadinhas se espalharam pela sala.

— Quer que mande revistar você na hora da operação?

— Só se você me revistar pessoalmente, querida. — Sua voz soava quente e exibiu um leve sotaque irlandês. — Sou muito tímido.

A resposta malcriada de Eve foi abafada pelo barulho da chegada de Mavis e companhia.

— Oi, Dallas, você perdeu a festa.

— Já me contaram.

— Iamos fazer uma sessão de testes antes, lembra? — reclamou Trina.

— Como vocês já sabem, fiquei presa até tarde no trabalho. — Eve defendeu seu território quando Trina se aproximou e a olhou fixamente. — Que foi?

— Sua cara está um horror!

— Obrigada. Era esse visual mesmo que eu procurava para hoje.

— Quando essa história acabar, você está convocada para um tratamento completo, inclusive com terapia de relaxamento.

— Para falar a verdade — informou Eve —, vou viajar para fora da cidade logo depois que...

— Você pode ir até para o inferno, se quiser, mas só depois do tratamento. Como é que eu posso usar sua imagem para atrair novas clientes se você anda pela cidade com aparência de quem passou uma semana dentro de uma caverna? Está tentando arrasar com a minha reputação?

— Estou. Na verdade, esse é meu principal objetivo na vida desde que nos conhecemos.

— Engraçadinha. Vamos começar logo.

— Vou sair para deixar vocês à vontade — anunciou Roarke.

— Para onde você vai? — Eve correu até onde ele estava, mais ou menos como alguém que está se afogando e se agarra à primeira corda que encontra.

Ele afastou a mão dela.

— Tenho trabalho. — Dando as costas, ele abandonou o amor da sua vida sem sequer olhar para trás.

— Agora você é toda minha. — Trina sorriu com seus lábios pintados de verde-folha. — Tire a roupa Leonardo está preparando algo especial para você vestir — comunicou Mavis, algum tempo depois. — Ele disse que não existe nada no seu closet que sirva para esse papel.

— Puxa, isso está ficando cada vez melhor. — Eve se lembrava a todo instante do juramento que fizera ao entrar para a polícia: proteger e servir, não importa o tamanho do sacrifício. Mesmo que esse sacrifício fosse permitir que uma maluca passasse uma hora e meia alisando, espalhando e cutucando o seu rosto e o seu corpo com sabe lá Deus o quê.

— Está quase acabando. — Trina, com seu colante verde e o avental rosa-choque preso em volta do pescoço, espalhava a gosma que havia usado para redesenhar o queixo de Eve. — Como está se sentindo?

— O busto está esquisito. Muito pesado.

— Isso porque você finalmente está com peitos de verdade. Conheço um cara que pode deixá-los desse jeito de forma permanente. Vai lhe custar uma grana, é claro.

— Prefiro ficar com meus seios originais, mas obrigada por oferecer.

— Você é que sabe. Fique parada agora, imóvel. Isso leva um minuto para secar.

— Por que você está levando tanto tempo para me aprontar? Não acredito que essas mulheres babacas passem horas por dia se preparando para um encontro desse tipo.

— Provavelmente não. Dá para melhorar a aparência de qualquer pessoa numa boa em menos de uma hora, se o profissional souber o que está fazendo. O caso é que não estamos tentando melhorar sua aparência, e sim replicar a imagem de outra pessoa nos mínimos detalhes. - Trina fez uma bola com o chiclete sabor kiwi que

mascava e a estourou. - É muito mais difícil fazer as coisas desse jeito.

— Mas está funcionando. — Vestindo um avental com espirais ofuscantes em néon azul e amarelo, Mavis trabalhava como assistente direta de Trina. — O formato de seu rosto está completamente diferente, Dallas. Você perdeu a convinha do queixo e as maçãs do rosto salientes. Suas feições estão mais suaves. Quer dar uma olhada?

— Não. Só quando estiver pronto. Quanto tempo falta? Tenho que entrar em campo.

— Estamos acabando o aquecimento. Basta misturar um pouco dessa cor para completar a maquiagem. — Trina espalhou um pouco de cor nas costas da mão direita de Eve, apertou os lábios e analisou a imagem de Stefanie na tela do computador. — O que acha? — perguntou a Mavis.

— Precisa só um pouquinho mais de rosa.

— É... — Ela colocou um pouco de pó rosado em uma tigela, misturou mais e tornou a testar. — Sim, sim, ficou perfeito agora. Sou realmente genial! Mavis, chame Leonardo e diga-lhe que já pode trazer a roupa. Preciso saber quanto da pele dela eu vou ter que cobrir com esse material.

— O mínimo possível — implorou Eve.

— Relaxe o rosto, vou começar por ele. E um rosto interessante esse que você está usando — elogiou ela, enquanto trabalhava. Muito bonito. Mas o seu rosto verdadeiro é mais interessante, viu?

— Puxa, Trina, agora você me deixou prosa.

— Se cuidar bem dele, poderá tê-lo em boa forma por mais cinquenta ou sessenta anos sem precisar de escultura facial. Você tem boa ossatura.

Do outro lado da sala, Mavis arrulhava no comunicador interno. Parecia impossível, pensou Eve, Mavis e Leonardo

conversarem normalmente sem arrulhar e sussurrar como dois pombinhos.

— Colante branco com pinceladas em vermelho — anunciou Mavis — Mangas até os cotovelos e decote profundo. Ele vai trazer a roupa daqui a cinco minutos.

— Que diabos são pinceladas em vermelho"? — Eve quis saber.

— Fique calada até eu acabar de pintar seus lábios. Humm, vai ficar muito sexy — comentou Trina, erguendo a cabeça. — Gostei da cor. Dá para você cuidar das extremidades, Mavis?

— Deixa comigo! Adoro trabalhar com gel hidratante! Vou precisar tirar sua aliança, Dallas. Vamos entregá-la a Roarke.

Por instinto, Eve curvou os dedos em protesto, um gesto que fez Mavis suspirar.

— Não se preocupe — tranquilizou ela, dando um tapinha na mão de Eve. — Eu me lembro do instante em que ele colocou essa aliança na sua mão pela primeira vez. Faz quase um ano. Foi o casamento mais lindo a que eu já fui.

Eve tornou a relaxar, ouvindo a voz de Mavis como se ela estivesse longe.

Percebeu a chegada de Leonardo pelo renovar de sussurros e arrulhos entre ele e Mavis, além do som de beijos e pequenos gemidos.

— Que feito maravilhoso, Trina! — A voz retumbante de Leonardo sou muito junto do ouvido de Eve, prova de que ele se inclinara para analisar de perto o trabalho. — Eu não a reconheceria. Você usou silitrex ou base plastisinal?

— Silitrex. É mais maleável e ela não precisa que o efeito dure o dia todo.

Eve entreabriu um dos olhos ao sentir uma cutucada na face e viu o rosto dourado e largo de Leonardo se agigantar junto do seu rosto.

— Já estou pronta — ela perguntou.?

Ele sorriu. Seus olhos eram calorosos e os dentes, muito brancos com incrustações em ouro.

— Quase pronta! — informou ele. — Você vai gostar do resultado. O que fez com os olhos dela? — perguntou a Trina.

— Gel temporário, para fazê-los ficar mais próximos um do outro. Mas ela vai usar óculos escuros, mesmo assim. — Ela olhou para algo por sobre o ombro de Eve. — Que roupa linda! Vou usar tintura labial carmim para combinar com o vermelho do modelo e talvez alguns tons um pouco mais fortes nas faces e nos olhos. Será que vocês podem cuidar das unhas dela?

— Não preciso fazer as unhas.

— Quando uma mulher tem um encontro romântico, ela sempre faz as unhas. Das mãos e dos pés — acrescentou Trina. — Só mais quinze minutinhos — prometeu.

Levou o dobro do tempo, e Eve quase desistiu no meio. Como estava cercada, acabou se resignando, ficou quieta e quase chorou de alívio quando Trina prendeu a peruca que havia tingido e preparado na véspera.

Ela ficou ali parada enquanto seus três guardiães davam vários passos para trás, a fim de avaliar o conjunto.

— Tenho uma declaração a fazer — informou Trina. — Sou muito boa nisso! — Ela estalou os dedos e ordenou: — Roupas e acessórios!

Duas horas depois de a transformação ter começado, Eve estava diante do espelho que Leonardo trouxera. Depois do susto inicial, ela se acalmou e se pôs a analisar com olhar crítico.

Descobriu o que era uma "pincelada". Era exatamente isso... Uma camada leve de tecido que descia em espiral e formava uma espécie de saia que se abria na frente. O detalhe em vermelho sangue lhe descia até a barriga da perna. A cor berrante não ajudava a tornar o colante mais discreto. Nada conseguiria essa façanha. Não era à toa

que roupas desse tipo tinham o nome de "colante", e essa também era a razão pela qual Eve nunca usava esse troço.

Aquilo era o mesmo que andar por aí completamente nua. O corpo que recheava a roupa era mais curvilíneo que o seu.

Apesar de os seios fartos não pertencerem a ela, Eve se sentiu desconfortável por exibi-los de forma tão generosa. Mais alguns centímetros expostos e ela teria de multar a si mesma por atentado ao pudor.

Seus cabelos pareciam mais claros e mais compridos. Tinham um tom sutil de louro e acabavam em pontas junto do queixo, que, por sinal, era redondo, sem covinha, e ladeado por faces redondas. Sua boca não parecia tão grande em meio àquelas maçãs do rosto largas e àquele queixo. Mesmo assim, tingidos de carmim, seus lábios pareciam saltar do rosto.

Seus olhos estavam castanhos, levemente esverdeados. Mas a expressão que havia por trás deles era de Eve em estado puro.

— Muito bem — ela aprovou, vendo o rosto de Stefanie diante de si. — Você é realmente boa, mas vamos fazer o teste definitivo.

Ela atravessou a sala e entrou no escritório de Roarke.

Ele estava diante do *tele-link*, recebia um documento transmitido a laser, acompanhado pela planta de um prédio que girava em um holograma sobre a sua mesa.

— Aprovo as mudanças que foram feitas no primeiro andar, mas preciso ver se... — Ele parou de falar e olhou para a mulher que entrou em sua sala por cinco segundos. — Desculpe, Jansen, eu lhe dou retorno sobre isso mais tarde. — Ele encerrou a transmissão e tocou uma tecla que fez a imagem holográfica se desfazer no ar.

Levantando-se da cadeira, caminhou até ela e a rodeou.

— Espantoso! De verdade. É você que está aí dentro? — murmurou e olhou fixamente para os olhos dela. — Ah, sim... Aí está você.

— Qual foi o ponto fraco?

— Trina realmente fez um milagre, mas não conseguiu anular a força desses olhos de tira. — Quando Eve franziu o cenho, Roarke ergueu-lhe o queixo com as pontas dos dedos. — Está muito natural — comentou, esfregando o polegar de leve.

— Confira os peitos — convidou Trina, falando por trás de Eve. — São os mais modernos seios temporários que existem no mercado. Não dá para notar a diferença entre esses e os feitos pelas mãos de Deus. Vá em frente, pode apertá-los.

— Bem, já que insiste. — Ignorando o grunhido de advertência de Eve, ele cobriu os seios dela com as mãos. — Quanta saúde hein? — elogiou.

— Vou arrancá-los logo depois de prender o safado. Não crie nenhuma tara fantasiosa.

— Eles têm até o sabor de peitos de verdade — garantiu Trina.

— É mesmo? — Roarke ergueu as sobrancelhas.

— Nem pense em testar isso! — Ela deu um tapa nele. — Quero seu veredicto. Vou conseguir enganá-lo?

— Ele vai morder a isca, a linha e o anzol, tenente. Você só precisa ajustar o seu jeito de caminhar. Dê umas reboladas, em vez de andar dura e reta.

— Reboladas... Entendi.

— E procure não olhar para o suspeito como se ele já estivesse na sala de interrogatório. Você vai a um piquenique no parque. Tente se lembrar de como é isso.

— Nunca fui a um piquenique no parque.

Ele passou o dedo no queixo dela, onde ficava a sua covinha.

— Precisamos então consertar essa falha logo na primeira oportunidade que surgir.

Ela seguiu até a entrada norte do parque na van de vigilância, apoiada no ombro de Feeney enquanto ele verificava tudo. — Chamada geral! Baxter.

A primeira das telas de Feeney mostrava uma fonte com a estatua de um golfinho dando cambalhota. Eve ouviu o som de água e pedaços de conversas das pessoas que passavam, além dos lamentos de Baxter, que pedia esmolas. A imagem pulou de leve quando ele girou o corpo. Bancando o mendigo manquinho, Baxter? — quis saber Eve.

— Exatamente! — confirmou ele.

— Não esqueça que todas as esmolas que você conseguir arrancar dos otários que passarem por aí irão para o fundo Greenpeace.

À medida que Feeney repassou a posição de cada um dos homens, Eve fez uma estimativa geral da operação. Como havia previsto, o parque era um lugar muito popular em uma tarde de junho. Ela viu três professores comandando um bando de alunos que se moviam como um rebanho de ovelhas em meio aos jardins onde se viam espécies raras de plantas.

— Movimento na entrada — informou a voz de Peabody, nos alto-falantes. — Sexo masculino, caucasiano, cabelos pretos à altura dos ombros, calça social bege e camisa azul-clara. Carrega uma cesta de piquenique de vime e uma bolsa de couro preta. Segue na direção leste, rumo à área de plantas em extinção.

— Já o vi! — Eve analisou o homem que apareceu na tela. Aquilo é que é um andar descontraído, decidiu ela, observando o jeito suave com que ele balançava a cesta ao lado do corpo. Em sua mão era possível ver um anel trançado de ouro branco e amarelo com um rubi incrustado. — Amplie o anel! — ela pediu a Feeney.

Ele congelou a imagem e a ampliou. Eve reconheceu a cabeça de um dragão entalhada na pedra.

— Identificação positiva. Nosso homem entrou em cena. Mantenham-no à vista, todos vocês. Baxter, ele está indo na sua direção.

— Já o vi, pode deixar.

— Peabody, você e Roarke mantenham-se a distância. Ele chegou meia hora adiantado — disse ela. — Precisa de tempo para armar o circo. É um cara cuidadoso.

— Trueheart está com ele na câmera — informou McNab diante das telas. — O suspeito está se movendo para o sul agora' Vai para o local do encontro. Acho que ele está no papo.

— Mantenham distância! — alertou Eve. — Trueheart, gire o corpo de leve para a esquerda. Isso, perfeito! Vamos apreciar o show.

Ele seguiu até uma clareira junto de uma área gramada, própria para piqueniques. Dois outros casais chegaram ali antes dele, bem como três mulheres que, obviamente, haviam resolvido esticar a hora de almoço. Um rapaz desacompanhado estava deitado de barriga para cima, tomando sol. Ao ouvir a ordem de Eve, ele se virou lentamente de lado, posicionou um leitor de livros eletrônicos diante de si e ofereceu à câmera embutida no aparelho um novo ângulo de Kevin Morano.

Kevin parou e olhou para a direita e para a esquerda, analisando a área à sua volta. Escolheu uma sombra, virando-se na direção de uma das árvores maiores, por onde o sol polvilhava a grama com suaves pontos de luz. De repente parou e colocou no chão a cesta e a bolsa.

— Quero todas as câmeras disponíveis apontadas para ele — anunciou Eve, e em seguida chiou de leve ao ver a imagem emitida pela câmera de Peabody.

— Peabody e Roarke, não fiquem tão perto!

— Lindo ponto para um piquenique. — A voz de Roarke era alegre e calorosa. — Deixe que eu estendo a toalha sobre a grama para você, querida. Não quero que seu lindo vestido fique sujo.

— Toalha? Eu não autorizei toalha nenhuma — avisou Eve.

— Puxa, mas que surpresa, amor! — Peabody deu uma risadinha que Eve reconheceu como desconfortável. — Eu não esperava por um piquenique.

— O que seria da vida sem uma ou outra surpresa?

Eve reparou no rosto de Roarke e viu um ar divertido em seu olhar no instante em que abriu uma imensa toalha sobre a grama-

Vários metros adiante, Kevin repetia o mesmo gesto.

— Que lugar lindo! — continuou Roarke, mas baixou a voz ao sentar e completou: — Daqui nós podemos aproveitar a vista sem pessoas passando na nossa frente.

— Não quero interferência de ninguém, de nenhuma localização. Ninguém, repito, *ninguém* deverá se mover sem eu dar o sinal.

— É claro. Quer champanhe, amorzinho?

— Peabody, se você beber uma única gota desse troço será rebaixada a guarda de trânsito.

Enquanto falava, Eve observava Kevin. Ele abriu a cesta, pegou três rosas cor-de-rosa lá de dentro e as espalhou sobre a toalha no chão. Pegou duas taças e as segurou de encontro à luz do sol até vê-las cintilar. Em seguida abriu uma garrafa de vinho branco e serviu uma taça.

— Muito bem, muito bem. Agora, adicione a substância, seu safado.

Em vez disso, porém, ele ergueu a taça que servira, em uma espécie de brinde a si mesmo.

Depois olhou para o relógio de pulso, conferiu a hora, pegou o *tele-link* portátil e fez uma ligação.

— Aumente o sinal de áudio, Peabody — ordenou Eve. — Vamos ver se dá para ouvir suas palavras.

Surgiram pássaros, conversas variadas, risadinhas, uma briga entre crianças. Antes mesmo de pedir, Feeney filtrara todas as frequências indesejáveis.

A voz de Kevin surgiu forte e clara:

— O cenário não poderia ser melhor. Há dez pessoas perto de mim, e isso vale um ponto extra no quesito local público.

Provavelmente vamos passar por algum guarda na saída do parque, e isso me dará vários pontos de bônus. — Ele parou de falar e deu uma galhada feliz e juvenil. — Combinado: se eu conseguir que ela faça isso comigo em plena luz do dia em um parque público, vou atingir a dianteira. Depois eu conto com detalhes.

Ele desligou o aparelho e ficou ali sentado por alguns instantes respirando fundo e apreciando a vista

— É tudo um jogo — murmurou Eve. — Vai ser um prazer especial encarcerar esses canalhas. Kevin prosseguiu com sua preparação, um pouco mais depressa agora. Pegou um pacote térmico e o abriu, exibindo um pote de caviar. Colocou algumas torradas ao lado para servir como acompanhamento, além de *foiegras*, lagosta e frutas vermelhas frescas

— Temos de admitir que o cara sabe como criar um clima

— Cale a boca, McNab — reclamou Eve.

Kevin experimentou uma das frutas vermelhas e em seguida saboreou outra. Ao mordê-la, Eve notou a mudança nos olhos dele. *Pronto!*, ela pensou. *Estão aí a frieza e o ar calculista.* Ele se manteve firme enquanto servia uma segunda taça de vinho.

Ele olhou em torno com muito cuidado ao abrir a bolsa preta. Remexeu lá dentro e tirou a mão com a palma voltada para o corpo. Com um jeito absolutamente casual, estendeu a mão para o segundo copo e entornou o frasco que segurava.

Eve observou, pela câmera de Roarke, um filete de líquido escorrer de dentro do vidrinho.

— Bingo! Ele está pronto para recebê-la. Vou entrar em cena. Assumam as posições para a terceira etapa. Relatem qualquer possibilidade de presença do segundo alvo.

Ela foi para a porta dos fundos da van e anunciou:

— Lá vou eu!

— Pegue o canalha, garota! — disse Feeney, com os olhos grudados nas telas. Eve seguiu caminhando pelo sol, sentindo o

calor no ar ao perceber que estava pisando duro, fez o melhor que pode para diminuir o passo e rebolar de leve. Mal entrara no parque quando um corredor de hora do almoço foi trotando na direção dela

— Oi, gata. Que tal uma corridinha?

— E que tal você cair fora antes que eu chute sua bunda caída.

— Essa é a minha tira! — cochichou Roarke no ouvido de Eve pelo fone, enquanto ela continuava caminhando. Ela avistou Baxter, com os cabelos arrepiados, sujos e sebestos, desastre completo. Vestia uma camiseta rasgada e calças largas demais, manchadas pelo que parecia substituto de ovo e ketchup.

A maioria dos transeuntes passava ao lado dele. Ao se aproximar do colega, Eve percebeu o fedor ácido de suor e bebida vagabunda, misturado com urina.

Ele realmente mergulhou no personagem, pensou.

Ao passar ao lado dele, ouviu um assobio baixo.

— Vá enxugar gelo — sugeriu ela.

— Faço o que você mandar, doçura — sussurrou ele, por trás da mão que colocou diante dos lábios. — De dia ou de noite.

Nos cinco minutos que Eve levou para passar pelo parque, recebeu quatro cantadas.

— Tenente, é melhor trocar essa cara de vou dar porrada em você, seu babaca" — sugeriu McNab —, porque os homens perdem o tesão na mesma hora.

— Eu nunca perdi — comentou Roarke. — Quer caviar, amor? — ofereceu a Peabody.

— Bem, eu... aceito.

Eve grudou no rosto o que imaginava ser uma expressão agradável e imaginou como seria interessante o esporro que daria na sua equipe mais tarde, inclusive no consultor civil convocado para o caso.

Ao virar uma curva, a área se ampliou e ela avistou Kevin. Todo o resto foi deixado de lado.

Ele também a viu. Um sorriso de menino iluminou seus lábios, um leve ar de timidez. Ele se levantou, meio hesitante, e caminhou em direção a ela.

— Faça meus sonhos virarem realidade e me diga que você é Stefanie?

— Meu nome é Stefanie. Você é...

— Wordsworth. — Ele tomou a mão que ela estendeu levou aos lábios. — Você é ainda mais maravilhosa do que eu imaginava. E mais linda do que esperava.

— E você é tudo o que eu imaginei que fosse. Ela a própria mão por conta dele. Encontros nunca haviam sido ponto forte, mas ela planejara com cuidado como deveria se comportar e o que deveria dizer.

— Espero não ter me atrasado muito.

— Nem um pouco. Eu é que cheguei cedo, porque queria... apontou para a toalha de piquenique — queria que tudo fosse perfeito.

— Oh, ficou lindo. Quanto trabalho!

— Estou à espera desse momento há muito tempo. — Ele a conduziu até a toalha e Eve passou a poucos centímetros de Roarke.

— Caviar! — exclamou ela, ao se sentar. — Você sabe mesmo como preparar um piquenique.

Ela se inclinou e girou a garrafa de vinho para ler o rótulo. Era o mesmo que ele usara com Bryna Bankhead.

— Meu vinho favorito. — Os lábios dela se abriram em um sorriso cativante. — Até parece que você consegue ler meus pensamentos.

— Eu me senti exatamente assim desde que trocamos mensagens pela primeira vez. Mesmo virtualmente, era como se eu já a *conhecesse* de verdade. Como se sempre a tivesse conhecido. Nosso encontro foi escrito nas estrelas.

— Esse cara é bom — sussurrou McNab no ouvido de Eve.

— Eu também senti essa ligação forte — afirmou Eve, usa as dicas que Stefanie lhe dera. — As cartas, os poemas que partilhamos. Todas aquelas histórias maravilhosas a respeito suas viagens.

— Acho que é... destino. "Pois desenhas a tua própria sina - declamou ele.

— *Ai! merda*, pensou Eve. Com os pensamentos a mil, ela abriu a boca, sem saber o que dizer. Mas Roarke declamou o verso seguinte do famoso poema de Chesterton. — "Uma sina que apenas tu conheces repetiu ela. — O que você acha que o destino reservou para nos - Wordsworth?

— Quem poderá saber? Mal posso esperar para descobrir.

*Ande logo, me sirva esse vinho envenenado, seu canalha, assassino, desprezível!*

Em vez do vinho, porém, ele lhe entregou rosas.

— Nossa, elas são lindas! — Eve se obrigou a cheirá-las.

— De algum modo, eu sabia que elas iriam combinar muito bem com você. Botões cor-de-rosa. Suaves, afetuosos, românticos. — Ele ergueu a própria taça e a girou pela haste. — Estava louco pela hora em que eu iria entregar essas rosas a você. Louco pelo momento de conhecê-la. Vamos fazer um brinde?

— Claro. — Ela continuou a olhar no fundo dos olhos dele, torcendo para que ele pegasse logo a taça e a colocasse na mão dela. Tentando flertar, ela passou uma das rosas, de leve, sobre o próprio rosto.

Ele pegou a taça e a colocou na mão dela.

— Brindemos a inícios venturosos — propôs ele.

— Melhor ainda... — completou Eve — brindemos a finais que foram predeterminados. — Ela levou a taça aos lábios e observou o ar ansioso que ele lhe lançou. E a sombra de irritação que enevoou seu olhar no instante em que ela tornou a baixar a taça sem provar o vinho.

— Ahn... Só mais um segundo. — Ela deu um riso curto, colocou o vinho de lado e abriu a bolsa. — Tem uma coisinha que eu gostaria de fazer antes.

com a mão livre ela o agarrou pelo pulso, e então, pegando as algemas com a outra, prendeu-as nele com rapidez e precisão. Kevin Morano, você está preso!

— O quê? Que diabo é isso? — Quando ele tentou fugir, ela teve o prazer de derrubá-lo, virá-lo de lado e, com o joelho na base suas costas, mantê-lo com a cara no chão, preso pelas algemas com firmeza.

— Você está preso pelo assassinato de Bryna Bankfihead tentativa de assassinato de Moniqua Cline e por servir de cúmplice na morte de Grace Lutz.

— De que diabos você está falando? O que está fazendo? Quando ele tentou corcovear, Eve simplesmente encostou a arma na sua cabeça. — Quem é você?

— Sou a tenente Eve Dallas. Lembre-se desse nome "eu represento a sina que tu desenhaste". Meu nome é tenente Dallas — repetiu, porque sentiu um gosto amargo na garganta Fui eu que impedi você de ir em frente!

— *E daí?*, sussurrou uma voz. A voz do seu pai. *Tem outro chegando. Tem sempre outro em seu caminho.*

Por um instante, apenas um instante, o dedo dela coçou na arma. Era uma tentação puxar o gatilho.

Ouviu as vozes que se avolumavam atrás e acima de sua cabeça — os gritos alarmados de civis, as ordens curtas dadas pela equipe. E sentiu Roarke ali, bem ao seu lado.

Levantando-se do chão, ela arrastou Kevin.

— Pelo visto, esse não era a porra de um piquenique agradável, seu canalha. Você tem o direito de permanecer em silêncio... — ela começou a recitar.

Ela o acompanhou pessoalmente até a viatura. Precisava disso. Ele não iria permanecer em silêncio, é claro. Em vez disso, resolveu despejar baboseiras a respeito de ter sido confundido com outra pessoa, das falhas inaceitáveis da Justiça e da sua família influente.

Ainda não estava na fase de estufar o peito e exigir a presença de um advogado, mas chegaria lá, Eve tinha certeza. Teria sorte se conseguisse quinze minutos com ele a sós na sala de interrogatório, antes de o terror e o choque que sentia se transformarem em pensamentos frios e calculistas.

— Tenho que levá-lo para dentro o mais rápido possível. quero interrogá-lo agora mesmo.

— Eve...

Ela balançou a cabeça, olhando para Roarke.

— Estou bem. Estou ótima. — Mas ela não estava. O som de tambores parecia explodir em seu crânio. Para se livrar deles, ela tirou a peruca e passou os dedos pelo cabelo. — Preciso tirar essa porcariada toda de mim. Vão levar algum tempo para preencher a ficha dele, e eu vou poder voltar ao meu estado normal. A Trina vai se encontrar com você na Central, para ajudá-la a se livrar do disfarce.

— Ótimo. Eu acho. Vejo você depois, em casa.

— Vou até lá com você.

— Não adianta nada, você tentar me impedir — completou ele. Do mesmo modo que não adiantava avisar que estava na hora de ela tomar a segunda dose de medicamentos que Summerset lhe dera. — Eu levo você até lá, para chegarmos mais depressa.

Eve levou quarenta minutos para readquirir sua aparência normal. Imaginou que Roarke tivesse conversado algo com Trina, porque ela não reclamou nem uma vez por estar desmanchando sua obra de arte tão depressa, nem encheu os ouvidos de Eve sobre a importância e a necessidade de cuidados da manutenção estética do rosto e do corpo.

No instante em que Eve lavava o rosto, de forma maravilhosa, com água fria, Trina se remexeu um pouco, levemente indecisa, e Perguntou, por fim:

— Eu ajudei a realizar uma coisa muito importante hoje, não foi? Com o rosto ainda pingando, Eve girou a cabeça na direção dela.

— Sim, ajudou muito. Não conseguiríamos isso sem a sua participação.

— Isso me dá um calorzinho por dentro. — Ela enrubesceu. Você deve ter essa mesma sensação muitas vezes, não é?

— Vai esmagar o saco dele, agora?

— Sim, vou esmagar e torcer o saco dele.

— Então de uma torcidinha um pouco mais forte por mim — Ela abriu a porta para sair e se surpreendeu ao dar de cara Roarke, que entrava no toailete feminino. Trina apontou para a plaquinha na porta. — Só mulheres podem entrar aqui e você definitivamente não é uma mulher, gostosão. — Piscando para ele, Trina saiu.

— Ela tem razão, caia fora, você não é mulher! Mesmo na Central de Polícia, levamos a sério certos padrões de comportamento Homens são proibidos de entrar no toailete feminino.

— Imaginei que você quisesse um pouco de privacidade para ver o que eu lhe trouxe. — Ele pegou um pacotinho, alguns comprimidos e uma terrível seringa de pressão na nécessaire que carregava.

— O quê? — Eve recuou. — Fique longe de mim, seu sádico!

— Eve, está na hora da segunda dose.

— Nem vem!

— Então me diga agora... Olhe para mim e me diga que você não está com a cabeça estourando de dor de cabeça, sem falar nas dores por todo o corpo. Vamos lá! Garanta que suas costas não estão cheias de câimbras. Minta para mim. — Ele continuou, antes de ela ter chance de falar. — Isso só vai servir para me deixar mais irritado

e curtir o prazer especial de obrigar você a tomar esses remédios. Sabemos, por experiência própria, que eu consigo fazer isso.

Ela avaliou a distância entre onde estava e a porta. Não conseguiria fugir.

— Tudo bem, mas não quero a injeção.

— Pois é uma pena, porque vai tomá-la do mesmo jeito. Não me obrigue a lutar outro round com você. Seja um soldado corajoso e arregace a manga.

— Odeio você!

— Sim, eu sei. Colocamos um sabor diferente no líquido leitoso. Framboesa.

Puxa, agora a minha boca encheu d'água

## Capítulo Vinte

Eve arregaçava a outra manga no instante em que chegou à Sala de Interrogatório A. Pelo visto, não era só o seu carro que promovia uma rebelião eletrônica contra os humanos. O sistema de refrigeração da sala enguiçara e o ar estava quente, úmido, abafado e fedia a café velho.

Peabody estava do lado de fora da porta, toda fardada, e transpirava de leve.

— Ele já começou a choramingar, exigindo um advogado?

— Ainda não. Está na fase do "vocês pegaram o cara errado".

— Ótimo, resolveu bancar o idiota.

— Senhora... Na minha opinião, ele acha que os idiotas somos nós.

— Melhor ainda. Vamos entrar e sacudir as coisas um pouco.

Kevin estava sentado em uma das duas cadeiras que ladeavam a mesa. Suava também, e muito. Ergueu a cabeça ao ver Eve entrar e seus lábios tremeram.

— Graças a Deus! Eu já estava com medo de ter sido trancado aqui e esquecido. Olha, dona, houve algum terrível engano.

— Eu estava curtindo um piquenique no parque com uma mulher que conheci pela internet. Uma mulher que eu conhecia simplesmente como Stefanie. De repente, a maluca pirou do nada disse que era da polícia e eu fui trazido para cá. — Ele abriu as mão para transmitir o absurdo da situação e o seu espanto. — Não sei o que está havendo.

— Pois eu vou colocar você a par de tudo o que está rolando — Eve puxou a segunda cadeira e sentou nela, com as pernas abertas e

o encosto diante do peito. — Só que vou logo avisando que me chamar de maluca não vai ajudar a me seduzir. Nem um pouco, Kevin.

Ele olhou fixamente para ela.

— Como assim? Eu nem conheço você.

— Puxa, Kevin, mas isso é coisa que se diga, depois de você me ofertar aquelas lindas flores e declamar poesia diante de mim? Os homens são assim mesmo, não é, Peabody?

— Não dá para aturá-los, mas é ilegal lhes dar porretadas, tenente.

Os olhos de Kevin se moveram, desesperados, de uma para a outra.

— Você? Mas como assim? Você estava no parque? Não compreendo.

— Mas eu lhe disse para você guardar o meu nome. Ligar gravador, Peabody! — ela ordenou. — Entrevista com o suspeito Kevin Morano, relacionada às acusações de assassinato em primeiro grau de Bryna Bankhead, cumplicidade no assassinato de Grace Lutz e tentativa de assassinato de Moniqua Cline e Stefanie Finch. As acusações adicionais que pendem sobre o interrogado incluem assédio sexual seguido de ataque, estupro, posse de substâncias ilegais, administração de drogas proibidas a pessoas sem o seu consentimento, entre outros delitos menores. O interrogatório está sendo conduzido pela tenente Eve Dallas. Também presente no local a policial Delia Peabody. O sr. Morano já foi informado dos seus direitos e obrigações legais. O senhor confirma essa informação, Sr. Morano?

— Eu não...

— O senhor ouviu a declaração formal de direitos, deveres e obrigações que os policiais são obrigados a informar ao suspeito na hora da detenção?

— Sim, ouvi, mas...

— O senhor compreendeu bem todos os direitos e deveres citados no momento da declaração?

— Claro que entendi, mas...

Eve emitiu um som impaciente e ergueu um dedo.

— Tudo bem, reflita a respeito. Não precisa ter pressa. — Ela olhou para ele e ficou calada. Ao ver que ele umedecia os lábios e os abria de leve, balançou o dedo diante dele mais uma vez. E viu um filete de suor lhe escorrer pela lateral do rosto. — Tá quente aqui, né? — comentou ela, de forma casual. — Eles estão tentando consertar o ar-condicionado. Deve ser horrível aturar esse forno usando peruca e maquiagem pesada. Quer se livrar delas?

— Não sei do que você está fal...

Eve simplesmente se inclinou para frente, arrancou-lhe a peruca com um golpe ágil e a entregou para Peabody.

— Pronto, agora você vai se sentir mais fresquinho.

— Não é crime usar complementos capilares alternativos. — Ele passou os dedos trêmulos sobre os cabelos cortados à escovinha.

— Você usou uma peruca diferente no dia em que matou Bryna Bankhead. E uma terceira na noite em que tentou matar Moniqua Cline.

Ele encarou Eve com firmeza.

— Não conheço essas mulheres.

— Não, realmente não conhecia. Elas não representavam nada para você. Eram apenas brinquedos. Você curtiu seduzi-las com Poesia e flores... Com luz de velas e um pouco de vinho, Kevin? o fez você se sentir sexy? Viril? Talvez você nem consiga se excitar se a mulher não estiver drogada e indefesa. Não consegue ficar de pau duro, a não ser que seja para estuprar, não é verdade?

— Que absurdo! — Uma onda de indignação passou pelo seu rosto. — Isso é um insulto!

— Puxa, então me perdoe. Sabe o que é...? Quando um cara é obrigado a estuprar uma mulher para sentir prazer, geralmente é

porque não consegue se excitar do jeito normal.

O queixo dele se ergueu um pouco.

— Nunca estupro ninguém em toda a minha vida.

— Aposto que você realmente acredita nisso. Elas queriam que você trepasse com elas, não é verdade? Depois de colocar umas gotas de Vadia no vinho ou no champanhe que elas iam tomar, certo? As mulheres praticamente imploravam para você trepar com elas, não é mesmo? Obviamente, você só usava a droga para deixá-las mais à vontade. — Eve se levantou e caminhou pela sala. — Só para dar uma forcinha e facilitar as coisas, é claro. Porque um cara como você não precisa estuprar mulheres. Você é jovem, bonito, rico, sofisticado. Um cara instruído.

Ela se debruçou sobre ele, por trás, e colocou a boca junto ao ouvido dele.

— Isso é um tédio, né? Um cara merece algumas emoções a mais. E as mulheres... Ah, no fundo todas elas não passam de putas. Como sua mãe, por exemplo.

Ele abaixou a cabeça, encolhendo-se para se afastar dela.

— Do que está falando? Minha mãe é muito conceituada mulher de negócios muitíssimo bem-sucedida.

— Que emprenhou dentro de um laboratório. Será que ela chegou a saber quem era o seu pai? Eu duvido. Será que isso ressalva a ela, na hora em que topou participar do lance?

— Quanto eles pagaram para ela desistir do processo e levar a gravidez até o fim? Alguma vez ela lhe contou?

— Você não tem o direito de falar comigo dessa maneira a voz dele estava engasgada pelas lágrimas.

— Você procurava a sua mamãe naquelas mulheres, Kevin? Deseja\_v a foder com ela, queria apenas puni-la ou as duas coisas?

— Isso é nojento!

— Viu só? Eu sabia que acabaríamos concordando em algum ponto. Analisando de forma direta, ela simplesmente vendeu o próprio corpo, não foi? Não havia muita diferença entre ela e as mulheres com quem você saiu. Tudo o que você fez foi trazer à tona o que já fazia parte da natureza delas. Aquelas vadias já estavam mesmo atrás de homens na internet, e conseguiram o que queriam. E mais um pouco. Não foi essa a conclusão a que você e Lucias chegaram?

Ele levou um susto, seu corpo tremeu e a respiração ficou ofegante.

— Não sei de que você está falando. Não vou ouvir mais nenhum absurdo. Quero falar com seu superior.

— De quem foi a idéia de matá-las? Foi dele, não foi? Você não é um cara violento, certo? A morte de Bryna foi acidental, não foi? Puro azar. Isso talvez conte a seu favor, Kevin. Talvez ajude, se o juiz souber que Bryna morreu por acidente. Mas, antes, você vai ter de me convencer disso.

— Eu já lhe disse. Não conheci nenhuma Bryna. Eve girou o corpo até seu rosto ficar colado no dele.

— Você está prestes a ser enrabado, seu babaca. Olhe para mim! Pegamos você no flagra. Pegamos todos os produtinhos da sua bolsa preta e a substância ilegal que despejou no vinho. Tínhamos o lugar sob vigilância o tempo todo, e gravamos tudo, por todos os ângulos, desde que você colocou os pés no parque. Ouvimos você conversando com seu amigo sobre os pontos extras que ia acumular. Você é fotogênico, Kevin. Aposto que o júri também vai achar, ainda mais na cena em que você deixa a substância escorrer para dentro do vinho. Aposto que eles vão ficar tão impressionados que vão lhe dar, deixe ver... Umas três sentenças de prisão Perpétua... sem possibilidade de liberdade condicional... em uma colônia penal fora do planeta. Uma gaiola de concreto para chamar de sua.

Eve não aliviou nem quando o viu olhando horrorizado para ela. Para comer, três gororobas por dia. Nada da comida da qual voce esta acostumado — acrescentou ela, passando o dedo no tecido da camisa dele. — Mas elas vão manter você vivo. E durante muito, muito tempo.

E você sabe o que acontece com estupradores quando eles vão para a prisão? Especialmente os bonitos? Pois é. Todo mundo vai enrubar você. Vão até brigar para decidir quem vai ficar em sua companhia, para depois enrubar você um pouco mais. Vão comer sua bunda até você se sentir semimorto, Kevin. E quanto mais você pedir para eles pararem, quanto mais implorar, mais eles vão se enfiar com força dentro de você.

Eve endireitou o corpo, olhou para um espelho que era transparente do outro lado e vivenciou o pesadelo que a atormentava e rastejava por dentro da barriga.

— Se tiver sorte — ela avisou —, algum colega de cadeia com apelido de Picão vai transformar você em sua cadela pessoal e vai manter os outros afastados. Será que você vai ter essa sorte, Kevin?

— Isso é assédio. Isso é intimidação.

— Isso é a realidade — ela rebateu. — Isso é a sua sina, isso é o seu destino. Essa é a porra da sina sobre a qual você declamou, seu babaca. Você pescava mulheres nos chats da internet. Chats de poesia. Foi lá que você conheceu Bryna Bankhead. Desenvolveu um relacionamento com ela sob o nome de Dante. Trabalhando em conluio com Lucias Dunwood, seu amiguinho igualmente esquisito, combinou de encontrá-la.

Ela fez uma pausa e deixou que a mensagem assentasse.

— Depois você enviou flores para ela, para o trabalho dela-Rosas cor-de-rosa. Passou algum tempo observando-a no dia em que ela tirou folga. Usou um computador de uma lan house do outro lado da rua. Foi lá que nós pegamos você. Você não imaginava, verdade é que nós temos uma divisão inteira de nerds cibernéticos

trabalhando para a polícia, Kevin. E deixe-me lhe contar mais um segredinho...

Eve parou de falar novamente e diminuiu o tom de voz até transformá-lo em um sussurro.

— Você não é tão bom quanto achou que fosse. Quando foi nessa lan house e na outra, que fica na Quinta Avenida, você deixou impressões digitais em toda parte, seu boçal.

Eve teve o prazer de ver os lábios dele tremerem como os de uma criança que está prestes a chorar.

— Mas vamos lá... — continuou ela. — De volta a Bryna Bankhead. Você a conheceu na boate Arco-íris. Tá começando a se lembrar de tudo agora, Kevin? Ela era uma mulher muito bonita. Vocês tomaram alguns drinques. Pelo menos você tomou; ela bebeu Vadia misturada com um pouco de vinho. E quando ficou ligadona por causa da droga, vocês foram para o apartamento dela, onde você lhe deu mais uma dose, só para garantir.

Eve espalmou as mãos na mesa e se inclinou até quase encostar nele. Você colocou uma música no som, acendeu as velas, espalhou um monte de pétalas cor-de-rosa sobre a cama. E a estuprou. Para acrescentar um pouco mais de emoção à transa, deu a ela um pouco de Coelho Louco. O organismo dela não aguentou e ela morreu. Morreu bem ali, cercada de pétalas de rosas. Isso apavorou você, não foi? E o deixou muito pau da vida. Que diabo foi aquilo, ela morrer daquele jeito e atrapalhar seus planos? E você a atirou da varanda, bem no meio da rua, como se fosse lixo.

— Não!

— Você a viu cair, Kevin? Acho que não. Você já acabara o que fora fazer com ela. Agora precisava cobrir a cagada que aconteceu, correto? Correu para Lucias e perguntou a ele o que fazer.

Eve empinou o corpo, se virou, caminhou pela sala e se serviu um copo d'água.

— Ele manda em você, não é? Você não tem peito para fazer as coisas por conta própria.

— Ninguém manda em mim. Nem Lucias, nem ninguém. Sou um homem, dono do meu nariz.

— Então a ideia foi sua.

— Não, a ideia foi... Não tenho nada a declarar.

— Quero meu advogado.

— Ótimo. — Eve encostou o quadril na beira da mesa, eu estava esperando o momento de você dizer isso, porque a partir do momento em que você fizer o advogado entrar em cena eu não vou precisar mais tentar conseguir nenhum tipo de acordo. Vou ser sincera, Kevin, só a ideia de fazer um acordo com você já me dá enjoo. E olha que eu tenho um estômago forte, não é verdade, Peabody?

— Estômago de avestruz, senhora.

— Sim, eu engulo coisas que até Deus duvida. — Eve deu um tapinha no estômago. — Só que você conseguiu me revirar o estômago. A vontade de vomitar só diminuiu quando eu comecei a imaginar você passando o resto da sua vida medíocre em uma cela de concreto, sem os ternos caros, aconchegado junto de Picão. — Ela empurrou um pouco a mesa. — Quando eu tiver Lucias sentadinho aí, no mesmo lugar onde você está, sei que vai me dar uma terrível vontade de vomitar mais uma vez. Porque ele vai aceitar o acordo e vai entregar você de bandeja. Como estão as apostas no bolão da polícia, Peabody?

— Três em cinco a favor de Lucias Dunwood, senhora.

— Puxa, vou lá marcar meu palpite. Enquanto isso, ligue para o seu advogado, Kevin. Tenente Eve interrompendo o interrogatório devido ao suspeito ter solicitado a presença do advogado. Eve seguiu na direção da porta Os olhos de Eve, frios como as noites de janeiro em nova York, encontraram os de Peabody.

— Mudou de ideia, Kevin?

— Estou aqui matutando. Só por curiosidade. Que tipo de acordo seria esse?

— Desculpe, não posso tocar nesse assunto, já que você exigiu a presença do advogado.

— O advogado pode esperar.

*Peguei você*, pensou Eve, tornando a se virar para ele.

— Ligar gravador! Continuação da entrevista, com as mesmas pessoas presentes na sala. Por favor, repita o que você acabou de dizer, Kevin, para ficar registrado.

— O advogado pode esperar. Gostaria de saber o que significa essa história de acordo.

— Ah... Assim eu vou precisar de um comprimido contra o enjoo. — Eve suspirou e tornou a se sentar. — Vamos lá... Sabe o que você precisa fazer, Kevin? Você tem que abrir o jogo comigo e me contar tim-tim por tim-tim tudo o que houve. E vai ter que demonstrar também uma grande dose de boa-fé e um pouco de remorso sincero. Se a coisa rolar desse jeito, eu dou uma força para você. Posso recomendar que você seja levado para instalações melhores, separado da imensa população de presos que enrabam os colegas.

— Não entendo qual é a sua. Que tipo de acordo é esse? Você acha que eu vou para a cadeia?

— Ah, Kevin, Kevin... — Eve suspirou. — Eu sei que você já está lá. O que acontecer depois de ir para trás das grades vai depender de você.

— Quero imunidade.

— Tá... E eu quero interpretar lindas canções em um musical da Broadway. Pena que nenhum de nós tem uma única chancezinha sequer de realizar esse lindos sonhos. Temos o seu DNA, seu merdinha. Você não se precaveu para as festinhas que armou. Conseguirmos seus fluidos corporais e um festival de impressões digitais- Sabe aquelas amostras de sangue que tiraram de você

quando preencheram sua ficha? Elas estão sendo investigadas e neste exato momento. E vão combinar direitinho, Kevin sabemos que suas digitais vão combinar direitinho com a que encontramos no apartamento de Bryna e no de Monique sabe o que vai acontecer, bonitinho, depois que eu tiver o relatório definitivo do DNA nas minhas mãos ávidas? A brincadeira acaba! Vou deixar você pior que cão com diarreia, e nenhum advogado na face da Terra ou fora dela será capaz de ajudar você.

— Você precisa me oferecer alguma coisa. Um acordo para redução de pena, uma saída qualquer. Eu tenho grana e...

A mão de Eve voou para frente e o agarrou com força pelo colarinho.

— Isso foi um oferecimento de propina, Kevin? Será que eu vou ter a chance de acrescentar tentativa de suborno às suas muitas indicações ao grande prêmio?

— Não, não, eu só estou... Preciso de alguma ajuda aqui. — Ele tentou se acalmar e parecer uma pessoa razoável, disposta a colaborar. — Não posso ir para a cadeia. Prisão não tem nada a ver comigo, entende? Tudo o que rolou foi um jogo, uma competição. Começou a partir de uma ideia de Lucias, e o que aconteceu depois foi um acidente.

— Um jogo, uma competição, uma ideia dada por outra pessoa, um acidente... — Eve balançou a cabeça. — O que é isso? Prova de múltipla escolha?

— Estávamos entediados, simplesmente. Ficamos de saco cheio e precisávamos de alguma coisa para nos animar! Resolvemos curtir um pouco, montar uma espécie de reencenação das experiências promovidas pelo canalha do avô de Lucias. Mas deu tudo errado. Foi um acidente. Não era para ela morrer.

— Quem não era para morrer, Kevin?

— A primeira mulher. Bryna. Eu não a matei. Simplesmente aconteceu.

Eve se recostou.

*Então* me conte como a coisa rolou, Kevin. Quero saber tudinho como foi que tudo aconteceu. Uma hora depois, Eve saiu da Sala de Interrogatório A.

— Ele não passa de um furúnculo miserável na bunda da humanidade.

— Sim, tenente, eu concordo. Mas você o amarrou por todos os lados acrescentou Peabody. — Nem um batalhão de advogados conseguirá desencaixar uma pecinha dessa confissão. Ele já era!

— Sim. Mas o outro furúnculo não vai ser tão fácil de estourar

— Coloque a equipe em estado de alerta, Peabody. Quero as mesmas pessoas que estavam no parque. Vou solicitar um mandado de prisão para Dunwood, e todos os participantes merecem assistir ao segundo ato.

— Entendido, tenente. Ahn... Dallas?

— Que foi?

— Seu grande sonho realmente é ser cantora em um musical Broadway?

— E esse não é o sonho de todo mundo? — Ela pegou o comunicador, preparando-se para pedir o mandado ao comandante, mas o aparelho tocou em sua mão. — Dallas falando!

— Venha à minha sala — ordenou Whitney. — Agora!

— Sim, senhor! Nossa, será que ele é vidente? Reúna a equipe, Quero estar na porta da casa de Dunwood daqui a uma hora.

— O encontro cara a cara que ela teria com Lucias estava na cabeça de Eve e era grande a expectativa pela oportunidade de colocar maos nele. Foi com esse estado de espírito que Eve entrou na sala do comandante Whitney.

— Com o rosto impassível, Whitney estava atrás da sua mesa.

— tenente, este é o capitão Hayes. O detetive Renfrew eu creio que você já conhece Sim, senhor.

— O detetive veio aqui em companhia do seu capitão. Ele deixa entrar com uma queixa formal com referência à sua conduta na investigação de Theodore McNamara, da qual ele é investigador principal. Com a finalidade de evitar tal ato, pedi para você vir até aqui, a fim de discutirmos o assunto.

Eve sentiu um rugir de fúria troar dentro da cabeça e uma queimação na boca do estômago.

— Deixe-o entrar com a queixa, senhor.

— Tenente, nem eu nem a Secretaria de Segurança desejamos chafurdar na lama de um processo desse tipo, se isso puder ser evitado.

— Estou me lixando para o que o senhor e a Secretaria de Segurança querem. — O tom de Eve fez lampejar algo diferente nos olhos de Whitney. — Pode abrir o processo, Renfrew. Vamos em frente, para eu poder acabar com você.

— Eu não disse? — Renfrew cerrou os dentes. — Ela não demonstra respeito algum pelo distintivo, nem pelos oficiais superiores. Chegou à minha cena do crime cheia de onda e cantando de galo, prejudicando os trabalhos. Questionou minha autoridade quando eu solicitei que ela se retirasse para não contaminar o recolhimento das provas. Depois foi procurar o Instituto Médico Legal, sem eu saber, em busca de dados sobre o cadáver, um corpo que não tinha nada a ver com ela.

Whitney ergueu a mão para interromper a ladainha de Renfrew.

— Qual é sua resposta para isso, tenente?

— O senhor quer saber o que eu acho, comandante? Pois eu vou lhe dizer. — Com ar de fúria, Eve pegou um disco do bolso colocou sobre a mesa, com estardalhaço. — Olhe aqui a minha resposta. — Dirigiu-se a Renfrew. — Tá tudo registrado, seu idiota!

— Eu ia fazer vista grossa para o que aconteceu. Esse foi meu erro. Ninguém deve deixar tiras como você escaparem ilesos. Você

imagina que o distintivo é uma espécie de proteção para você? Uma espécie de marreta com a qual um tira pode ameaçar os outros? O distintivo representa a porra da sua responsabilidade, a porra do seu dever, não um escudo de proteção. Nem uma arma. O Capitão Hayes fez menção de falar, mas Whitney ergueu um dedo para pedir que ele continuasse em silêncio.

— Não me venha falar de dever. — Renfrew apoiou as mãos sobre as coxas e se inclinou um pouco para frente. — Todo mundo sabe que você vive caçando os colegas tiras, Dallas. Anda de amizade com o pessoal da Corregedoria. É a garota do pôster do esquadrão caça-ratos da polícia.

— Não preciso justificar o que eu fiz na 128ª delegacia para você. Pelo visto, você se esqueceu de um pequeno detalhe: nossos colegas estavam morrendo por lá. Eu queria os nomes deles para salvá-los e tirá-los da minha cabeça. Fiquei ao lado dos que tombaram, Renfrew, você não fez nada disso. Se pretendia descontar suas paranóias em cima de mim, não devia me pegar por trás, no meio de uma investigação de homicídio. Se queria me atingir, não tinha de descontar nos mortos que deveríamos defender. Eu lhe pedi para chegar junto, pedi para compartilhar informações vitais para nossas duas investigações, a fim de encerrarmos o caso.

— Só que o meu latrocínio não tinha ligação nenhuma com os seus assassinos tarados. E você não tinha autoridade nenhuma para invadir minha investigação e se meter nos meus assuntos. Não tinha direito de gravar o que aconteceu, e tudo o que foi gravado é falso.

— Seu egoísta pomposo, babaca ignorante! Você não tem um caso de latrocínio nas mãos, seu imbecil! Metade da "quadrilha" que cometeu o assassinato já está atrás das grades. Consegui uma gravação completa com a confissão do assassinato de Theodore Macnamara.

Kenfrew pulou da cadeira voce passou mais uma vez por cima de mim e trouxe meu suspeito para interrogatório?

— Eu trouxe o *meu* suspeito, um cara que está ligado à investigação, a qual, como eu lhe expliquei, seu boçal, tem ligação com o *seu* caso. Se você não estivesse tão atarefado procurando os caminhos mais fáceis, se não tivesse feito tanto jogo duro em cooperar, faria parte da equipe que conseguiu prendê-lo idiota

— Saia da minha frente, mas saia *agora mesmo*, senão eu vou arranca esse distintivo que você não merece usar e vou enfiá-lo por sua goela abaixo.

— Já chega, tenente!

— Não chega não, comandante. — Ela girou o corpo e ficou de frente para Whitney. — Ainda não chega! Acabei de ouvir um rapaz de apenas vinte e dois anos me contar como ele e seu amigo doente mental estavam entediados com a vida e resolveram inventar um jogo. Cada ponto valia um dólar, uma porra de um dólar ridículo por ponto para quem mandasse mais mulheres para o cemitério, das formas mais criativas possíveis. Eles as drogaram, estupraram e mataram só pelo prazer de serem os ganhões mais fodões do pedaço.

E quando McNamara descobriu o que o próprio neto e o amiguinho estavam aprontando e foi confrontá-los, teve seu cérebro destruído. Depois disso, eles o mantiveram vivo à base de estimulantes. Deixaram-no nu em pelo, tornaram a massacrá-lo de porrada e o atiraram no rio, onde ele teve o azar supremo de ter o caso investigado por essa bosta de policial.

"Três pessoas morreram e uma está no hospital, tentando se agarrar à vida. E por causa de um tira que ficou de picuinha com uma colega, pode ser que haja mais uma vítima lá fora neste exato momento. Então não chega não, comandante, mas não *mesmo!*

— Escute aqui, tenente, se você acha que pode colocar a culpa dos seus fracassos em cima de mim... — começou Renfrevv.

— Baixe essa bola, detetive! — O capitão Hayes se levantou devagar.

— Mas capitão...

— Já mandei baixar a bola. Agora! Não haverá queixa alguma aberta pela minha divisão, comandante. Se a tenente Dallas quiser solicitar uma censura...

— Não me interessa nenhuma queixa nem pedido de censura.

— Então a senhora é uma pessoa melhor do que eu, tenente.

Hayes inclinou a cabeça diante de Eve. — Gostaria de obter uma cópia desse disco, comandante.

— Você a terá, capitão.

— Analisarei o conteúdo do que foi registrado e tomarei as ações que se fizerem necessárias. Abra a boca para dizer mais uma única palavra, Renfrew, e eu mesmo abrirei uma queixa formal contra você. Quero que você se retire da sala. Isso é uma ordem!

— Sim, senhor, mas sob protesto. — Os insultos calaram tão fundo que todo o seu corpo vibrava.

— Protesto anotado. — Hayes esperou até a porta bater.

— Minhas sinceras desculpas, comandante Whitney, por trazer essa bagunça até sua sala e pelo comportamento inaceitável do meu subordinado.

— Esse policial precisa de disciplina, capitão.

— Ele precisa é levar muita porrada, senhor, com o devido respeito. Prometo-lhe que providenciarei isso. Estendo minhas desculpas à senhora, tenente.

— Não é necessário, capitão. Essa é a primeira coisa que a senhora falou desde que entrou aqui da qual eu discordo. Renfrew é um abacaxi, mas pretendo descascá-lo, tenente. Administro uma divisão impecável e assumo a responsabilidade por qualquer desordem nela. Obrigado pelo tempo, comandante

Ele seguiu rumo à porta, virou-se e disse: — Tenente, o sargento Clooney e eu entramos para a polícia no mesmo ano. Fui

visitá-lo quando os acontecimentos do último mês de maio vieram à tona. O sargento me garantiu que a senhora é uma policial com o distintivo imaculado, tenente, e disse que se sente grato por ter sido a senhora quem solucionou o caso que ele esteve envolvido. Não sei se isso faz alguma diferença mais saiba que foi muito importante para ele.

Ele acenou com a cabeça mais uma vez, saiu e fechou a porta com cuidado

Quando ficaram sozinhos, Whitney se levantou da mesa e foi até o AutoChef.

— Quer café, tenente?

— Não, senhor. Obrigada.

— Sente-se, Dallas.

— Comandante, peço desculpas ao senhor pelo meu desrespeito e insubordinação. Meu comportamento foi...

— Impressionante! — completou ele. — Não estrague o meu prazer lembrando quem é o oficial superior aqui.

Eve franziu o cenho e buscou algo para dizer.

— Não há justificativas para o que eu...

— Não quero saber disso. — Ele colocou o café sobre sua mesa.

— Só tem uma coisa que eu gostaria muito de saber: quantas horas você dormiu na noite passada?

— Senhor, eu...

— Responda à minha pergunta.

— Duas.

— E anteontem?

— Eu... não sei dizer, senhor.

— Sugeri que você se sentasse. Quer que eu transforme isso numa ordem?

Ela se sentou.

— Eu nunca tinha tido o prazer de ver você esculhambar um colega. Ouvi histórias fantásticas — acrescentou mas agora posso

assegurar que você merece a reputação que tem.

Você fez o que era certo com relação ao sargento Clooney e à 128 tenente, mas isso não a deixa imune às críticas.

— Compreendo, senhor. Ele analisou o rosto de Eve. Ao notar sinais de fadiga, pesar e raiva percebeu que ela estava quase desmaiando.

— Não é o distintivo que faz o policial, Eve... É o contrário.

Ela piscou duas vezes, desconcertada, ao ver que ele a chamou pelo primeiro nome. — Sim, senhor. Eu sei.

— Você é uma mulher muito especial, tanto profissionalmente quanto em nível pessoal. A fama e o brilho que seu magnífico desempenho lhe proporcionam provocam ciúmes e ressentimentos em certo tipo de gente. Renfrew é um exemplo disso.

— Estou me lixando para ele, comandante.

— Fico feliz em saber. Você conseguiu a confissão de Kevin Morano?

— Sim, senhor. — Ela se levantou, preparando-se para apresentar um relatório oral completo, mas Whitney a mandou se sentar de volta.

— Não quero relatório algum por agora. Percebi os fatos principais pelo seu rompante indignado de agora há pouco. Você deseja um mandado de prisão para Lucias Dunwood?

— Já o requisitei, senhor. O mandado já deve estar sobre minha mesa a esta hora.

— Então vá pegá-lo, tenente. — Whitney tomou mais um gole de café no instante em que ela se levantou. — Entre em contato comigo assim que ele estiver enjaulado. Vamos convocar uma entrevista coletiva. Depois disso, ordeno que você vá para casa e use qualquer método que esteja ao seu alcance para lhe garantir oito horas de sono ininterrupto.

Quando ela saiu, Whitney pegou o disco e o girou nos dedos. Um raio de luz refletiram nele.

*Um Distintivo imaculado*, pensou ele. Essa era uma boa descrição para Dallas. Enquanto olhava os reflexos que brincavam sobre a superfície do disco, Whitney entrou em contato com Tibble, secretário de Segurança, para fazer seu relatório

Seria tentador arrebentar as portas da casa de tijolinhos e invadir o local com um esquadrão de tiras portando armas antitumulto. coletes e escudos à prova de balas. As circunstâncias do caso e o peso das acusações davam a Eve a opção de fazer exatamente isso Essa atitude serviria como uma monumental declaração de propósitos. Mas seria também uma ação motivada unicamente pela satisfação pessoal.

Eve deixou-se levar por essa fantasia e, tendo apenas Peabody ao lado, aproximou-se da porta.

— Todos estão prontos e em seus postos?

— Afirmativo — sussurrou Feeney, no fone de Eve. — Se ele tentar fugir como um coelho assustado, estaremos aqui para apanhá-lo.

— Viu só? — Ela olhou para Peabody. — Desta vez ele não escapa.

— De jeito nenhum, senhora.

Eve tocou a campainha e contou os segundos enquanto balançava o corpo para frente e para trás, nos calcanhares. Já estava no dez quando o androide doméstico abriu a porta.

— Lembra de mim? — Ela exibiu os dentes, em um sorriso muito aberto. — Preciso falar com o sr. Dunwood.

— Sim, tenente. Por favor, entre. Anunciarei ao sr. Dunwood que a senhora está aqui. Posso lhes oferecer algo refrescante para beber, enquanto esperam?

— Não, obrigada, estamos ótimas.

— Muito bem, então. Por favor, ponham-se à vontade.

Ele se afastou caminhando de forma dura e formal em seu clássico uniforme preto.

— Viu só? Se Roarke despedisse Summerset e comprasse um androide doméstico, eu seria tratada com cortesia todos os dias

— É. - Peabody riu. — Mas iria odiar isso.

— Quem foi que disse?

— Alguém que a conhece bem, senhora.

— Pois saiba que eu me conheço melhor do que ninguém — ela argumentou. — O que a faz achar que... depois a gente conversa — disse Eve, ao ver Lucias aparecer no saguão. — Olá, sr. Dunwood.

— Como vai, tenente? — Ele vestia preto, como o androide, e pusera uma espécie de maquiagem para dar ao rosto um aspecto pesaroso e abatido.

Funcionara às mil maravilhas com a sua mãe, pela manhã, e ele sabia que lhe daria um ar adequado para receber os tiras. — A senhora descobriu alguma coisa sobre a morte do meu avô? Passei a manhã consolando minha mãe, mas ela...

Parou de falar de repente e olhou para o vazio, ao longe, como se tentasse se recompor, antes de continuar.

— Tenente, agradeceríamos muito se a senhora nos trouxesse alguma novidade. Qualquer coisa serviria para nos ajudar a lidar com essa perda dolorosa.

— Quanto a isso eu poderei ajudá-lo. Já prendemos uma pessoa. Ela está sob custódia.

Ele olhou para Eve e mal conseguiu disfarçar um instante de surpresa, antes de dizer:

— Não posso lhe expressar o quanto é importante, para nós, que a pessoa que matou meu avô seja levada diante da Justiça rapidamente.

— Sim, isso iluminaria o meu dia também. — Eve sentia um pequeno prazer na conversa, afinal de contas, mas achou que merecia isso. — Na verdade foram duas as pessoas responsáveis. Uma delas já foi fichada e esperamos a prisão da outra a qualquer momento.

— Duas pessoas? Contra um idoso indefeso? — Ele tingiu a voz com um tom de raiva. — Quero que essas pessoas sofram! Quero que elas paguem pelo que fizeram!

— Nesse ponto estamos no mesmo time; então vamos partir para o ataque: Lucias Dunwood, você está preso

Eve sacou a arma no instante em que Lucias deu um passo curto para tras, como se fosse correr.

— Por favor — convidou Eve —, vá em frente e tente fugir Não tive a oportunidade de apertar o gatilho contra o seu amiguinho Kevin e meu dedo ficou coçando.

— Sua vaca burra!

— A vaca eu aceito numa boa, mas... burra? Qual é? Qual de nós dois vai ser trancafiado numa cela, me conta? O burro aqui é você! Levante as mãos e coloque-as atrás da cabeça. Agora!

Ele ergueu as mãos, e quando Eve o empurrou de cara contra a parede, isso o fez reagir.

Talvez ela tivesse provocado essa reação, mas não pretendia perder o sono à noite analisando a cena. O fato é que, quando ele girou o braço, Eve recuou, deixou-o socar o ar e abaixou o próprio corpo, aplicando-lhe um soco curto e depois mais outro na boca do estômago.

— Resistência à prisão! — anunciou Eve quando ele se dobrou para a frente e caiu de joelhos, com ânsias de vômito. — Mais uma acusação para o seu processo. — Ela o manteve colado com a cara no chão e colocou a bota em sua nuca. — Não vou acrescentar agressão a uma policial porque você errou o soco. Algeme este palhaço, Peabody, enquanto eu acabo de enumerar as acusações que pesam sobre ele e leio seus direitos.

Lucias estava exigindo a presença de um advogado antes mesmo de Eve terminar.

## Capítulo Vinte e Um

O céu continuava azul, num tom profundo, quase marinho, no instante em que Eve subiu os degraus da sua casa. Pela primeira vez em vários dias a sua mente estava clara o bastante para deixá-la perceber o som dos pássaros e a brisa suave que fazia farfalhar as folhas e flores.

Pensou em se sentar em um dos degraus e curtir os momentos simples e doces que o mundo às vezes oferecia. Nem que fosse para lembrar a si mesma que havia mais no mundo além de morte e sangue, e aqueles que derramavam esse sangue, com seu egoísmo e crianças mimadas, faziam a diferença entre viver e afundar.

Em vez de se deixar ficar ali, ela arrancou um buquê de florezinhas roxas entre as muitas que transbordavam de um vaso e entrou. Havia algo de que precisava mais do que ar fresco. Summerset olhou fixamente para o que ela trazia nas mãos e fez cara de quem não gostou do que viu.

Tenente, as flores dos vasos da entrada não estão ali para serem cortadas — informou o mordomo.

Eu não cortei nada, simplesmente colhi. Ele está em casa?

— Sim, encontra-se no escritório. Se a senhora desejava arranjo de verbenas, poderia muito bem solicitar as flores em uma de nossas estufas.

— Blá-blá-blá — disse Eve, subindo as escadas argh! Argh argh!

— Summerset balançou a cabeça em sinal de aprovação parece que os medicamentos haviam-na trazido de volta ao seu estado normal.

Roarke estava junto da janela, conversando com alguém pelo *tele-link* sem fio preso ao ouvido. Parecia ser algo a respeito da revisão no protótipo de algum sistema de dados ou comunicação, mas muita coisa da baboseira eletrônica pareceu indecifrável a Eve. Ela se desligou do significado das palavras e se fixou unicamente no fluxo da voz dele.

O leve sotaque irlandês lhe provocava estranhos calafrios, que vinham sempre acompanhados por imagens enevoadas de guerreiros e o aroma gostoso de fogueiras. E também de poesia. Talvez a fêmea da espécie humana tivesse sido projetada para reagir a certos estímulos.

E talvez dali a dez ou vinte anos ela conseguisse se acostumar de vez com aquilo. E com ele.

O sol que mergulhava no horizonte se espargia pela janela, encharcando-o de luz dourada. Roarke prendera os cabelos, o que a fez perceber que ele estava resolvendo alguma coisa que exigia as mãos e nenhuma distração.

A luz formava um halo à sua volta, um halo que ambos sabiam que ele não merecia, mas que lhe caía muito bem. Ele ligara o telão baixinho em um canal de notícias. O *tele-link* da mesa tocou, mas foi devidamente ignorado.

Havia um aroma no ambiente. Dinheiro e poder, isso era Roarke. Dentro de Eve surgiu uma necessidade básica como a respiração.

Então ele se virou na direção dela.

Com os olhos grudados nos dele, ela atravessou o aposento, agarrou-o com força pela gola da camisa e capturou seus lábios com os seus.

No fone preso à sua orelha, uma voz zumbiu ao longe, abafada pela agitação do sangue que acelerou em suas veias. Ele a puxou pelos quadris, e o seu calor se encontrou com o dela.

— Mais tarde eu resolvo isso - murmurou ele junto do bocal ligado ao fone, arrancando-o da orelha e atirando-o longe. — Seja bem-vinda, tenente, e meus parabéns. — Ele ergueu a mão e a roçou de leve sobre os cabelos dela. — Assisti à sua entrevista coletiva no Canal 75.

— Então você já sabe que o caso está encerrado. - Ela lhe ofereceu as minúsculas verbenas. — Obrigada pela sua ajuda.

— De nada. - Ele cheirou as flores miúdas. - Há algo mais que eu possa fazer por você?

— Na verdade, sim. - Ela arrancou o elástico que lhe prendia os cabelos. — Tenho outra missão para você.

— É mesmo? Minha agenda está meio lotada no momento, mas quero cumprir meu dever de cidadão. - Ele prendeu as pequeninas flores atrás da orelha dela. — Qual o tipo de missão? Quero saber com detalhes.

— Quer que eu seja específica?

— Ah, sim, quero. Seja muito, mas *muito* específica. Com uma risada gostosa ela pulou sobre ele e o envolveu com as próprias pernas.

— Quero que você fique nu.

— Ah, uma missão para ser feita à paisana. — Apertando-lhe quadris, ele partiu rumo ao elevador do escritório. — Envolve perigo?

— É uma missão mortalmente perigosa. Pode ser que nenhum de nos dois escape com vida.

Dentro do elevador, ele pressionou as costas dela contra a cabine. Sentiu a força dela e sua vontade de ceder.

— Suíte principal! - ele ordenou ao sistema e atacou os lábios dela em seguida. — Eu vivo para o perigo. Conte mais.

— E uma missão que exige muito esforço físico e perfeita noção de tempo. — Ela perdeu a respiração quando sentiu os dentes dele

se enterrando em sua garganta. — O ritmo e a coordenação precisam ser perfeitos.

— Estou tentando — ele conseguiu dizer, girando-a no colo ao sair do elevador, já dentro do quarto.

O gato, que estava deitado sobre a cama como se fosse uma almofada felpuda, deu um pulo e sibilou, contrariado, no instante em que eles se atiraram sobre o colchão, bem ao seu lado. Roarke estendeu o braço e o empurrou de leve, fazendo-o pular no chão com um baque surdo.

— Aqui não é lugar para civis — avisou ele.

Prendendo o riso, Eve apertou-o com mais força em seus braços.

— Nu! — Ela cobriu o rosto dele com beijos quentes. — Fique nu. Quero enterrar meus dentes em seu corpo.

Arrancando as roupas um do outro, eles rolaram sobre a imensa cama. A blusa de Eve ficou presa no coldre e ela praguejou baixinho enquanto se livrava dos obstáculos. Suas bocas se encontraram mais uma vez, em uma união frenética de lábios, dentes e línguas que fez o sangue em suas veias correr muito mais depressa e seu corpo afundar dentro do colchão, debaixo do dele.

Ela o pegou pela camisa, despindo-lhe os ombros para poder enterrar os dedos naquele feixe rígido de músculos e comparar forças

Mas ele agarrou-lhe as mãos, prendeu-lhe os braços acima cabeça e olhou para ela com aqueles penetrantes olhos azuis, que os músculos dela começaram a tremer e ceder.

— Eu amo você. Eve querida...Minha! - Ele baixou os lábios sobre os dela em um beijo suave e terno que transformou os músculos em gelatina.

Então a sua boca abandonou a dela, para trabalhar ao longo do queixo, descendo em seguida pela coluna formada pela garganta

Ele sabia como manejá-la, pensou Eve. Sabia que ela precisava jamais do que apenas o fogo e o desejo. Precisava do que era doce e simplesmente Relaxou e se deixou levar.

Ele a sentiu se abrindo, se rendendo por completo. Para ele, não havia nenhuma sedução mais poderosa do que ela se entregar por inteira, a ele e a si mesma. Quando ela aceitava a suavidade que havia dentro dele, era ele quem se sentia transbordar de ternura.

Com toda a calma do mundo, os lábios dele escorregaram ao longo do colo dela, saboreando-lhe cada centímetro de pele. Suavemente, suas mãos brincaram ao longo daquele corpo esguio, alegrando-se com seu formato. O coração dela bateu mais forte ao senti-lo deslizar a língua sobre o seu peito. Ela ergueu o corpo um pouco mais para aninhar a cabeça dele e a acalentou com delicadeza entre seus seios.

Ela exalava o aroma do sabonete simples da Central de Polícia, e isso o fez querer mimá-la e acariciá-la mais, até desgastar toda a aspereza com a qual sua pele já se acostumara. E os lábios dele foram como um bálsamo sobre sua carne, fazendo-a sentir um calor gostoso sob a pele.

Eve se deixou afundar, como se estivesse sobre uma almofada de sensações, e alcançou um prazer sutil e suave que a envolveu como uma névoa morna. Seus dedos vagaram por entre os cabelos dele, a névoa se condensou, se transformou em um rio, e o rio se formou um mar de calmo êxtase. Com um longo suspiro, ela se deixou afundar nesse mar.

Ela o ouviu murmurando algo enquanto descia suavemente pelo seu corpo. Foi algo sussurrado no idioma celta, que ele usava quando estava excitado demais. O som era o de uma música exótica e romântica.

O significam essas palavras — A voz dela parecia sonolenta  
— Meu coração. Você é o meu coração. Ele tracejou uma longa linha de beijos ao longo do torso fascinado, como sempre, pelas suas

linhas delgadas. Havia força e coragem sob aquele corpo firme e rígido. E também naquele coração, ele pensou, enquanto suas mãos murmuravam folhas de outono sobre seus seios... E sobre seu ventre. Então roçou os lábios de leve em sua barriga e foi descendo.

Os músculos dela se retesaram e ele percebeu o primeiro entrecortar da sua respiração.

Mesmo assim ele se conteve e manteve o ritmo lento e tortuante dos lábios, até que a respiração dela se transformou num gemido leve e seu corpo tonificado estremeceu.

Quando ele a fez subir mais alto, sentiu uma onda de prazer transbordar dela e carregá-lo junto.

O mar em que ela boiava se tornou inquieto. O êxtase se tornou uma ânsia misturada com prazer, uma dor longínqua e late-jante que pulsava dentro dela como uma espécie de fome. Ela arqueou o corpo na direção da língua dele, que não parava de trabalhar, e gritou no instante em que seu sistema entrou em erupção.

Desesperado agora, ele continuou cobrindo-a de carícias corpo acima, dando início a dezenas de incêndios e impulsos descontraídos. Estava enlouquecendo a si próprio, ao mesmo tempo que a enlouquecia.

— Solte-se! Deixe-se levar! - Com a respiração ofegante, ele enfiou dois dedos nela e os sentiu molhados e quentes. —Quero ver você gozar! Mais uma vez!

— Aaahh!... — Os olhos dela se esbugalharam, mas se tornaram cegos no instante em que o orgasmo a rasgou por dentro.

Enquanto ela ainda estremeia, ele cobriu-lhe os lábios com os dele e deslizou a língua por sobre a dela até que a respiração de, ambos se entrecortou e ficou mais irregular.

Só então ele a penetrou de forma lenta, deixando-se escorregar suavemente. Os olhos dela retomaram o foco e se fixaram nos dele. como uma capa aveludada, cobriu com gentileza a névoa

Ela ergueu as mãos e acariciou-lhe o rosto, enquanto eles feguiam no mesmo ritmo. Um subir e descer de amantes que cavalgavam juntos. Um momento doce e simples.

Quando o prazer voltou mais uma vez, foi como uma graça. ele abaixou a cabeça e beijou a lágrima que lhe escorria pela face.

— Meu coração - ele repetiu, com o rosto colado enquanto se sentia latejar e se despejar dentro dela Ela permaneceu deitada de costas até que se curvou e se aconchegou ao lado do dele. O sol acabara de se pôr. Era o fim de um longo dia.

— Roarke...

— Hummm? Durma um pouquinho Não sei usar as palavras tão bem quanto você. Nunca consigo encontrá-las nas horas em que elas são importantes.

— Sei as palavras que você tem na cabeça. - Ele brincou com as pontas dos cabelos dela. - Desligue sua mente, Eve, e descanse.

Ela balançou a cabeça e ergueu o corpo um pouco, para poder olhá-lo de cima. Como ele poderia ser tão perfeito, pensou, e mesmo assim pertencer a ela?

— Repita o que você disse ainda há pouco. Aquelas palavras em idioma celta. Também quero dizê-las para você.

Ele sorriu e pegou a mão dela.

— Você não vai conseguir pronunciá-las.

— Vou sim!

Ainda sorrindo, ele falou a frase bem devagar e imaginou que ela iria se atrapalhar toda ao recitá-la. Mas os olhos de Eve permaneceram sérios e firmes no instante em que ela colocou a mão dele sobre o seu coração, pôs a própria mão em cima da dele e repetiu as palavras.

Emoção tomou conta do rosto dele e seu coração bateu desconpassado sob a mão dela.

— Assim você me deixa sem ação, Eve.

Ele se sentou e roçou a testa de encontro à dela.

— Agradeço aos céus por você — ele murmurou, em voz grave e baixo. - Graças a Deus você existe.

Ela se recusou a dormir, então ele tentou convencê-la a compartilhar uma refeição na cama. Ela se sentou de pernas cruzadas sobre os lençóis e atacou com voracidade um prato de espaguete com almôndegas.

A combinação de sexo, comida e uma ducha escaldante conseguiu revigorá-la.

— Kevin Morano sucumbiu durante o interrogatório, comentou ela.

— Eu diria que foi você que o fez sucumbir - corrigiu Roarke.

— Eu a observei. - Roarke havia reparado o jeito com que Eve olhara para o vidro e vira a si mesma. — Ele não conseguiu perceber o quanto falar daquele assunto foi difícil para você.

— Não foi tão difícil porque eu sabia que conseguiria desmontá-lo, mas não sabia que você estava assistindo à cena.

— Eu era parte da equipe. — Ele enroscou um pouco do espaguete dela com o garfo. — Além disso, adoro ver você em ação.

— Para eles, tudo não passou de um jogo, e as mulheres eram apenas peças desse jogo. Foi só colocá-lo contra a parede, fazer o gol e correr para o abraço. Na cabeça de Kevin a culpa foi toda de Lucias, ele estava apenas tentando competir com o amigo.

Bryna Bankhead foi um acidente, Monica Cline não morreu e o assassinato de McNamara, na visão dele, foi uma espécie de legítima de fesa.

Olhei bem no fundo dos seus olhos, mas não enxerguei nada de premeditação; ele não é calculista nem particularmente cruel- apenas vazio, um sujeito fraco e oco. Pode parecer melodramático, mas Kevin Morano é tão vazio que não consegue comportar nem mesmo o mal dentro de si.

Uma descrição precisa. Mas Lucias Dunwood é farinha de outro saco, não é?

— E como! — Ela pegou seu cálice de vinho, tomou um gole e se inclinou ligeiramente para pegar um pedacinho do linguini com molho de mariscos que Roarke degustava. — Minha comida está mais gostosa que a sua — decidiu, satisfeita. — Pois bem... Depois do barraco com Renfrew na sala do comandante Whitney... — Que barraco?

— Ah... Esqueci de contar!

Entre garfadas de espaguete e o pão de ervas que ele ofereceu, Eve relatou a cena.

— Não acredito que eu praticamente mandei o comandante calar a boca! Ele poderia ter me dado um tremendo esporro por causa disso.

— Mas Whitney é um homem esperto. E um bom policial. Renfrew, por outro lado, é o tipo de tira que tornou as coisas relativamente fáceis para mim, durante determinado tempo da minha vida passada... Uma época lamentável — acrescentou, com ar sério, ao ver a cara feia de Eve. — Um tira com mais ambição do que inteligência, de mente estreita, sem foco. E ainda por cima preguiçoso.

Ele pegou mais uma garfada do espaguete dela. Eve tinha razão, o prato dela estava mais gostoso.

— Tiras como ele — continuou Roarke — representavam a visão que eu tinha dos policiais de um modo geral. Eu tinha uma imagem péssima de todo mundo que usava distintivo, até conhecer mais intimamente uma tira em especial.

— Tipos como ele me deixam muito puta da vida, mas seu capitão... Senti firmeza nele. Acho que ele vai conseguir lidar com o subordinado idiota. Mas, enfim, como eu estava dizendo... — Eve soltou um longo suspiro. Estava de barriga cheia, mas queria comer mais. — Peguei toda a minha equipe, com exceção do consultor civil, e fui até a casa de Lucias, a fim de prendê-lo. Logo de cara ele exigiu um advogado e manteve o bico calado. Não é bom nem fraco. Seu

erro foi achar que todo mundo é imbecil é o' que vai derrubá-lo no fim.

— Nada disso... *Você é quem vai derrubá-lo no fim.* A confiança absoluta que ele demonstrou ter nela a aqueceu tanto quanto uma declaração de amor.

— Você está mesmo caidinho por mim, não é?

— Pelo visto, sim. Que tal me oferecer esse restinho das suas almôndegas?

— Ela empurrou o prato na direção dele.

— Lucias Dunwood já havia convocado três advogados do tipo bambambã antes mesmo de acabarmos de fichá-lo. Declarou não saber de nada sobre coisa alguma e confessou apenas ter reparado que seu amigo e bom companheiro Kevin andava meio esquisito ultimamente, sempre voltando para casa em horas irregulares e se vestindo de forma estranha quando saía.

— Ah, a amizade é uma coisa linda!

— Linda mesmo. Não temos nenhuma amostra do DNA dele nas cenas dos crimes, e o safado sabe disso. Está bancando a vítima inocente, o cidadão exemplar ultrajado, e seus advogados é que estão falando em seu nome. Nem piscou quando descobrimos o laboratório e recolhemos várias amostras, que estão sendo testadas. Não ligou a mínima quando eu contei que havíamos encontrado em seu closet uma peruca e um terno igual ao que aparece no vídeo de segurança do prédio de Grace Lutz.

Também não se abalou quando eu joguei na sua cara que a marca dos cremes e maquiagem que encontramos no seu banheiro são as mesmas dos resíduos encontrados no corpo dela e nos lençóis. Sua versão que foi Kevin quem usou os produtos e depois plantou tudo as coisas dele, para incriminá-lo; alegou a mesma coisa com à conta de Carlo — acrescentou Eve. — Ele diz que não sabia de nada sobre essa operação com drogas ilegais e diz que armação de Kevin. E agora vocês vão fazer o quê?

— Feeney está investigando os dados eletrônicos de Lucias nos computadores e *tele-links* que confiscamos em sua casa. Alguma coisa vai acabar aparecendo. Ele ia se encontrar com alguém na noite em que matou o avô, e meu palpite é que a vítima não compareceu ao encontro. Se descobrirmos quem ela é e verificarmos os horários marcados naquela noite para a boate onde ele consumiu alguns drinques, teremos mais dados para incriminá-lo. Os testes do laboratório certamente vão dar positivo para Vadia e Coelho Louco, que são as drogas em questão. Os advogados vão tentar sair pela tangente, argumentando que realizar testes com drogas não é contra a lei, e ainda teremos de provar o uso e a distribuição ou venda, mas isso é mais uma pá de terra na cova dele. Vamos batalhar até conseguirmos associá-lo à distribuição das drogas ilegais sob o codinome Carlo, com ajuda da cliente de Charles Monroe. Os técnicos passaram o fluoroscópio em toda a casa, e certamente encontrarão manchas de sangue. Já temos a confissão completa de Kevin, e isso já é o bastante para o indiciamento. Quando encaixar-os o resto das peças no lugar certo, em mais um ou dois dias, vamos embrulhá-lo de vez.

Ela tirou os pratos da cama, mais por necessidade de fazer alguma coisa do que por noção de limpeza.

— Mira vai montar um perfil dele — acrescentou Eve —, embora eu reconheça que até mesmo a fantástica doutora vai ter dificuldades para penetrar nessa armadura. No fim, vamos juntar todas as provas físicas, circunstanciais, forenses, mais o perfil psicológico e as declarações, vamos embrulhar tudo junto e jogar em cima dos advogados. Ele não vai conseguir escapar.

— E você? Vai se afastar desse rolo? Vai conseguir?

— Se você me tivesse feito essa mesma pergunta vinte e quatro atrás, eu teria respondido que não. A não ser que mentisse, se virou para ficar de frente para ele. - Mas, agora, vou depois de montar o caso todo e fazer mais um ou dois interrogatórios pesados com ele,

vou encerrar o caso, entregar tudo ao promotor e me afastar de vez. Sempre haverá outro sujeito como ele, Roarke, e se eu não me afastar de lá, não vou conseguir enfretar o vilão seguinte.

— Quero passar um tempo com você, Eve. Só nós dois longe disso tudo. Sem fantasmas, nem deveres, nem tristezas.

— Nós vamos para o México, lembra?

— Já é um começo. Quero duas semanas.

Ela abriu a boca, armada com um monte de argumentos segundo os quais não conseguiria se afastar por tanto tempo do seu trabalho. Ao olhar para ele, porém, descobriu o motivo verdadeiro pelo qual faria exatamente isso, e era só o que importava.

— Quando você quer ir?

— Assim que você puder. Eu ajeito a minha agenda.

— Então me dê dois dias para eu preparar esse embrulho. Enquanto isso, recebi uma ordem direta do meu comandante e devo cumpri-la. Ele me mandou dormir por oito horas seguidas, não importam os meios que eu use para conseguir isso.

— E já decidiu que meio pretende usar, querida Eve?

— Já. É um meio que nunca falha. — Ela se lançou sobre ele. Ela despira o roupão dele e já estava com suas mãos cheias e agitadas quando o intercomunicador interno tocou.

— O que esse diabo de mordomo quer? — reclamou Eve. Ele não sabe que estamos ocupados?

— Não perca a linha. — Roarke bloqueou o sinal de vídeo e respondeu: — Summerset, a não ser que a casa esteja em chamas ou sob bombardeio, não quero ouvir sua voz até amanhã de manhã.

— Desculpe interrompê-los, mas o comandante da tenente está aqui e deseja vê-la. Devo dizer que não consegui encontrá-la?

— Não! Merda! — Eve já estava se levantando. Vou agora mesmo!

— Peça ao comandante Whitney que espere na sala de visita disse Roarke. — Vamos descer em instantes.

— Isso não está me cheirando bem. Não pode ser coisa boa! Eve abriu uma gaveta e pegou a primeira roupa que encontrou.

— Whitney não passa na casa de ninguém para tomar um drinque e bater um papinho rápido depois do expediente. Droga!

Sem se preocupar em colocar roupa de baixo, ela enfiou uma calça jeans velha, pegou uma camiseta desbotada da polícia, com as mangas arrancadas, e a enfiou pela cabeça. Sem parar de praguejar, calçou as botas.

Nesse mesmo tempo, Roarke conseguiu vestir uma calça preta de preguinhas e uma camiseta impecável, também preta. Calçou sapatos confortáveis enquanto ela já estava quase sem fôlego.

— Sabe de uma coisa? Se eu não estivesse morrendo de pressa, iria ficar muito revoltada.

— Por quê, querida?

— Como é que você consegue ficar assim todo bonito e elegante em menos de dois minutos? - reclamou ela, saindo porta afora.

Na sala de estar, em meio à madeira envernizada e aos vidros cintilantes, Whitney e Galahad se analisavam com cautela e respeito mútuo. Quando Eve chegou, o comandante pareceu aliviado.

— Olá, tenente. Boa-noite, Roarke. Sinto muitíssimo me intrometer sua noite.

— Não há problema algum, comandante — disse Eve, falando depressa. — Aconteceu alguma coisa?

— Quis vir lhe contar pessoalmente, cara a cara, antes de você ser informada por outra pessoa. Um dos advogados de Lucias Dunwood solicitou e conseguiu uma audiência de emergência com um juiz.

Eve descobriu a implicação disso pelo rosto do comandante.

— Eles o libertaram - disse ela, com a voz sem expressão. — Que tipo de juiz determina a libertação sob fiança de um sujeito acusado de múltiplos assassinatos em primeiro grau?

O mesmo juiz que deveria ter se recusado a julgar o caso, pessoalmente por ser amigo das famílias Dunwood e McNamara Ele argumentou que não há nenhuma prova irrefutável sobre Lucias Dunwood.

— Mas haverá em questão de horas — reagiu Eve.

— O juiz explicou - continuou Whitney - que a maioria das acusações foi baseada unicamente na confissão de Kevin Morano só aponta para o acusado. Disse que Lucias Dunwood não tem antecedentes criminais, pertence a uma família respeitável e foi informada há poucas horas da morte trágica do avô.

— Assassinato! — corrigiu Eve. — Um assassinato que foi ele mesmo que cometeu, diga-se de passagem.

— A mãe do rapaz participou da audiência e fez um apelo pessoal para que uma fiança fosse outorgada, a fim de que seu único filho pudesse ajudá-la a preparar os funerais do seu pai. A fiança foi definida em cinco milhões de dólares, devidamente paga, e Lucias Dunwood foi libertado sob custódia da mãe.

— Pense rápido...— Roarke colocou a mão sobre o ombro de Eve antes mesmo de ela falar. - Ele vai fugir?

Ela se conteve e se obrigou a analisar a questão em meio à raiva que sentia.

— Não. A disputa continua em andamento. Só o jogo é que mudou, mas ele pretende ganhar. Está revoltado por terem virado a mesa, e é provável que faça algo irrefletido. É um menino mimado e está purinho dentro das calças.

Vamos agitar a investigação sobre o laboratório que ele mantinha em casa. Precisamos conseguir uma identificação positiva das amostras dos produtos químicos recolhidos na sua residência.

— Isso já foi feito — informou Whitney. — Conversei ainda agora com Cabeção... Isto é... Berenski — corrigiu-se ele. conseguimos casar as amostras com o material encontrado nas vítimas Com essa prova e a relação de amizade do juiz com o

acusado, o promotor já entrou com um pedido de revogação imediata do *habeas corpus*.

— Será que vai conseguir?

— Saberemos em menos de uma hora. Infelizmente, vou ter de revogar minha ordem para que você durma oito horas seguidas, tenente. Seu dia ainda não acabou. Nem o meu - acrescentou ele.

— Vou voltar para a Central e ficarei de prontidão. Se tivermos sorte, tornaremos a prender Lucias Dunwood ainda esta noite. Pretendo acompanhar você na hora de fazer isso.

— Pretende me acompanhar? Mas o senhor...— Eve se reprimiu em tempo e engoliu as palavras sem dizê-las. — Sim, comandante.

— Trabalhei muito tempo em campo, patrulhando as ruas, tenente. Posso lhe assegurar que mesmo tendo me tornado piloto de escrivanhinha eu não serei um peso morto nessa operação.

— Claro que não, senhor. Não quis desrespeitá-lo. Com sua permissão, vou entrar em contato com Feeney. Quero que ele pegue McNab e o faça correr atrás do material eletrônico que temos para usar como prova.

— A situação continua sob seu comando. Corra atrás do que for necessário. Entrarei em contato com você assim que tiver alguma resposta do promotor.

— Já jantou, comandante? — Roarke manteve a mão sobre o ombro de Eve. Dava para sentir seu corpo vibrando, pronto para sair à rua e botar pra quebrar.

— Ainda não. Vou comer qualquer coisinha na Central, enquanto trabalho.

Foram necessários dois apertões de Roarke no ombro de Eve para ela cair em si.

— Ahn... — disse ela, por fim. — Por que não janta conosco, senhor? Isso o faria ganhar tempo.

— Não quero ser um incômodo para vocês.

— Isso não será incômodo algum! - assegurou Roarke. — Eu lhe farei companhia, enquanto Eve faz os contatos necessários. - Acenou para a porta que levava à sala de jantar.

— Sua família esta bem, eu espero - Eve respirou fundo e os observou enquanto saíam da sala não sabia o que era mais esquisito naquela cena: o comandante que se preparava para jantar em sua casa ou o chefe de polícia que iria sentar à mesa ao lado de um homem que passara a maior parte da vida desrespeitando todas as leis, até as que ainda nem haviam sido criadas.

— Esquisitíssima essa situação, você não acha? — perguntou a Galahad. Deixando as amenidades sociais por conta de Roarke Eve seguiu para o seu escritório e se pôs a trabalhar de imediato.

## Capítulo Vinte e Dois

Pelo fato de compreender perfeitamente os sentimentos de indignação de Feeney - e também por saber que, nos momentos de revolta, suas palavras eram mais criativas que as dela -, Eve deixou que o capitão da Divisão de Detecção Eletrônica esperneasse, esbravejasse e cuspiasse todos os marimbondos que trazia entalados na garganta.

Ela também resistiu e não comentou o fato de ele ter atendido o *tele-link* usando um pijama estampado com coraçõezinhos vermelhos, nem que a música que tocava ao fundo era a de um cantor romântico com voz de barítono que entoava uma melodia sobre o quanto seria doce fazer amor com sua mulher.

Pelo visto, ela não era a única com planos de sedução agendada para aquela noite.

— Vamos arrastá-lo de volta para a cela - garantiu Eve, ao ver que Feeney ficou absolutamente fora de si, lançando fagulhas de ódio Vou colocar as duas casas sob vigilância severa: a da mãe e a do filho. Não creio que ele vá fugir como um coelho agitado, mas não quero me arriscar. Coloque alguém para resolver o pepino dos arquivos eletrônicos, Feeney. Ajude-me a conseguir mais munição para o promotor.

— Esse juiz babaca devia ter suas roupas arrancadas em praça pública, para depois ser arrastado pelas ruas com um cartaz pendurado no saco com as palavras: MEU CÉREBRO É TÃO PEQUENO QUANTO MEU PAU.

— Sim, isso seria legal de ver, mas eu me divertiria ainda mais com uma revogação rápida do *habeas corpus*. Vou ligar para McNab.

— A esta hora ele deve estar se esfregando com Peabody, ladrrou Feeney. — Afinal, estamos falando de coelhos agitados.

Eve demonstrou controle, seriedade, determinação e não zoou Feeney nem o seu sedutor pijama de coraçõezinhos vermelhos, apesar de a vontade ser grande.

— Não quero ser informada sobre as atividades de McNab, mas avise a Peabody para ficar de prontidão. Assim que algo pintar, ela poderá correr atrás.

— Você não quer que ela vá com você até a casa do suspeito para tornar a prendê-lo?

— Não, já arrumei outro tira para me acompanhar: Whitney.

— Jack? — O rosto cansado de Feeney se iluminou como o de um menininho. — Tá de sacanagem comigo!

— Nada disso, tô falando sério. E agora, o que eu faço se ele aprontar alguma cagada, Feeney? Devo dar ordens e esporros nele?

— Você é a dona da festa, a investigadora principal.

— Sei, sei... — Ela apertou o alto do nariz com o polegar e o indicador, pensativa. — Vou agir normalmente, então. Agora caia dentro e me consiga algo novo. Ah, mais uma coisinha, Feeney — Adorei seu pijama de coraçõezinhos.

Ela desligou na mesma hora, rindo. Talvez não tivesse controle, seriedade e determinação, afinal.

Continuou o trabalho, requisitou vigilância pesada para as duas casas, levantou-se e ficou andando de um lado para outro,

Por que o promotor estava demorando tanto? Talvez fosse melhor descer e bancar a anfitriã. Agora ela cumpria esse papel muito melhor do que um ano atrás. Não que fosse boa, mas certamente havia melhorado muito.

Apesar disso, seu desempenho era exercitado em grupos grandes, em jantares de negócios ou em festas para muitos convidados, sempre com gente saindo pelo ladrão, pessoas que não necessitavam de muita atenção em nível pessoal.

Conversar sobre amenidades ou trocar abobrinhas era a especialidade de Roarke, não dela. Sentindo-se covarde, seguiu em passos firmes até o seu quarto e pegou o coldre e a arma.

No instante em que afivelou o equipamento junto do corpo, sentiu-se novamente com a situação sob controle.

Lucias se sentia do mesmo jeito: tinha tudo sob controle. O ódio e o *insulto* do que aconteceu com ele formavam um caldo negro que borbulhava sob o gelo exterior. Mesmo que de vez em quando um pouco de fumaça saísse por pequenos buracos no gelo firme, ele se sentia com o controle absoluto de tudo.

Sabia que sua mãe iria choramingar, implorar e comover a todos na audiência com o juiz. Ela era previsível demais. Todas as mulheres eram assim, no seu modo de ver. Por natureza, todas eram fracas e submissas.

Precisavam de alguém que as orientasse com pulso firme. Seu avô e depois seu pai sempre demonstraram pulso firme ao lidar com ela.

Lucias estava apenas mantendo a tradição das famílias McNamara e Dunwood. Eram os homens da família Dunwood que dirigiam o show. onde eram vencedores.

Os homens da família Dunwood mereciam respeito, obediência e lealdade inquestionáveis. Não deveriam ser tratados como criminosos comuns, nem ser empurrados de um lado para outro, lançados em celas, e muito menos interrogados.

*E não poderiam nunca, jamais, em tempo algum, ser traído.*

É claro que eles o libertariam, disso ele jamais duvidara, nunca iria para a prisão, nunca se permitiria ser trancado em uma jaula como um animal.

De um jeito ou de outro ele sairia dessa situação como o vencedor que era. Só que isso não anularia a humilhação de ter sido arrastado para trás das grades, levado diante de um juiz e privado dos seus direitos.

Ele teria de cuidar de Eve Dallas. Afinal de contas, ela era apenas uma mulher. Deus era testemunha de que as mulheres nunca deveriam ser colocadas em posições de autoridade ou poder. Pelo menos nesse ponto, ele e o avô, pelo qual não sentia luto algum, sempre estiveram de acordo.

Ele ia esperar pelo momento certo para cuidar dela e planejar tudo com cuidado. Escolheria a hora e o lugar certos. Quando ele estivesse pronto, ela pagaria caro por ter colocado as mãos nele, por ter estragado o jogo e por ter lhe causado publicamente tantos embaraços.

A coisa aconteceria em um lugar sossegado. Seria um interlúdio particular. Ah, sim, porque ele planejava um encontro muito quente e erótico com a tenente Dallas. Só que dessa vez era ela quem estaria algemada. Quando ela estivesse com o cérebro cheio de Vadia e implorando pela única coisa que todas as mulheres realmente desejam na vida, era capaz de ele nem trepar com ela.

Mas ele a machucaria. Ah, sim, ele a faria sofrer dores inimagináveis — mas lhe negaria o gozo final, o orgasmo glorioso

E a deixaria morrer em desespero, transformada simplesmente em uma puta com tesão. Essa ideia lhe provocou uma ereção, e o fato de estar se sentindo excitado era uma prova de que era um homem de verdade.

Mas Dallas e sua punição poderiam esperar mais um pouco. Havia uma ordem natural das coisas que deveria ser seguida

Antes de qualquer outra coisa, havia Kevin. Tinham uma vida inteira de amizade profunda não era desculpa para uma deslealdade como aquela. Kevin teria de pagar, e o seu pagamento garantiria o início da vingança de Lucias.

Ele se arrumou com esmero para aquela tarefa especial. Seus cabelos exibiam um brilhante tom de cobre e pareciam cobrir sua cabeça como um capacete apertado. Sua pele estava branca como

leite. Seu nome era Terrance Blackburn e seus documentos comprovariam isso. Ele era o advogado de defesa de Kevin Morano.

Havia furos no plano. O próprio Lucias seria o primeiro a admitir que havia falhas no disfarce, mas a pressa pesou mais do que o cuidado de aprimorar os detalhes do papel que iria desempenhar.

De qualquer modo, ele sabia que as pessoas geralmente viam o que esperavam ver. Ele estava muito parecido com Blackburn e iria se identificar como tal. Vestia o terno conservador e bem talhado que se espera de um advogado criminalista de sucesso. Carregava uma pasta muito cara, feita de couro, e exibia uma expressão sóbria e distante.

Passou por todos os postos de segurança da Central de Polícia sem dificuldade. Ao exigir uma consulta pessoal com seu cliente, atraiu mais a irritação do tira de plantão do que seu interesse ou sua suspeita.

Submeteu-se com frieza à revista física e permitiu que sua pasta passasse mais uma vez pelos raios X. Foi encaminhado para uma sala especial onde se sentou, cruzou as mãos sobre a mesa e esperou pelo seu cliente.

Ver Kevin chegar escoltado e vestindo um macacão largo em tom de laranja fluorescente serviu para aplacar por um instante a raiva que borbulhava dentro dele. Lucias achou o rosto do amigo acinzentado e abatido, quase sufocado pelo pavoroso uniforme prisional. Por um instante, porém, ele pareceu esperançoso e surpreso ao avistá-lo.

— Dr. Blackburn, não esperava vê-lo de volta ainda hoje. O Sr. me disse que estava solicitando uma avaliação psicológica para amanhã de manhã, numa tentativa de mostrar minha dependência emocional e mental. Surgiu algo novo? Há alguma opção melhor?

— É sobre isso que voltei para conversarmos. Quando Kevin se sentou, Lucias enxotou o guarda para fora com um acenar de

desprezo e abriu a pasta. A porta se fechou com um clique satisfatório.

— Como está se sentindo?

— Terrível. — Kevin cruzou e descruzou os dedos da mão. Estou sozinho na cela. A tenente Dallas manteve sua palavra com relação a isso. Mas o lugar é escuro e... fede. O pior é que eu não tenho a mínima privacidade. Não acho que seja certo eu estar na prisão, Dr. Blackburn, não é possível que essa situação continue.

Deve haver um jeito de o senhor conseguir que o resultado da avaliação psicológica deponha a meu favor. Eu até aceitaria ser sentenciado a prisão domiciliar, mas não aguentaria ir para a cadeia.

— Pois vamos arranjar um meio de evitar isso.

— Sério? — Aliviado, Kevin se inclinou para frente. — É que ainda há pouco o senhor disse que... Tudo bem, não importa. Obrigado, obrigado de verdade. Já me sinto melhor só de saber que o senhor está mexendo alguns pauzinhos para me tirar daqui.

— Só que vou precisar de algum dinheiro. Para facilitar as coisas.

— Claro! Qualquer coisa que o senhor precise. - Kevin escondeu o rosto com as mãos.—Eu não posso é ficar neste lugar. Não sei nem se aguentarei passar uma noite inteira neste inferno.

— Você precisa manter a calma. Deixe-me pegar um pouco de água para você beber. — Ele se levantou e foi até o reservatório de água, no canto da sala. Ao encher um dos copos, derramou o conteúdo do frasco que trazia preso em um cordão sob a manga da blusa

— Sua confissão — comentou Lucias, ao trazer o copo com água — deixa claro que o culpado disso tudo foi Lucias Dunwood. Disse que o jogo foi idéia dele, e também era ele quem ganhando.

— Sinto-me horrível por ter dito isso, mas que opção eu tinha? O senhor precisava ouvir as coisas terríveis que a tenente disse que iriam me acontecer. — Ele tomou um pouco d'água. — Além do

mais, a culpa não foi minha, mesmo, todo mundo entenderá isso. Eu nunca teria ido tão longe se Lucias não tivesse me influenciado e atormentado.

— Ele é mais esperto que você. E mais forte.

— Não, não, nada disso. Esse é simplesmente... O jeito dele. Lucias é competitivo e muito criativo. Não importa se a coisa estourou do meu lado ou do dele. De um jeito ou de outro... —Kevin conseguiu exibir um sorriso leve — eu acho que, a esta altura do campeonato, eu venci o jogo.

— Você acha? Pois não poderia estar mais enganado.

— Não sei por que o senhor está dizendo isso... — Sua visão se enevoou e pontos escuros apareceram nas imagens que via. — Não me sinto muito bem.

— Primeiro você vai desmaiar — informou Lucias, com a voz suave. — Vai se sentir escorregando lentamente para um estado de inconsciência, mas vai estar morto antes mesmo de dar entrada na enfermaria. Você devia ter sido mais leal, Kev.

— Lucias? — Em pânico, ele tentou erguer o corpo, mas suas pernas cederam. — Socorro! Alguém, por favor, me ajude!

— É tarde demais. — Lucias se pôs em pé, tirou a corrente do pescoço, colocou-a em torno da cabeça de Kevin e jogou o pequeno frasco pendurado nela para dentro do macacão laranja.

Você não pode estar falando sério. — Kevin agarrou o braço de Lucias, quase sem forças. —Lucias, não é possível que você queira me matar!

— Eu já matei. Mas fiz isso de forma indolor para você, Kev, em nome da nossa velha amizade. A primeira coisa que eles vão achar é que você cometeu suicídio. Não levará algum tempo até descobrir que o seu visitante não foi o Dr. Blackburn.

Como eu estou em casa, de custódia da minha mãe, não poderia ter sido eu. E você ainda tem um consolo acrescentou, ao ver Kevin desabar no chão

— Não irá para prisão Ele estendeu o braço, fechou a pasta de couro e passou a mão de leve sobre o paletó do terno, como se tirasse algum fiapo preso ali.

— Nosso jogo acabou — murmurou. — Eu venci.

Apertando o botão para pedir ajuda sob a mesa, ele se agachou e começou a dar tapinhas no rosto de Kevin.

— Ele desmaiou! — avisou ao guarda, fingindo espanto — Ficou muito alterado, dizendo que não aguentaria nem mais um dia de prisão, e de repente apagou. Precisa de cuidados médicos imediatos!

Enquanto o amigo que morria era carregado para a enfermaria, Lucias Dunwood saiu rapidamente do prédio da Central de Polícia.

Whitney e Roarke curtiam um saboroso café depois do jantar e fumavam um charuto no instante em que Eve entrou. Ouviu Whitney gargalhando. Não era o riso contido e baixo que ocasionalmente ouvia dele, mas uma gargalhada gostosa, dada com vontade, e isso a fez parar na mesma hora.

Ele ainda sorria quando Eve conseguiu tirar seus pés do estado de paralisia em que eles se haviam colocado e entrou na sala de jantar.

— Não sei como vocês dois conseguem manter a forma com a maravilhosa comida que têm à sua disposição aqui nesta casa.

Um ar de divertimento surgiu no rosto de Roarke e ele ergueu a xícara.

— Nosso segredo é fazer muito exercício, não é verdade, querida.

— Isso mesmo. Exercício é a chave para uma vida saudável. Fico feliz por ter apreciado sua refeição, senhor. Feeney está cuidando das questões de eletrônica. Já providenciei para que a residência Lucias Dunwood e a de sua mãe sejam cercadas e vigiadas de perto.

Peabody foi acionada e está pronta para pesquisar os dados à medida que aparecerem. Entrei em contato com a equipe de peritos e eles informaram que o sangue achado no tapete e no piso da sala da casa de Lucias bate com o de McNamara, O negativo.

O sangue de Lucias também é O negativo, mas com um pouco mais de pressão eu consegui prioridade para uma análise de DNA. As primeiras indicações são de que o sangue é realmente de McNamara, senhor. Teremos a confirmação final antes do amanhecer.

Whitney soltou uma baforada do charuto, uma pequena indulgência que sua esposa não permitia em casa.

— Você nunca relaxa, Dallas? — Ao ver o olhar sem expressão dela, o comandante abanou a cabeça. — Sente-se um pouco, tome um cafezinho. Tudo o que poderíamos fazer já foi feito. Não podemos ir em frente até o promotor nos dar sinal verde.

— Ela só vai sentar se achar que isso foi uma ordem, Jack — brincou Roarke.

— Eu odiaria ter de fazer isso em sua casa. Sente-se, tenente, por favor. — Whitney apontou para uma poltrona. — Roarke acabou de me dizer que vocês vão tirar duas semanas de folga para irem ao México. Você já preencheu a autorização para o afastamento?

— Não, senhor. — Irrequieta e relutante, ela se sentou. — Pretendo cuidar disso amanhã de manhã.

— Pois considere-se autorizada. Você é uma policial excepcional, tenente. Tiras excepcionais ficam exaustos mais depressa do que os medíocres, mas um bom casamento ajuda a compensar. Sou testemunha disso. Filhos ajudam também — acrescentou, e riu da expressão de puro horror que apareceu no rosto de Eve. — Desde que eles venham no momento certo, é claro.

Ter boas amizades e uma família é muito bom. É importante ter uma vida de verdade, independente do trabalho. Sem esse apoio, a pessoa pode esquecer o porquê de fazer o trabalho que escolheu.

Pode esquecer o quanto é importante saber que a cada caso encerrado há um assassino a menos no mundo.

— Sim, senhor.

— Nada de "senhor". Já que estou aqui na sua casa, comendo a sua comida e fumando um dos excelentes charutos do seu marido, pode me chamar de Jack.

Eve pensou nisso por quase três segundos e disse:

— Não, senhor. Sinto muito, mas não conseguiria.

— Você é quem sabe. — Ele se recostou na poltrona e lançou no ar um indolente anel de fumaça. Nesse instante o seu comunicador tocou.

A transformação do homem relaxado e tranquilo do comandante alerta e ágil ocorreu em décimos de segundo.

— Whitney falando.

— O *habeas corpus* foi revogado — anunciou o promotor. Lucias Dunwood deve ser colocado novamente sob custódia e todas as acusações devem ser reativadas imediatamente. Cópias da revogação do *habeas corpus* estão sendo enviadas para todos os envolvidos.

Whitney esperou o envio do arquivo e a impressão do recibo com os dados. Em seguida, elogiou:

— Bom trabalho. — Fechou o comunicador. — Tenente, vamos cumprir essa tarefa.

Quando Roarke se levantou, Whitney inclinou a cabeça na direção dele.

— O consultor civil deste caso solicitou permissão para nos acompanhar, e isso lhe foi concedido por mim. — Ele entregou a revogação para Eve. — Você faz alguma objeção a isso, tenente, na condição de investigadora principal?

Eve sugou o ar com força ao ver o sorriso descontraído que Roarke lhe lançou.

— Isso me será de grande ajuda, senhor. Não faço objeções.

Sarah Dunwood morava em um apartamento duplex em um prédio sossegado a poucos quarteirões da casa do filho. Os funcionários da segurança do prédio lançaram os costumeiros "ela já se retirou" e "não está recebendo visitas", até que Eve chegou com papelada oficial, munida de distintivo, mandados e ameaças.

— Impressionante a sua desenvoltura, tenente - comentou Whitney, ao sair do elevador. — Me diga uma coisa: é tecnologicamente possível exibir um mandado emitido pelo sistema central antes mesmo de ele chegar oficialmente pelo comunicador?

— Nunca precisei descobrir, senhor. A ameaça verbal geralmente é suficiente. Lucias Dunwood provavelmente vai resistir à prisão - ela continuou. — Não gosta de ser contrariado desse jeito e seu instinto será o de atacar antes de conseguir se controlar. - Eve hesitou. — Comandante, gostaria de fornecer uma arma ao consultor civil, para sua própria proteção.

— Você é quem manda, tenente.

Concordando com a cabeça, Eve se agachou e pegou a arma guardada no coldre do tornozelo.

— Ela está preparada para atordoar e deve ficar assim, Roarke. Não deve ir para a sua mão, e muito menos ser acionada, a não ser que você esteja em perigo físico imediato. Fui clara?

— Como cristal, tenente. — Roarke deixou a arma deslizar para seu bolso no instante em que o elevador parou.

— Estou no local — ela avisou à equipe. — Vamos agir com presteza. Entramos, localizamos o alvo e o prendemos. Quero que todos os civis sejam afastados das redondezas.

Ela tocou a campainha e, no instante em que a porta se abriu, forçou a entrada.

— Polícia! O habeas corpus fornecido a Lucias Dunwood foi revogado. Ele deve se apresentar a mim imediatamente.

— A senhora não pode invadir a casa desse jeito! Dona Sarah! Acuda, dona Sarah!

Roarke segurou a empregada histérica e a colocou de lado, deixando o caminho livre para Eve.

— É melhor a senhora se sentar, para sua própria segurança — informou ele.

Vistoriando atentamente todas as entradas e saídas do apartamento, Eve foi até a sala de estar. Seus dedos coçaram junto do gatilho, mas ela os afastou ao ver uma mulher que descia as escadas correndo.

— O que significa isto? O que aconteceu? Quem é você?

A mulher era extremamente magra e tinha cabelos ruivos encaracolados completamente em desalinho. Seu rosto de beleza singela exibia uma marca roxa sob o olho esquerdo e outra no maxilar

— Sra. Dunwood?

— Sim, sou a sra. Dunwood. Você é da polícia, não é? Você é a mulher que prendeu meu filho.

— Sou a tenente Dallas, da polícia de Nova York. — Eve exibiu o distintivo, mas seus olhos estavam atentos a qualquer movimento no ambiente, e seus ouvidos tentavam perceber algum possível som.

— O *habeas corpus* fornecido a Lucias Dunwood foi revogado. Estou aqui para levá-lo sob custódia.

— Não pode ser. Eu paguei a fiança. O juiz...

— Tenho em mãos a suspensão do *habeas corpus* e um novo mandado de prisão. Seu filho está no andar de cima, sra. Dunwood?

— Ele não está em casa. Vocês não poderão levá-lo.

— Foi ele quem fez essas marcas no seu rosto? Um traço de terror surgiu em sua voz.

— Eu levei um tombo. Por que vocês não deixam meu filho em paz? — Ela começou a chorar. — Ele não passa de um menino.

— Um menino que assassinou o seu pai, senhora.

— Isso não é verdade. Não pode ser verdade. — Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a emitir soluços descontrolados.

— Comandante?

— Vá em frente, tenente. Sra. Dunwood, a senhora precisa se sentar.

Deixando os homens cuidando das duas mulheres históricas, Eve colocou a mão na arma e deu início à busca. Foi para o primeiro andar, pois sabia que se Lucias estivesse no andar de baixo alguém o agarraria. Vasculhou cada um dos quartos com cuidado ao passar por uma porta trancada, pegou sua chave mestra e a fechadura.

Ele mantinha uma sala especial ali, reparou Eve, ao entrar no aposento. Era uma sala típica de um menino mimado e cheio de vontades, onde era possível encontrar todo tipo de brinquedos eletrônicos sofisticados.

O sistema de entretenimento ocupava uma parede inteira do cômodo, com vídeo, áudio, telão e games. O centro de comunicação e dados ocupava quase todo o balcão em L. As prateleiras estavam repletas de discos, livros e lembranças.

Havia um minilaboratório totalmente equipado montado em uma sala adjacente.

Em ambos os cômodos as cortinas estavam bem fechadas e as portas que davam para um terraço externo, trancadas. Aquele era um pequeno mundo cheio de segredos, pensou Eve.

Ela revistou os closets antes de qualquer coisa, e encontrou mais perucas em caixas, junto do que imaginou ser seu guarda-roupa secundário.

No banheiro, achou vestígios de creme facial e base sobre a pia.

Não, ele realmente não estava ali. Mas saíra de casa sob disfarce.

Recolocando a arma no coldre, voltou à central computadorizada.

— Computador, abrir o último arquivo, imagem ou banco de dados utilizado.

*O sistema não pode atender a essa solicitação sem a senha adequada...*

Isso é o que nós vamos ver. — Ela correu até o corredor e seguiu até o alto da escada. — Roarke, preciso de você aqui em cima um instantinho.

Voltou para o quarto, foi até o laboratório e se serviu de uma lata de Seal-It, o spray selante.

— A empregada informou que Lucias Dunwood e sua mãe brigaram muito, aos berros -disse Roarke, assim que entrou onde Eve estava.—Na verdade, os gritos foram de Lucias. A empregada ouviu a mãe gritando e ouviu os socos.

Nesse momento ela saiu da cozinha para ver o que acontecia, e o ouviu bater a porta da rua

— Encontrou a Sra. Dunwood no chão. Pelo visto, não foi a primeira vez que ele agrediu a própria mãe. Como fizeram o seu avô e o pai, antes dele. Por falar nisso, o pai dele está em Seattle, negócios. Passa pouco tempo em casa.

— Uma família grande e feliz. Quero tudo o que você puder me conseguir desse computador, a começar pelos arquivos que ele utilizou por último. O sistema exigiu uma senha. Se você tiver de tocar em alguma coisa, use isto.

Ela lançou a lata do selante na direção de Roarke.

— Vou lá embaixo, e já volto. Ela o deixou e desceu as escadas.

— O suspeito não se encontra na casa — informou ao comandante. — Sra. Dunwood, para onde Lucias foi?

— Saiu para dar uma volta. Apenas uma voltinha. Ele está desorientado.

*Põe desorientado nisso!*, pensou Eve, mas simplesmente se agachou ao lado da mãe.

— Sra. Dunwood, a senhora não o está ajudando agindo assim. E também não está ajudando a si mesma. Quanto mais tempo levamos para encontrá-lo, pior vai ser para ele. Conte-me para onde ele foi.

— Não sei. Ele me pareceu chateado e muito zangado.

— Como ele estava vestido na hora que saiu?

— Não sei o que a senhora quer dizer.

— Sabe sim! Ele se disfarçou novamente. Quando a senhora o viu vestido de forma diferente sabia, lá no fundinho, que ele realmente havia cometido todos os crimes dos quais está sendo acusado

— Não. Eu não acredito nisso.

Eve se virou de lado quando o comunicador tocou. Saiu de perto da mãe, ouviu o recado e imediatamente emitiu um alerta geral

— Kevin Morano está morto — disse Eve, sem emoção a palidez e o horror tomarem conta do rosto da sra. Dunwood

— Kevin? Não... não!

— Ele foi envenenado. Recebeu uma pessoa no início da noite, na sala dos advogados. A senhora sabe como esse visitante estava vestido, não sabe, sra. Dunwood? Seu filho foi visitar o amigo e o assassinou. Depois, tornou a fugir.

— Mas como, diabos, ele conseguiu passar pelos guardas? — Whitney perguntou, quase para si mesmo.

— Exibindo essa aparência — disse Roarke, descendo e entregando ao comandante uma fotografia. — Esse foi o último trabalho que Lucias fez no computador.

— Blackburn — disse Eve, sem precisar olhar para a foto. — O advogado de Kevin Morano. Os guardas devem tê-lo deixado passar sem analisá-lo com muita atenção, pois ele é um advogado criminalista conhecidíssimo.

— Encontrei mais uma coisa. — Roarke lhe entregou outro arquivo impresso. — As regras de um jogo.

— *SEDUZIR E CONQUISTAR*, leu Eve. *Uma disputa de conteúdo romântico e sexual entre Lucias Dunwood e Kevin Morano.*

Ela passou os olhos rapidamente pelo resto do documento.

Estava tudo ali, meticulosamente organizado e cheio de detalhes. Em que consistia a disputa, as regras do jogo, o sistema de pagamento das apostas e os objetivos a serem alcançados.

Um sentimento de nojo a invadiu no instante em que ela girou o corpo.

— Leia este papel! — ordenou a Sarah Dunwood. — Foi isso que o seu filhinho fez. É isso que ele é. — Eve esfregou o papel na cara da sra. Dunwood.

— Vocês querem me deixar sem nada? — Lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto quando ela olhou para Eve, em vez de ler o papel. — Eu o carreguei dentro do corpo. Depois de muitos meses de testes e tratamentos, de dor e esperança, eu o construí dentro de mim. Vocês vão me deixar sem nada?

— Não sou eu que a estou deixando sem nada, sra. Dunwood. Seu filho já cuidou disso pessoalmente. — Ela se virou mais uma vez e mandou que dois guardas subissem até o apartamento.

— Ele precisa de um lugar para se livrar do disfarce disse ela, ao deixar o lugar. — Vai acabar voltando para cá, mas nem todas as coisas dele estão aqui, e ele vai querer mais dos seus brinquedos e roupas - Eve tentou se colocar dentro da cabeça dele.

— Vai ser preciso se livrar do disfarce rápido. Ele sabe que vamos partir com tudo para cima dele, por causa da morte de Kevin Morano, e não pode deixar nenhuma pista. Só que pensa que nós somos lentos, burros e que ele é muito mais esperto.

Tem pressa, mas não vai se precipitar. Vai para casa, tirar a maquiagem e a peruca. Vai se lavar. Depois, vai passar algum tempo se congratulando pela desgraça alheia enquanto arruma as coisas e destrói qualquer prova que possa incriminá-lo.

— Mas você enviou homens para a casa dele — lembrou Whitney. — Eles vão vê-lo chegar.

— Talvez sim, talvez não, porque ele espera que a polícia esteja na área. Poderia dirigir a viatura, senhor? — pediu Eve, no momento

em que eles saíram de casa. — Preciso que o nosso consultor civil me consiga uma informação.

O comandante dirigiu em alta velocidade, sem usar a sirene. Ergueu as sobrancelhas de leve ao ouvir Eve pedindo a Roarke que ele puxasse uma planta tridimensional da residência para o seu computador pessoal, mas não comentou nada.

— Você tem algum programa para projeção holográfica em sua máquina? — quis saber Eve.

— Naturalmente que sim. Apresentar dados holograficamente. — ordenou Roarke. A imagem se formou no ar, sobre o colo de Eve.

Ela estudou a planta e planejou a ação.

— Vamos mover a equipe de vigilância para a parte dos fundos da casa. Um homem vai, outro fica do lado de fora. Os outros agentes deverão entrar por aqui e por aqui — apontou ela. Nós vamos pela frente. Roarke, você segue pela esquerda e sobe as escadas.

O comandante segue pela direita para vasculhar o andar térreo. Eu desço essa escada que vai dar no subsolo. A casa é toda monitorada, com vídeo e áudio. Se ele estiver prestando atenção, e é claro que estará, vai saber que estamos chegando. Devemos dar cobertura uns aos outros, porque ele pode nos pegar pelas costas. No fundo, não passa de um covarde.

Enquanto decorava a planta da casa, Eve pediu reforços.

Quando o carro parou ao lado da van de vigilância, ela saltou e quis saber o status da operação. Explicou seus planos à equipe e deu algumas ordens, rapidamente.

— O perímetro de segurança eletrônica nas portas em torno da casa está ligado e não foi rompido — comentou Whitney, ao se aproximar da frente da casa com Eve e Roarke.

— Ele não usaria a porta da frente para entrar, mesmo. Há outras três entradas e um total de doze janelas só no andar de baixo.

— Eve seguiu por um caminho de pedras que ladeava a casa,

afastando-se da equipe de vigilância. — Vidro quebrado — apontou ela. — Ele está aí dentro.

Eve e Whitney pegaram suas respectivas chaves mestras ao mesmo tempo.

— Desculpe, senhor.

— Não, eu é que peço desculpas. Vá em frente e use o seu dispositivo.

Eve decodificou o lacre.

— Vamos entrar juntos, no três!

— Ela gosta de ficar por baixo — informou Roarke a Whitney, que esperou Eve contar até três e entrou pela porta com ela, a arma varrendo a parte de cima do ambiente.

Eles giraram a arma em arco três vezes. Eve gritou a advertência padrão enquanto seguia, com as costas coladas na parede, pelos degraus que iam para o subsolo.

O andróide se dirigiu a ela, na base da escada.

— Fui programado para rechaçar, conter e impedir qualquer pessoa não autorizada a entrar nesta residência. Se tentar seguir, intrusa, serei forçado a lhe provocar um dano físico.

— Para trás! Sou da polícia, tenho autorização plena e estou munida de mandato para entrar na casa e levar Luci Dunwood sob custódia!

— Fui programado para rechaçar, conter e impedir—repetiu ele, movendo-se em direção a Eve.

— Então vá à merda! — murmurou ela, atingindo-o em cheio. Quando o robô caiu, soltando fagulhas e estrebuchando, Eve o chutou para o lado.

— Acender luzes! — mandou, e nem se deu ao trabalho de xingar quando sua ordem foi ignorada. Continuou caminhando no escuro, estendendo o braço com a arma à altura do rosto cada vez que se aproximava de um portal.

Ao ouvir passos suaves que vinham por trás, Eve girou o corpo, pronta para apertar o gatilho, mas praguejou logo em seguida.

— Droga, Roarke!

— Há dois homens cobrindo o primeiro andar e o reforço está chegando. Vai ser mais fácil se houver duas pessoas vasculhando o subsolo. Além do mais... — continuou ele, dando um passo para proteger melhor a retaguarda de Eve — é aqui embaixo que ele está.

Os instintos dela lhe diziam a mesma coisa, e esse foi o motivo de ela ter escolhido o subsolo para si.

— O laboratório deve ficar nos fundos — disse ela, baixinho, depois de reparar nas câmeras de segurança instaladas nos cantos do ambiente, junto do teto. — Ele não tem saída, mas está pronto para nos enfrentar.

A porta estava trancada.

— Vou entrar com a chave mestra — sussurrou ela no ouvido de Roarke. — Ele espera que entremos correndo, é para isso que está pronto. Não passe pela porta até eu dar o sinal.

Ela decodificou a fechadura eletrônica, chutou a porta e saiu de lado.

Esse movimento a salvou. Algo explodiu no chão, junto dela. Eve viu a fumaça, ouviu o chiado e se afastou ainda mais para o lado, antes que o ácido que corroía o piso em uma velocidade espantosa alcançasse a sua bota.

Em seguida viu um clarão vir lá de dentro e sentiu uma dor forte e penetrante no ombro esquerdo.

— Merda!

— Você foi atingida! — Roarke mergulhou pela porta aberta, bloqueando o corpo dela com o dele, enquanto uma rajada de raios passava ao seu lado com a rapidez de relâmpagos.

— Pegou só de raspão. — Seu braço estava completamente entorpecido, do ombro até os dedos. — Pegue o meu comunicador

no bolso. Minha mão está completamente sem ação.

Ele pegou o aparelho e informou:

— Subsolo, lado leste. Dunwood está armado e a tenente foi atingida.

— Foi de raspão! — ela berrou, irritada. — Não fui abatida. Repito: não fui abatida. O painel de segurança fica aqui embaixo. — Ela virou a cabeça para Roarke. — Vá hackear o comando de voz e faça as luzes se acenderem.

— Dunwood! — berrou Eve, agachando-se junto da porta com o braço esquerdo pendendo ao lado, completamente inerte, e a arma na mão direita. — Acabou o jogo! A casa está cercada, você não tem por onde escapar! Jogue a arma no chão e saia daí de dentro com as mãos para cima!

— O jogo só se encerra na hora em que *eu decidir* isso! Ainda não acabou, não! — Soltou mais uma rajada. — Você acha que eu vou perder essa parada para uma *mulher*!

As luzes se acenderam e Eve teve a chance de dar uma boa olhada no buraco escuro que fora aberto no chão, a poucos centímetros do seu pé.

— Seduzir e conquistar. Nós acessamos o seu jogo, Lucias. Não foi nem um pouco inteligente de sua parte escrever as regras e nos entregar tudo de bandeja. Sabemos quem matou Kevin.

Você pensa que foi muito esperto, mas a verdade é que não entende tanto de leis quanto de química. A confissão dele tem o mesmo valor mesmo ele estando morto.

Além do mais, você foi tão burro quê deixou vestígios de creme e maquiagem no banheiro. Está perdendo pontos nesse jogo em uma velocidade espantosa.

Vidro se quebrou lá dentro e sua voz demonstrou raiva intensa

— Não é você quem determina os pontos, sua piranha! O jogo é meu e as regras também!

Eve ergueu a arma para fazer sinal para os homens que desciam as escadas.

— Há um novo jogo, com novas regras, e nesse jogo você nunca vai conseguir me vencer, Lucias. Sou melhor do que você! Jogue a arma no chão, saia daí agora mesmo e ninguém vai feri-lo.

— Você não vai ganhar! — ele choramingava agora, como um menino mimado fazendo birra. — Ninguém me derruba, eu sou invencível. Sou um Dunwood.

— Me cubram! — Eve respirou fundo, se agachou, entrou na sala e rolou pelo chão. Os raios de atordoar zuniram sobre sua cabeça e acertaram o piso ao lado do seu quadril, enquanto ela continuava a girar o corpo em busca de proteção.

— Não foi nada esperto esse lance, Lucias. — Ela colou as costas em um armário largo, para se proteger. — Nem um pouco esperto. Você continua perdendo pontos e sua mira está péssima. Aposto que você comprou essa arma na rua. Eles garantiram que ela estava com carga máxima, não foi? Mentira deles! Se você verificar o nível de carga, vai ver que já gastou mais da metade. A minha arma está com carga total e minha mira é perfeita. Ganhei o jogo e o meu prêmio vai ser trancafiar você numa cela pelo resto sua vida. É uma mulher que vai colocar você atrás das grades, Lucias!

Ela virou o corpo de lado e fez sinal para Roarke atirar no chão, à sua esquerda. Ao ouvir o disparo, ela pulou para a frente praguejou alguma coisa e disparou um tiro de atordoar que o acertou, mas já era tarde.

O frasco vazio que ele segurava escorregou de sua mão quando seu corpo estremeceu e ele caiu.

— Chamem os paramédicos! — gritou Eve, e pulou sobre o frasco quebrado. Chutou a arma dele para o lado e se agachou. — O que você tomou, Lucias?

— O mesmo que eu dei a Kevin. — Ele sorriu, com frieza. — Dobrei a dose, para o efeito ser mais rápido. Nenhuma mulher vai

me trancar em uma cela. Terminei o jogo do meu jeito e fui eu que venci. Eu *sempre* venço. Você perdeu, sua piranha.

Ela o viu morrer, mas não sentiu nada.

— Você está enganado — disse ela. — Todo mundo ganhou.

## Epílogo

Eve estava do lado de fora da casa, respirando o ar da noite ao mesmo tempo que descansava o braço que formigava sobre a palma da mão direita.

Sarah Dunwood teria de enterrar o pai e o filho. Filha e mãe presas em uma armadilha de amor e lealdade que não fazia nenhum sentido.

Talvez não fosse para ter sentido, mesmo.

— Precisa de cuidados médicos, tenente? Eve olhou para Whitney.

— Não, senhor. — Ela flexionou os dedos, devagar. — A sensibilidade já está voltando.

— Você lidou com ele melhor do que ninguém. — Juntos, observaram o grande saco de plástico preto que carregava o corpo de Lucias Dunwood. Vinte e dois anos, um gênio da ciência, filho amado e predador. — Não dava para adivinhar que ele escolheria se matar para não se render, tenente.

*Mas eu suspeitei que isso pudesse acontecer,* pensou Eve. Uma parte dela sabia exatamente o que fazia, e mesmo assim fora em frente, incentivando-o com uma frieza calculista.

Será que eles haviam levado seu pai para fora do apartamento dentro de um saco preto como aquele?

Nesse momento, Eve fechou os olhos, porque era uma tira e seu distintivo representava... Tudo.

— Eu sabia que ele agiria daquele jeito, era arriscado, comandante. Apertei os botões certos sabendo plenamente que existia a possibilidade de ele colocar fim à própria vida, em vez de se

entregar. Eu poderia ter ordenado que a sala fosse invadida. Talvez ele estivesse a caminho da cadeia agora, em vez do necrotério.

— Ele estava armado, era perigoso, já atirara com uma arma comprada no mercado negro e colocada em potência máxima. Vários homens poderiam ter morrido, certamente vários ficariam feridos. No entanto, todos estão voltando agora para suas famílias. Você lidou com ele da forma acertada — repetiu o comandante. — Prepare o seu relatório e vá para casa dormir um pouco.

— Sim, senhor. Obrigada.

Massageando o ombro que formigava, Eve atravessou a rua e foi até o lugar onde Roarke a esperava.

— Preciso ir até a Central preparar meu relatório.

— Como está seu braço?

— Parece que seis milhões de agulhas estão me espetando ao mesmo tempo. — Ela tornou a flexionar os dedos. — Tudo vai voltar ao normal em mais uma ou duas horas, que é mais ou menos o tempo que vou levar para preencher a papelada.

Como a conhecia bem e sabia o que se passava em sua cabeça, ele disse:

— O mundo está muito melhor com um sujeito como ele fora do jogo da vida, Eve.

— Pode ser que sim, mas essa era uma decisão que não me cabia tomar.

— Mas você não a tomou, foi ele que decidiu morrer. Tudo o que precisava fazer era se entregar. Você o teria prendido, o teria entregado nas mãos do sistema e ficaria satisfeita.

— É... — Como isso era verdade, ela se acalmou.

— Vou mandar um terapeuta conversar com a mãe dele. Ela não precisa saber da morte do filho pela minha boca. Vai precisar de alguém que saiba usar as palavras certas. Mais tarde, quando sua dor tiver cedido um pouco, podemos mandar alguém da proteção a vítimas de abusos para conversar com ela.

Ele acariciou a mão boa dela.

— Afaste-se disso tudo, Eve. Ela concordou com a cabeça.

— Podemos ir hoje à noite — disse ela, ao se encaminhar para o carro.

— Ir aonde?

— Para o México, ora... Assim que eu encerrar os relatórios, podemos pegar um daqueles seus foguetes fantásticos e cair fora da cidade em segundos.

Ele beijou-lhe os dedos antes de abrir a porta para ela.

— Então vou cuidar disso agora mesmo.

*Fim*

Este *ePub* teve como base uma digitalização em *Doc* feita por autor desconhecido pelo grupo PDL.

*Junho de 2014*

***LeYtor***

[\[1\]](#) Ver Conspiração Mortal.